



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



IVANA SILVA BASTOS PEREGRINO

**“DENTRO DA BARRIGA DA MINHA MÃE EU BEBIA VEGETAL”: A VIVÊNCIA
DAS CRIANÇAS NO MUNDO DE HOASCA**

João Pessoa/PB

Agosto /2023

IVANA SILVA BASTOS PEREGRINO

**“DENTRO DA BARRIGA DA MINHA MÃE EU BEBIA VEGETAL”: A
VIVÊNCIA DAS CRIANÇAS NO MUNDO DE HOASCA**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Linha de pesquisa: Marcadores sociais da
diferença: Relações Raciais, Religião e
Infância.

Orientadora Prof.^a. Dr.^a Flávia Ferreira Pires

**João Pessoa/PB
Agosto /2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P435d Peregrino, Ivana Silva Bastos.

"Dentro da barriga da minha mãe eu bebia vegetal" :
a vivência das crianças no mundo de Hoasca / Ivana
Silva Bastos Peregrino. - João Pessoa, 2023.
263 f. : il.

Orientação: Flávia Ferreira Pires.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Sociologia da religião. 2. Chá Hoasca. 3.
Crianças. 4. UDV - União do Vegetal. I. Pires, Flávia
Ferreira. II. Título.

UFPB/BC

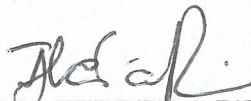
CDU 316.74:2(043)

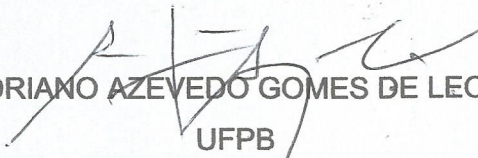
ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PARA
AVALIAR IVANA SILVA BASTOS PEREGRINO

Aos 30 dias do mês de agosto de 2023, às 14 horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de defesa de Tese, intitulada: “**Dentro da barriga da minha mãe eu bebia vegetal**”: a vivência das crianças no mundo de Hoasca” apresentada pela(o) discente **IVANA SILVA BASTOS PEREGRINO**, estando a Comissão Examinadora composta pelos docentes: Flávia Ferreira Pires (Orientadora), Adriano Azevedo Gomes de Leon (PPGS/UFPB), Sérgio Botton Barcellos (PPGS/UFPB), Mariana Inés Garcia Palacios (ICA/UBA) e Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz (UNIFAP). Dando início aos trabalhos, a(o) professor(a) **Flávia Pires**, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os demais integrantes da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida palavra à(o) defendente para expor uma síntese de sua Tese que, após, foi arguida pelos membros da Comissão Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito de APROVADO. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a Lei, expedir o respectivo Diploma de **DOCTORA EM SOCIOLOGIA**.

OBSERVAÇÕES DA BANCA EXAMINADORA

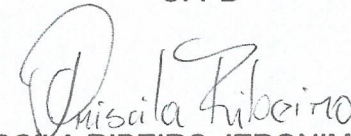
A banca considerou o trabalho de grande relevância teórica e inovador do ponto de vista do tema e da metodologia. Recomenda-se a publicação em artigos.

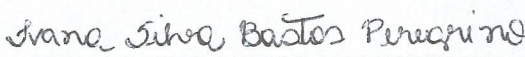

FLÁVIA FERREIRA PIRES
Orientador(a)


ADRIANO AZEVEDO GOMES DE LEON
UFPB


SÉRGIO BOTTON BARCELLOS
UFPB


MARIANA INÉS GARCIA PALACIOS
UBA


PRISCILA RIBEIRO JERONIMO DINIZ
UNIFAP


IVANA SILVA BASTOS PEREGRINO
Defendente

À Vera e Maria (em memória), por tanto amor e fé em mim depositadas e cuja força continua presente, gravada no corpo e na recordação. Aos demais ancestrais, que possibilitaram a minha existência e ao Mestre Gabriel, meu guia.

Às crianças, tão generosas, que compartilharam comigo seu conhecimento, afeto e vivências.

AGRADECIMENTOS

Só é possível construir o Novo honrando o que veio antes. Honro, então, o passado e os passos trilhados até aqui.

Agradeço as pessoas que contribuíram e construíram esta tese junto comigo. Meu companheiro Lucas, parceiro no amor e na vida, que deu apoio logístico, emocional e suporte, auxiliando nas correções/revisões, fotografias, pesquisa de campo, contribuindo enormemente com esse estudo.

À minha família: minha sogra Ana Amélia, meu sogro Hugo e meu cunhado Janja, que acompanharam de perto a fase mais intensa e possibilitaram o fechamento desse ciclo.

Às crianças, com as quais aprendo a enxergar a beleza das miudezas, a riqueza do afeto e a alegria de viver.

Ao Centro Espírita Beneficente União do Vegetal que me recebeu enquanto sócia e que vem proporcionando mudanças tão positivas em minha vida. E que acolheu o meu pedido para realizar esta investigação.

Sou grata ainda a toda a irmandade, a equipe da Orientação Espiritual constantemente determinada a auxiliar e, especialmente, às famílias que se colocaram à disposição para me receber carinhosamente em suas casas, oferecendo boas conversas, jantares, lanches e oportunidades de aproximação e estreitamento de laços, mesmo durante a pandemia.

Ao meu querido amigo Ricardo Canella que dedicou horas para ler os meus escritos, dialogou, esclareceu dúvidas e compartilhou generosamente informações significativas. Contar com o senhor foi um grande privilégio.

Minha amiga, Raissa Carneiro, que me auxiliou na escrita com conversas leves e valiosas sobre gestão do tempo, me ajudando a ter disciplina e mais serenidade.

Ao Grupo de Pesquisa CRIAS – Criança, Cultura e Sociabilidades, cujos encontros, leituras e partilhas foram sempre tão enriquecedores, possibilitando acolhimento, alegria e leveza.

A presença no grupo tem relevância singular pelas conexões afetivas construídas e pelos oportunos banhos de realidade de amigas tão importantes nesse momento e que não largaram a minha mão: Mohana Moraes, Karla Mendonça, Christina Gladys, Tatiane Alves, Núbia Guedes e Milene Moraes. Meninas, minha enorme gratidão a vocês!

À minha orientadora Flávia Pires pelas contribuições, sugestões, empréstimo de material e por possibilitar que eu alcançasse meus objetivos.

Minha gratidão à UFPB, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, aos professores e funcionários da secretaria.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos durante o doutorado, que foi essencial para a realização da investigação.

PEREGRINO, Ivana Silva Bastos. “Dentro da barriga da minha mãe eu bebia vegetal”: a vivência das crianças no mundo de Hoasca [Tese]. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba; 2023.

RESUMO

O olhar científico sobre a criança vem atravessando consideráveis mudanças epistemológicas desde o início do século XX, continuando com os debates críticos que aconteceram a partir das décadas de 70 e 80, problematizando métodos e ética. Apesar do crescimento de pesquisas na área, as crianças continuam com pouca visibilidade científica, quando comparadas com temáticas adultocentradas. Nos estudos antropológicos e sociológicos, a invisibilidade é maior quando se trata de contextos religiosos e sua sociabilidade. Esta investigação busca observar crianças que frequentam um templo do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – uma religião cristã e reencarnacionista – e que consomem ritualisticamente um chá psicoativo, denominado Hoasca ou vegetal, que é ingerido por sócios/as desta religião brasileira. O objetivo é entender o lugar social e ritual das crianças na União do Vegetal – UDV – tendo por base o processo de socialização religioso no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, acompanhando as vivências do grupo infantil, verificando as atividades que são desenvolvidas com ele e examinando como as crianças são incluídas e se incluem nos rituais. As crianças hoasqueiras, como as nomeio no trabalho, acessam o espaço religioso acompanhando os pais, contudo a presença delas no ambiente vai além da religiosidade, já que se mostrou um espaço importante de interação social, construção de laços de amizade, brincadeiras e contato com a natureza. A análise é feita através da perspectiva êmica. Em relação a aspectos teórico-metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde predominam as técnicas da entrevista semiestruturada, principalmente com crianças, mas incluindo adultos, além da observação participante. A faixa etária dos principais colaboradores/as está entre 4 e 11 anos e o grupo soma um total de 13 meninas e meninos. Os desenhos também vem sendo uma ferramenta relevante na coleta de dados entre crianças. Os resultados apresentam uma prática religiosa centrada na família e na hierarquia, sem que a criança possa ocupar um lugar nela. Apesar de as crianças não terem papel nos ritos, é uma religião muito aberta, a elas, que têm participação ativa principalmente porque, ainda que não possam estar presentes em todas as sessões, participam de alguns rituais e os adultos são orientados a atendê-las quando elas querem beber o chá ritualisticamente, reconhecendo e levando em consideração o seu querer. A socialização é via de mão dupla, o grupo infantil se insere e é inserido na prática religiosa. Tanto a percepção da religiosidade quanto a socialização são evidenciadas pela tríade pares-brincadeira-natureza. A vivência do grupo infantil entre pares se diferencia na UDV por essa ligação direta com o mundo natural, que tem relevância tanto na vida social quanto em relação à religiosidade, já que a natureza é considerada sagrada.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Chá Hoasca; Crianças; Participação.

PEREGRINO, Ivana Silva Bastos. “Inside my mom's uterus I already drank Hoasca”: the children's experience in the world of Hoasca [Thesis]. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba; 2023.

ABSTRACT

The scientific view of a child it's going through substantial epistemological changes since the beginning of the twentieth century. By the 1970s and the 1980s, the critical debates took place and starts questioning methods and ethics, as well as epistemological issues. Despite the growth of research on this area, children remain with little scientific visibility if it compares with adult-centered themes. In anthropological and sociological studies, the invisibility of children is greater when it comes to religious contexts and their sociability. This investigation seeks to observe kids that attend a temple, also called “núcleo”, of the Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – a Christian and reincarnationist religion. In the ritual, the members of this Brazilian religion drink a psychoactive tea, called “Hoasca” or “vegetal”. The main goal is to understand the social and ritual place of the children in União do Vegetal (UDV). This research is based on the process of religious socialization at Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, in the city of João Pessoa-PB. It follows the experiences of the children's group. It verifies the activities developed with the group and examines how the children are included and how they react to the rituals. The hoasqueiras children, as they are named in this research, have access to the religious space accompanying their parents. However, the presence of the kids in the environment goes beyond religiosity since it has proved an important social interaction space, with friendship bonds, child's plays and contact with nature. The analysis is made through the emic perspective. Regarding theoretical-methodological aspects, this is qualitative research. The techniques of semi-structured interviews predominate, mainly with children, but including adults, and participant observation as well. The age group of the main collaborators is between four and eleven years old and the group is composed by thirteen girls and boys. Drawings have also been an important tool to collect data among children. The results show a religious practice centered on the family and hierarchy, without child occupation in it. Although the kids have no role in the rituals, the religion is very open to them. They have an active participation. Even if they cannot participate in all the sessions, they can be present in some rituals. The adults are guided to help the kids when they want to drink the tea ritualistically, and the adults also must acknowledge and consider the children will. The socialization is a two-way street, the children insert themselves and are inserted into religious practice. Both the perception of religiosity and the socialization are evidenced by the triad pairs, child's plays and nature. The experience of the children's group among peers differs in the UDV due to this direct connection with the natural world. It has relevance both in the social and religion life since nature is considered sacred.

KEYWORDS: Religion; Hoasca tea; Children; Participation.

PEREGRINO, Ivana Silva Bastos. "Dans le ventre de ma mère, je buvais de l'Hoasca": l'expérience des enfants dans le monde de la Hoasca [thèse]. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba; 2023.

RÉSUMÉ

Le regard scientifique sur l'enfance a connu de considérables changements épistémologiques depuis le début du XX^{ème} siècle, se poursuivant avec les débats critiques des années 70 et 80, problématisant les méthodes et l'éthique. Malgré l'augmentation des recherches dans ce domaine, les enfants restent scientifiquement peu visibles par rapport aux thématiques liées aux adultes. Dans les études anthropologiques et sociologiques, cette invisibilité est accentuée dans le contexte religieux. Cette enquête a pour but l'observation d'enfants qui fréquentent un temple du Centre Spirituel Bénéficiaire de l'Union du Végétal – une religion chrétienne et réincarnationniste – et qui consomment rituellement un thé psychoactif appelé Hoasca ou végétal qui est ingéré par les adeptes de cette religion brésilienne. L'objectif est de comprendre le lien social et rituel des enfants de l'Union Du Végétal – UDV – en se basant sur le processus de socialisation religieux du Centre Conseiller Salomao Gabriel accompagnant les expériences du groupe d'enfants, contrôlant les activités pratiquées avec ce dernier et examinant comment les enfants sont associés et participent aux rituels. Les enfants "hoasquiers", comme je les nomme dans ce travail accèdent à l'espace religieux en accompagnant leurs parents, mais leur présence dans ce lieu va au-delà de la religiosité car il s'agit d'un espace important d'interaction sociale, de construction de lien d'amitié, de jeux et de contact avec la nature. L'analyse est réalisée au travers de la perspective émique. Concernant les aspects théorico-méthodologiques, il s'agit d'une recherche qualitative où prédominent les techniques d'entretien semi-structuré, principalement avec les enfants mais incluant aussi les adultes, ainsi que l'observation participative. Les principaux participants avaient entre 4 et 11 ans et le groupe comptait un total de 13 filles et garçons. Les dessins ont également été un outil éclairant dans la collecte de données au sein des enfants. Les résultats présentent une pratique religieuse centrée sur la famille et la hiérarchie sans que l'enfant puisse y occuper un espace. Bien que l'enfant ne joue aucun rôle dans les rituels, c'est une religion très ouverte aux enfants, ils y participent activement, principalement car, bien qu'ils ne soient pas présents à toutes les cérémonies, les adultes sont invités à répondre à leurs demandes de boire le thé rituellement en considérant et reconnaissant leurs volontés. La socialisation est une voie à double sens, les enfants s'insèrent et sont insérés dans la pratique religieuse. Autant la perception de la religiosité que la socialisation sont réalisées au travers de la triade: pairs-jeux-nature. L'expérience du groupe d'enfants se différencie dans l'UDV par ce lien direct avec le monde naturel qui est très présent dans la vie sociale comme religieuse, la nature étant considérée comme sacrée.

MOTS-CLÉS: Religion; Thé Hoasca; Enfants; Participation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Criança no Pátio central.....	31
Figura 2. Desenho de Rafael	53
Figura 3. Estrutura do Núcleo	91
Figura 4. Foto de satélite do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel	93
Figura 5. Mestre Gabriel	94
Figura 6. Foto de uma sessão do vegetal.....	100
Figura 7. Crianças trabalham no preparo	105
Figura 8. Casa da Caldeira	106
Figura 9. Bateção de mariri durante o preparo.....	107
Figura 10. Parquinho.....	139
Figura 11. Criança lavando chacrone.....	141
Figura 12. Mesa azul das crianças.....	149
Figura 13. Pintura de Ana Clara.....	150
Figura 14. Pintura de Gabriel.....	151
Figura 15. Arte de massinha de Princesa	153
Figura 16. Arte de massinha de Davi	154
Figura 17. Outra arte de massinha de Davi	155
Figura 18. Arco da entrada do templo.....	156
Figura 19. Crianças brincando no pátio central.....	177
Figura 20. Brincadeira com as crianças	180
Figura 21. Atividade do Advento de 2021	183
Figura 22. Atividade do reino vegetal no Advento	184
Figura 23. Criança colhendo flores em atividade do Advento	185
Figura 24. Uma brincadeira/atividade coordenada pela OE.....	186
Figura 25. Criança com o seu presépio	187
Figura 26. Construção coletiva do presépio	188
Figura 27. Crianças e a equipe da OE.....	191
Figura 28. Casa de argila.....	192
Figura 29. Brincadeira no Núcleo	193
Figura 30. Crianças expressam a União	194
Figura 31. A União para Princesa	195
Figura 32. Desenho de Kauê	196
Figura 33. Desenho e frase de Maria: “Eu amo a União do Vegetal”.....	197
Figura 34. Desenho de Sofia	198
Figura 35. Crianças na área de lazer	199
Figura 36. Crianças fazendo pão com a OE	201
Figura 37. Brincadeira de vendar os olhos.....	202
Figura 38. Homenagem às mães	203
Figura 39. Mural com as pinturas	204
Figura 40. Crianças na área de plantio	210
Figura 41. Crianças fazem o arco.....	211
Figura 42. Plantando	213
Figura 43. Desenho de Davi.....	230

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Técnicas aplicadas	70
Quadro 2. Resumo – Estado da arte.....	75
Quadro 3. Calendário religioso	95
Quadro 4. Bairro de residência das crianças	163
Quadro 5. Dados socioeconômicos.....	165
Quadro 6. Crianças e a OE.....	205
Quadro 7. O que é a União para você?	220
Quadro 8. Autoidentificação	252

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. O que é a União para você?.....	219
Tabela 2. O que é o chá?	223
Tabela 3. O que sente quando bebe o chá?.....	226
Tabela 4. O que é uma sessão?.....	228

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CATC – Câmara de Assessoramento Técnico Científico
CCPY – Comissão Pró-Yanomami
CEBUDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal
CEFLURIS – Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra
CDC – Corpo do Conselho
CI – Corpo Instrutivo
CONACE – Conselho da Administração Central
CONAD – Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas
CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes
DAV – Distribuição Autorizada de Vegetal
DEMEC – Departamento Médico e Científico
DIMED – Divisão de Medicamentos
DMC – Departamento de Memória e Comunicação
DMT – Dimetiltriptamina
EAC – Estado Ampliado de Consciência
EPI – Equipamento de Proteção Individual
EUA – Estados Unidos da América
GMT – Grupo Multidisciplinar de Trabalho
GT – Grupo de Trabalho
GTER – Grupo de Trabalho de Ensino Religioso
ICEFLU – Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LSD – Dietilamida do ácido lisérgico
MA – Mestre Assistente
MAG – Mestre Assistente Geral
MAO – Monoaminoxidase
MC – Mestre Central
MG – Mestre Gabriel
MGR – Mestre Geral Representante
MR – Mestre Representante
NCSG – Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel

OE – Orientação Espiritual

OEUDV – Orientação Espiritual com Crianças e Jovens na União do Vegetal

PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

QM – Quadro de Mestres

QS – Quadro de Sócio

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDAH – Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade

UDV – União do Vegetal

UTI – Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Agruras do tempo – de pesquisa	23
Maneiras “maneiras” – da sistematização	32
CAPÍTULO I.....	43
ILUMINANDO O CAMINHO – METODOLOGIA E CAMPO.....	43
1.1 Socióloga hoasqueira: dilemas éticos	44
1.2 Contextualizando: mundo de Hoasca.....	57
1.3 Sementes e brotos: os primeiros passos da pesquisa.....	60
1.4 Colhendo para plantar: a produção acadêmica realizada	71
CAPÍTULO II	84
UNIÃO DO VEGETAL.....	84
2.1 A UDV é uma religião?.....	84
2.2 O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal	87
2.3 Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel	90
2.4 A sessão.....	96
2.5 A doutrina.....	101
2.6 O chá	102
2.6.1 O preparo.....	103
2.6.2 A burracheira.....	107
2.7 Substância psicoativa é droga?.....	108
CAPÍTULO III	127
AS CRIANÇAS NO MUNDO DE HOASCA	127
3.1 Concepções de infância: reflexos de algumas teorias	128
3.1.1 Entre infâncias possíveis: ser pequeno/a hoasqueiro/a.....	137
3.2 Orientação Espiritual – OE	144
CAPÍTULO IV	160
TORNANDO-SE CRIANÇA HOASQUEIRA.....	160
4.1 A criança dentro do salão	170
4.2 A criança fora do salão: brincando ao ar livre.....	176
4.2.1 O espaço de brincar coordenado pela OE	181
I. Advento	181
II. 10 de fevereiro.....	190
III. 27 de março	199
IV. Dia do pão	199
V. Dia das Mães	201
4.3 Criança e natureza	205
4.4 Hoasqueiros/as aprendizes?.....	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	232

REFERÊNCIAS	239
APÊNDICE A – Quadro com dados sobre relações raciais	252
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista com as crianças	253
APÊNDICE C – Roteiro da entrevista com mestre Almir Nahas	255
APÊNDICE D – Roteiro da entrevista com a Conselheira Sandra Diniz	256
APÊNDICE E – Perguntas das crianças em sessões	257
ANEXO A – Parecer da UDV-Ciência	258
ANEXO B – TCLE	260
ANEXO C – TALE	263

INTRODUÇÃO

A primeira vez que bebi o chá¹ nem foi na União do Vegetal e nem quando eu era criança. Mas posso afirmar que foi uma das experiências mais fortes e marcantes que já vivi, tanto que demorei alguns anos para voltar e vivenciar esse reencontro, já na União².

Fui convidada em 2011 por uma pessoa próxima – e que já era frequentador assíduo desde 2008 –, para conhecer o centro. Mesmo já tendo bebido o chá, precisei aguardar o agendamento de uma sessão³ de adventícios, que é uma sessão que recebe pessoas que estão bebendo o vegetal pela primeira vez na UDV⁴.

Nos primeiros contatos com o vegetal, as burracheiras⁵ despertavam sentimentos intensos e sensações quase indescritíveis, como a de encontrar familiares que estavam a quilômetros de distância dali. As mirações⁶ eram muitas, luzes e mandalas coloridas bastante encantadoras. Também alguns instantes de sensações desagradáveis, como enjoos, aconteciam. Com o tempo fui aprendendo a lidar melhor com esses efeitos fazendo exercícios de respiração e tomando cuidado com a alimentação antes do ritual, por exemplo.

Além das sensações físicas, lembranças de pessoas e acontecimentos do passado vieram à tona. Desentendimentos, posturas equivocadas e uma série de atitudes eticamente condenáveis que eu havia tomado vieram à mente, causando sentimentos difíceis de descrever, mas que sabia não querer sentir novamente.

Algo que posso afirmar e que é comum a todas as vezes em que bebi o chá, ao longo de mais de uma década, é a sensação que se instala, geralmente, nas horas e no dia seguinte à ingestão da bebida: bem-estar, otimismo diante da vida e um desejo profundo de mudança de hábitos e atitudes em busca de me tornar uma pessoa melhor. Esse forte efeito me motivou a regressar tantas outras vezes, mesmo com os inúmeros questionamentos que me inquietavam, a respeito das religiões de uma forma geral. Fui ficando cada vez mais interessada.

Lembro-me também que uma das coisas que mais me impactaram foi o

¹ Também chamado de “Hoasca” ou “vegetal” no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, instituição religiosa pesquisada.

² Uma abreviação do nome da religião, utilizada pelos/as adeptos/as e pessoas próximas do campo.

³ Assim é nomeado o ritual.

⁴ Para ser adventício a pessoa precisa ter mais de 18 anos. Se o adventício for menor de 18 anos, ele/ela vai precisar de autorização dos pais para participar da sessão.

⁵ Termo êmico que nomeia o efeito do chá. É caracterizado por insights e percepções (a expressão será discutida com mais atenção no item 3.7.2).

⁶ Visões (com pessoas/seres e/ou relacionadas a eventos passados, presentes ou futuros) ou efeitos visuais que podem acontecer durante a burracheira.

comportamento dos/as frequentadores/as. A impressão que eu tinha quando ia para o núcleo⁷ – as primeiras visitas a núcleos da União aconteceram no Núcleo Campina Grande⁸ – era que tinha entrado em uma espécie de universo paralelo porque as pessoas eram muito hospitaleiras, atenciosas e carinhosas, demonstravam se importar e cuidar uns/umas dos/as outros/as, percebi uma escuta ativa e, aos visitantes, era dada uma atenção especial. Senti que eles/elas realmente queriam que eu me sentisse bem ali e tudo aquilo era muito diferente, então gostei e quis voltar.

A trajetória enquanto pesquisadora principia, portanto, há mais ou menos dez anos (meados de 2013), quando comecei a examinar a possibilidade de realizar uma pesquisa acadêmica de doutoramento a respeito do CEBUDV (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal), motivada principalmente por meu envolvimento pessoal com a religião e, conseqüentemente, com o chá. Conheci a UDV – expressão como a religião é mais conhecida – como disse, no Núcleo Campina Grande, quando fui passar um fim de semana por lá. Isso aconteceu enquanto cursava o mestrado e, continuando em repetidas visitas à cidade aos fins de semana, passei a frequentar o espaço durante aproximadamente seis meses, quando tomei a decisão de me associar⁹, firmando um compromisso de presença mais ativa. Passado algum tempo, comecei a pensar na possibilidade de pesquisa e procurei José Leite que, na época, era o Mestre Representante – maior liderança dentro do espaço religioso – do núcleo, para que ele me explicasse qual era o procedimento para fazer uma investigação acadêmica no Centro. Ele me aconselhou a entrar em contato com o departamento responsável, mas já incentivou que eu desse continuidade ao propósito.

Eu ainda não sabia bem que departamento era esse, entrei então em contato com mestre Edson Lodi por e-mail, por saber que ele fazia – e continua fazendo – parte da Sede Geral, em Brasília, onde encontra-se, como o próprio nome dá a entender, a administração geral da UDV. Ele pareceu-me a melhor pessoa para apontar o caminho e indicar contatos com os quais eu poderia me informar melhor. Já havia conversado com ele antes, em uma oportunidade em que estive visitando o Núcleo Campina Grande e exprimi o interesse na realização da pesquisa. Na época, eu estava voltada ao tema que eu já vinha trabalhando no mestrado, qual seja, a representação do feminino nas religiões afro-brasileiras – a ideia era trabalhar a representação

⁷ Território onde está situado todo o espaço religioso, incluindo o salão do vegetal – onde os rituais acontecem –, assim como outras instalações.

⁸ Localizado em Puxinanã, município pertencente à Região Metropolitana de Campina Grande.

⁹ Em um primeiro momento, há um estranhamento com o uso do termo que pode soar empresarial, mas para os/as frequentadores/as da religião, se associar e ser chamado/a de “sócio/a” é sinal do compromisso a participar mais ativamente, ser parte, isso porque a religião é vista como uma “sociedade” religiosa. Quando a pessoa se associa, passa a usar, nos rituais, um uniforme que demonstra sua inclusão. Trata-se, então, de uma religião que não se nomeia como igreja, mas como uma sociedade religiosa de caráter filantrópico e cultural.

do feminino na UDV. Esse meu movimento aconteceu em novembro de 2013. Por e-mail, Edson Lodi comentou da “necessidade de apresentação e autorização do Departamento Científico do Centro” (Lodi, 2013) e me avisou que, no intuito de auxiliar, havia encaminhado o e-mail para Luiz Fernando Milanez, coordenador do departamento neste período.

Este departamento é o UDV-Ciência, antes denominado de Comissão Científica da UDV, um órgão de assessoramento acadêmico-científico do centro que acompanha o desenvolvimento de investigações realizadas a respeito do vegetal¹⁰. Luiz Fernando Milanez me respondeu diretamente por e-mail a mensagem repassada pelo Edson Lodi. Nesta mensagem ele já enviou uma espécie de apreciação preliminar onde afirmou: “Na UDV, o que se tem é uma diversidade de planos onde a representação, ou melhor, o papel feminino, está presente [...] e nos ensinos, notadamente os reservados, que não são o caso de serem relatados em um estudo acadêmico” (Comissão Científica, 2014).

A forma como a comunicação aconteceu soou como uma demonstração da seriedade com que a instituição religiosa lida com pesquisas e causou surpresa, pois com base em uma proposta relativamente vaga e ainda idealizada, enviada por e-mail, foi encaminhado um documento dando sugestões a respeito da pesquisa e com quase três páginas de referências acadêmicas de estudos realizados a respeito da UDV, da ayahuasca, do Santo Daime, entre outros. Esse primeiro contato em tom mais formal sinalizou o forte caráter burocrático¹¹ da instituição, caráter esse que aparece de outras formas, no decorrer das observações, como será possível averiguar.

Ao longo da leitura do documento e posteriormente, conversando com alguns adeptos¹², percebi que seria difícil trabalhar com a temática pretendida porque as representações femininas sagradas mais significativas fazem parte dos “ensinos reservados”, como dizia o próprio documento, e que claramente, por serem reservados, não teriam autorização para publicação, limitando à pesquisa ao extremo. No capítulo 1 será possível compreender essa “reserva” ou segredo.

Desta forma notei a necessidade de considerar novos rumos para a pesquisa, decidindo aguardar um pouco e deixar o tempo agir, amadurecendo a ideia do que viria a trabalhar. Apenas em 2017 a versão inicial do projeto de pesquisa, já com outra temática, foi enviada para a Comissão e, de início, solicitava autorização para a realização de monografia para conclusão

¹⁰ Para mais informações ver Bernardino-Costa, 2021.

¹¹ No sentido de um tratamento protocolar, para demonstrar organização e formalidade.

¹² Tratarei os/as frequentadores/as assíduos/as da UDV como sócios/as, já que pertencentes a uma sociedade religiosa, como a União do Vegetal se denomina, ou adeptos/as, enquanto praticantes de uma crença e conhecedores/as dos princípios da religião.

de Curso de Licenciatura em Ciências Sociais (minha graduação é como bacharel, nesse mesmo curso de Ciências Sociais), mas já demonstrando interesse em avançar a pesquisa para um nível de doutoramento, já que pretendia fazer o processo seletivo para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPB. Em novembro de 2017 recebi resposta de Milanez, com dois pareceres¹³, um deles dando autorização para o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e o outro apresentando alguns questionamentos sobre a proposta do projeto – a nível de doutorado – e sugerindo outros caminhos para o desenvolvimento do estudo.

Neste período, a proposta era pesquisar, a partir do conceito de Marcadores Sociais da Diferença, a questão das relações raciais entre as crianças da UDV, mais especificamente do Núcleo Campina Grande, do qual eu era sócia na época. Planejava articular três áreas/dimensões da vida social: religião, infância/s (geração) e relações raciais. No entanto percebi, mais uma vez, que não seria fácil seguir nesse trajeto tanto pelos pontos colocados no parecer, quanto por outros obstáculos que o próprio campo apresentou. Por isso, decidi repensar novamente o tema – a professora que estava me orientando neste período me incentivou nessa mudança. A Comissão, através do parecer, demonstrou preocupações como a possível associação entre as “percepções raciais” das crianças e a associação delas com a postura do campo religioso, destacando que a trajetória de vida da criança como um todo – família, televisão, escola, amigos – constrói a visão de mundo das crianças. Por este motivo, o documento deu duas sugestões: a primeira foi ampliar a pesquisa, acrescentando outro/s grupo/s religioso/s e a segunda foi realizar o estudo em escolas públicas e privadas, o que não era do meu interesse. Este acontecimento também pesou na decisão de tomar outra direção.

Ainda que tenha apresentado os questionamentos citados, a instituição reconheceu o valor da pesquisa, afirmando que seria um bom indicador do papel da Orientação Espiritual¹⁴ na formulação de práticas tolerantes para com as diferenças sociais, culturais e étnicas, dentro e fora dos núcleos.

Desta maneira, como já mencionado, houve outra modificação. Aproximadamente um ano antes disso, no segundo semestre de 2016, eu havia ingressado como aluna especial no PPGS (Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFPB), com o intuito de me preparar para a seleção do doutorado. Tratava-se da disciplina Marcadores Sociais da Diferença, com abordagem dos três marcadores trabalhados neste programa do Pós, relações raciais, religião e infância. Foi ao longo da disciplina que amadureci a ideia de trabalhar com os três marcadores,

¹³ Resolução 510/2016, artigo 13.

¹⁴ A OE, como é conhecida no campo, é um grupo de pessoas que realiza atividades com crianças e jovens da UDV, tendo papel relevante nesta pesquisa e será discutida com mais atenção no Capítulo 3.

contudo, frente aos obstáculos que surgiram, reformulei a ideia e decidi por apenas dois deles, religião e infância – como marcadores centrais porque não acredito que seja possível fazer esse debate sem inserir raça e classe, por isso esses também aparecem. Assim revisei o projeto, usando como estratégia a opção de um “caminho do meio” onde estivessem presentes meus interesses de pesquisa e levando em conta também temáticas consideradas relevantes pela instituição religiosa – que almejei desde os primeiros passos como parceira e colaboradora. Assim, enviei novamente à Comissão, em julho de 2020, uma nova proposta, recebendo enfim e-mail de aprovação em outubro do mesmo ano.

A demora do CEBUDV na avaliação da proposta e do plano de trabalho atrasou significativamente o desenvolvimento da pesquisa. Este rigor na análise de possíveis projetos de pesquisa pode ser explicado pelo que Antunes (2019) chama de “controvérsia pública” sobre o uso da ayahuasca no Brasil. O autor discorre sobre o debate público em torno da utilização da substância, fazendo uma análise dos modos pelos quais os eventos aconteceram no Brasil, enredados em preconceitos e polêmicas, passando da ideia do que ele chamou de “feitiçaria” aos debates acerca das compreensões como “droga” e “alucinógeno” e seu posterior reconhecimento como religião e patrimônio cultural – ainda que as contestações persistam.

A transposição foi consequência, principalmente, da inserção de novos atores na contenda, trazendo novos argumentos e dinâmicas, com o objetivo de evidenciar a percepção pública do uso religioso da bebida. No Brasil, os processos de regulamentação do chá foram cruciais no desenrolar deste enredo, remetendo à década de 1980, quando ficou proibido por seis meses, tornando-se alvo de políticas públicas do Conselho Federal de Entorpecentes, o CONFEN. Durante as duas décadas seguintes, o processo de regulamentação passou por uma sequência de desdobramentos com o CONFEN e posteriormente com o CONAD – Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas –, que depois de anos reconheceu o uso religioso da ayahuasca enquanto manifestação religiosa e cultural e merecedora de proteção do Estado. Há pouco tempo – 2008 –, políticas públicas resultaram em um processo de patrimonialização do uso religioso da ayahuasca pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Ao final do Capítulo 2, esse percurso da história da ayahuasca será brevemente apresentado. Entretanto, após essa longa narrativa da trajetória percorrida até, pasmem, o início da investigação, é preciso pontuar alguns elementos. O primeiro é o aspecto criterioso da instituição religiosa porque fica perceptível a desconfiança da UDV em relação à academia na avaliação das propostas dos pareceristas. Além disso, há o movimento inverso que é encarar as

suspeitas dos meios acadêmicos em relação ao projeto, pois há uma tradição na sociologia da religião que duvidava – e ainda duvida – do rigor científico de estudos feitos por pesquisadores ligados às religiões.

O segundo elemento é a burocracia da instituição, que justifica seu posicionamento pelos argumentos apresentados, mas que inviabiliza a transparência do estudo e serve como salvaguarda contra questões polêmicas. Contudo, enfrentando os obstáculos e buscando aproveitar as oportunidades, ainda que diante de tantos empecilhos, chamou a atenção a constante presença de meninos e meninas. Assim, pensar o lugar da criança em um espaço religioso tão atacado e questionado publicamente, ainda mais diante do fato de que essa parcela de frequentadores/as tinha – e têm – participação ativa nos rituais, inclusive “comungando” – termo êmico – o vegetal, mostrou-se uma ótima alternativa.

Além disso, a UDV é uma religião ayahuasqueira¹⁵ que se caracteriza pela expansão, contando com vários grupos espalhados por todo o Brasil e no exterior. Por sua relevância entre as religiões ayahuasqueiras, a abertura no campo, o número de crianças que ocupam esse espaço e a ausência de pesquisas sobre/com elas nessa instituição (localizei algumas em outras religiões ayahuasqueiras, principalmente no Santo Daime, mas nenhuma na UDV) motivaram a realização do estudo.

O objetivo da tese é entender o lugar social e ritual das crianças na União do Vegetal, tendo por base o processo de socialização religiosa no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, acompanhando as vivências do grupo infantil, verificando as atividades que são desenvolvidas com ele e examinando como as crianças são incluídas e se incluem nos rituais. Para isso, foi realizada etnografia com as crianças, registrando e analisando, sob a perspectiva delas, suas vivências com a religião. Observei as ações, valores, gostos e sentimentos atrelados a essa experiência, em campo religioso, pelas crianças. Ao mesmo tempo, examinei como a própria religião ensina significados e representações religiosas através de práticas pedagógicas e morais que permeiam o cotidiano, mas que também se encontram organizadas nos momentos dedicados à OE.

O título deste trabalho, “Dentro da barriga da minha mãe eu bebia vegetal”: a vivência das crianças no mundo de Hoasca, é o trecho de uma fala de Davi¹⁶ (8 anos) e resume um dos principais componentes que apareceram no campo, a experiência da criança com o chá e os

¹⁵ Ayahuasca é um chá com propriedades psicoativas ingerido em alguns rituais religiosos. As religiões que fazem uso ritualístico da substância são chamadas de religiões ayahuasqueiras. O CEBUDV é uma delas, mas sua forma de nomear o chá é Hoasca.

¹⁶ Os nomes usados no texto não são os nomes reais das crianças. Buscando preservar suas identidades eles foram substituídos por outros nomes por elas escolhidos. No Capítulo 4 explico como a escolha foi feita.

elementos que ligam essa experiência a percepção religiosa dessas meninas e meninos. É parte da crença hoasqueira que a gestante, durante a gravidez, faça a ingestão da bebida pois acredita-se que o feto sente o efeito da substância no ventre materno, o que é benéfico para ambos. Os/as adeptos/as valorizam que suas famílias – e seus/suas filhos/as – bebam vegetal. Adultos e crianças de alguma forma enaltecem a comunhão do chá desde o ventre, já que essa informação aparece nas conversas com outras crianças: “Eu nasci na União do Vegetal [...] eu bebi desde a barriga dela” (Flantechai, 8 anos) e “[...] minha mãe ela diz que eu bebo entre aspas assim desde que eu tava na barriga dela né? Mas também desde bebê também” (Rafael, 10 anos).

Agruras do tempo – de pesquisa

Essencial se faz versar a respeito das condições – políticas e de saúde pública – em que essa tese foi escrita. O Brasil e o mundo atravessaram um momento ímpar e delicado, a crise sanitária e humanitária causada pela pandemia – ou sindemia¹⁷ – da Covid-19 (SARS-CoV-2).

Atravessamos um grande desafio de saúde, um momento de grande tribulação de ordem não apenas sanitária, mas econômica, política e social. Desde março de 2020, a ciência estava travando uma guerra contra o vírus em nosso país – vírus este identificado em dezembro de 2019 na China – e são assustadores os números de pessoas infectadas e mortas. Desde o início da sindemia somam-se 37.682.660 casos e 704.159 mortes no Brasil – dados de julho de 2023. São números alarmantes que nos forçaram ao distanciamento social, ao uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI’s) – termo antes pouco conhecido e que hoje já nos é tão familiar – e tantas outras mudanças e adaptações, com o intuito de interromper a transmissão, reduzir o contágio e manter hospitais e leitos de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) sem superlotação.

Em consequência desse panorama global, medidas sanitárias foram tomadas a nível nacional – e estadual, principalmente – os deslocamentos foram restritos, realizados *lockdowns* quando os níveis de infecção viral chegaram a números perigosos, regulamentados o uso de máscaras e o distanciamento social e foram impostas condições inéditas de convívio – no caso, ausência de convívio –, para a nossa própria segurança e para tentar evitar a propagação do

¹⁷ Fiz a escolha deste termo com base em material publicado no site do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. Não é um termo novo e vem da combinação dos termos sinergia e pandemia. Merrill Singer, antropólogo médico americano, cunhou a terminologia na década de 1990, para descrever o que ocorre quando duas ou mais doenças interagem, gerando maiores danos do que causariam “apenas” a soma das duas doenças. Por isso, o termo sindemia caracteriza melhor o que ainda estamos vivenciando (Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz, 2020).

vírus, a superlotação dos hospitais e, conseqüentemente, o aumento no número de mortes.

Este evento mundial aterrador deliberou mudanças na rotina de tudo e todos/as. Desta maneira, o estudo foi diretamente atingido por essa transformação repentina e devastadora. Com os decretos, o planejamento inicial de realização de entrevistas, observação participante e as experiências no campo foram atingidos em cheio. Como realizar entrevistas diante das novas regras de distanciamento social? Como fazer observação participante, se decretos de confinamento eram publicados frequentemente de acordo com o aumento no número de contaminações? Como vivenciar o campo se a instituição religiosa teve por diversas vezes suas atividades suspensas, cancelando temporariamente as sessões¹⁸? E, mesmo depois da população acima de 18 anos já estar majoritariamente vacinada, como entrar em contato com crianças que só em janeiro de 2022, um ano depois do início da imunização em adultos, entraram no esquema vacinal sem se preocupar em contaminá-las? Estes e tantos outros questionamentos/preocupações surgiram, incluindo os/as que envolviam desafios pessoais, questões emocionais como o medo de sair de casa, inseguranças (sociais, econômicas, políticas) que impuseram desafios extras no seguimento da pesquisa.

Para dimensionar melhor esse momento, a escolha mais sensata parece partir do período em que as crianças estavam proibidas de frequentar o núcleo. Em meados de março de 2020 a contaminação por Covid-19 começou a se espalhar e o Governo da Paraíba principiou, entre os meses de março e abril, as medidas protetivas e de confinamento para deter a propagação do vírus. Quando as sessões retornaram – na realidade houve pausas e regressos sucessivos –, a recomendação era de que as crianças não fossem para o núcleo. Não havia lanche e quando havia eram em embalagens para ser consumidas posteriormente, assim o barulho era pouco e o silêncio quase predominava, interrompido por uma breve conversa que não se estendia por muito tempo já que uma das recomendações era que as pessoas buscassem ir para casa logo que a sessão terminasse, sem alongar muito o tempo por ali, evitando as conversas e o risco que havia, constantemente lembrado. Talvez o momento em que percebi a importância das crianças naquele espaço foi exatamente quando elas voltaram¹⁹, também entre março e abril de 2021, praticamente um ano depois. O barulho, a “bagunça”, o movimento, a alegria que chegou junto com as crianças foi notado e comentado por todos/as. Isso foi verbalizado, com muita emoção, por uma das mães durante a primeira sessão após a volta das crianças e, nesse

¹⁸ Ritual religioso da União do Vegetal, religião pesquisada neste estudo.

¹⁹ A instituição religiosa solicitou aos pais que não levassem as crianças para o núcleo nesse período de maior perigo de contaminação, já que elas não estavam vacinadas. Após um tempo, a instituição autorizou o regresso das meninas e meninos ao núcleo.

momento, a sensação de resgate de alguma “normalidade” em meio a tantas inseguranças alimentou a esperança de quem estava ali, sinalizando também a importância que as crianças têm na vida da comunidade religiosa.

A sindemia foi responsável pela escolha da principal forma de coleta de dados, as entrevistas. De acordo com o cronograma de estudos, o primeiro semestre de 2020 seria quando a pesquisa de campo teria início, com o acompanhamento e observação das crianças, mas, com a propagação da Covid-19, isso não foi possível. Preocupações e dúvidas, não só em relação ao estudo, começaram a povoar-me a mente durante todo o ano até que vi a necessidade, diante do quadro tão desesperançoso, de pensar em um plano B. Então, surgiu a ideia de entrevistar as crianças, primeiro remotamente – o que não deu muito certo – e depois presencialmente. O roteiro começou a ser esboçado e o tema da Covid não poderia ficar de fora já que sua presença havia afetado tudo nas nossas vidas e era valioso saber como as crianças estavam vivenciando aquele momento.

O período de coleta foi extenso, a primeira entrevista com as crianças aconteceu em março de 2021 e a derradeira em setembro de 2022 (as entrevistas com adultos aconteceram entre 2018 – entrevista exploratória – e 2022). Dessa maneira foi possível acompanhar diferentes momentos vividos pelas crianças, desde quando elas estavam assistindo aulas remotamente, praticamente sem poder sair de casa, até o momento em que tudo parecia estar voltando à “normalidade”.

O roteiro foi montado com base em três temas centrais: dados pessoais, pandemia – um termo mais conhecido pelas crianças – e União do Vegetal, nesta sequência. A ordem das perguntas foi colocada de forma a tentar criar uma conexão fluida entre uma temática e outra, mas nas primeiras entrevistas o assunto do vírus aparecia antes mesmo do tópico ser abordado. Na primeira entrevista – que aconteceu remotamente –, por exemplo, perguntei da rotina de Akira (10 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) que me contou da aula remota, do tempo de TV, de brincar, de jogar no celular e conversar com as amigas. Ao notar a rotina caseira, pergunto se ela tem saído e ela me diz “De vez em quando nos domingos eu saio pra encontrar minhas amigas na praça” (Akira, 10 anos). Na segunda entrevista – também remota – o coronavírus apareceu na conversa antes do momento esperado, quando Flantechai (8 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) me diz que uma tia morreu e que “[...] foi por causa do Covid”.

Por ser um assunto que atingiu/atinge a vida de todos/as, achei que era indispensável perguntar para os/as colaboradores/as o que era o coronavírus. Akira (10 anos) me disse “[...]”

eu não entendi muito bem [...] Eu só entendi que é uma doença muito séria” e Flantechai (8 anos) falou “Que é perigoso, que mata as pessoas, que não traz alegria pro coração delas”.

Rafael (10 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) deu uma definição mais complexa da doença, mencionando a origem, o possível envolvimento dos animais e a falta de cuidados na pandemia de Covid. Ele indica que

Ele é um vírus, que assim... é, tipo assim, começou na China e foi, por alguma pessoa né, acreditam que foi um erro de uma... como é o nome? De um negocinho que ficou aí operado de morcego, enfim, mas foi transmitido pras pessoas e elas assim, não tavam mais se cuidando, não tava usando máscara, passando álcool, foi transmitindo, transmitindo e hoje em dia tá matando muitas pessoas (Rafael, 10 anos).

Rafael acrescenta, demonstrando uma perspectiva mais ampla da sociedade da qual faz parte que isso “É muito triste, muito ruim pra humanidade né?”. O coronavírus causou mudanças drásticas na vida das crianças, impactando fortemente em suas rotinas e deixando-as preocupadas. Akira (10 anos) menciona que “[...] o povo daqui de casa fica falando muito sobre isso” e certamente ela sabia e sentia a seriedade do contexto, tanto que quando pergunto sobre o que ela acha desse período, ela explica: “Eu acho chato [...] Eu fico entediada [...] É muito ruim, eu não tenho nada pra fazer”. Quando faço a mesma pergunta a Flantechai, ela reclama:

Não é legal. Então, mas no youtube tem várias propagandas, falando que as crianças se divertiam na quarentena com os pais, mas elas ficam num tédio... elas ficam brincando, sorrindo com os pais que já fizeram as tarefas [incompreensível], mas meus pais é só trabalho, trabalho e trabalho, eu só posso ficar assistindo. Minha mãe não brinca comigo, minha irmã, ela só fica preparando aula, que a minha irmã é professora (Flantechai, 8 anos – acréscimo meu).

Este trecho da entrevista trouxe a concepção da conjuntura pelos olhos de Flantechai. A informação que ela via divulgada no principal meio de comunicação ao qual ela parecia ter acesso não correspondia a sua realidade, na plataforma de vídeos *online* a menina via crianças se divertindo com seus pais e, em sua casa, reclamava porque os/as adultos/as estavam envolvidos/as em suas atividades de estudo/trabalho e, pelo que partilhou, não havia outras crianças para brincar.

Minha mãe só fica trabalhando e fazendo comida, minha irmã só fica, é... fazendo aula e estudando e meu pai só fica na [ela menciona o local de trabalho] e só chega a noite. Quando ele chega, ele não pode ficar comigo. Mostrar o que que eu tô falando [ela sai levando o tablet e mostra a mãe e a irmã no computador e celular, respectivamente]. Ela só fica naquele computador (Flantechai, 8 anos – acréscimos meus).

A menina reivindica aqui seus direitos de criança, clama por seus interesses e aponta que apenas as inclinações adultas são levadas em conta, enquanto as predileções infantis são

deixadas de lado. Outras crianças também reclamam por razões semelhantes, Júlia (7 anos, bebe o vegetal “desde a barriga da mãe”) narra: “Chato, não tem ninguém pra brincar, nenhuma criança e todo mundo ficou ocupado”. Davi (8 anos – “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) também exprime o que sente, “Porque eu não posso abraçar mais meus coleguinhas e eu gostava muito de brincar, só que agora não posso mais brincar tanto assim, na hora do recreio não pode nem chegar per... é, só pode tipo só pode brincar de pega-pega que só encosta assim [não muito perto]” (8 anos – acréscimo meu).

Insistindo na busca pela forma como as crianças avaliaram a chegada – e permanência do coronavírus – perguntei o que mudou desde que o vírus apareceu, Mike (9 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) me conta: “[...] a gente não sai muito de casa, o que é muito chato. Ah uma coisa, porque é quase, a única coisa que eu tenho pra fazer aqui é desenhar, *papercraft*, tv e mais nada”.

Princesa (8 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) também partilha sua opinião em relação ao que mudou.

Um monte de coisa. Quando ele chegou eu fiquei só em casa presa, eu queria ir lá pra baixo [ela mora em apartamento], nem podia, eu fiquei só lá em casa, só lá em casa, que aí um tempo teve que usar máscara, sair de casa, tudo bem, que aí agora que tá já pode sair, já pode ir pra escola, tem aula virtual tipo aí eu tô doente, que aí eu vou lá, assisto aula virtual, que aí não precisa amarrar o cadarço, ou é... não preciso amarrar o negócio na minha cintura, o casaco na minha cintura, não preciso pegar o tênis (Princesa, 8 anos – acréscimo meu).

Em sua narrativa, Princesa conta que muita coisa mudou na vida dela, revelando a condição de confinamento, seu desejo de sair, as novas exigências impostas pelo cenário sanitário, como o uso das máscaras, a volta à escola e a novidade de poder contar com o recurso da aula virtual em caso de doença e que pode assistir aula sem precisar colocar o uniforme da escola.

De sua experiência na escola, ela relata sobre as proibições, “A professora diz, não pode abraçar, não pode dar aperto de mão, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo” (Princesa, 8 anos). Ao questionar sobre as brincadeiras, ela expõe: “[...] a gente tá brincando, só que não muito. A professora deixa, só que a gente não fica tão perto assim, a gente não deixa a mão tão junta assim, a gente deixa assim meio separado”.

Já Rafael, relata como foi esse momento para ele falando de suas relações pessoais.

Eu assim, eu fiquei muito abalado porque eu não podia ver meus amigos, eu não podia sair, eu tava muito assim, dentro de casa, não podia mais fazer nada, as vezes eu ficava no tédio assim, só pensando na vida. Foi muito... eu perdi, por exemplo, um ano na minha escola, na aula online né? Sem ver meus amigos, sem poder... abraçar também ainda não pode né? Mas sem poder tá junto, brincar, foi mais meus amigos mesmo.

Também os meus familiares, as pessoas que eu sou mais próximo, que eu não pude presencialmente (Rafael, 10 anos).

Preocupações também povoaram a mente das crianças. Eric (6 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”), por exemplo, descreveu-as quando dialogamos sobre o assunto e ele declarou que “A gente não pode tocar em nenhuma pessoa porque a gente não sabe se tem coronavírus ou não tem [...]. Bom, porque nessa quarentena tem que cuidar dessa vida” (6 anos).

Quando pergunto a Renato (9 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) o que mais mudou depois do coronavírus²⁰, ele aponta a máscara como o elemento que ganha mais destaque e diz que “Mudou muito mais. Até esquece o rosto das pessoas”. A máscara, aliás, é uma das principais referências apontadas pelas crianças quando dialogamos sobre a sindemia. Ao todo foram entrevistadas 13 crianças, entre elas apenas três não mencionaram a máscara. Entre as dez que mencionaram, a metade delas apontou a máscara como o objeto mais relacionado às principais mudanças ocasionadas pela chegada da Covid. Davi, entrevistado em maio de 2022, quando as medidas já estavam mais flexíveis e o uso de máscara já não era obrigatório²¹, me afirmou que preferia continuar usando. Ao perguntar a razão, ele comenta: “Porque eu acho melhor ainda usar máscara pra poder prevenir mais” (8 anos).

Outra indagação feita durante a interlocução é se a vida já havia voltado ao normal, Renato me responde que não. “É, por exemplo no segundo ano, a professora falou que quando a gente chegasse no quarto, desde o início ia ter um monte, um monte de excursões, só que não teve. Eu fui perguntar esses dias pra minha professora e ela falou que é porque ainda não tudo ok” (9 anos). A narrativa dele demonstra a frustração de suas expectativas, já que algo lhe foi prometido, mas a promessa não pode ser cumprida em função do contexto. Outra criança, entrevistada em junho de 2022, também me responde que a vida, para ela, ainda não tinha voltado ao normal. Ao perguntar o motivo, ela me explica que é “Porque ainda tem muito coronavírus” e acrescenta “Eu acho que ele nunca vai sair” (Júlia, 7 anos).

Contudo, além de partilhar sobre os descontentamentos, as crianças contam as estratégias para facilitar a travessia desse momento.

É, eu não tô gostando muito não. Teve uma época que era só ficar em casa, eu não tava gostando tanto, que não tinha muito o que fazer. Mas aí depois fui me acostumando. Tanto que teve uma época que eu não tava gostando, não tinha nada pra fazer, não tinha nem meus porquinhos da Índia ainda, aí a escola mandou um experimento de plantar uma arvorezinha de feijão, eu plantei uma, ela ficou bem

²⁰ Entrevistado em março de 2022.

²¹ Em abril de 2022 um decreto estadual, publicado no Diário Oficial do Estado, tornou facultativo o uso de máscaras em lugares abertos na Paraíba.

grande, aí todo dia eu ia lá, cuidava dela, era o que eu fazia o dia todo, mas quando ela dava feijão eu guardava porque eu não como, aí ninguém nunca fez feijão dela, só que eu cuidava dela bastante, eu fiz acho que umas 3, 4, 5 (Renato, 9 anos).

O menino fala da dificuldade que enfrentou no início, mas também da adaptação e dos meios buscados pela escola de promover experimentos com as crianças e que, para ele, foi algo que funcionou, algo novo que ocupou seu tempo e lhe trouxe boas surpresas. Renato, um menino morador de área urbana, parece ter passado por sua primeira experiência de cultivar uma planta, acompanhando seu crescimento desde a semente até a colheita do feijão.

Algo apontado por Renato e que chamou bastante atenção foi esta afirmação “Ninguém respeita o distanciamento social entre as crianças, ninguém” (9 anos). Princesa também partilha sua experiência sobre o não distanciamento infantil falando que “Lá na escola eu sempre trago álcool, máscara reserva, então distanciamento é difícil, quando vem muita pessoa, não dá pra fazer né? Das cadeiras, não dá. Já é difícil. Distanciamento não dá muito não (8 anos)”. A menina expõe que faz o que é possível, usa álcool, usa máscara – além de levar uma reserva, para trocar ao longo do tempo que está na escola – mas distanciamento mesmo, quando a sala está cheia, não dá.

Enquanto me falava do não distanciamento, pergunto a Renato se ele encontrava os amigos na época que ninguém estava saindo de casa e ele responde que “Encontrava, ia pro pátio com eles, eu não ia na casa deles, mas a gente combinava de ir pro pátio”. Pelo visto, as próprias crianças também elaboraram suas táticas para driblar o enclausuramento e a monotonia caseira da pandemia, “A gente conseguiu achar a brecha de ir pro pátio” (Renato, 9 anos). Outra criança que parece ter lidado de maneira mais tranquila foi Sofia: “É porque papai, a gente tinha um brinquedinho que a gente jogava as bolinhas de gude e a gente pegava, brincava de um monte de coisas no corredor (6 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”).

Não obstante, nem todos/as puderam desfrutar de estratégias ou opções como essas. Júlia, por exemplo, esclarece que no prédio dela “Não tinha nenhuma criança pelo que eu conheço, só conheço uma pessoa que chama tia Telma que tem um cachorro, mas eu só vou lá pra estudar piano” (7 anos).

Para encerrar a discussão sobre sindemia e seguir com a contextualização política, apresento uma tabela contendo informações a respeito do que as crianças sentiram mais falta/saudade durante o que ficou conhecido como quarentena.

Quadro 1. Crianças na sindemia

Nome (idade no período da entrevista)	Saudade
Akira (10)	“da minha antiga escola”

Ana Clara (7)	“amigos”
Davi (8)	“minha vó”
Eric (6)	“robozinhos”
Flantechai (8)	“dos meus amigos”
Gabriel (8)	“de ir pra escola”
Júlia (7)	“que não podia ir, sair com a minha família”
Maria (4)	“eu fico com saudade da escola [...] ir na sorveteria”
Mike (9)	“de ir pra União”
Princesa (8)	“dos meus amigos”
Rafael (10)	Não perguntei
Renato (9)	“ir pra casa do meu amigo”
Sofia (6)	Não perguntei

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Das 13 crianças, duas não responderam porque no calor da conversa não lembrei de perguntar sobre isso. Entre as 11 restantes, três responderam que sentiam saudade da escola, duas – sendo uma que já tinha falado da escola – responderam que sentiam falta de sair (com a família/ir na sorveteria), uma deu uma resposta mais específica, mencionando brinquedos, uma declarou que sentia falta da avó – que tinha falecido –, um menino citou a União e o maior número – quatro – apontaram para a saudade que sentiram dos amigos.

A falta da escola e dos amigos foi o que mais pesou para as crianças. A menção à escola pode estar relacionada à aprendizagem e à rotina, mas acredito que pese mais em função da ausência de contato com os pares, amigos, da convivência social. As amizades têm esfera especial na vida das crianças – isso será discutido ao longo do texto – e foi nesse sentido que Mike revelou que sua maior saudade era da União: “Saudade... a saudade, a saudade mesmo é de ir pra União. Porque quase ninguém, porque assim, quando não tinha coronavírus quase todo mundo ia, mas com coronavírus, com coronavírus, agora quase ninguém vai”. Então, Mike afirmou sentir saudades da União, mas a saudade mesmo era das pessoas, creio que especialmente dos amigos. No momento em que conversei com Mike, em maio de 2021, o governo havia liberado o retorno das atividades religiosas, mas com um número restrito de pessoas. Apenas era permitida a presença de 30% a 50% dos/as sócios/as.

Na imagem, uma criança que foi ao núcleo pela primeira vez após o período sindêmico demonstra sua alegria em estar ali desenhando no chão o símbolo da União. Seu pai, sabendo da pesquisa e do meu interesse, encaminhou-me a fotografia e um áudio dizendo “ele falou Ivana que esse desenho é uma homenagem para a União e, porque ele tava com muita saudade e tava feliz de ter voltado entendeu?” (Jonas, 2023)²².

²² Áudio enviado por rede social em 21/2/2021.

Figura 1. Criança no Pátio central



Fonte²³: Colaborador, integrante da família, 2021.

Embora apenas uma criança tenha manifestado nos diálogos a saudade que sentia da União, é válido destacar que boa parte dos/as colaboradores/as principais disse que o que mais sentia falta na pandemia era dos amigos. Parece razoável chamar a atenção para esse dado pois, ao longo do texto, a amizade se apresenta enquanto um fator relevante na representação religiosa infantil.

A sindemia não foi o único acontecimento que atravessou a sociedade brasileira nesse meio tempo. Também marcou fortemente a conjuntura desta produção o cenário político desafiador com a eleição de Jair Messias Bolsonaro como Presidente da República em 2018, cujo governo, caracterizado como de ultradireita, tomou decisões que atingiram a população brasileira em geral e os/as cientistas e pesquisadores/as em particular. Mas este não é um fenômeno isolado, a eleição de um governante de ultradireita no Brasil foi acompanhando um movimento que aconteceu em outras partes do mundo, como na Europa, por exemplo, onde tem se notado a presença de atores de ultradireita, em eleições recentes. Alguns exemplos além do Brasil são Alemanha, Espanha e Holanda²⁴.

Em território brasileiro, o Presidente demonstrou inúmeros comportamentos antidemocráticos, como o apoio a ditaduras militares, tolerância ou encorajamento à violência, ataque à ciência com corte de verbas e intervenção em Universidades Públicas através da nomeação de reitores que não alcançaram a maior parte dos votos em consulta pública, entre

²³ Criança sentada diante de desenho feito por ela no chão do pátio. Fotografia disponibilizada por rede social em 21/2/2021.

²⁴ Ver Castro, 2020.

outros. A Universidade Federal da Paraíba, instituição à qual esta pesquisa está vinculada, entrou na lista das instituições superiores federais que sofreram intervenção do governo. No penúltimo mês de 2020, a comunidade acadêmica da UFPB foi obrigada a atender o Decreto de 4 de novembro de 2020, em que o Presidente da República nomeia o professor Valdiney Veloso Gouveia, que se encontrava em terceiro lugar na lista tríplice, para assumir a reitoria – ele continua como reitor da universidade.

Eis o panorama em que esse estudo se desenvolveu, em condições nada fáceis. Meu desejo é que as pesquisadoras e pesquisadores que virão encontrem uma conjuntura mais favorável na condução de seus processos investigativos. No decorrer do texto veremos a significância da produção acadêmica no contexto social e até na elaboração de políticas públicas – no sentido de salvaguardar o uso religioso do chá. A partir dessa contribuição, o trabalho se apresenta – politicamente – como um elemento agregador de valor no que se refere a defesa do que está posto na Constituição Brasileira em relação aos direitos culturais/religiosos das crianças, já que a conquista desses direitos por parte dos/as frequentadores/as adultos das religiões ayahuasqueiras, como será possível averiguar, parece já estar garantido, enquanto o direito das crianças ainda é questionado. O estudo colabora para a grande área das Ciências Sociais ao articular infância/s e religião.

Maneiras “maneiras”²⁵ – da sistematização

A etnografia se mostrou como uma boa opção para, entre outras coisas, tentar captar a vivência experienciada com a “burracheira”. Tal vivência buscando ao máximo ser investigada pelo olhar das crianças, já que ainda vivemos em uma sociedade em que não se dá credibilidade ao que meninos e meninas têm a dizer. No entanto, falar de uma experiência como a burracheira não é uma tarefa fácil. Os “nativos” adultos, com maior experiência, costumam relatar o que sentem como algo indizível, por não encontrarem palavras para descrever o que acontece quando estão sob o efeito do chá. Neste sentido, as crianças podem auxiliar na compreensão do que se sente durante o ritual. Traduzir as sensações certamente não é algo tão simples, por isso, a estratégia é transcrever, da maneira mais fidedigna possível, conforme os/as colaboradores/as narram as sensações.

A etnografia com crianças tem a contribuir porque, como dizem Abramowicz e Rodrigues (2014), as condições são favoráveis para elas no sentido de estarem mais propensas

²⁵ É uma expressão êmica que significa leveza.

aos processos criativos. As autoras lembram o quanto nós, adultos, trabalhamos e produzimos incessantemente sem que ninguém nos force ou obrigue, nos deixando “colonizar pelo capital, pelo poder”, vivendo sem tempo para a criação. Contudo, elas também preconizam a imprescindibilidade dos processos criativos para o fazer pesquisa, para investigar aquilo que não sabemos, o desconhecido, do qual fazem parte a incompletude, a indeterminação. Crianças são experientes na arte de criar, imaginar, nos auxiliando a enxergar e extrair outras possibilidades de ver o mundo e a vida.

A proposta dessa tese foi construí-la com a parceria entre pesquisadora e “nativos/as” dentro do que existisse de mais próximo de uma construção em cooperação, em que houvesse um cuidado com o que foi dito pelos/as colaboradores/as, no esforço contínuo de evitar apagamentos. Sabe-se que alcançar totalmente este propósito não é possível, em virtude das relações de poder fundantes e já tão criticadas nas Ciências Sociais (Clifford, 2002; Debert, 2003). Existe um tipo de hierarquia entre pesquisador e “nativo”, entre a criança colaboradora e a pesquisadora adulta (Silva, 2016) que não pode ser ignorada. Entretanto, firmei o compromisso de estar atenta ao máximo, para evitar maiores desequilíbrios na balança dessas relações e, sempre que houve possibilidade, busquei a reversão desse processo.

Contando com a força aliada das crianças, busquei fazer o que Walsh Netto (2017) chamou de “abordagem holística”, imergindo no campo por um longo período. A maior parte da pesquisa de campo foi realizada em um núcleo específico, o Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel – NCSG. Entretanto, uma parte do trabalho foi realizada no Núcleo Campina Grande, local de idealização e reformulação deste projeto, onde os primeiros passos foram dados, os primeiros contatos foram feitos e as primeiras observações começaram a acontecer. Mas é em João Pessoa que o estudo de fato se materializa, é aqui que participo de trabalhos de beneficência, mutirões²⁶ e convivência lúdica com crianças e sócios/as da UDV.

Em sintonia com este parâmetro, a presente investigação busca entender como é o uso do vegetal pelas crianças que frequentam um dos núcleos da União do Vegetal, o Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, localizado em Santa Rita, município da Região Metropolitana de João Pessoa. Os núcleos da UDV são os espaços onde acontecem os rituais religiosos e contém as estruturas necessárias ao desenvolvimento do plantio do Mariri e da Chacrona, e do preparo do Vegetal.

²⁶ Mutirão é um termo êmico usado para nomear as atividades de trabalho braçal voluntárias realizadas no núcleo, mobilizando a irmandade para executar serviços diversos (limpeza, organização, plantio, poda de árvores e todo e qualquer serviço necessário para o bom funcionamento do espaço) que beneficiam toda a comunidade religiosa e que geralmente acontecem uma vez por mês, durante todo o dia de sábado da primeira ou da segunda escala.

Mas do que se trata essa religião? E que vegetal é esse? Por que ele é importante? O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal é uma religião cristã e reencarnacionista²⁷ que usa em seu ritual o Chá Hoasca (conhecido também como *ayahuasca* e que recebe outras denominações como *Yagé*, *Caapi*, *Kamarampi*, *Natema*, *Pinde*, *Santo Daime*, *Hoasca* e *Vegetal*²⁸), preparado a partir de duas plantas amazônicas, o cipó Mariri (*Banisteriopsis caapi*), e as folhas da Chacrona (*Psicotria viridis*). No Centro Espírita Beneficente, o Chá é também chamado de Vegetal e seus discípulos o bebem, durante as sessões, para concentração mental²⁹.

Esta investigação propõe interconexões entre religião e infância, utilizando esses marcadores sociais – embora outros apareçam – na busca de compreender como acontecem, na contemporaneidade, as vivências dentro de um determinado espaço religioso em que se utiliza um chá psicoativo, buscando abordar o entendimento das crianças diante desse cenário, já que elas também bebem o chá e participam do ritual.

A escolha em classificar a substância como um psicoativo vem da predominância desse termo na literatura acadêmica recente, por ser uma expressão mais imparcial em contraposição a alucinógeno – classificação anterior predominante – que caracterizaria a experiência como uma alucinação, dando uma interpretação pejorativa.

O título do trabalho “Dentro da barriga da minha mãe eu bebia vegetal”: a vivência das crianças no mundo de Hoasca, faz referência direta ao universo “hoasqueiro” – termo êmico que significa aquele/a que bebe o chá Hoasca – e à participação do público infantil nele. Esse universo hoasqueiro compreende a vivência e a prática coletiva de pessoas que buscam se irmanar através da espiritualidade. É o universo da “cultura caianinha” – termo êmico –, um modo de ver a vida, o mundo, conceitos e práticas éticas, linguísticas e espirituais. Caiano, na cosmovisão religiosa, é considerado o criador da União do Vegetal, assim todo/a aquele/a que o segue é chamado/a de caianinho/a.

Mas, como já mencionado, existem outras religiões que fazem uso do chá. As principais, consideradas “tradicionais”³⁰ são: Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha. Mesmo recebendo essa alcunha de tradicionais, todas elas são consideradas recentes, por serem do século XX. Beatriz Caiuby Labate, junto a Isabel Santana de Rose e a Rafael Guimarães dos Santos (2008), publicaram um livro chamado “Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico”, no qual fazem um apanhado histórico de toda a produção acadêmica feita a

²⁷ Crença na existência da reencarnação.

²⁸ Ver Antunes (2019).

²⁹ Ver (Quem [...], 2019).

³⁰ Uso do termo tradicional indicando seu pioneirismo.

respeito do tema, até então, e onde é possível encontrar informações mais detalhadas a respeito do Santo Daime, UDV e Barquinha e outras referências.

Cada uma dessas religiões tem sua maneira de nomear o chá. No Santo Daime, por exemplo, ele é chamado apenas de "daime", nome dado pelo Mestre Irineu, fundador do Alto Santo, que é para alguns também o fundador do Santo Daime³¹. Na Barquinha é adotado o mesmo nome, “daime”, uma vez que o Mestre Daniel – fundador da religião – iniciou-se com Mestre Irineu e recebeu sua autorização para dar início ao seu próprio trabalho espiritual com o chá. Na União do Vegetal, como citado há pouco, o chá é chamado de “hoasca” ou "vegetal", sendo este o motivo dos/as adeptos/as nomearem a si mesmos de hoasqueiras/os.

Frequento o CEBUDV desde maio de 2011 e me associei em dezembro deste mesmo ano. Sou, portanto, sócia e nativa. Relevante se faz ressaltar as implicações metodológicas desfavoráveis e favoráveis envolvidas nesse aspecto que certamente exigem atenção e cuidado redobrado. Compreendo que não é obrigatório expor filiação religiosa, contudo tenho percebido um número crescente de pesquisadores assumindo seu pertencimento e acredito que essa é uma escolha pertinente, já que a pesquisa é uma vivência (inter)pessoal.

Refletindo a respeito da declaração do pertencimento religioso, Carneiro (2018) discute o contexto da modernidade enquanto promotora de uma vida social apartada em esferas, como dizia Weber. Este autor demonstra um processo de racionalização presente em todos os setores, indo além, ao agravamento das fronteiras entre as esferas de valor. Essa separação das esferas em categorias, como ciência e religião por exemplo, é uma tentativa da modernidade, uma tentativa bem-sucedida. Em sociedades que se propõem uma modernidade mais radical, o distanciamento entre os universos religioso e científico é regra básica.

Admitir então uma dupla pertença, religiosa e acadêmica, como diz Carneiro (2018) pode, infelizmente, gerar uma associação entre proselitismo e trabalho acadêmico. Por esse motivo, a experiência do *insider* não é bem acolhida sempre. Então, assumir essa dupla pertença exige um cuidado no sentido de cumprir com mais afinco o que se espera de uma prática científica compromissada com o que está sendo estudado, mas traz benefícios como estar acostumado com os símbolos ali presentes e com as linguagens do campo. Me coloco, então, nesse lugar de pesquisadora-religiosa, como investigadora e sócia da UDV.

³¹ O Alto Santo, iniciado pelo Mestre Irineu, foi frequentado por alguns discípulos que receberam autorização para distribuir o chá para outras pessoas. Neste trabalho alguns criaram religiões autônomas, como a Barquinha (do Mestre Daniel) e o que hoje é chamado de Santo Daime (iniciado pelo Padrinho Sebastião e que deu origem ao CEFLURIS – Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra). Existem versões de quem recebeu ou não autorização para iniciar um novo trabalho, contudo não farei estes apontamentos.

A noção de sociedade religiosa traz a ideia de pertencimento, todos os associados do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal são considerados “donos” dele – daí o/a adepto/a ser chamado/a de sócio/a. Um exemplo ou demonstração dessa associação é que todas as atividades de limpeza, alimentação, obras, entre outras coisas, são executadas e financiadas pelos próprios membros do centro. Ao longo do texto é possível averiguar a presença desse caráter agregador, bem característico da sociedade, tanto que é também chamada de irmandade e o nome, União, reforça esse atributo.

O chá tem papel central na prática religiosa e é utilizado na UDV como um instrumento de concentração mental, através do qual a doutrina³² transmitida pelo Mestre Gabriel, responsável pela origem da religião, chega aos discípulos. Na UDV o chá só deve ser usado dentro do ritual religioso, com orientação de um Mestre – nomenclatura dada às pessoas que ocupam o lugar mais elevado na hierarquia religiosa –, para estabelecer o contato com o sagrado. A doutrina são os conhecimentos, transmitidos de forma oral nos encontros rituais, nas sessões.

Esses rituais em que se faz a comunhão do chá são realizados duas vezes por mês, acontecendo no primeiro e no terceiro sábados, e são nomeadas como “sessões de escala”. Existem também “sessões de escala anual”, como a que é realizada, por exemplo, na data de aniversário de Mestre Gabriel, dia 10 de fevereiro, além das sessões festivas realizadas em aniversários de núcleos. Há, ainda, as sessões instrutivas que são fechadas aos adeptos mais experientes e com um envolvimento na religião mais prolongado. Elas acontecem em média a cada dois meses e geralmente aos domingos.

Esta especificidade ritualística a diferencia das outras religiões ayahuasqueiras em seu aspecto formal. Além disso, quanto ao aspecto de conteúdo podem ser encontradas mais especificidades. Por outro lado, observa-se uma aproximação com religiões brasileiras, sejam elas cristãs, afro-brasileiras, indígenas e/ou espiritismo kardecista (Goulart, 2004; Antunes, 2019).

O estudo será realizado, portanto, com crianças da União do Vegetal, através da perspectiva de um determinado lugar no mundo – Sul Global –, local este que envolve não apenas aspectos geográficos, mas políticos, culturais e sociais. Através desta lente epistemológica, investigo como ocorrem as experiências entre as crianças que frequentam a UDV e o chá Hoasca e como é vivenciar a/s infância/s neste espaço religioso.

³² Termo êmico melhor explicitado na subseção 3.6.

De uma maneira geral, o campo apresenta-se como um lugar onde os contatos das crianças com o meio social – de maneira mais livre – começam a se expandir, além da família e da escola. Já presenciei alguns relatos nesse sentido, o contato próximo entre meninas e meninos gera, em muitos casos, amizades duradouras que se estendem até a fase adulta. Alguns jovens que frequentam o centro relatam relacionamentos com essas características. Por esta razão, considero que é um espaço de importante convivência, socialização e aprendizado para as crianças que o frequentam.

As crianças demonstram gostar muito do espaço, onde brincam e têm contato com a natureza, pois os núcleos geralmente estão localizados em sítios afastados da cidade. O Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel está localizado no Sítio Luís Teimoso, s/n – CEP 58300-010 – Bairro/distrito Mumbaba, Santa Rita-PB, a 40 km de João Pessoa. A instituição investe no plantio de Mariri e Chacrona e tem uma preocupação com a preservação da área verde local e do meio ambiente de forma mais ampla.

Meninas e meninos chegam até o núcleo através de um direcionamento dos pais, acompanhando-os. São inseridas pelos adultos naquele espaço. Atualmente, frequentam o local um número aproximado de 22 crianças, entre eles oito bebês³³ – há uma inconstância numérica porque há um fluxo contínuo de chegada de novos sócios ou visitantes, frequentemente acompanhados por seus filhos. Foi observado o grupo infantil com faixa etária entre quatro e 11 anos (categoria nativa que caracteriza criança, que a partir dos 12 anos já passa a fazer parte do grupo de jovens da UDV), totalizando 13 crianças, sete meninas e seis meninos.

A escolha da abordagem temática foi consequência direta da construção de conhecimento ao longo da trajetória acadêmica, somada a circunstâncias do campo. Estudos acerca das religiões afro-brasileiras (religião, gênero, papéis sociais de liderança etc.), na dissertação, de alguma maneira dialogam com esta pesquisa. Ainda que este estudo seja realizado em outra religião, existem pontos de convergência entre uma e outra. Na dissertação “Mulheres Iabás: liderança, sexualidade e transgressão no candomblé” apresento a presença e autoridade de mulheres nas religiões afro-brasileiras, desde mães e filhas de santo a deidades femininas e aqui acontece a primeira convergência. A UDV surge, de acordo com a história de sua origem, a partir do aparecimento de Hoasca, a “mulher misteriosa”, então é possível afirmar que a religião perdura em função da existência dessa mulher, colocando-a em lugar de destaque. Outro fator de confluência entre as religiões são alguns “seres espirituais” que a União do

³³ No universo de 14 crianças com idade entre 4 e 11 anos no início da pesquisa de campo, apenas uma não foi entrevistada porque frequentava o espaço com pouca assiduidade.

Vegetal e as religiões afro-brasileiras têm em comum como Janaína e Iansã. Sendo assim, a atual pesquisa ampliará o conhecimento já construído até aqui a respeito do universo religioso, já que existem aproximações entre as duas religiões.

Ponderou-se que a ideia inicial era articular religião, relações raciais e infância, justamente para dar um seguimento na presença deste tema ao longo da trajetória acadêmica. Entretanto, acredito que o perfil racial do espaço influenciou na dificuldade de perceber a presença do debate no campo, pois a maior parte dos/as sócios/as do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel é branca, incluindo as crianças. Este dado é limitado por olhar apenas para o fenótipo, contudo esta é uma observação que de alguma maneira reflete o nível socioeconômico dos/as frequentadores/as, o que se soma ao fato de todas as crianças entrevistadas, estudarem em escolas particulares – outros dados foram levantados na tentativa de mostrar esse perfil, o que será discutido no Capítulo 4.

A hipótese levantada é que essa característica da predominância de pessoas brancas entre os frequentadores, não favoreceu o surgimento espontâneo da temática, apenas quando era dado algum incentivo ou quando surgia uma proposta de reflexão sobre o assunto que, ainda assim, não se desenvolvia. Esse apagamento do debate racial no campo aponta a predominância de uma lógica da branquitude nesse espaço, já que a estruturação racista coloca pessoas brancas em posição supostamente universal, dando a entender que todos ali pertencem ao mesmo grupo racial – branco – e “dispensando” a necessidade de conversar sobre o assunto. Soma-se a isso a resistência institucional à abertura do debate racial e o campo parece se fechar, dificultando demasiadamente a continuidade de uma análise com as relações raciais em primeiro plano. Explicitamente, esta informação já é um dado, entretanto, em conversa com a orientadora, constatamos que seria realmente difícil construir uma tese “apenas” de silêncios.

Enquanto socióloga negra e de classe média/baixa – vinda de classe baixa –, os meus interesses e visão de mundo certamente se refletem na escolha dos temas sobre os quais me debruço. Meus marcadores se espelham em minhas decisões e percebo, no espaço onde exerço minha religiosidade, um número reduzido de pessoas como eu e, assim como em outros lugares, me pergunto o motivo dessas ausências. Somando-se às causas já assinaladas, minha hipótese é que uma mulher negra querendo estudar relações raciais pode ter soado, de alguma forma, ameaçador. Em uma postura de defesa, a instituição optou por manter essa porta fechada.

Evocando aspectos éticos³⁴ nesse sentido, inevitável faz-se incluir na apreciação a

³⁴ Esta pesquisa busca respeitar a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a ética de produções científicas (Oliveira, 2010) e as orientações da Comissão de Pesquisa da UDV.

problemática em torno da visão social do chá, o imaginário da sociedade em relação ao uso do mesmo e ainda mais o uso por crianças. Persiste um tabu em relação à representação coletiva acerca de crianças vinculadas a rituais religiosos. Este ponto é crucial porque existe todo um cuidado, por parte da instituição religiosa no sentido de preservar a sua imagem em função das inúmeras polêmicas divulgadas pelos meios de comunicação abarcando o uso da bebida. Isso fez com que a instituição se fechasse ainda mais para pesquisas, deixando a sensação de que a presença do/a pesquisador/a, mesmo *insider*³⁵, pudesse ser considerada, de alguma maneira, desconfortável. Por questões como essa foi criada a Comissão Científica da UDV – UDV-Ciência –, que acompanha todos os estudos e pesquisas científicas a respeito da União do Vegetal e do vegetal.

Por ser uma religião relativamente nova (62 anos), ainda são considerados poucos os estudos a respeito do CEBUDV, sobretudo os que tenham como foco o universo infantil e a instituição – não localizei nenhuma pesquisa no Brasil com essa temática. O resultado é, portanto, de fundamental importância para entender como se dão as interações entre crianças nesse ambiente religioso.

Assim, contando com a imprescindível colaboração dos/as pequenos/as, construí esta tese. Apresento, então, como se seguirão os próximos capítulos. Nesta introdução, compartilho meu encontro pessoal com o chá, ponto de partida para todo o devir dessa investigação. Apresento-me enquanto pesquisadora religiosa e faço uma narrativa dos rudimentos de atitudes e ideias para o que viria a ser o estudo. Revelo os percalços e frustrações do momento inicial até chegar ao tema, depois conto minha trajetória acadêmica. Aponto objetivo, justificativas e contextualizo sobre a situação sanitária/política e seu reflexo nesse processo. Exponho, sucintamente, aspectos metodológicos centrais como a escolha da etnografia, o potencial criativo das crianças e seu auxílio na construção da tese, a ciência de que há uma hierarquia entre adultos e crianças e a intenção de minimizá-la; discorro rapidamente sobre as religiões ayahuasqueiras, o campo e sua localização; explico os rituais e ressalto o tabu relacionado a crianças e rituais religiosos. A tese compõe-se de três capítulos, cujas disposições discorrem aspectos seguintes:

No primeiro capítulo, aborda-se a metodologia e o campo e, com a definição da abordagem adotada, as linhas teóricas que fundamentam a reflexão e alguns aspectos metodológicos. A decisão por adotar esse caminho teve uma razão de ser. Inicialmente, o sentimento de despreparo e inexperiência para trabalhar com o tema da infância, já que, até o

³⁵ Pode ser traduzida como “pessoa de dentro”/“pessoa com informação privilegiada”.

momento, ainda não tinha discutido essa temática em toda a trajetória acadêmica. O segundo aspecto, na escolha de iniciar a tese realizando reflexões teóricas e metodológicas, foi o contexto da sindemia, que deixou os/as investigadores/as perdidos, sem saber como dar continuidade aos seus estudos e investindo em leitura e pesquisa de métodos possíveis em virtude do fenômeno social que assolava as nossas vidas e percursos acadêmicos. Aspectos que constituíram os principais motivos pela “antecipação” deste capítulo.

Nesse capítulo, são demonstradas as inspirações no “pacto etnográfico” firmado entre Davi Kopenawa e Bruce Albert (2010), pessoas de mundos e interesses distintos e, ao mesmo tempo, convergentes. Discuto ainda sobre o protagonismo dos “nativos”, que cada vez mais se colocam à frente das investigações ou fazem articulações com pesquisadores/as, tendo voz ativa. Descrevo a UDV, seu objetivo, origem e continuidade, tipos de sessão e o que acontece no ritual. Caracterizo-a como uma religião de “segredos e mistérios” – termo êmico –, menciono ressalvas da instituição e diálogo com questões éticas levantadas por José Jorge de Carvalho ao se deparar, em seus estudos, com a lógica do segredo e seu dilema diante da propagação desses saberes. Exponho sobre as técnicas principais: entrevista semiestruturada, observação participante e uso de desenhos. Explico sobre o Termo de Assentimento e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, na sequência, compartilho o impacto da pandemia no estudo e a experiência das entrevistas remotas, assim como as dificuldades para intercalar as funções de pesquisadora/sócia e os problemas na conquista de confiança. Finalizo o capítulo apresentando o estado da arte produzido com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes dos anos de 2018, 2019 e 2020.

O segundo capítulo trata da instituição religiosa escolhida e faço uma arguição em relação a esta ser ou não considerada uma religião. Explano sobre o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, seu contexto, origem, estrutura organizacional e depois falo do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, que consiste em um dos núcleos do CEBUDV, local onde a investigação acontece. A seguir, informo a respeito da sessão, da doutrina, do chá, do preparo, da burracheira e, na finalização do capítulo, discuto sobre a visão, ainda predominante, do chá Hoasca como uma droga, realizando um debate histórico que relaciona “drogas” e saúde pública e apresentando o processo de regulamentação do uso religioso do chá e as diferentes maneiras pelas quais a substância foi vista pela sociedade, dependendo do contexto histórico-social do momento.

No terceiro capítulo, trago a ideia de concepção de infância apresentada por Cohn (2014) e, posteriormente, a concepção de infância/s na UDV. Destaco que as crianças estão

presentes desde o começo, desde o primeiro preparo de vegetal de Mestre Gabriel mas, ao que parece, essa presença e participação foram ficando mais restritas com o passar do tempo, ainda que elas continuem presentes na rotina dos núcleos. Descrevo o comportamento e as relações das crianças com seus pares e com adultos, observo sua ligação com a religiosidade, como se dá seu comparecimento nos rituais e apresento a Orientação Espiritual com Crianças e Jovens, equipe que dedica atenção a essa parte dos/as frequentadores/as. É uma iniciativa destinada aos filhos e filhas dos/as sócios/as do Centro.

No quarto capítulo, a atenção é voltada inteiramente para os/as pequenos/as caianinhos, as entrevistas, os dados coletados, a vivência no campo e a experiências delas com o chá. Apresento o contexto das crianças no espaço religioso, minha aproximação com elas, a convivência delas entre pares – incluindo as festas infantis que acontecem no núcleo –, analiso dados das entrevistas e levanto um perfil socioeconômico – com os dados fornecidos pelos/as colaboradores/as principais.

Nas seções abertas neste capítulo, dialogo sobre os lugares da criança e suas vivências em tópicos que discorrem sobre elas no espaço ritual e fora dele, nomeadas “A criança dentro do salão” e “A criança fora do salão: brincando ao ar livre”. O primeiro trata de questões normativas do uso do chá por menores de idade, o tratamento dado às crianças durante os rituais, as adaptações para atender suas necessidades, o direito em relação à liberdade de crença – garantido por lei – e o tipo de orientação que a UDV pretende passar para os meninos e meninas que frequentam o espaço.

No segundo tópico identifico como se dá o brincar e verifico que os principais elementos apontados são a brincadeira em pares, geralmente sem interferências ou interrupções dos adultos – sendo acionados apenas em momentos pontuais. Esta seção é subdividida em mais um tópico: “O espaço de brincar coordenado pela OE”. Nele são apresentadas seis atividades acompanhadas em campo: Advento (2021 e 2022); 10 de fevereiro, aniversário do Mestre Gabriel (2022 e 2023); virtudes do Mestre Gabriel (construção da casinha de argila); União: confiança e amizade (crianças em pares de olhos vendados); dia do pão; Dia das Mães.

A penúltima seção argumenta sobre “Criança e natureza”, arrazoando sobre a proximidade do mundo natural como um direito humano e a relevância da natureza na representação religiosa infantil. Pondero que a UDV depende da natureza assim como a própria humanidade e a instituição religiosa enxerga homem e natureza enquanto unidade, não enquanto coisas separadas. As palavras das crianças são analisadas e levam ao entendimento de que elas fazem uma ligação entre a União do Vegetal e a Natureza – UDV-criança-natureza. E

na derradeira seção, “Hoasqueiros/as aprendizes?”, busco compreender qual é a visão da religiosidade das crianças com perguntas como “você tem religião?”, “o que é a União para você?”, “você gosta de ir para a União?”, “o que é o chá?”, “o que sente quando bebe o chá?”, “o que é uma sessão?”. Com base no que é dito por elas, vou compreendendo sua percepção e vivência em relação à sua religiosidade.

Minha pesquisa atrela infância e religião – União do Vegetal – tendo como fio condutor a socialização religiosa.

CAPÍTULO I

ILUMINANDO O CAMINHO – METODOLOGIA E CAMPO

O que significa a luz?
(menina visitante, 9 anos)

Histórias e pesquisas são construídas junto aos/aos colaboradores/as em cocriação, por isso a criança que pergunta qual o significado da luz, nos direciona, como que com uma pequena lamparina, guiando para começar o itinerário da leitura dessa tese. Deixando que essa menina pegue em sua mão – enquanto segura com a outra o candeeiro e ilumina a rota –, eu o/a convido a seguir por essa mesma estrada que foi por mim percorrida, de mãos dadas com ela e com outras crianças, apresentando os espinhos e flores pelos quais passamos para que, agora, seja possível rumar por essas linhas.

Com essa intenção – de que as perguntas dos meninos e meninas nos guiem ao longo do trajeto textual –, coloquei nas epígrafes de cada capítulo uma pergunta feita por um/a colaborador/a, dentro do ritual religioso. Como um dos aspectos centrais da tese é compreender se há uma percepção religiosa das crianças da UDV – e se houver, como ela acontece –, trazer as perguntas que elas fizeram durante as sessões, sob o efeito do vegetal, lança luz sobre como transcorre, empiricamente, a vivência delas no espaço religioso.

Dito isso, sigo apresentando o que será discutido neste capítulo, a começar pela inspiração no “pacto etnográfico” de Kopenawa e Albert (2010), um indígena Yanomami e um antropólogo francês, que se juntaram para publicar um livro, fruto dessa parceria. O “pacto” suscita possibilidades de cooperação entre pesquisadora e colaboradores/as. Reflete-se sobre o protagonismo e voz ativa dos “nativos”, sobre o campo – UDV: objetivo, origem, sessões, ritual – e o fato de esta ser uma religião de segredos, o que traz implicações éticas³⁶. São apresentadas as principais técnicas utilizadas, trago as dificuldades de lidar com o fato de ter uma dupla pertença, acadêmica e religiosa, além de tratar também as consequências da pandemia.

Trazendo as religiões em geral para o centro da conversa, vem acontecendo um fenômeno que creio surpreendente, a eclosão de discursos, práticas e instituições religiosas em locais onde, supostamente, não deveriam estar, como saúde, política, Mídias, escolas, entre outros, o que chama a atenção de teóricos e da academia para compreender esse novo panorama (Antunes, 2019). Presencia-se, nos derradeiros anos, uma enorme contradição à noção secularista de que as religiões perderiam relevância, o que vem acontecendo é exatamente o

³⁶ Resolução 510/2016, artigo 3º, III e VIII. Artigo 9º, V.

oposto.

Os vieses escolhidos na busca de alcançar a compreensão desse cenário são diversificados. Aqui opto por abranger o conteúdo pela concepção infantil, investigando a respeito de uma nova religião brasileira, que nasceu em 1961 e que faz uso de uma substância psicoativa em seus rituais, autorizando o uso pelas crianças.

O debate coloca alguns pontos importantes para o presente estudo, que pretende entender o lugar das crianças – entre quatro e 11 anos, somando um total de 13 meninas e meninos – na União do Vegetal, tendo por base o processo de socialização religiosa. Para alcançar o que é proposto, foi observado principalmente como a criança se coloca na comunidade religiosa, nos rituais e o que significa para elas estar na UDV.

O objetivo deste capítulo é apresentar a metodologia, as técnicas usadas, o lugar de onde falo enquanto pesquisadora, as escolhas em relação à parceria com a instituição religiosa, enquanto colaboradora, e de implicações éticas. Incluo ainda uma apresentação prefacial da UDV e os primeiros passos da pesquisa. É sobre isso que converso neste capítulo, a começar pelo lugar de dupla pertença que ocupo e dos dilemas éticos nele inseridos.

1.1 Socióloga hoasqueira: dilemas éticos

Uma das ideias mais perseguidas ao longo deste trabalho é a manutenção constante de uma interlocução entre os/as “nativo/as” e a pesquisadora em diálogos de cooperação e aliança. Como inspiração, busco a parceria com os ensinamentos de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2010), que resultou na publicação da obra denominada “A queda do Céu” (2015). Esta obra narra os processos pelos quais um antropólogo francês entra em contato com os Yanomamis, fica encantado com tudo o que conhece e passa a trabalhar em parceria com esse povo – de alguma maneira eles construíram uma ponte entre dois universos bem distintos.

O antropólogo – Albert – conviveu anos com esse povo originário e testemunhou as interferências causadas no cotidiano indígena em função da construção da Perimetral Norte, presenciou ainda os conflitos com garimpeiros e as intervenções causadas pela convivência com os brancos. Nesse ínterim, Albert se posicionou a favor dos Yanomamis e agiu de diversas maneiras em defesa do povo, de quem, depois de algum tempo, já se considerava próximo e amigo, uma confiança conquistada com o tempo. Assim iniciou uma amizade com Davi Kopenawa, xamã Yanomami e, junto com ele, publicou a citada obra. Faço essa breve retomada com o intento de falar do que Albert chama de “pacto etnográfico”, que me chamou atenção e pareceu profícuo e afinado ao que proponho.

De acordo com suas reflexões, o pacto foi consequência da relação construída entre esses dois homens, de mundos e inclinações distintas e, ao mesmo tempo, convergentes. O interesse de Kopenawa era aprender sobre os brancos, assim teria condições de defender seu povo e seu território. Já o de Albert era – ao menos inicialmente – o de um intelectual querendo compreender a cosmogonia dos Yanomamis, seu objetivo inicial de pesquisa. Contudo, com o passar do tempo, foi sendo construído e fortalecido um elo fraterno. O antropólogo testemunhou atrocidades cometidas contra os indígenas e passou a agir em defesa dos Yanomamis, fazendo parceria com outras pessoas e criando a Comissão Pró-Yanomami (CCPY)³⁷ com o intuito de somar na defesa dos direitos indígenas. Resumidamente, o pacto consiste em perceber os diferentes interesses das partes envolvidas e, num acordo mútuo, realizar um trabalho em conjunto respeitando os benefícios resultantes deste mesmo trabalho para cada parte envolvida. O que chama atenção é o compromisso ético que envolve esse pacto na obra de Albert e Kopenawa (2010) e a relação que se constrói a partir daí.

Quando o antropólogo consegue adquirir algum grau de confiança de seus/suas colaboradores/as, ele fez o que chamou de “pacto” em que estes/estas colaboradores/as oferecem seu saber e, em contrapartida, aceitam a socialização do pesquisador no meio, onde passa a, de alguma maneira, servir aos interesses indígenas – além dos próprios interesses científicos –, ao comunicar ao mundo o que se passa nas aldeias, transmitindo também mensagens importantes dos indígenas, como a relação conflituosa com os garimpeiros, por exemplo.

A inspiração na parceria entre um antropólogo francês e um indígena brasileiro parece distante do meu campo e, indubitavelmente, apresenta diferenciações. A realidade indígena ante garimpeiros é uma violência bem mais grave e chocante que as dificuldades enfrentadas por um grupo religioso. Entretanto, além das diferenças, existem aproximações. Ao conhecer a União fui afetada pela experiência com a religião e com o vegetal, passando, com o tempo, a me aliar ao grupo e, junto a isso, senti crescer o desejo de estudá-lo, com a ideia de aproximar esses dois universos, o religioso e o acadêmico.

O convívio se estreita e, já parte do grupo, vivencio as experiências causadas pelo julgamento externo e pelo preconceito por fazer uso ritualístico de uma substância psicoativa. Não é possível anular essa experiência tão profunda com o chá e, em consequência, é impossível não se afetar (Favret-Saada, 2005; Feijão, 2015). Tal afetação move-me então em uma vontade

³⁷ Organização não governamental brasileira sem fins lucrativos dedicada à defesa dos direitos territoriais, culturais e civis dos Yanomami.

crescente de realizar uma análise científica naquele ambiente.

A confiança para tal é conquistada com o tempo e a possibilidade de uma aliança vai aumentando, assim surge a ideia de um trabalho em cooperação e o lampejo com a leitura de Albert e Kopenawa (2010), do seu “pacto etnográfico”, que ilumina metodologicamente a reflexão sobre um possível ganho tanto para a sociedade religiosa quanto para a ciência. A UDV, se beneficiando do conhecimento produzido e da ampliação do olhar sobre as crianças que frequentam o espaço e a academia se favorecendo pela soma e acréscimo aos Estudos da/s Infância/s e da Criança e na defesa dos direitos da criança no sentido de amplificar os horizontes e continuar garantindo os direitos religiosos e a ingestão do chá por elas – este último, também de interesse da instituição –, de acordo com a Resolução 510/2016, artigo 2º, III³⁸.

Isso porque, apesar de garantido por lei, esse uso ainda sofre ameaças. Em 2020, por exemplo, a então deputada estadual de São Paulo, Damaris Moura (PSDB) encaminhou um projeto de lei de sua autoria, para criminalizar o uso e consumo da ayahuasca por menores, projeto este que recebeu parecer favorável da jurista e deputada estadual de São Paulo, Janaína Paschoal (PSL). Posteriormente, depois de reuniões de membros da UDV com as deputadas³⁹, retirou-se do texto original do projeto o trecho que proibia o uso do chá por menores. No entanto, a controvérsia persiste, como a situação ilustra.

No pacto etnográfico, apesar de os benefícios das partes envolvidas serem diferentes, o resultado traz ganhos para ambas em um trabalho que pode ser visto como conjunto. Mas o pacto exige um compromisso ético – principalmente em relação aos segredos e mistérios contidos na doutrina da religião. Nessa linha, a proposta é manter um diálogo e colaboração com os/as sócios/as e principalmente com as crianças da UDV.

Na aldeia, Albert desempenhava atividades não diretamente ligadas com a pesquisa – mas que sabemos ter relevância crucial no sentido de criar laços, adquirir confiança e obter autorizações. Sou sócia da União do Vegetal há 11 anos e pertencço ao corpo instrutivo (CI), o que já exige de mim algum tipo de contribuição nas atividades, auxiliando na organização do núcleo, em alguns departamentos como a OE (Orientação Espiritual, sobre a qual será dedicada atenção no capítulo 3) e a Novo Encanto (Associação Novo Encanto de Desenvolvimento

³⁸ Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

³⁹ Após a divulgação do projeto de lei, foi realizado um trabalho de esclarecimento às autoridades paulistas por parte da UDV. O trabalho da religião com jovens e crianças foi apresentado, assim como um histórico do processo de regulamentação do uso e resultados de pesquisas, dando ênfase ao caráter rigoroso das mesmas e que atestaram que o Chá Hoasca não é danoso. Duas reuniões foram realizadas entre as parlamentares Damaris Moura e Janaína Paschoal e representantes da UDV e em novembro de 2020 foi aprovada emenda, retirando do texto original do projeto, o dispositivo que proibia o uso do chá por menores (Almeida; Nahas, 2021).

Ecológico)⁴⁰, contribuindo na elaboração e execução de atividades dentro e fora do espaço religioso⁴¹.

A tese é construída então em contribuição e parceria com os sócios e sócias da UDV, que por sua vez se favorece também por contar com material cujo conteúdo é ligado à própria instituição – o que expande o saber de si mesma e amplifica debates para combater a controvérsia pública sobre a ingestão do chá por crianças. Este estudo também fornece dados significativos e mais conhecimento a respeito da instituição, cooperando tanto para a Sociologia da Religião/Antropologia da Religião quanto para o campo de Estudos da/s Infância/s e da Criança – Delgado (2011) dialoga sobre “Estudos socioantropológicos da infância” e Lira e Ferreira (2018) falam de uma “socioantropologia das crianças”.

Evocando o pacto etnográfico e sua ideia de atender aos diferentes interesses das partes envolvidas questiono: e quanto à contrapartida para as crianças? Penso que além da contribuição no sentido de ampliar a perspectiva e notoriedade da religião e das vivências delas no espaço religioso, substanciando a garantia de seu direito a ocupar esse espaço e participar dos rituais, a ideia é dar evidência ao ponto de vista das crianças ainda não plenamente valorado nem pela UDV, nem pela sociedade. A contrapartida simbólica – mas não menos significativa – será levar uma cópia encadernada da tese para que as meninas e meninos possam ver o resultado da sua colaboração através de suas palavras e dos seus desenhos, além de fazer a impressão das fotos e distribuí-las entre as crianças – ao menos duas para cada.

Retomando a discussão sobre a parceria, algumas ideias têm sido partilhadas com membros da comunidade religiosa. Esta escolha foi feita embasada no propósito de conhecer as diligências e o que espera a instituição. Até aqui assumo esta postura pela concepção de que o conhecimento aprendido precisa ser exposto para que o grupo estudado possa tecer críticas e comentários – que serão considerados à luz do conhecimento científico –, imprescindíveis para que seja possível a sua participação no processo. Isso certamente gera uma desconfiança em relação à legitimidade do trabalho, pois aparenta uma “tomada de partido” ou algo do tipo, mas podemos avaliar através da experiência de outros estudiosos o que esta parceria pode ou não proporcionar. Walsh Netto (2017) compartilha o ponto de vista e diz que há um entrelaçamento entre pesquisa científica e ativismo político, há uma lógica implícita no trabalho feito pelo/a

⁴⁰ A Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico é uma organização brasileira, sem fins lucrativos, com raízes na floresta amazônica. Realiza trabalhos de interesse público ligados a temáticas socioambientais e mantém ampla base social com parceiros e pessoas comprometidas com a Conservação da Natureza em todo o Brasil (Novo Encanto, 2022).

⁴¹ As atividades dos sócios são escolhidas por eles de forma voluntária e de acordo com suas preferências e afinidades.

pesquisador/a em parceria com o grupo estudado. Dessa maneira, o estudo ganha possibilidade de caminhar bem e, além disso, essa parceria pode ser revertida em legitimidade e empoderamento cultural e político.

Este autor argumenta ainda que as sociedades etnografadas estão se tornando cada vez mais autoras de sua própria história e leitoras críticas de seus/suas próprios/as etnógrafos/as. Walsh Netto (2017) explicita que grupos étnicos estão cada vez mais se colocando em condição de protagonismo, invertendo a situação subalterna em relação à academia que antes estavam sujeitos. Atualmente esses grupos se põe à frente ou fazem articulações com pesquisadores/as, onde tem voz ativa.

Toda essa mudança implica na justa substituição da condição de etnógrafo/a como tradutor/a de conhecimento para um parceiro. Esta visão faz parte do momento de “descolonização interna” (termo usado por Walsh Netto) que a produção científica vem atravessando, tanto no sentido metodológico como na maneira de escrever. Aqui podemos usar o exemplo da reprodução na escrita dos mecanismos de dominação a que os grupos sociais estudados vêm sendo submetidos ao longo da história do conhecimento.

Essa linha de pensamento, da reprodução das linhas de dominação, vem de encontro a teorias pós-coloniais/descoloniais que centralizam a proposta de rompimento com o discurso ocidental moderno. Esta modernidade é uma construção histórica que toma como ponto de partida e referencial o eurocentrismo. Olhando do ponto de vista sociológico/ “nativo”, trata-se de repensar a imaginação sociológica, vendo-a como um esforço de tirar do “apagamento” ou do silêncio as outras formas de organização social que estão localizadas às margens. No campo ayahuasqueiro, é falar de “um outro” que não está por inteiro nem fora, nem dentro (Walsh Netto, 2017).

O autor diz ainda que a grande maioria do que foi produzido a respeito da Hoasca/Ayahuasca, incluindo a própria UDV, não foi escrito por sócios/as desta instituição (Andrade, 2002; Goulart, 2004; 2008; Labate, 2002; 2004; 2008; Macrae, 2004; 2008; Melo, 2012), o que fortalece o argumento apresentado, qual seja, o silêncio “imposto” a comunidades que estão sendo, mesmo que não da maneira a que estamos acostumados, taxadas como marginais. O proposto é o inverso, dar protagonismo aos grupos etnografados, dando espaço para a crítica e voz desses grupos.

Seguindo essa decisão metodológica de empenho para que o “nativo” fale por si, apresento o propósito do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal conforme seu próprio estatuto: “[...] tem como objetivo trabalhar pela evolução do ser humano no sentido do

desenvolvimento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais, sem distinção de cor, ideologia política, credo religioso ou nacionalidade” (CEBUDV, 2020a). Partindo desse propósito central, vou apresentar rapidamente a UDV, percorrendo quanto sua origem, transmissão, ensinamentos, principais tipos de sessão, como o ritual acontece e mais algumas configurações expressivas do exercício religioso que influenciaram escolhas metodológicas.

Em linhas gerais, a prática religiosa está centrada na busca pela evolução do ser humano através do desenvolvimento de virtudes morais, intelectuais e espirituais e este acontece por meio dos ensinamentos transmitidos pelo Mestre Gabriel, criador da religião, e difundido pelos Mestres da Origem, que foram “formados” pelo Mestre Gabriel e que deram continuidade ao seu trabalho. Pela convivência dos Mestres da Origem⁴² com o Mestre Gabriel, estes são considerados os que mais detêm conhecimento e, por isso, os mais valorados, pela condição de transmitir os ensinamentos, possuindo uma espécie de status diferenciado na religião. Os ensinamentos são o fundamento, as regras de funcionamento e organização da instituição, são os preceitos, a doutrina e são compartilhados nas sessões, que são de três tipos: sessões extras, de escala e instrutivas. Nestas sessões se comunga o vegetal e acontece um ritual, uma espécie de estudo onde os/as discípulos/as fazem perguntas ao mestre dirigente da sessão a respeito de assuntos principalmente – mas não exclusivamente – voltados à espiritualidade. O ritual consiste basicamente na distribuição do vegetal, ingestão do vegetal, abertura da sessão através das chamadas de abertura – orações em forma de cânticos –, palavras iniciais do mestre dirigente e seguem-se aproximadamente quatro horas de perguntas feitas pelos/as sócios/as e frequentadores/as, respondidas por quem está dirigindo a sessão ou por pessoas da direção⁴³, mais experientes e, conseqüentemente, mais conhecedoras dos ensinamentos. Falarei mais detidamente do ritual em tópico do capítulo seguinte.

Os sócios e sócias da UDV costumam dizer que a religião não é secreta, mas discreta. Isso porque alguns dos ensinamentos, como mencionei na introdução, são reservados, acessíveis apenas para alguns graus hierárquicos – falarei deles mais adiante. Por esse motivo, termos como “segredos e mistérios” fazem parte do vocabulário caianinho e todo/a aquele/a que se aventura a estudar a religião vai inevitavelmente se deparar com barreiras éticas e metodológicas. Assim, faz-se necessário adensar algumas reflexões envolvendo tais aspectos. José Jorge de Carvalho, em um ensaio publicado em 1984, disserta sobre posturas de alguns

⁴² Aqueles que estavam desde a origem da União do Vegetal na floresta amazônica.

⁴³ A direção é formada pelos Conselheiros, Conselheiras e Mestres, pessoas mais habilitadas por estarem na União do Vegetal há mais tempo. Trata-se dos graus hierárquicos mais elevados dentro do espaço e que vão sendo alcançados de acordo com o tempo e a demonstração de comprometimento do/a discípulo/a com a religião. É da direção a responsabilidade pelas decisões e andamento dos trabalhos no território religioso.

antropólogos ao pesquisar religiões iniciáticas e dos riscos que envolvem a revelação de segredos.

[...] a cada vez que uma informação factual é revelada, ou um detalhe do ritual é explicado, ou a participação em um certo evento é permitida ao estudioso, uma parte do sistema inteiro do culto, como repositório de um conhecimento iniciático e privilegiado, é posta à prova, pois fica aberto à discrição do estudioso o que revelar em seus escritos do que lhe foi dito ou do que pôde observar com seus próprios olhos (Carvalho, 2018, p. 214).

Revelar ou não segredos, diz respeito ao posicionamento ético do/a pesquisador/a. Dando exemplos de situações em que antropólogos se posicionaram de maneiras diferentes em relação a revelação ou não de segredos em seus estudos, Carvalho cita Paul Stoller (1984), Gilbert Herdt (1981), Henri Clouzot (1951) e o conhecido dentro e fora do mundo acadêmico, Carlos Castañeda. Dentre os autores citados, apenas o primeiro teve o cuidado sobre como – e o quê – revelar para o mundo acadêmico em sua pesquisa sobre a magia Songhay, os demais optaram pelo que Carvalho chama de “atividade antropológica entendida exclusivamente como uma ciência”.

Carvalho (2018) lembra que Taylor (1982) explica a atitude científica ocidental renunciando a uma relação de simpatia com o mundo e, com isso, consegue tornar-se superior em racionalidade – vista como uma forma de distanciamento e de não se deixar dominar por valores –, a outras tradições culturais do passado e do presente.

A “atitude científica ocidental” é descrita por Carvalho (2018) para falar da postura dos/as antropólogos/as citados anteriormente e de sua visão diante do grupo pesquisado como superiores em racionalidade, ilustrando o antigo modelo hierárquico predominante nas produções científicas. O autor faz essas reflexões para se posicionar diante do dilema ético em que se encontrava, já que estudou os xangôs tradicionais do Recife, religião que também contém segredos. Seu posicionamento a respeito se resume na frase: “Minha proposta atual, para a construção da parte mais essencial de uma ética antropológica, é de que o que seja que escreva, deverá ser passado, de novo, pelo consenso dos membros, ou, pelo menos, pela aprovação da maioria” (1984, p. 221).

Debates envolvendo questões éticas são fundamentais em trabalhos acadêmicos que envolvem segredos e, na União do Vegetal que faz o uso religioso do chá, é preciso um critério mais cuidadoso. É necessário lembrar do estigma gerado pela disseminação de informações nos meios de comunicação e por estudos acadêmicos em que não houve, digamos, o nível de

verificação⁴⁴ que esse tipo de pesquisa exige – com o aprofundamento necessário como explicarei no próximo parágrafo –, resultando em análises precipitadas e muitas vezes imprecisas em relação a grupos hoasqueiros – a instituição ficou ainda mais reservada e desconfiada da academia em função disso; fala-se a respeito abertamente em rodas de conversa no núcleo. Por isso, o cuidado no uso de pseudônimos, imagens buscando preservar a identidade das crianças e a não revelação de segredos.

A incompreensão da ritualística e do corpo doutrinário ocorre, principalmente, pelo fato da transmissão dos saberes ser quase inteiramente oral. Walsh Netto (2017) fala que, sendo a ferramenta pedagógica nativa legítima, o processo denominado de “boca-ouvido”, a compreensão do *modus operandi* da religião fica mais complexo pois exige uma capacidade de memorização e muito tempo de convivência – ele fala em anos – com seus/suas sócios/as, para que o/a pesquisador/a possa ter acesso à cosmologia da UDV.

Trata-se, então, de uma religião que dá prioridade à transmissão oral no partilhar do conhecimento espiritual “Os ensinamentos de cunho espiritual são reservados aos momentos das sessões e não estão escritos/decodificados em livros” (Walsh Netto, 2017, p. 32). Fator associado a este é a lógica do segredo na propagação dos saberes, principalmente em relação a uma certa quantidade de ensinamentos que são reservados aos graus hierárquicos mais elevados: “[...] a UDV é uma religião de segredos e mistérios, portanto, o processo de transmissão de conhecimentos obedece a mecanismos hierárquicos” (2017, p. 65). Sendo assim, o acesso ao conhecimento é aberto aos sócios e sócias, mas uma parte é reservada aos graus que compõem a hierarquia. Isso quer dizer que o acesso é dado de maneira lenta e gradual, por isso o autor afirma ser a UDV uma religião iniciática.

Mas os sócios não dizem que a religião não é secreta, mas discreta? Como se explica essa aparente contradição? Quando se anuncia que a religião não é secreta, não é exatamente no sentido de não haver segredos – porque eles existem –, é no sentido de a religião não ser escondida. No entanto, não se veem manifestações públicas com intuito de atrair “fiéis” para o centro, pelo contrário, há uma reserva em relação a quem chega, evitando-se, por exemplo, pessoas atraídas apenas pelo efeito psicoativo do chá, para “curtir uma viagem” transcendental. A maneira mais comum de se chegar a UDV é através do contato ou convite de alguém que já seja sócio/a.

Fazendo uma rápida interrupção para trazer as crianças para a conversa, Carneiro

⁴⁴ Do que é o chá (suas propriedades bioquímicas), de como é usado religiosamente e das características dos grupos que o ingerem, levando em consideração a complexidade social, o tempo de pesquisa necessário para compreendê-la e os diversos aspectos envolvidos no fato do chá ser uma substância psicoativa.

(2018) faz uma reflexão interessante a respeito de uma das características da transmissão oral e sua lógica de pensamento, no sentido que reflete o jeito de pensar as crianças em uma propensão tradicionalista e conservadora. A linguagem oral implica em um esforço das sociedades por manter sua tradição e, como consequência, existe um enaltecimento dos guardiões dessa tradição. São as pessoas mais velhas – Mestres da Origem, que conviveram com o Mestre Gabriel, como falei algumas linhas atrás – que teriam essa responsabilidade de entesourar e ensinar as gerações seguintes – crianças e jovens. Assim, o fator tempo, na UDV, possui um poder considerável e, dessa forma, as pessoas que conquistam anos de vivência nos núcleos recebem algum reconhecimento. A noção de tempo associa-se à experiência, mas a experiência está atrelada à vida religiosa, em harmonia com o que escreve Carneiro (2018) em seu estudo sobre o Candomblé.

As culturas orais apontam para outro aspecto, o modelo disciplinador do “estudar” não é tão valorizado, centrando o aprender na observação e no aprender/fazendo. Isso coloca as crianças como aprendizes dos mais velhos, em um lugar de ação e execução de atividades e não de catequização passiva, seguindo uma maneira menos convencional de aprendizagem. No capítulo 4 – capítulo de análise – será possível perceber melhor como esse “aprender fazendo” acontece.

Este estudo é relevante por dar ênfase à contribuição socioantropológica que, a meu ver, coopera com a grande área das ciências sociais, notadamente nos estudos da religião e da articulação entre crianças e religiões, por ponderar pontos importantes sobre socialização infantil e participação religiosa na União do Vegetal, uma religião hoasqueira e que tem forte participação das crianças.

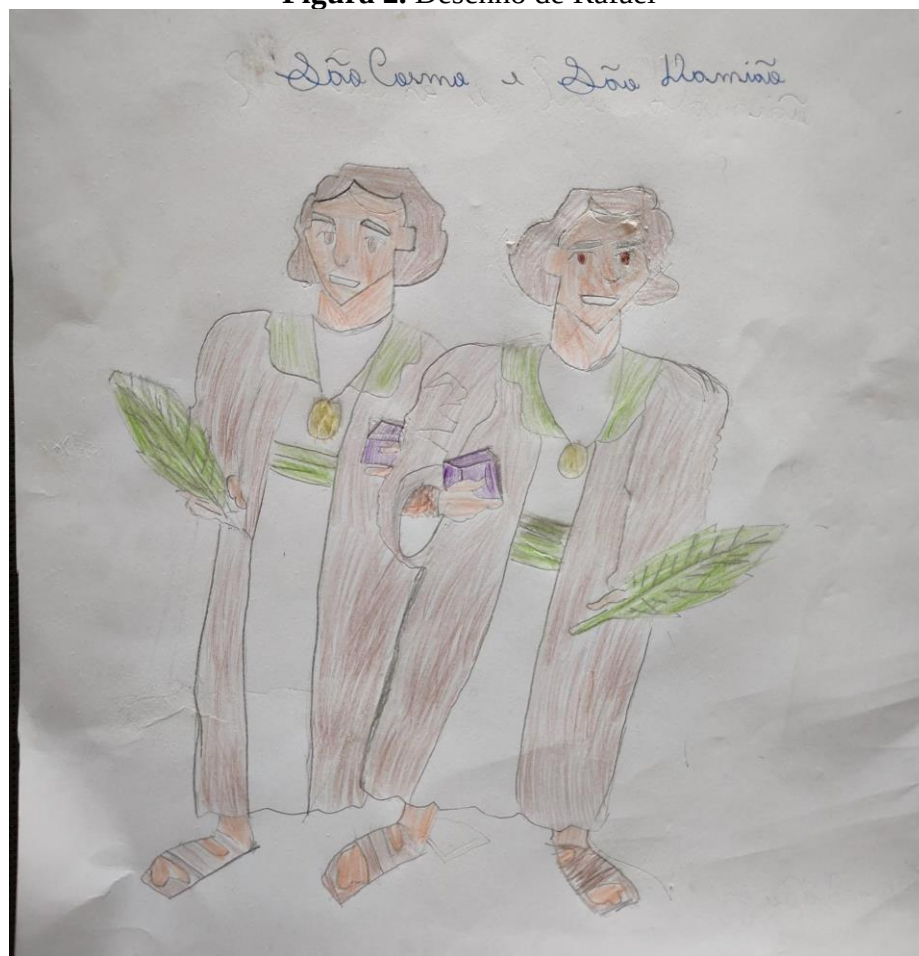
Adentrando nas técnicas, o planejamento inicial deste estudo incluía ferramentas de pesquisa como as entrevistas semiestruturadas e a observação participante, além de técnicas menos tradicionais, procedimentos que comumente vão surgindo no decorrer do trabalho, a partir da experiência de campo. O próprio campo tende a indicar novas abordagens, como outros/as investigadores/as inúmeras vezes constataram. Além das observações, ocorreram conversas informais com crianças e adultos.

Dentro dessa investigação sobre a relação entre as/os meninas/os e o espaço religioso, a intenção é observar o lugar social das crianças na União do Vegetal, tomando como base o processo de socialização religiosa – dentro e fora dos rituais –, observando as interações entre as crianças, o espaço e a ritualística. Examinar como acontecem as relações entre as crianças e o local, o lugar onde elas se colocam e são colocadas. Para isso é significativo, entre outras

coisas, perceber como são as representações de Deus/sagrado para elas, no intuito de capturar o imaginário simbólico no que diz respeito à divindade, assim como fez Rita de Cássia Fazzi (2006), em sua pesquisa. Com esse intento, ao conversar com Rafael, um dos colaboradores, expliquei para ele que fazia parte da pesquisa entrevistar as crianças, mas que o estudo também acontecia através de desenhos, aproveitando a oportunidade e perguntando a ele se gostaria de colaborar também dessa forma e ele, ao me dizer que gostava muito de desenhar, aceitou prontamente.

O momento em que conversamos, meados de setembro de 2021, era um período que antecedia a sessão de Cosmo e Damião – sessão onde as crianças bebem o vegetal – e falávamos a esse respeito, então expliquei que o desenho poderia ser sobre o que ele quisesse, pedindo apenas que fosse a respeito da UDV. Contudo, para explicar a proposta e dar um exemplo, mencionei a sessão sobre a qual conversávamos, mas fazendo um esforço para que ficasse o mais à vontade possível, deixando livre a sua expressão. Na sessão seguinte, Rafael (10 anos) me entrega esse desenho:

Figura 2. Desenho de Rafael



Fonte: Autora, 2021.

Na imagem, podemos perceber elementos simbólicos ligados aos santos, como os livros e os ramos, associados aos atos de cura que, segundo a crença do cristianismo e de algumas religiosidades populares – e que também fazem parte da liturgia da UDV –, realizavam. Rafael caprichou no desenho, traçou e pintou com zelo e esmero as linhas e cores e, por isso, é fácil perceber que ele se empenhou e levou a sério o que se comprometeu a fazer.

Olhando para o desenho, recorro da história dos santos contada na União. As histórias têm papel valioso na doutrina e fazem parte do ritual. Histórias e chamadas são os principais meios de transmissão dos ensinamentos do Mestre Gabriel. Em algumas datas importantes, como o dia de São João e São Cosmo (a pronúncia é essa mesmo na UDV, percebendo que Rafael escreve dessa maneira no desenho) e São Damião, durante o ritual, são contadas histórias que narram acontecimentos e os motivos para celebrar tais datas. A história de São Cosmo e Damião inicia quando os irmãos gêmeos, ainda crianças, realizavam curas. Por esse motivo eram respeitados, procurados e até temidos por aqueles que se sentiam ameaçados pelo poder que os gêmeos tinham, onde viviam. Vale lembrar que São Cosmo e Damião estão representados em outras religiões, como as afro-brasileiras e a católica, como protetores das crianças. Esse grupo específico está representado nessa história contada no dia 27 de setembro, por santas crianças que realizavam milagres – na história é feita uma narrativa dos santos enquanto crianças e enquanto adultos –, em uma sessão em que as crianças bebem o vegetal, participando do ritual. O que se pode apreender disso? Podemos inferir que a criança se sente representada e presente na cosmovisão religiosa? O desenho de Rafael nos dá pistas na direção dessa resposta.

Outro ponto a destacar é que a instituição, como veremos nas próximas páginas, “tem como objetivo trabalhar pela evolução do ser humano” em alguns aspectos, sendo um deles o espiritual. A religião defende que é possível ao ser humano se aperfeiçoar e apresenta aos seus seguidores exemplos para servir de espelho nesse propósito do aprimoramento de si. Por esse motivo – que não é o único – é que as histórias são contadas e é significativo que existam histórias que sirvam a este propósito para crianças e adultos.

O desenho é uma ferramenta interessante, uma prática lúdica própria das culturas infantis urbanas – que caracterizam os participantes dessa investigação –, e que tem cumprido importante papel na coleta de dados. Conforme Sousa e Pires “[...] desenho é uma técnica eficaz de pesquisa, grande aliada nas investigações com crianças, cuja importância estaria no auxílio à manifestação das ‘vozes’ de crianças – menores ou maiores – na construção retórica lúdica e imagética de suas percepções” (2021, p. 63). As autoras fazem proveitosas ponderações sobre essa técnica, para elas “[...] o desenho infantil é um rico material ainda pouco valorizado”

(p. 66), que tem o potencial de revelar o que não é possível entender de outra maneira, o que manifesta sua pertinência enquanto técnica que possibilita diálogos diretos. Os desenhos também proporcionam, afirmam as autoras, uma interpretação autorreflexiva sobre seus contextos e obras, quando a escuta a respeito deles e de seus/suas autores/as acontece.

A ferramenta será usada aqui, portanto, enquanto “técnica legítima de pesquisa”, que reconhece o “modo próprio de dizer de si e do mundo” que as crianças possuem (Sousa; Pires, 2021). A técnica, ainda que não devidamente reconhecida, já tem sido utilizada com o objetivo de aprender com a perspectiva da realidade que as crianças têm, através desta que é uma linguagem – embora não exclusivamente – infantil (Sousa; Pires, 2021). A técnica também contribui enquanto uma ferramenta que melhor possibilita a participação das crianças, tratando-as enquanto interlocutoras e colaboradoras que são. Por isso, coloco como compromisso levar a tese para que esta parte da sociedade religiosa, principal contribuinte deste trabalho, possa acessar visualmente sua cooperação através das imagens por elas produzidas, que estarão dentro do texto – com destaque e boa visibilidade – e nele serão analisadas junto, sempre que possível, a reflexões trazidas por seus/suas autores/as.

[...] se nos interessamos por tornar as crianças coautoras e cúmplices de nossos trabalhos, e desejamos reconhecer e fazer reconhecer sua participação nas pesquisas e nos textos etnográficos, devemos considerar o desenho como um dos instrumentos que permite a maior participação das crianças, tirando-as muitas vezes da situação de meros sujeitos/objetos, passivos e passíveis de observação, para se sentirem úteis e contribuindo para a pesquisa. Ansiosas, elas esperam ver em nossos trabalhos aquela contribuição que lhes parece mais substancial, uma vez que crianças não costumam ler dissertações, teses ou artigos em antropologia. Tirar delas esse esforço nos parece um equívoco. (Sousa; Pires, 2021, p. 84-85).

O desenho funciona ainda como um facilitador na relação mantida com as crianças, dando mais oportunidade de ouvi-las e compreendê-las, ainda que nem todas as crianças desejem contribuir com desenhos, como aconteceu no campo. Sousa e Pires (2021) levantam algumas críticas consideráveis direcionadas aos/as investigadores/as que se utilizam da produção de desenhos enquanto “senha de acesso” ao campo ou às próprias crianças. Elas acrescentam que “para além do primeiro contato com as crianças buscando uma interação prazerosa, os desenhos também podem ser utilizados como um recurso de acesso às narrativas infantis” (2021, p. 65).

Na verdade, em meu campo aconteceu uma lógica inversa. Não que os desenhos não tenham funcionado como recurso às narrativas, falo da ideia de “chave de acesso” que falhou porque notei uma falta de interesse da maioria das crianças em desenhar depois das entrevistas, mas as chances com as que decidiram contribuir nesse sentido foram aproveitadas. Acontecia

assim: durante as conversas era mencionada a possibilidade de desenhar e a criança decidia se queria participar ou não, a maioria não se animou muito com a proposta. Mas houve casos em que os desenhos ajudaram quando a relação com a criança não era tão próxima, como no caso de Rafael, facilitando na comunicação e na troca, estimulando a conversa, meio mais eficaz para entender a visão do mundo religioso infantil. Para Gonçalves (2021), o desenho também foi excelente recurso nesse sentido, servindo para facilitar a comunicação com as crianças e a aproximação com elas – sobre isso ver também Toren (2019) –, disparando diálogos e estimulando a reflexão sobre os temas propostos. Além disso, as “imagens” produzem conhecimento sobre a realidade apresentada.

Gonçalves (2021) alude ao que ela chama de “análise da produção material” das crianças como uma estratégia que enriquece a pesquisa porque esses materiais revelam fontes não verbais ricas e que assumem “papéis de suporte à reflexão e de objeto de reflexão” (2021, p. 312). A autora destaca que a análise desse material deve estar articulada com as condições mais gerais da investigação. Dentro da lógica etnográfica, onde outros aspectos, são considerados como a experiência do/a autor/a, os recursos empregados, o momento da sua realização, entre outras coisas. O recurso demonstra ter incontáveis possibilidades enquanto mediador do acesso ao contexto dos/as seus/suas autores/as, fornecendo as perspectivas das crianças e tornando possível visualizar os recortes que eles/as realizam a partir de si, de suas subjetividades, desenhando, falando e escrevendo aquilo que é relevante para eles/as. Somam-se às narrativas visuais portanto, as orais e escritas (2021).

Aproveitando a primeira menção de nome do colaborador infantil, é relevante o lembrete de que se pretende que as crianças sejam protagonistas neste estudo. Entretanto, como lembra Carneiro (2018), o protagonismo tende a desaparecer quando se faz a opção de abreviar ou não mencionar os nomes verdadeiros das crianças. A alternativa encontrada foi solicitar que as próprias crianças escolhessem um nome que elas gostassem; essa foi uma maneira de equilibrar a identificação de acordo com suas preferências e interesses com a preservação de suas identidades.

Outro elemento de alta significância diz respeito às autorizações para coleta de dados através do uso de fotografias e informações. Sobre esse aspecto, foi solicitada a autorização das crianças e de seus pais – pai ou mãe – através de Termo de Assentimento e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As autorizações foram concedidas através da assinatura dos documentos mencionados, depois de feito todo o contato e aproximação necessários. Essa proximidade transcorreu

principalmente por meio de conversas no campo. Assim como Falcão (2014), em sua pesquisa com meninas e meninos do Candomblé, notei que o simples interesse em conversar com as crianças é suficiente para ter sua atenção, mas nem sempre isso é, de fato, o bastante. A estratégia de Falcão foi falar sobre o seu trabalho e ouvir o que as crianças do terreiro tinham a dizer. Ela defende que “mais do que a técnica, acredito que a nossa postura é o que baliza a coleta de dados” (2014, p. 28-29). Concordo com a autora; no entanto é preciso destacar que as crianças são diferentes, algumas mais comunicativas, outras mais tímidas, algumas que podem não ter interesse em conversar sobre o tema e, nesses momentos, o/a pesquisador/a pode tentar outros caminhos. Caso a criança realmente não queira o diálogo, devemos respeitar sua decisão.

A escolha foi feita pelo ponto de vista relacional entre crianças e adultos, adotando a postura de Pires (2007) que defende a perspectiva relacional entre o mundo infantil e o dos adultos no campo. Por essa razão, boa parte das observações foram feitas em momentos onde havia interação entre adultos e crianças (estas sendo vistas como seres ativos, que não reproduzem literalmente e sim constroem socialmente suas práticas), principalmente nas atividades organizadas pela instituição religiosa, voltadas para o grupo infantil, já que este não se encontra isolado dos adultos.

Um derradeiro, mas não menos importante fator a pontuar é como essas crianças são vistas, já que se adota neste trabalho a inclusão das necessidades e opiniões delas. Aqui, o grupo infantil é dotado de agência e percebido como ser completo, o que não significa que não haja uma dependência dos adultos, ou seja, essa agência não é total e absoluta, mas ela está presente (Gonçalves, 2021). Parto agora em direção a este mundo em que as crianças agem e vivenciam.

1.2 Contextualizando: mundo de Hoasca

A Hoasca é, como já citado, ingerida como sacramento no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. O “Mundo de Hoasca” é um termo “nativo”, faz parte da liturgia hoasqueira, é usado em importantes narrativas e, por esse motivo, faz parte do “vocabulário caianinho”.

“Mundo de Hoasca” é uma expressão também usada por Walsh Netto que a descreve em sua tese como uma “atividade coletiva, produzida por atores específicos que colaboram para construir uma determinada realidade religiosa, no caso o CEBUDV” (2017, p. 40). Usando o conceito de “mundo” de Becker (2006), o autor abarca o universo religioso criado por Mestre Gabriel e seus primeiros discípulos, sendo o “mundo” o “[...] conjunto de ações, objetos e acontecimentos que constituíram a religião União do Vegetal, o seu universo simbólico, a forma

de ser e de se expressar dos seus sócios, essa análise coletiva denominamos de mundo de Hoasca” (2017, p. 51).

A União do Vegetal – mundo de Hoasca – foi criada em 22 de julho de 1961, no Seringal Sunta, às margens do Rio Abunã, fronteira da Bolívia com o Estado do Acre, região Amazônica. O responsável por sua origem foi José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel. A religião foi criada em 1961 e em 1965 José Gabriel muda-se para Porto Velho⁴⁵, onde consolida a UDV, recém-fundada. Apenas em 1970 o centro, com a denominação atual, foi organizado institucionalmente (com a criação da Associação Beneficente União do Vegetal e posteriormente o CEBUDV) em decorrência da intensificação da perseguição por parte da polícia, naquele período (Walsh Netto, 2017).

No aspecto organizacional, a União do Vegetal é uma religião com uma consistente estrutura administrativa. Essa característica tem ligação com as orientações do próprio Mestre Gabriel, que alertava sobre a pertinência de um alinhamento com as normas jurídicas, orientando os Mestres da Origem a terem esse cuidado. A instituição buscou e busca o apoio das autoridades para a preservação da própria prática religiosa, já que houve tentativas de proibição de ingestão do vegetal – mais informações a esse respeito no capítulo seguinte. Quando isso aconteceu, o Mestre buscou formas de administrativamente reverter a decisão da proibição.

A UDV está organizada em 20 regiões, estando a maioria no Brasil e as demais distribuídas por mais 11 países localizados em três continentes: América (Norte e Sul), Europa e Oceania. O CEBUDV está, então, presente em 11 países: Austrália, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Itália, Peru, Portugal, Reino Unido e Suíça. Conta com um total de 239 núcleos e 164 Distribuições Autorizadas de Vegetal – DAV’s, somando 23.068 associados, sendo 21.896 no Brasil e 1.199 no exterior⁴⁶. Para efeitos legais e necessários, a UDV tem como sua sede e foro, a cidade de Brasília, Capital Federal da República e é uma organização religiosa, nos termos do Código Civil, artigo 44, IV e § 1º, com número ilimitado de sócios e com duração em caráter definitivo (CEBUDV, 2020a, p. 87).

Recuperando o debate metodológico sobre o qual se debruça este capítulo, adoto os distintos termos usados por Walsh Netto (2017) para falar de adeptos de religiões

⁴⁵ José Gabriel sai da Bahia para Porto Velho para trabalhar como “soldado da borracha”. Durante a Segunda Guerra Mundial (1943), o governo brasileiro recrutou os chamados “soldados da borracha” para extrair látex das seringueiras. Muitos jovens nordestinos foram para a Amazônia nessa época, José Gabriel foi um deles. Por esse motivo a cultura cabocla também está presente na cultura caianinha (ligação com a natureza, sustentabilidade, entre outros).

⁴⁶ Dados de julho de 2017. Fonte: CEBUDV.

ayahuasqueiras. O autor aplica “mundo de Hoasca” fazendo alusão aos sócios e sócias da UDV e emprega “campo Ayahuasqueiro” (usando a ideia de campo de Bourdieu – 1998 – de leis e regras específicas que conduzem um microcosmo, neste caso, religioso) ao citar os espaços de tensão e muitas vezes conflitos que surgem pela simultânea convivência das religiões que comungam a Ayahuasca. A mesma lógica será seguida neste estudo. Em outras palavras, quando uso o termo “Hoasca”, estou falando da UDV, quando cito “Ayahuasca”, estou me reportando, de forma mais ampla, ao campo ayahuasqueiro e, portanto, às outras denominações religiosas que também fazem o uso do chá. Para englobar o mundo de Hoasca e o campo Ayahuasqueiro escolhi, particularmente, utilizar a expressão ayahuasca/hoasca, respeitando a denominação própria validada por meus/minhas colaboradores/as.

Este campo, denominado de ayahuasqueiro – a expressão é usada por praticamente todos/as os/as pesquisadores/as da área – é relativamente novo⁴⁷ dentro da sociologia da religião. “Entendemos como campo ayahuasqueiro o espaço em que ‘convivem’ vários grupos religiosos ou não religiosos que se utilizam do chá Ayahuasca de diversas maneiras” (Walsh Netto, 2017, p. 56-57). As religiões ayahuasqueiras/hoasqueiras recebem esse nome por fazerem uso sacramental da ayahuasca/hoasca e todas elas enfrentam a dificuldade por este uso não ser “bem-visto” pela sociedade, pela visão que se tem do chá como uma droga ou alucinógeno.

Por este e outros motivos se faz relevante o crescimento da produção científica a respeito do campo ayahuasqueiro/hoasqueiro, olhando com mais profundidade para essa expressão da religiosidade que, como outras religiões a exemplo das afro-brasileiras, tiveram que lutar – e lutam – por reconhecimento e direito à prática da sua crença. Aprofundar o conhecimento a respeito desse universo está presente como pano de fundo do vigente estudo e, nesse sentido, espero que minha tese contribua na medida em que mostra a participação de crianças nessas religiões, ajudando a dirimir qualquer possível imagem negativa que o chá pode ter.

Com este propósito, fiz a opção pelo posicionamento do diálogo entre a cultura acadêmica e a espiritual, o que exige uma responsabilidade ética atenta e comprometida, tal como diz Walsh Netto (2017). Tal exigência dá-se em função da pesquisadora, cujas mãos traçaram essas linhas, ser nativa da religião estudada, ciente da diferença entre estes universos aparentemente tão distintos – o acadêmico e o religioso – mas crente da possibilidade de

⁴⁷ Walsh Netto (2017) explica que, com exceção dos estudos na área de etnofarmacologia da metade do século XIX, as pesquisas do campo ayahuasqueiro nas ciências humanas só se iniciaram na década de 60 do século XX. O desenvolvimento enquanto campo de estudo especializado é do final dos anos 1980 (Labate; Araújo, 2002).

construir uma ponte entre eles. Estes “universos” parecem separados por um grande abismo, que os dividem simbolicamente, mas acredito que é possível religá-los, aproximá-los, mantê-los conectados.

1.3 Sementes e brotos: os primeiros passos da pesquisa

A observação participante – que possibilitou o aprofundamento nos processos de socialização – consistiu, maioritariamente, em realizar as observações com as crianças no espaço religioso e aconteceu dentro de um período fracionado em função da paralisação das atividades, ocasionada pela pandemia. O planejamento para dar início à pesquisa de campo estava programado para começar entre o final de 2019 e o início de 2020. Já no começo do referido ano, propagou-se a sindemia da Covid-19 no Brasil e, em função disso, aconteceram algumas interrupções de ida ao campo. A primeira foi em março de 2020, tendo o regresso acontecido apenas em julho (2020) e gradativamente. Detalhe importante é que as crianças só voltaram a frequentar o núcleo em dezembro deste mesmo ano, quando retomei o campo. Contudo, em fevereiro (2021) o aumento das contaminações forçou as autoridades a decretar novamente a paralisação de diversas atividades, incluindo cultos religiosos. A partir desse momento meu contato com as crianças passou a acontecer virtualmente.

Ao longo do ano de 2020 continuei frequentando as sessões, nos momentos em que isso era possível, ou seja, nos intervalos entre os decretos que liberavam a visita às instituições religiosas, respeitando recomendações e protocolos sanitários. Mas, ao longo deste ano, vi pouquíssimas crianças. Por esse motivo, já bem preocupada com o enorme atraso na coleta de dados, em meados de março de 2021 decidi tentar fazer entrevistas remotamente⁴⁸.

Já vinha elaborando um roteiro de perguntas, então, com autorização da instituição e depois de ter conversado com os pais, marquei dia e hora com a primeira entrevistada. Escolhi estrategicamente uma criança com a qual já tinha alguma proximidade, em busca de facilidade no fluxo da conversa fria e distante pelo computador. A entrevista começou meio desajeitada, conversamos um pouco sobre a pesquisa, explicando do que se tratava e comecei a primeira pergunta. Foi bem rápido perceber que não seria um diálogo fácil, havia um ruído no ambiente onde ela estava, acho que uma televisão ligada onde passava, se não me engano, um desenho animado. Não foi fácil ouvir o que ela dizia, mas coloquei fone de ouvido e segui buscando

⁴⁸ Conversei pelo Google Meet com duas meninas. A primeira entrevista teve a duração de 35 minutos e a segunda 55 minutos.

ritmar o diálogo. Akira respondia às perguntas enquanto desenhava, ela parecia dispersa e, sinceramente, não aparentava estar interessada na entrevista. Em alguns momentos respondia com mais atenção, em outros respondia de maneira mais distraída. Depois que o diálogo terminou, fiquei bem reflexiva, desacreditada se o recurso metodológico utilizado daria certo. As crianças estavam assistindo aula *online* há mais ou menos um ano – esta conversa aconteceu em 17 de março de 2021 – e Akira continuava assistindo as aulas pelo computador/celular, sem contato com os amigos, entediada. Não foi difícil entender os motivos do desinteresse e distração dela ao falar comigo. Além disso, eu também estava insegura em utilizar a entrevista *online* e carecia de contato físico como toda a gente.

A segunda entrevista também aconteceu *online*, a entrevistada foi Flantechai (8 anos). Segui o mesmo procedimento da primeira entrevista, conversei com os pais e marcamos um horário para conversarmos⁴⁹. De forma semelhante à primeira entrevista, também optei por tentar entrevistar uma criança com a qual já tinha aproximação e me animei com o fato dela ter aceitado. Chegado o dia e hora combinados, entrei em contato e ela logo atendeu. Tentei me “preparar”, não criar tanta expectativa em função do resultado um tanto quanto frustrante da primeira entrevista, e, nessa tentativa, começamos o diálogo. Dessa vez a comunicação fluiu melhor, talvez porque Flantechai gostasse mais de conversar. Contudo, a animação não durou muito tempo, os meses com contatos praticamente restritos ao mundo virtual, somado às aulas *online* que, no momento, aconteciam quando nos falamos, deixou suas marcas e ainda na primeira parte da entrevista ela questiona “têm quantas perguntas?”. Foi aí que notei quão enfadonha estava sendo a conversa, por mais que falássemos de outros assuntos de eventual interesse, como seu desenho animado favorito ou quando ela comentou das unhas que tinha pintado ou me interrogando se eu conhecia o “Luccas Neto”⁵⁰, a impressão é que ela estava cumprindo mais uma obrigação, como um tipo de “dever de casa”. Então cuidei de ser mais objetiva e, ao mesmo tempo, me esforcei para que o papo ficasse mais leve e divertido, mas não tive sucesso nessa tarefa pois um pouco adiante ela comentou: agora faltam tantas perguntas. Ela estava contando as perguntas!

O insucesso nesse primeiro momento do campo despertou uma forte preocupação. O contexto sanitário (que forçou a limitação ao uso dos meios remotos, com os quais as crianças já estavam sobrecarregadas) aliado à minha inexperiência na pesquisa com crianças, criou uma situação de grande angústia e passei a imaginar como faria para conseguir coletar os dados já

⁴⁹ O horário foi definido pelos pais de acordo com a disponibilidade da criança.

⁵⁰ Youtuber, ator, diretor, empresário, cantor, escritor e roteirista brasileiro muito popular entre as crianças.

que, como apontou Gonçalves (2021), “[...] cabe ao pesquisador buscar aprimorar suas formas de ouvi-las e de se comunicar com elas” (2021, p. 291). Finalizamos a entrevista com o arremate seguinte “Sim, essa foi a última pergunta?”

Exatamente por razões como essa, a observação participante mostrou-se fundamental para alcançar o objetivo da pesquisa. Por este motivo, ela continuou sendo aplicada tanto nos restritos momentos de 2020, quanto no ano de 2021 em que aos poucos, com idas e vindas, o convívio com os/as frequentadores/as foi sendo retomado. Esses momentos foram relevantes na verificação, por exemplo, de quais atividades são desenvolvidas com o grupo infantil, como elas são incluídas nos rituais, assim como o próprio ritual e suas representações.

A observação contribui relevantemente na compreensão de como está organizada a estrutura religiosa, principalmente os espaços voltados para os/as pequenos/as como o parquinho, o berçário, o dormitório infantil, o “meninário” (sala para divertimento, com jogos e brinquedos) e banheiros exclusivos para as crianças, sendo importante averiguar como estas áreas são utilizadas pelo grupo infantil.

Ainda em relação à observação participante, é essencial falar a respeito do acesso livre ao campo de estudo, já que a frequência neste espaço religioso – a UDV, não o NCSG especificamente – acontece desde maio de 2011. Minha presença em campo aconteceu desde os trabalhos espirituais, acompanhando a rotina de um núcleo e participando de diversas atividades; isto é, minha presença não se deu com exclusivo interesse na pesquisa, o que me apresentou desafios que serão explicados nos parágrafos seguintes. Isso também possibilitou algumas compreensões cruciais mesmo com o comprometimento de algumas etapas em função da pandemia e facilitou a instauração de uma relação de confiança entre os/as participantes/as.

Como já exposto antes, as ferramentas principais utilizadas são a observação participante e as entrevistas, que foram gravadas e autorizadas tanto por crianças quanto por adultos. Um dado notável é que as crianças não se incomodaram com o gravador, ao longo da conversa sequer pareciam lembrar de sua presença.

Ainda sobre as entrevistas, principalmente com o grupo infantil, algumas considerações parecem pertinentes, já que não é comum o uso desta técnica de coleta de dados com crianças. O’Kane (2005) traz à memória que o conhecimento e a experiência da criança no mundo diferem relativamente à dos adultos, assim como a comunicação que usam para transmiti-los ao mundo.

Assim, surge a questão em relação à entrevista com o grupo infantil, por ser um método majoritariamente perspectivado para adultos, como diz O’Kane. Entretanto, diante das

circunstâncias da pandemia, a técnica se mostrou viável, foi testada e apontou como solução possível para a coleta, atendendo, ainda que não da maneira planejada, aos propósitos da investigação. Alguns ajustes precisaram ser feitos, como intercalar as perguntas da pesquisa com assuntos sobre os quais as crianças demonstrassem interesse em falar, por exemplo. Hartmann (2020) foi de grande auxílio nesse sentido da adaptação da técnica, pois algumas de suas análises versam a respeito de adequações e usos de métodos de pesquisa mais convencionais com crianças. Um exemplo é o que a autora compartilha sobre como recorreu aos questionários para realizar uma pesquisa com seus/suas colaboradores/as infantis. Para chegar em um questionário que pudesse ser usado com este público ela partiu de um diálogo com as crianças e, como resultado, a versão final combinou perguntas mais “técnicas”, como identificação, moradia e emprego dos responsáveis, com outras que versavam sobre suas preferências pessoais, abrindo possibilidades para a fabulação, perguntando, por exemplo, se o entrevistado tivesse um superpoder, qual seria. Certamente usar esse recurso deixou as conversas com os/as colaboradores mais fluidas e divertidas.

O que antes era uma conversa fria, “desritmada” e distraída pelo computador, passou a ser um diálogo caloroso, com bom humor e sorrisos, convites para assistir desenho animado, lanche – todas as entrevistas presenciais eram encerradas com comida – e algumas vezes desenho depois do papo. Conversar com as crianças olho no olho, deixando-as pronunciarem-se sobre as suas predileções, possibilitou a coleta dos dados e, facilitou o interesse das crianças em fazer as entrevistas. Além disso, outros fatores auxiliaram neste resultado que considerei positivo; o mais significativo foi a disposição que as crianças demonstraram em conceder entrevistas. Isso ocorreu, pelo que foi observado, tanto por elas gostarem de se comunicar, de falar sobre suas vidas e suas rotinas para uma pesquisa, quanto ao contexto sindêmico que favoreceu qualquer proposta que as tirasse da rotina enfadonha a qual ainda estavam impostas dentro de suas casas. Rafael, por exemplo, partilha de sua vivência nesse período.

Eu assim, eu fiquei muito abalado porque eu não podia ver meus amigos, eu não podia sair, eu tava muito assim, dentro de casa, não podia mais fazer nada, às vezes eu ficava no tédio assim, só pensando na vida. Foi muito... eu perdi, por exemplo, um ano na minha escola, na aula online né? Sem ver meus amigos, sem poder... abraçar também ainda não pode né? Mas sem poder tá junto, brincar, foi mais meus amigos mesmo. Também os meus familiares, as pessoas que eu sou mais próximo, que eu não pude presencialmente (Rafael, 10 anos)⁵¹.

Foi um período desafiador para as crianças e para a pesquisa. As desigualdades e abismos aumentaram entre escolas públicas e privadas, as redes de internet passaram a ser

⁵¹ Entrevista presencial concedida por Rafael, em 1/9/2021.

distinção que atingia de formas desiguais as crianças pertencentes a diferentes classes sociais.

Ainda em relação às entrevistas com as crianças, Campos (2009) destaca em uma nota de rodapé algo bastante interessante a respeito desta técnica de coleta de dados e seu uso com os pequenos sujeitos. A estudiosa expõe que a etnografia e a história oral prevalecem, tendo uma maior aceitação metodológica nos estudos com crianças e que a entrevista ocupa uma condição menor. Ela argumenta que este fato se explica pela resistência ou dificuldade tanto para ouvir quanto para dar o tratamento adequado a esse sujeito empírico, até então praticamente invisível.

Tal percepção chegou como motivação para seguir entrevistando os/as pequenos/as colaboradores/as. Percebi que esta técnica, de alguma maneira, saiu do final da fila de opções entre as ferramentas metodológicas, para o primeiro lugar, foi uma boa escolha, uma opção possível e oportuna de ouvir cada criança, conversar com as mesmas, colocar-me no lugar de ouvinte, transcrever, refletindo sobre suas palavras e não apenas ouvindo, mas escutando atentamente o que elas tinham e têm a dizer, retomando o diálogo sempre que necessário. Este pensamento lembra novamente as considerações de Hartmann (2020) a respeito da existência de duas formas de trabalhar a participação dos/as colaboradores/as. A 1) Promoção da participação ativa: coprodução e tomadas de decisão e os 2) Engajamentos menos ativos: consulta e emissão de opinião. Neste estudo, as entrevistas mostram-se como meio de buscar engajamentos menos ativos que parecem garantidos, continuando com o propósito de colocar a promoção da participação ativa mais presente.

Como foi mencionada a escolha metodológica possível diante do contexto sanitário, quais seriam as outras opções? A ideia inicial da pesquisa era testar metodologias já aplicadas com sucesso por pesquisadores dos estudos da/s infância/s, como brincadeiras com cartões e bonecas (Fazzi, 2006), aludindo a situações do cotidiano, num diálogo lúdico. Foi feito, inclusive, um pré-teste com cartões, quando ainda pretendia trabalhar relações raciais. Na época, minha orientadora me emprestou alguns cartões que ela já havia usado em uma pesquisa realizada em escolas. Os cartões eram bem simples, continham imagens impressas de pessoas em diferentes lugares e contextos, com características físicas diferentes – pessoas negras e brancas –, para serem associadas pelo grupo infantil a outras imagens de cartões que faziam referência à profissão, a aspectos socioeconômicos, entre outros fatores. Mesmo com algumas dificuldades que surgiram no dia do pré-teste, o método poderia ser promissor, mas a pandemia impossibilitou o uso dos cartões, pois a ideia era fazer uma brincadeira coletiva, com trocas das diferentes visões entre as crianças. Reuni-las, diante do contexto sanitário, ficou bem difícil.

Outras técnicas foram pensadas, como criar condições para a produção de desenhos – que vêm sendo utilizados – e entrevistas em que as próprias crianças fizessem perguntas umas às outras e aos adultos, como um tipo de programa televisivo, onde imagem e som seriam registrados. Conversando com o Mestre Representante do núcleo, foi sugerido por ele que utilizássemos equipamentos do núcleo, como filmadora, mas infelizmente não foi possível materializar essa ideia em função das normas de distanciamento.

O que predominou foram as entrevistas e os desenhos (principalmente as sessões temáticas de desenho/pintura/arte com massinha promovidos pela OE) além da observação participante. Foram também considerados como “objetos de análise” as brincadeiras, os vídeos e fotografias registrados. Em relação aos desenhos, O’Kane (2005) mencionando o trabalho de James (1995), traz ideias interessantes ao trabalhar com desenhos e histórias. Ela fala que conversar com as crianças sobre os significados que elas próprias atribuem aos seus desenhos ou pedir-lhes para escreverem uma história permite-lhes participar de forma mais produtiva nas questões investigativas ao usar o talento que possuem. Assim, garante-se que as estratégias comunicativas permitam que a agenda das crianças seja precedida. Dramas, histórias e canções também são boas opções nesse sentido (O’Kane, 2005). Essa sugestão de James foi, em teoria, colocada em prática com as crianças menores. Como as entrevistas predominaram em função da pandemia, quando essa abrandou, a maioria das crianças já haviam sido entrevistadas e, por esse motivo, foi feita a escolha metodológica de manter essa técnica como a principal, dando continuidade ao trabalho que já vinha acontecendo. As crianças menores foram contactadas depois, em um segundo momento da pesquisa e, para elas, foi escolhido o recurso de desenhar e contar a história do desenho (há apenas duas crianças pequenas). Uma optou pela entrevista e com a outra, não foi possível fazer a história do desenho ou entrevistar porque fui à casa dela com horário agendado previamente, mas ela não pôde me atender e não conseguimos agendar um segundo encontro. Entretanto ela colaborou em outros momentos, desenhando, inclusive.

Ainda problematizando as técnicas e ferramentas de pesquisa, um ponto que merece destaque são as estratégias para tentar mexer, de alguma maneira, no desequilíbrio de poder entre os/as colaboradores/as e a pesquisadora adulta. O’Kane (2005) aponta algumas táticas interessantes, como a escolha da criança para participar, a escolha de quando, como, onde e quem vai participar das conversas, manter a confidencialidade, colocar os/as pequenos/as no controle do gravador – quando este tiver a autorização deles/as para ser usado –, humor, perguntar a opinião das crianças sobre como melhorar a investigação e valorizar o tempo deles/as, com agradecimentos.

A desigualdade geracional está posta socialmente, não há como negar isso. James (2019) argumenta “[...] que qualquer reconhecimento das crianças como cidadãos no mundo social, com ideias para contribuírem como crianças, permanece desigual” (2019, p. 221). Em concordância com essa percepção me proponho a uma espécie de vigilância epistemológica, somada a tentativas – talvez ainda bem pouco expressivas – que pretendem ir além das críticas, na busca, através da tomada de alguma ação, de manifestar a discordância com essa realidade e o desejo de transformá-la.

Em relação às entrevistas com adultos, elas foram realizadas com cinco pessoas, diretamente responsáveis pela Orientação Espiritual (OE), que é uma equipe incumbida de acompanhar os grupos infantis no espaço religioso, promovendo e executando programações lúdicas e espirituais. Quando falo em programações lúdicas estou me reportando às brincadeiras em si, que são constantemente promovidas no núcleo.

Em relação a ludicidade e a espiritualidade citadas, estas envolvem brincadeiras, mas com algum conteúdo relacionado à religião, como a atividade do dia 1º de novembro, por exemplo, sobre a qual comentarei na seção 3.2. Ainda que formada por uma equipe, a OE é liderada por uma pessoa que direciona as atividades realizadas, cargo que dura por três anos, quando uma nova pessoa assume a função. Quem supervisiona e acompanha o trabalho da Responsável Nuclear – como é chamado/a o/a condutor/a da equipe – é o Mestre Representante do núcleo.

As entrevistas foram feitas com as pessoas responsáveis por este departamento, inicialmente com a pessoa responsável pela OE nos dois triênios anteriores e posteriormente a atual ocupante do cargo. “A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo” (Thompson, 1992, p. 254). De fato, as entrevistas exploratórias – considerei a entrevista com a Responsável Nuclear do triênio 2015-2017 como exploratória – deram um panorama direcionando para onde seguir. Mas a prioridade foi entrevistar as crianças.

De maneira correspondente a Falcão (2014), opto em iniciar as entrevistas com os adultos para ganhar confiança – não por serem adultos. Em momentos de necessidade, utilizo-me da própria reprodução social enquanto estratégia de pesquisa, para obter, assim como a autora, a forma de inserção em meio ao grupo infantil. Foi uma oportunidade para conversar com mais profundidade e explicar a pesquisa, ganhando tranquilidade para me aproximar.

Enfatizo um obstáculo que surgiu no campo. Comecei a frequentar o Núcleo

Conselheiro Salomão Gabriel em 2018 – quando pedi transferência do Núcleo Campina Grande para me associar em João Pessoa –, ano de ingresso no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPB). Ingressei no curso e no campo praticamente ao mesmo tempo e, embora nesse primeiro ano eu estivesse apenas cursando as disciplinas, o projeto já continha a ideia de realizar a pesquisa no NCSG e, embora eu já tivesse proximidade com algumas pessoas no espaço, ainda havia um tanto de pessoas que não me conheciam ou me conheciam pouco. Então comecei a conversar com as pessoas a respeito do estudo que pretendia fazer, dialoguei com alguns pais, já buscando informar a respeito da pesquisa e ir conquistando a confiança deles para que pudesse ter a autorização de conviver mais de perto com as crianças.

Esse processo demorou mais do que imaginei. Percebia uma certa desconfiança das pessoas – e da própria instituição –, não sei bem se pela informação de que seria feita uma investigação, se o motivo seria a pesquisa ser realizada com as crianças – algo surpreendente para alguns/algumas – ou por ainda não me conhecerem bem e não se sentirem seguros/as de permitir minha aproximação. Com efeito, esse sentimento de segurança, autorização e assentimento para me aproximar só foi alcançado depois de aproximadamente um ano e meio e de algumas tentativas da minha parte. Entendi que o método que estava usando – de abordar diretamente as pessoas – não estava sendo tão eficaz e comecei a conversar com algumas pessoas da direção, inclusive com o Mestre Representante da época – que tem doutorado em Sociologia e contribuiu bastante com essa pesquisa – que se dispôs a conversar com a direção do núcleo, informando do trabalho pretendido e se dispondo a divulgar um comunicado mais formal pelas redes sociais da “irmandade” – termo êmico –, noticiando que o estudo estava autorizado, falando de sua relevância e solicitando a colaboração dos pais.

Pode-se levantar questionamentos sobre a autoridade religiosa do Mestre Representante e que poderia estar associada ao fato de ele ter título de doutor em Ciências Sociais – poder atrelado ao conhecimento científico. Essa hipótese é refutada atualmente pela própria academia, mas ainda tem presença forte nas relações sociais cotidianas. Contudo, o campo mostra que a autoridade está ligada ao cargo de Mestre Representante porque já estive com pessoas em graus hierárquicos ainda mais elevados do que o dele, cuja autoridade está à altura do grau, ou seja, hierarquicamente superior, e que a pessoa que ocupava/ocupa este cargo não tem sequer o ensino fundamental. A autoridade no campo está atrelada ao grau ocupado e não, necessariamente, ao nível escolar da pessoa – embora não se possa descartar totalmente que o nível de instrução influencie de alguma forma, já que, como disse, vivemos em uma sociedade que valoriza o conhecimento científico.

Mestre Gabriel, por exemplo, tinha escassa escolaridade, “aprendeu a ler e escrever sozinho e foi pouco à escola – três meses” (Do Sertão [...], 2015, p. 1), contudo ele é considerado pela irmandade como um ser de grande sabedoria. Tanto Mestre Gabriel quanto seus primeiros seguidores eram, na maioria, pouco escolarizados. A origem da religião foi em contexto de muita simplicidade e poucos recursos. No entanto, atualmente a religião é conhecida por ser frequentada por pessoas urbanas, profissionais de diversos ramos – inclusive cientistas e intelectuais.

Dando continuidade aos passos iniciais da investigação, as coisas foram fluindo melhor depois da intervenção/contribuição do Mestre Representante⁵². Entretanto, outro contratempo surgiu. Na UDV os/as adeptos/as realizam a maior parte das atividades do núcleo e são divididos em escalas de trabalho para a realização dessas tarefas – falarei mais detidamente a respeito nas próximas páginas. Como sou sócia, preciso cumprir – assim como todos/as os sócios/as – com alguns afazeres⁵³ (organização da cozinha, do refeitório, banheiros, entre outras coisas, a depender da escala) e não foi fácil dividir o tempo entre cumprir com essas obrigações e fazer a pesquisa de campo. Nesses momentos, era vista pelos adultos mais como sócia e menos enquanto pesquisadora. Creio ter sido vista enquanto pesquisadora mais pelo olhar infantil.

Essa barreira foi notada com rapidez e meios foram buscados para driblá-la, como conversar com as pessoas responsáveis pela organização das escalas, pedindo para que minhas tarefas fossem distribuídas mais à noite ou depois da sessão, quando as crianças não estariam tão imersas em suas atividades e isso foi feito. Porém, é comum que o grupo escalado para as atividades não chegue em sua totalidade, geralmente faltando pessoas para cumprir todas as atividades necessárias e, como eu estava sempre por lá, normalmente me era solicitada a execução de alguma tarefa. O empecilho principal era o constrangimento de negar o que era solicitado e, por essa razão, tive de lidar com essa adversidade até o final da coleta de dados.

Ponderando ainda a respeito das entrevistas (que se mostraram proveitosas também nesse sentido, já que indo até a casa das crianças e adultos, eu poderia conversar com elas/eles sem interrupções), no decorrer do estudo foi avaliada a necessidade de realizar entrevistas com outros/as colaboradores/as. Alberti (2018), enuncia em seus escritos que no momento de elaboração de um projeto é difícil definir quantos entrevistados são necessários para assegurar o valor dos resultados da investigação. Somente ao longo do trabalho de produção das

⁵² O que demonstra o poder institucional.

⁵³ Há um zelador no núcleo (o único que recebe um salário pelo trabalho), mas os sócios auxiliam na limpeza porque a área é grande, tem plantio e diversas tarefas.

entrevistas que o número necessário se descortina com mais precisão; conhecendo e produzindo as fontes do estudo é que os/as pesquisadores/as têm a condição e capacidade de avaliar a adequação do material obtido para alcançar os objetivos propostos. É um processo comum às pesquisas, acompanhar a progressão do “objeto de estudo” e avaliar quando o trabalho com as fontes já fornece instrumental suficiente para construir um entendimento fundamentado.

Para problematizar essa que é uma das principais ferramentas escolhidas nesta investigação e que também apresenta limitações, evoco Alberti (2008) que chama a atenção para o fato de que o entrevistado, ao contar suas experiências, transforma sua vivência em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de forma a dar determinado sentido. A autora lembra ainda que o que o entrevistado fala depende de alguns fatores como a circunstância da entrevista e a maneira como percebe o entrevistador. Quando fala do passado diante de um gravador ou câmera cria-se uma certa artificialidade, justificando que a narrativa oral, contrariamente ao texto escrito, não costuma ser registrada.

Estas reflexões nos alertam para o fato de que o/a entrevistado/a não está com a verdade absoluta, assim como o/a pesquisador/a também não está; o que ambos têm são percepções da realidade. “Da mesma forma que desenho e palavra escrita constituem uma reinterpretação do relato oral, também o indivíduo intermediário, por mais fiel, acrescenta sua própria interpretação àquilo que está narrando” (Queiroz, 1988, p. 17).

Tal discernimento está afinado com o vocabulário caianinho. É constante ouvir, inclusive ao longo dos rituais, como é valoroso respeitar as diferentes compreensões, estando ciente de que cada pessoa tem sua subjetividade, sua maneira singular de perceber o mundo. É bem comum ouvir conselhos rituais orientando a escutar o que as pessoas têm a dizer e examinar para tirar suas próprias conclusões.

Outro ponto que merece prudência é o lugar onde as conversas acontecem. A esse respeito Thompson (1992) questiona: “[...] onde deve ser feita a entrevista?” O autor mesmo responde ao questionamento, dizendo que deve ser em um lugar em que o informante se sinta à vontade. Indica o melhor lugar que, segundo ele, é na própria casa do/a entrevistado/a, reforçando sua afirmação quando se trata de uma entrevista centrada na infância ou na família.

Um professor e pesquisador experiente como Thompson (1992) nos lança luz na aplicação da técnica e na análise dos dados. Em função do tempo estendido no campo, realizei entrevistas com as duas responsáveis nucleares que antecederam a atual. A entrevista com a responsável nuclear da OE do triênio 2018-2020 foi realizada no âmbito⁵⁴ da União e a

⁵⁴ A forma que os sócios descrevem as fronteiras do território religioso.

entrevista com a responsável nuclear do triênio 2015-2017 foi realizada em seu local de trabalho. Que implicações isso pode ter na análise dos dados? É algo a se estar alerta. Contudo, todas as entrevistas com o grupo infantil foram realizadas em suas casas, mesmo que a orientação de Thompson não tenha pesado, de fato, nessa decisão, mas a sindemia; o conhecimento acumulado do professor assegura que o caminho, ainda que condicionado pela conjuntura, leva onde se precisa chegar.

Em relação às entrevistas com as crianças, vejo que as circunstâncias favoreceram no sentido apontado por Thompson (1992), pois todas as entrevistas com as crianças, tanto as duas primeiras que aconteceram *online* quanto as presenciais, foram feitas em suas casas – nas entrevistas *online* as meninas estavam em suas casas. Assim, elas puderam estar num lugar confortável para elas.

Em resumo, a etnografia incluiu:

Quadro 1. Técnicas aplicadas

Técnica	Local	Datas
Entrevistas <i>online</i> com crianças	Remotamente – entrevistadora e entrevistados em suas residências	Março de 2021
Visitas às famílias – entrevistas com crianças	Nas residências dos entrevistados	2021-2022
Entrevistas com adultos	NCSG com exceção da primeira que foi no local de trabalho da entrevistada	2018-2022
Observação participante	NCSG	2019-2023

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

A proposta primeira era realizar uma pesquisa qualitativa/quantitativa, além dos métodos e técnicas mencionados. Elaborar um quantitativo de dados primários com as informações coletadas de como as crianças se autodefinem no aspecto religioso, pareceu interessante. Além disso, fazer a análise de dados numéricos na montagem do perfil dos frequentadores da religião seria complementar para nos dar um panorama mais amplo do perfil das crianças. As condições sanitárias, porém, impuseram obstáculos no levantamento dos dados fundamentais com as crianças e, dessa maneira, foi necessário priorizar as entrevistas e, em função do comprometimento do tempo nessa fase da coleta de dados, não foi possível materializar esse planejamento.

A pesquisa ocorreu então pelo viés qualitativo que, como lembra Carneiro (2018), dá a possibilidade de maior liberdade no delineamento das análises e na condução do trabalho, partindo dos dados coletados através da observação participante e contato com os sujeitos. Para demonstrar para o leitor o que foi apreendido qualitativamente, alguns dados – centrais na

discussão da temática – foram analisados com o recurso de tabelas, como forma de ilustrar o que foi captado.

Agora, para ambientar este trabalho entre as produções científicas, fecho o capítulo com uma atualização da produção de conhecimento a respeito do conteúdo aqui abordado.

1.4 Colhendo para plantar: a produção acadêmica realizada

Para dar um aporte teórico ao estudo, foi feita uma consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com o intento de realizar uma atualização teórica do que vem sendo produzido, em diálogo com o teor aqui investigado. Mas, antes de mostrar o que há de mais recente, é válido voltar o olhar para a “Sociologia da Religião Clássica”, dando um passo atrás para, em seguida, ir adiante.

Início com Durkheim que, em suas primeiras obras, sublinha a relevância religiosa para a sociedade – religião enquanto parte essencial da vida social –, enquanto fonte original de todas as ideias filosóficas, morais, jurídicas e científicas surgidas depois. Mas é no livro “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, que o autor desenvolve seu tratado mais importante da sociologia da religião, ampliando sua teoria de caráter funcionalista (função da religião na sociedade), falando da natureza moral dos fenômenos religiosos (religião enquanto comunidade moral) e da religião como uma força exterior que se impõe, colocando os homens submissos à sociedade.

Durkheim afirma que não pode haver crenças morais coletivas que não sejam dotadas de caráter sagrado. Ele busca, nessa obra, uma universalidade dos aspectos elementares constitutivos da religião, vendo-a como um fenômeno que não proporciona apenas certa unidade moral aos indivíduos, mas garante a coesão necessária à existência da sociedade (Giddens, 2000; Durkheim, 2003; Weiss, 2012). Para o sociólogo, a ciência não substitui a religião – há algo eterno nela. Nas Formas Elementares, o autor entende que a religião é algo eminentemente social, as representações religiosas são representações coletivas.

Entre os pioneiros sociólogos da religião Weber também se destaca. Os temas que conduziram sua vida intelectual, estão contidos, em sua maioria, em sua sociologia da religião.

Max Weber passou a ser reconhecido como pensador expoente da Sociologia Clássica por conceber a singularidade da civilização ocidental moderna como resultante da combinação de processos como racionalização, desencantamento do mundo e secularização ou por diagnósticos de outros processos irreversíveis de grande abrangência, como a burocratização. Pouco conhecida é a circunstância de que grande parte destes temas, que marcam a singularidade de seu pensamento, está contida nos trabalhos de sua Sociologia da Religião (Gigante, 2013).

Weber enxerga a religião enquanto “ação comunitária” – com seu aspecto congregador que impacta a ação dos indivíduos, lembrando que a ação é o elemento essencial da análise sócio-histórica weberiana, na medida em que o autor tem como preocupação maior compreender o sentido da ação (Oliveira, 2009).

Em sua pesquisa, o autor busca captar as relações entre economia e religião. Reconhece o capitalismo como uma força na realidade social moderna, trabalhando com o econômico e o religioso em sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Nela, ele analisa a origem de uma consciência econômica condicionada a um conteúdo da fé religiosa.

No livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o autor analisa o fato de alguns dos primeiros centros de desenvolvimento capitalista na primeira parte do século XVI serem de religião protestante. Ele traça “a hipótese de que a visão social de mundo advinda da reforma, sobretudo a de Calvino, teria contribuído para a disseminação de um *ethos* em afinidade eletiva com o que chamou de espírito do capitalismo” (Gigante, 2013, p. 139). A natureza específica das crenças protestantes implica, assim, na relação entre protestantismo e racionalismo econômico. A contribuição de Weber não está em sugerir a relação entre Reforma e capitalismo moderno, isso já havia sido feito. A originalidade da obra está na verificação de que pessoas que dedicam a vida a atividades econômicas e a obtenção de lucro eram, geralmente, indiferentes ou até hostis à religião, já que suas ações visavam o mundo material, enquanto a religião se interessava pelo mundo não-material. O protestantismo, porém, se interessava pelas atividades quotidianas, exigindo uma disciplina ainda mais rígida do que o catolicismo, injetando um elemento religioso em todos os aspectos da vida (Giddens, 2000).

O espírito do capitalismo moderno caracteriza-se, então, por uma combinação da dedicação a atividade lucrativa através de métodos econômicos legítimos, mas não utilizando esse rendimento em prazeres pessoais. Assim, a eficiência do desempenho da atividade profissional constitui um dever e uma virtude. Em outras palavras, a obra tem como recorte o caráter predominante protestante, que em sua análise pregava a acumulação de capital em um objetivo existencial.

A religião aparece em seus textos de duas maneiras diferentes, quais sejam: enquanto um objeto analisado em sua singularidade e enquanto uma manifestação social que influencia de maneira significativa os demais aspectos da vida comunitária. Ao se debruçar sobre as religiões mundiais (confucionismo-taoísmo, judaísmo-cristianismo e hinduísmo-budismo), Weber estuda a racionalização cultural de suas cosmovisões. Gigante (2013, p. 148), expõe que a sociologia da religião de Weber remete para a “[...] permanência das grandes linhas de

relações sociais, por meio da sustentação interna do poder e da dominação, definida pela crença em sua legitimidade”.

Contemporâneo de Weber, Simmel tem um estilo ensaístico. Enquanto Weber focava na ação individual, Simmel, apesar de concordar com Weber no sentido de uma análise de “pequeno alcance”, toma como base em seus estudos a interação social.

A centralidade dos ensaios simmelianos sobre religião reside na distinção que ele faz entre religião e religiosidade. A pretensão de Simmel é a de que a religião constitui uma categoria formadora e fundadora da experiência humana; mas ela resulta de uma "função humana subjetiva" que ele chama de religiosidade, termo do qual ele se apropria de um modo peculiar para designar uma função caracteristicamente humana que só pode se completar na interioridade íntima do indivíduo (Pierucci, 2010).

Para Simmel, a religião não cria a religiosidade, pelo contrário, é a religiosidade que cria a religião. Ela precede a religião e por esse motivo não pode ser chamada de religião. “Religiosidade é aquele fenômeno religioso que habita as profundezas da alma e que ainda não pode ser chamado de religião, aquele fundo profundo que pulsa na alma da pessoa religiosa [...]” (Pierucci, 2010, p. 104).

Na obra *Religião* (ensaios – volume 1/2), Simmel nos apresenta uma metodologia para o estudo da religião que diverge do tipo ideal weberiano, oferecendo um protagonismo maior aos atores. O autor elenca a pessoa religiosa como material de estudo assim como a maneira como ela vê o mundo, o constitui e o experimenta (Paula, 2012).

Simmel deteve-se nas relações sensoriais que auxiliam a entender as evoluções históricas das ideias religiosas. Para o autor, o princípio da religião se reveste pelo movimento de ressoar e religar, no qual os elementos do universo são coletados e conectados de forma pessoal, isso é expresso em suas ações no mundo (Paula, 2012).

Os ensaios desse livro assumem um diálogo coeso, sendo possível inferir que “A Religião” apresenta uma síntese da sociologia da religião simmeliana, enquanto os demais ensaios que compõem a obra revelam alguns aspectos emblemáticos da temática (Paula, 2012).

Já na obra *Religião* (ensaios – volume 2/2), a ideia central que percorre os ensaios é a sugestão metodológica de observar na religião o momento anterior dela se tornar uma religião. Assim, a natureza da religião pode ser encontrada em uma série de relações que, de forma aparente, não contemplam aparatos religiosos (Gabriel, 2011).

Apresentadas as contribuições centrais dos clássicos – sim, considero Simmel um dos clássicos – para a sociologia da religião, ressalto que não desconsidero a contribuição destes

autores, mas decidi ir por outro caminho. Contudo, antes de continuar minha trilha dissertarei, ainda que brevemente, a respeito desse campo no Brasil com um viés contemporâneo. Burity (2020) escreveu um balanço da produção da sociologia da religião no país, identificando a produção publicada em revistas da área e aponta alguns aspectos que chamam a atenção.

Um deles é o fato de autores europeus predominarem maciçamente sobre outras origens geográficas nas referências – volto a essa questão na seção 3.1. Todavia, outros aspectos também se apresentam, como a percepção de uma pluralidade religiosa. Há também um crescimento numérico das revistas, artigos e autores dialogando sobre a temática, assim como uma diversificação institucional e regional desses debates. Foi identificado, portanto, um aumento na quantidade de pessoas produzindo na área e de modo semelhante acontece com os canais de difusão da produção. Esse crescimento significou uma distribuição regional mais policêntrica da produção (Burity, 2020).

Burity (2020) expõe ainda que a atenção dada a cada religião não corresponde à sua dimensão demográfica, mas ao que se sabe sobre a visibilidade e as controvérsias públicas associadas a diferentes religiões no Brasil – apesar das controvérsias no campo hoasqueiro/ayahuasqueiro, ele não é mencionado. Um derradeiro ponto é o destaque para a desinstitucionalização enquanto característica de como as pessoas têm vivenciado a religião ou as religiões que elas escolhem adotar.

Dito isso, regresso à consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A averiguação foi feita tomando como referência as publicações mais recentes disponíveis, quais sejam, as dos anos de 2018, 2019 e 2020 – o propósito era também incluir o ano de 2021, todavia os dados ainda não estavam disponíveis no período da consulta⁵⁵.

Para averiguar as informações, optei pelo acesso aos Dados Abertos da Capes buscando pelos Conjuntos de dados. A busca conduziu até o Catálogo de Teses e Dissertações Brasil, constando elementos completos de todas as produções dos referidos anos e cadastrados na página da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

No ano de 2018 foram encontradas 90.470 teses e dissertações publicadas em todas as áreas e em todos os estados brasileiros. Ao colocar o filtro “ayahuasca” foram selecionados 15 trabalhos. Ao colocar o filtro “criança”, 937 produções apareceram e, por fim, ao colocar o

⁵⁵ A banca de qualificação – que aconteceu em fevereiro de 2022 – apontou a necessidade de construir um estado da arte e a partir de março de 2022 dei início a esta fase do trabalho. O foco do recorte temporal foi atender a busca das produções mais recentes acerca do tema, embora tenha feito uma investigação maior a respeito de produções acadêmicas cujo estudo estava voltado para crianças e uso religioso do vegetal – de forma mais ampla, sem tomar como referência apenas o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes –, como será possível averiguar ainda nesta seção.

filtro “infância”, a busca chegou a 287 resultados – foi verificada a repetição de trabalhos nos dois derradeiros filtros.

Em 2019 a contagem geral de produções pós-graduadas no Brasil alcançou o número de 94.504, apontando um crescimento em relação ao ano anterior. Após a primeira filtragem – ayahuasca – foram apontadas 14 teses e dissertações. Após a segunda filtragem – criança – a soma foi de 1.334 e, na terceira filtragem – infância – o cálculo foi de 351 trabalhos.

2020 apresentou uma queda na quantidade de produções, foram 80.115, quantidade inferior aos dois anos anteriores, fenômeno provavelmente ocasionado pela pandemia e pela falta de investimentos em ciência e educação durante o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro. Seguindo a mesma linha de pensamento usada nos dois parágrafos precedentes, o primeiro filtro totalizou 19 produções, o segundo atingiu o quantitativo de 864 e o terceiro somou 317 teses e dissertações. Um filtro foi adicionado na pesquisa, entretanto apenas neste ano (2020) apareceu algum dado – por isso só agora foi mencionado. Foi inserido o filtro “hoasca” e uma dissertação se destacou.

Verifiquei cada uma das tabelas, depois que passaram pelos filtros, e foi realizada a leitura dos textos que tinham afinidade com a temática. Para facilitar e resumir as principais informações, abreviei os pontos principais no quadro a seguir.

Quadro 2. Resumo – Estado da arte

Título	Autor/a – Ano	Instituição	Objetivos	Metodologia
A Infância Afrodescendente: iniciação e socialização religiosas em um terreiro de candomblé jeje-nagô.	Érica Jorge Carneiro 2018.	Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André (Tese).	Entender o espaço das crianças no candomblé jeje-nagô com base nos processos de iniciação e socialização religiosos.	Abordagem qualitativa utilizando a etnografia nos rituais e pesquisa com as crianças do Ile Funfun Axé Awo Osogun, terreiro de candomblé jeje-nagô.
A regulamentação do uso religioso da ayahuasca no Brasil: uma revisão sociológica da legislação brasileira sobre drogas pós década de 1960 à luz das diretrizes internacionais.	Jânio de Oliveira Silva Júnior 2018.	Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Dissertação).	Analisar a trajetória da regulamentação do uso religioso da ayahuasca no Brasil sob um prisma sociológico.	O autor não deixa explícita sua metodologia. No entanto, entende-se que é uma revisão bibliográfica que parte da análise do conceito de droga e a sua problematização a partir das Convenções e Conferências internacionais, que buscavam estabelecer marcos regulatórios, passa pela adequação

				do sistema brasileiro às diretrizes internacionais, até chegar no processo de regulamentação da ayahuasca no Brasil.
Entre o <i>Visível</i> e o <i>Invisível</i> : pessoa e obviação na religião do Santo Daime.	Mateus Henrique Zotti Maas 2018.	Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados/MS (Dissertação).	Compreender o Santo Daime a partir do que chamamos em Antropologia de Noção de Pessoa, um conjunto de elaborações culturais a respeito do Eu e de suas relações com outros seres humanos, com seres não humanos e com o cosmos.	O ponto de partida da análise se concentrará na relação dialética contínua, ritual e eventual, exploradas a partir da ideia de <i>obviação</i> de Roy Wagner (1978). Pretende-se desdobrar os argumentos de Roy Wagner (2014) sobre como modos de simbolização “diferenciadores” lidam com a convenção e a invenção inerentes ao processo de simbolização. Neste trabalho o autor caracteriza o Santo Daime enquanto uma invenção majoritariamente <i>episódica</i> do Eu e da sociedade.
“Eu não me chamo Daime, eu sou é um ser divino”: apontamentos antropológicos sobre o Santo Daime a partir da experiência de seus adeptos.	Jacqueline Alves Rodrigues 2019.	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal De Minas Gerais/MG (Dissertação).	Trazer um olhar antropológico sobre os processos de subjetivação e agenciamentos produzidos na religião do Santo Daime, mais especificamente na relação estabelecida pelos membros da religião junto ao Daime, bebida psicoativa utilizada nas cerimônias da religião e considerada sagrada pelos seus adeptos.	Exercício etnográfico da autora em diversos grupos dessa religião.
O uso da ayahuaska como problema público: um contraponto entre os casos do Brasil e dos Estados Unidos.	Henrique Fernandes Antunes 2019.	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (Tese).	Propõe uma análise do uso religioso da ayahuasca como um problema público.	Partindo de uma interlocução com um conjunto de discussões teóricas e metodológicas presentes no debate sobre secularismo e no pragmatismo

				francês, pesquisa volta-se para as análises dos processos de regulamentação da ayahuasca para o uso religioso e do reconhecimento dos grupos ayahuasqueiros enquanto religiões em dois contextos distintos: o Brasil e o caso dos estados do Oregon e Novo México nos Estados Unidos.
Da poeira do chão batido do terreiro à oca sagrada dos pequenos pajés: o lugar das crianças e os processos educativos à luz dos rituais na doutrina do Amanhecer.	Márcia Maria da Silva Sousa 2020.	Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina (Dissertação).	Refletir sobre o lugar da criança na doutrina do Amanhecer e os processos educativos que permeiam os rituais, especificamente no ritual dos pequenos pajés, sendo este o espaço ritual das crianças.	Esta reflexão faz-se por meio do diálogo entre Educação, Criança e o estudo dos rituais sob a ótica da Antropologia. Nesse ensejo, as memórias das crianças, suas narrativas, brincadeiras, redações, sabores, cheiro de terra, o correr, fotos, vídeos, oficinas, rodas de conversa e grupos focais tornam-se importantes ferramentas de pesquisa, em complementaridade com as técnicas clássicas.

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

As informações foram organizadas por ano e apresentadas em uma espécie de quadro geral. A partir daqui os aspectos trazidos serão percorridos com maior precisão ao longo do texto. Nesta seção, buscarei apresentar principalmente os resultados de cada estudo, dando um panorama do objetivo principal e das conclusões de cada investigação⁵⁶.

Sigo com as produções que serão comentadas sucintamente – conforme a ordem

⁵⁶ Um detalhe importante a considerar é que não houve a possibilidade de realizar a leitura de uma das dissertações pois ela não foi disponibilizada no sítio eletrônico da Universidade a qual estava vinculada e, assim, não foi possível localizá-la na internet. Trata-se da dissertação intitulada “‘Eu não me chamo Daime, eu sou é um ser divino’: apontamentos antropológicos sobre o Santo Daime a partir da experiência de seus adeptos”. Entrei em contato com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG – instituição à qual a autora do trabalho está vinculada –, solicitando cópia da dissertação, mas fui informada pelo programa que a mestrande ainda não havia solicitado diploma e por isso a dissertação com base nas normas da universidade não havia alimentado o Repositório Institucional. Foi-me passado o e-mail da autora, entrei em contato, mas não obtive resposta.

apresentada no quadro acima –, apresentando o ponto de partida e o de chegada de cada trabalho. A primeira investigação é uma tese, *A Infância Afrodescendente: iniciação e socialização religiosas em um terreiro de candomblé jeje-nagô* e coloca como objetivo geral compreender o espaço das crianças no candomblé com base nos processos de iniciação e socialização religiosos. A autora busca fazer uma análise do lugar, do papel e do espaço destinado às crianças no terreiro e captar como elas constroem sua identidade e vivem a infância a partir de uma conjectura religiosa. Carneiro observa as crianças que comem, choram, brincam, cantam, dançam, correm e vivenciam o contexto religioso, sem que fiquem apartadas do grupo. Ao falar da socialização, ela evidencia a necessidade de as crianças ficarem juntas, querendo a companhia umas das outras a ponto de esquecerem dos pais durante as atividades e até mesmo durante os rituais. O que as crianças mais querem é estar com as outras crianças, gostam umas das outras e ainda mais de brincar. Elas falam dos orixás e aproveitam os rituais, mas se animam mais em processos lúdicos infantis, de forma independente do segmento religioso (ver Pires, 2007). Neste brincar estão presentes também elementos com os quais o grupo infantil tem contato fora do terreiro, como tablets, celulares, dispositivos eletrônicos, jogos e brinquedos – como bonecas, por exemplo –, além das próprias brincadeiras que aprendem nas escolas. A autora destaca a relevância da experiência da criança no terreiro, espaço que auxilia na construção de uma percepção diferente do mundo, de laços sociais e familiares e na construção de sua identidade.

O segundo trabalho é uma dissertação, cujo título é *A regulamentação do uso religioso da ayahuasca no Brasil: uma revisão sociológica da legislação brasileira sobre drogas pós década de 1960 à luz das diretrizes internacionais*. Silva Júnior (2018) expõe como objetivo descrever analiticamente a trajetória da regulamentação do uso religioso da ayahuasca no Brasil, sob um prisma sociológico. O autor fala introdutoriamente sobre a história das drogas no mundo, destacando que a guerra às drogas teve seu início no começo do século XX, quando passa a ser pensada em uma escala mundial. As primeiras Convenções e Conferências para debater o assunto tiveram como objetivo central limitar o comércio do ópio, progredindo até a sua sublimação. Com o passar do tempo e a sistematização do combate ao ópio, outras substâncias começaram a ser inseridas ao longo dos encontros internacionais. Os principais foram A Convenção Única sobre Substâncias Entorpecentes (1961), a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas (1971) e a Convenção contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e de Substâncias Psicotrópicas (1988), ocorridos após o período de guerras – Primeira e Segunda Guerra Mundial. Essa empreitada teve sua gênese nos EUA, país que transnacionalizou o

problema ao tentar resolver suas próprias demandas. Silva Júnior (2018) chama a atenção para o fato de que o hábito de consumir drogas acabou servindo para marginalizar grupos e, no Brasil, não foi diferente. O combate às drogas no contexto brasileiro começa a se intensificar durante a ditadura militar e os militares usam essa “guerra” para criar um novo inimigo nacional. Assim, a guerra às drogas e aos drogados conta com toda a repressão do Estado. Em função da visão da ayahuasca como uma droga, as religiões que fazem uso dessa substância passaram – e ainda passam – por inúmeros entraves, contudo a mudança no perfil dos participantes das religiões ayahuasqueiras – pessoas de classe média e alta, além de artistas e intelectuais – possibilitou uma articulação e organização, acarretando na formação do que Silva Júnior (2018) chama de “uma nova identidade social ayahuasqueira” que, contando com sujeitos detentores de conhecimento processuais e jurídicos, acabou colaborando na implementação e formulação de políticas públicas sobre a ayahuasca.

A terceira produção listada na tabela é uma dissertação, assim nomeada: *Entre o Visível e o Invisível: pessoa e obviação na religião do Santo Daime*. O objetivo de Maas (2018) é apreender o Santo Daime a partir do que o autor chama de Antropologia de Noção de pessoa, um conjunto de elaborações culturais a respeito do Eu e suas relações com o cosmos e com outros seres, humanos e não humanos. Ao longo do texto, o trabalho vai sendo conduzido pela distinção êmica entre invisível e visível, distinção que, esclarece o autor, não se trata de uma simples dicotomia mas é instanciada de diversos modos. Inspirado pelo pensamento de Roy Wagner, Maas (2018) busca encontrar sentido nas aparentes dicotomias daimistas (visível/invisível; material/espiritual; Eu Inferior/Eu Superior) percebendo-as como processos que sofrem transformações contínuas ao ponto de perder seu sentido inicial, podendo ser instanciadas de diversos modos. Alguns pontos relevantes que o autor apresenta em relação ao Santo Daime são a busca pela minimização de sentimentos de vaidade e orgulho, próprios do Eu Inferior e uma sobreposição do Eu Superior, a identidade divina.

O status e a hierarquia na religião estão, portanto, baseados no nível da pessoa e do cosmos, uma sobreposição e predominância do mundo divino sobre o terreno, material, relativizando as hierarquias sociais – classe, idade, matrimônio – e percebendo-as com um caráter ilusório, prevalecendo uma visão de igualdade onde todos são “filhos de Deus”. O mundo é visto como implicitamente moral, o mal e o bem apresentam-se como qualidade intrínsecas das leis universais e recai sobre os atos das pessoas. Dessa maneira, há um cuidado com as atitudes na vida terrena, de forma que se garanta um bom destino após a morte e nas encarnações vindouras, diminuindo o carma de cada um.

O quarto trabalho listado é a dissertação a que não pude ter acesso, denominada “*Eu não me chamo Daime, eu sou é um ser divino*”: *apontamentos antropológicos sobre o Santo Daime a partir da experiência de seus adeptos*. As informações aqui apresentadas foram retiradas do resumo do trabalho, encontrado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A autora apresenta como objetivo principal trazer os processos de subjetivação e agenciamentos produzidos na religião do Santo Daime, particularmente na relação estabelecida pelos membros da religião junto à bebida psicoativa utilizada nas cerimônias e considerada sagrada, sob um olhar antropológico. Através de etnografia, a autora observa que a bebida é considerada pelos devotos que fazem parte da religião como um ser inteligente, dotado de agência e que se relaciona de formas diferentes com aqueles que a ingerem. Rodrigues (2019) procura perceber que tipo de relações são estabelecidas entre o daime e as pessoas, além dos possíveis desdobramentos dessas relações no *ethos* e na identidade daqueles que participam das cerimônias. A autora afirma que estes desdobramentos transbordam o contexto ritual/religioso e influenciam decisivamente em esferas diversas da vida dos daimistas.

A segunda tese e quinto trabalho enumerado é escrito por Antunes e assim titulado: *O uso da ayahuasca como problema público: um contraponto entre os casos do Brasil e dos Estados Unidos*. Apresenta como objetivo analisar o uso religioso da ayahuasca como um problema público, encarando a emergência e desdobramentos dos processos de regulamentação desse uso no Brasil e nos Estados Unidos. O autor diz que a produção de saberes e a incorporação de categorias e argumentos da literatura acadêmica no âmbito das políticas públicas foram essenciais para estabelecer a legitimidade de práticas e o reconhecimento legal dos grupos brasileiros que fazem uso da ayahuasca enquanto religiões. O discurso das ciências humanas e, em especial, da Antropologia, foi fundamental para elaborar políticas públicas, definir o uso como manifestação cultural e religiosa amazônica com seus estilos comunitários de vida e caráter sociointegrador⁵⁷. Outro ponto forte da tese foi problematizar pressupostos sobre o secularismo, deixando de ver o estado a partir de um aspecto institucional macro, onde ou o estado é visto como soberano que regula a vida social e intensifica/produz desigualdades ou que atua como árbitro ou mediador de conflitos.

A derradeira dissertação contida no quadro foi escrita por Márcia Maria da Silva Sousa e recebeu o título, *Da poeira do chão batido do terreiro à oca sagrada dos pequenos pajés: o lugar das crianças e os processos educativos à luz dos rituais na doutrina do Amanhecer*. A autora se propôs a refletir sobre o lugar da criança na doutrina do Amanhecer e os processos

⁵⁷ Termo usado pelo autor.

educativos presentes nos rituais, particularmente no ritual dos pequenos pajés, espaço ritual das crianças. A busca pelo entendimento dos processos parte de uma perspectiva relacional. Outro aspecto que recebe a atenção no estudo é a importância da inserção das crianças na pesquisa e a iluminação de suas agências. A pesquisadora busca entender a cultura e as relações sociais produzidas no Vale do Amanhecer e destaca a afirmação dos/as colaboradores/as de que os valores morais aprendidos no espaço são levados para “fora das cercas do Templo”. Segundo o grupo infantil, após a inserção no ritual dos pajés, eles tornam-se mais tolerantes para o convívio escolar e social em função da educação que lá recebem. Sousa (2020) assegura que crianças e adultos têm papéis sociais e lugares definidos – lugares de prestígio e de direito – e que conseguem demarcar espaços partindo dos processos educativos/rituais. As crianças são vistas como futuros mestres – mestres em preparação – da doutrina e são relevantes para a continuidade e manutenção da estrutura religiosa.

Feito esse rápido passeio teórico, iniciado com as crianças do candomblé, intercalado por estudos envolvendo a ayahuasca, seja no sentido de entender sua regulamentação/ingestão religiosa e o uso da substância como problema público ou na busca pela compreensão no contexto do Santo Daime e encerrado pela pesquisa do lugar do grupo infantil na doutrina do Vale do Amanhecer, temos um suporte para seguir na busca pelo entendimento da espiritualidade infantil na União do Vegetal – se é que ela existe.

Mas, antes de seguir para a próxima seção, preciso citar os raros trabalhos encontrados interligando hoasca/ayahuasca e seu uso por crianças. Até o momento – 2023 –, poucas pesquisas associadas à temática “infanto-juvenil hoasqueira/ayahuasqueira” existem. “Quase nada se sabe sobre tais crianças; o que faz emergir a necessidade de investigações que procurem levar em conta os saberes construídos por elas nestes sistemas simbólicos” (Lira; Ferreira, 2018, p. 15).

No Brasil, pouquíssimas pesquisas citam a participação de meninos e meninas em rituais hoasqueiros/ayahuasqueiros e quando o são, a menção é sem muito aprofundamento – como em Bercê (2007), Macrae (2008) e Oliveira (2008). No entanto, alguns estudos emergiram nesse universo, descobertos praticamente na etapa final dessa investigação, como a dissertação de Teixeira (2004): *Em roda dos meninos: um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá/AM* (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina). Essa investigação teve como objetivo apreender a visão de mundo construída pelas crianças na Igreja do Santo Daime Vila Céu do Mapiá.

Outra dissertação foi localizada, defendida por Feijão em 2015, cujo título é “*Gira, gira, criancinha*”, *aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos em Teresina – PI – Brasil* (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí). O texto de Feijão também aborda o consumo da ayahuasca por crianças, e seu foco é entender como o aprendizado da doutrina do santo daime acontece para elas, ou seja, como tornam-se daimistas no “Céu de Todos os Santos”.

Uma tese também foi encontrada, nomeada *Crianças que bailam na floresta: avaliação psicológica das crianças participantes da doutrina do Santo Daime residentes na Vila Céu do Mapiá, Amazonas*. O trabalho foi feito por Oliveira e defendido em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. A tese apresenta uma sistematização de estudos que analisaram o perfil psicológico de crianças participantes do Santo Daime – também do “Céu do Mapiá” –, relativo ao desenvolvimento emocional e cognitivo.

Além das dissertações e da tese localizei dois artigos: “*Crianças do astral*”: *a infância no Centro Ayahuasqueiro Flor de Jasmim*, escrito por Lira e Ferreira e publicado em 2018 no Caderno Eletrônico de Ciências Sociais e *Intervenção do Estado na liberdade religiosa: ingestão do chá ayahuasca por crianças e adolescentes em seitas*, escrito por Peres e Gabriel e publicado em 2020 na Revista online Fadivale.

Todos os textos descritos debatem a temática dentro da doutrina daimista, com exceção dos artigos. O campo do “Crianças do astral” foi realizado em um espaço reconhecido como um “Terreiro de Umbandaime” e o “Intervenção do Estado na liberdade religiosa” faz menção às três principais religiões ayahuasqueiras/hoasqueiras: Barquinha, Santo Daime e União do Vegetal. Um único artigo, de autoria de Labate (2011) e publicado em inglês, ainda não apresentado, traz dados do CEBUDV.

Trata-se do *Consumption of ayahuasca by children and pregnant women: medical controversies and religious perspectives*, onde a autora destaca que há apenas algumas menções ao uso de ayahuasca por gestantes e crianças na literatura científica e que não encontrou nenhuma referência à pesquisa biomédica sobre os efeitos do chá em fetos ou mulheres grávidas. O único estudo encontrado foi o Projeto Hoasca com adolescentes – que será discutido na seção 2.7 (como foi possível averiguar, algumas investigações já foram realizadas de 2011 para cá, mas nenhuma abarcando ainda o que é apontado pela autora). Labate (2011) afirma que, do ponto de vista científico, as informações disponíveis são limitadas e que mais pesquisas são necessárias, sugerindo estudos com gestantes e crianças em moldes semelhantes ao projeto

de pesquisa utilizado para estudar adolescentes na UDV.

Nesse capítulo falei de aspectos éticos, metodológicos, o lugar de onde falo – enquanto pesquisadora/religiosa – e o contexto sindêmico. Além disso, foi realizada uma atualização teórica abarcando o assunto central – religião, infância e Hoasca –, trazendo as investigações mais recentes da temática. A seguir será possível entender melhor a União do Vegetal refletindo sobre sua legitimidade enquanto religião, conhecer o campo, assim como apreender os aspectos substanciais dessa prática religiosa como a ritualística, os ensinamentos litúrgicos, o vegetal – seu preparo e seus efeitos – e, por fim, uma reflexão a respeito do chá e as controvérsias envolvendo o fato de ser uma substância psicoativa.

CAPÍTULO II

UNIÃO DO VEGETAL

Por que que o Mestre Gabriel fez o vegetal?
(Davi, 8 anos)

Inspirada nas ideias de Armagnague e Rigoni (2016), Hartmann (2020) aponta a necessidade de um cuidado tanto teórico quanto metodológico nas pesquisas com crianças, no sentido de considerar a subjetividade delas e valorizar sua aptidão na mobilização política e na análise do mundo e da sociedade. A autora passa, assim, a prestar especial atenção às contribuições das crianças e suas estratégias de abordagem, passando a adotá-las no próprio encaminhamento de seus trabalhos, suscitando e inspirando possibilidades, também na atual investigação

A pergunta de Davi é posta em epígrafe com esta intenção política, valorando sua aptidão de análise da religião que frequenta e ele, assertivamente, nos auxilia a perceber o papel indispensável que o vegetal tem na UDV, dando o tom do que será visto neste capítulo. Seguindo a guia dada pelo menino, trato aqui do que é o chá, como é preparado, os efeitos que provoca e como é ingerido, dentro de uma sessão. A relevância da ingestão do chá se dá no sentido que ele também é responsável pelas polêmicas que envolvem a instituição, por ser visto como uma “droga”, e isso será abordado.

É preciso apresentar a instituição como um todo, o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – CEBUDV –, por isso explano sobre sua origem e organização, até chegar ao Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, núcleo da UDV onde as observações acontecem. Mas antes disso, note que no fechamento do capítulo anterior um dos artigos nomeia os espaços religiosos hoasqueiros/ayahuasqueiros enquanto seitas. Assim, parece razoável, antes de aprofundar o debate a respeito da UDV, adentrar nessa questão.

2.1 A UDV é uma religião?

Temos testemunhado a emergência de movimentos religiosos politicamente ativos que tem posto em xeque o papel público da religião, geralmente associado ao secularismo, e posto em dúvida noções sobre a vida moderna e sua associação com um caráter secular (Antunes, 2019).

Tais ideias – do público secular e o religioso privado – vêm sendo contestadas e a literatura recente em torno do secularismo vem delineando as questões suscitadas pelas relações

cada vez mais íntimas entre política e religião (Antunes, 2019), como as últimas eleições brasileiras puderam demonstrar – tanto a de 2018 quanto a de 2022. O debate em pauta coloca uma série de pontos que se mostram relevantes ao trazer o viés religioso para o presente estudo, no sentido de debater o valor político-social e o reconhecimento de instituições hoasqueiras/ayahuasqueiras, assim como o direito das crianças à participação religiosa.

Para compreender esse contexto atual, faz-se necessário abrir um pequeno parêntese histórico. Citando a tese de doutorado de Emerson Giumbelli, Montero (2006) argumenta que desde os primeiros momentos da constituição da República brasileira, o combate ao curandeirismo e à feitiçaria fez parte do estabelecimento de uma ordem pública, almejando uma sociedade moderna. Buscava-se diferenciar a “magia” do que se convencionava chamar de “religião”, cuja referência era o cristianismo, em outras palavras, a Igreja Católica. Com essa associação entre “religioso” e “católico”, o princípio da “crença em Deus” é entendido como elemento base do que poderia ou não ser aceito como “religião”, sendo considerado uma referência universal para todas as práticas. Assim negros, indígenas e imigrantes eram submetidos à normatividade da moralidade cristã e das leis, esta última contando com a jurisprudência brasileira, auxiliada pelas autoridades policiais, que esmiuçou espaços privados e públicos para disciplinar e classificar criminalmente os hábitos populacionais.

O foco principal dessa escrutinação era separar o que era “religião” – com direito a proteção legal – de “magia” – tida como antissocial⁵⁸ –, que deveria ser reprimida. Estes processos classificatórios, diz Montero (2006), são políticos e simbólicos.

A rotulação dos grupos contava com a ajuda de aparelhos judiciários e médicos, o primeiro lidando com acusações de feitiçaria e controle da desordem e o segundo encarregando-se de autuar crimes contra a saúde pública. “A demarcação das fronteiras religiosas foi resultado de um processo histórico de diferenciação entre magia e religião, e seus limites se deslocam continuamente em função dos consensos produzidos a cada momento” (Montero, 2006, p. 63).

A antropóloga, analisando o contexto da época em relação à Umbanda, Candomblé e o Espiritismo Kardecista, descreve a construção dessas novas religiões e como elas tomam forma a partir da repressão médico-legal avaliadas dentro da lógica de práticas concebidas

⁵⁸ A magia era tida como antissocial em nome de uma ordem pública. Montero diz: a “República tinha diante de si a difícil tarefa de transformar as naturezas brutas de negros, mulatos e índios (e imigrantes) em uma só sociedade civil, a qual se fundamentaria sobretudo na produção de sujeitos passíveis de serem submetidos à normatividade das leis e na moralidade da religião (cristã). Tratou-se então de absorver e reinterpretar o conhecimento antropológico disponível para discernir o mais claramente possível aqueles que poderiam ser objeto da normatividade legal: feitiçeiros, curandeiros, charlatões, exploradores da credulidade pública ou simples vítimas” (2006, p. 51). A inserção na sociedade só seria possível, portanto, para aqueles que se submetessem às leis e à moralidade cristã.

enquanto ameaças à moralidade. Para ressignificar as práticas como religiosas foi preciso um processo de recodificação, constituindo novos repertórios. A Umbanda, por exemplo, se utilizou de recursos do Espiritismo por ser uma prática mais aceita.

Com as religiões hoasqueiras/ayahuasqueiras acontece evento semelhante, já que desde a sua origem, associada a tribos indígenas diversas da Bacia Amazônica em tempos imemoriais, a bebida é considerada divina, repleta de conhecimentos sagrados que proporcionavam/proporcionam desprendimento espiritual e transcendência. O uso “nativo” tinha a finalidade de abranger visões, encontrar respostas e, principalmente, cura de enfermidades em um contexto onde os recursos, se comparados ao que temos em áreas urbanas, era bem limitado (Silva Júnior, 2018).

Quando passou a ser usada por populações não indígenas a associação com “magia”, curandeirismo e feitiçaria foi imediata, resultado de desaprovação às práticas terapêuticas populares. Posteriormente, como veremos mais detidamente nas próximas páginas, a preocupação passou a ser a associação do chá com entorpecentes, julgado como tóxico e prejudicial à vida em sociedade e à saúde das pessoas. Então a utilização da substância foi classificada pelo aparelho judiciário, houve perseguição da polícia – durante os rituais, inclusive –, questionamentos médicos em relação aos “cuidados” com a saúde pública, entre outras coisas.

A ingestão ritualística do chá foi alvo de repressão, estigma e perseguições. Legalmente, no Brasil, o uso da hoasca/ayahuasca ficou durante muito tempo voltado para ideias como emprego ilegal da medicina, charlatanismo, feitiçaria e curandeirismo, não sendo em nenhum momento vinculado ao uso de droga. A partir das Convenções de 1961 – mais especificamente a de 1971 – o governo brasileiro readéqua suas leis, abrindo a possibilidade de enquadrar a hoasca/ayahuasca como substância ilícita. Antes disso, o uso do chá era recriminado de acordo com o código penal de 1890, não entendido como prática de drogadição, mas como prática indevida de cura (Silva Júnior, 2018).

O debate faz-se pertinente já que o uso religioso da hoasca/ayahuasca, enquanto problema público, atenta para as formas como as práticas populares foram historicamente ponderadas no Brasil, remetendo ao controle do estado (que tem o poder de regulação da religião em função da regulamentação perpassar as instituições estatais), mas contando com negociações com atores diversos que, articulados, conseguem conferir legitimidade a práticas populares, como afirma Antunes (2019).

A categorização das instituições hoasqueiras/ayahuasqueiras como religiões é mencionada por Antunes, trazendo a discussão de Goulart – realizada em sua tese de doutoramento defendida em 2004. A classificação – ou nomeação – como religião teria sido inspirada, inicialmente, em definições dos próprios membros das comunidades hoasqueiras/ayahuasqueiras. O fato é que a categoria passa a ser amplamente utilizada no meio acadêmico e consolida-se como noção chave, até os dias de hoje, quando se quer descrever os grupos da União do Vegetal, Santo Daime e Barquinha. Assim, o uso religioso da hoasca/ayahuasca é legitimado e os grupos reconhecidos enquanto religiões não apenas pelo resultado do desenvolvimento de políticas públicas, mas também pela forte contribuição acadêmica que agrupou manifestações e práticas diversas como parte de uma mesma tradição levando em consideração o uso da hoasca/ayahuasca. Logo, ponderando a literatura sobre a temática, nota-se que o debate acadêmico desenvolve uma postura política que contribui na percepção do uso da hoasca/ayahuasca como manifestação cultural e religiosa amazônica.

Antunes (2019) menciona em sua pesquisa o surgimento, pela primeira vez, da expressão. Ele cita a coletânea “O uso ritual da ayahuasca”, de Labate e Araújo, publicada em 2002, como a obra que inaugura o termo, com o intuito de fazer referência às entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras União do Vegetal, Santo Daime e Barquinha, como pertencentes a uma mesma tradição de uso do chá. A partir de então, o termo se dissemina entre os estudiosos da área nas produções científicas que envolvem a temática.

2.2 O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

Por que estudar religião? Destaco o importante papel das religiões na sociedade, que é o da orientação de conduta (Prandi, 1995, p. 128) e manutenção de regras sociais e morais. Por este e outros motivos esta análise se faz importante. O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal afirma que seu trabalho religioso está vinculado ao desenvolvimento de virtudes – morais, intelectuais e espirituais – e tem caráter filantrópico, religioso e cultural. Acredito que a associação com virtudes morais e espirituais, assim como o aspecto filantrópico – bem característico de centros espíritas em geral – e cultural (neste sentido alguns aspectos já foram abordados neste texto) seja feita com mais facilidade. No entanto, como o CEBUDV contribuiria no tocante a virtudes intelectuais?

Por ser uma prática religiosa que preza pelo “jeito caboclo” e pela “simplicidade

cabocla”⁵⁹, a oralidade é vista como valiosa e, por esse motivo, há um incentivo em “exercitar a memória” – termo êmico – aprendendo os ensinamentos e chamadas sem recorrer aos registros escritos. É no aprender, fazendo uma observação analítica, que está a centralidade da prática religiosa e é aprendendo que se des(envolve) a espiritualidade, que se adquire valores éticos e morais, que se aprende a ser altruísta. Este aprendizado é conquistado bebendo o chá e participando dos rituais, perguntando a quem tem mais experiência – dentro e fora das sessões.

Saindo do conceito dos princípios e partindo para a configuração estrutural e física, a UDV se afasta do caráter simples e demonstra uma corporatura fortemente organizacional. Como aludido na seção 1.2, a instituição conta com 20 regiões, cada uma tendo entre 4 e 10 núcleos, sendo cada núcleo composto por uma diretoria própria, eleita por três anos com presidente (maior autoridade de um núcleo no plano material, para resolver questões da estrutura física), vice-presidente, secretário, segundo-secretário, tesoureiro, segundo tesoureiro, orador oficial e diversos departamentos. No plano religioso, o maior grau é ocupado pelo Mestre Geral Representante (MGR)⁶⁰, seguido por: Mestre Assistente Geral (MAG), Mestre Central (MC), Mestre Assistente Central. Seguindo a hierarquia, em nível micro, estruturando cada núcleo temos: um Mestre Representante (MR), um Mestre Assistente (MA), Mestres, Conselheiros e Conselheiras, discípulos do Corpo Instrutivo e discípulos do quadro de sócios.

Cada região é coordenada por um Mestre Central e um Conselho da Administração Central – CONACE –, composto pelos representantes dos núcleos da região, acrescidos dos mestres que já foram representantes e dos mestres que já foram centrais da região. O Mestre Central é a pessoa responsável pela supervisão de núcleos nas regiões administrativas da UDV. Já o Mestre Representante (MR) como já dito, é a maior autoridade em um núcleo. O Quadro de Mestres (QM) auxilia o MR e o Corpo do Conselho integra a direção e auxilia o QM no planejamento e execução das atividades. O Corpo Instrutivo é o que Bernardino-Costa (2011) chama de “braço executivo da direção” e é integrado por pessoas que são mais comprometidas com a organização religiosa. Por fim, o Quadro de sócios⁶¹, o primeiro degrau dessa hierarquia (Bernardino-Costa, 2011).

O que conduz a ascensão e permanência nos graus? Walsh Netto (2017) explica que essa ascensão e permanência estão ligados à conduta, ou seja, há um sentido moral que influencia diretamente o indivíduo a conseguir galgar esses graus. Chegar aos postos mais

⁵⁹ Termos êmicos que estão associados ao jeito simples, fazendo ligação tanto com a cultura sertaneja (relacionada a origem baiana de Mestre Gabriel), quanto a cultura cabocla (relacionada a origem amazônica da UDV).

⁶⁰ Ele supervisiona o trabalho administrativo e espiritual tanto no Brasil quanto no exterior.

⁶¹ Ser sócio/a proporciona direitos e deveres. Dever de pagar mensalidade, de cumprir escalas e direito de usar um uniforme, de sugerir novos sócios, participar das sessões, participar das reuniões de diretoria e sugerir atividades.

elevados não depende, insistem, de uma conjuntura econômica, política, social ou intelectual. Como discorre Almir Nahas, mestre na UDV:

[...] conforme a gente caminha na União do Vegetal a gente vê o nível de compromisso espiritual que é vivido aqui. A União do vegetal não é assim, no domingo eu vou na missa, no outro domingo eu não vou, eu vejo que quem segue mesmo pra valer na União do Vegetal, assim como quem segue na Igreja Católica também, tem um compromisso diário com a religião (Almir Nahas, 2021)⁶².

Assim, como falou mestre Almir, que ocupa um cargo de destaque, a ascensão e permanência nos graus tem a ver com responsabilidade, com dedicação comprometida com os trabalhos feitos para a União – tanto para o desenvolvimento interno da irmandade, quanto para benefício externo, já que existem alguns trabalhos de beneficência para a comunidade.

Um sistema hierárquico implica relações escalonadas de poder. No entanto, Maas (2018), em sua dissertação a respeito do Santo Daime, fala que a hierarquia daimista, ao nível social, tem como medida uma atitude de desapego e humildade comportamental: “A resignação e a humildade são valores e guias comportamentais para a mediação do status social. Isso não significa a inexistência de conflitos no que toca a essas diferenças [...]” (Maas, 2018, p. 70).

Acontece algo semelhante na hierarquia da União do Vegetal porque quem está nos cargos mais elevados tem o direito de doutrinar (nesse caso, doutrinar significa, além de transmitir os ensinamentos, corrigir posturas que sejam contrárias aos ensinamentos), por exemplo, mas é de quem é mais exigido que coloque em prática o que está ensinando, a força de sua palavra depende disso. Sendo assim, o valor da humildade, como um ensino da UDV, só pode ser verdadeiramente ensinado por um mestre, se é visto na prática comportamental do mesmo ou se ele reconhece que o que ele está ensinando serve para ele também, o que por si já demonstra a busca de colocar a virtude em prática. É mencionando esse ensino do Mestre Gabriel que Walsh Netto (2017) intitula sua tese: “O exemplo na vida de quem prega”.

Outro fator que vale ressaltar é que nenhum dos cargos – no caso dos elegíveis, como o de Mestre Representante, por exemplo –, é ocupado de forma vitalícia. Acontecem eleições de três em três anos para garantir uma rotatividade, sendo permitida a reeleição, consecutivamente, apenas uma vez.

A hierarquia religiosa, com cargos e graus, evidencia o caráter burocrático, a organização presente não apenas no sentido administrativo, mas em todos os setores da instituição religiosa. Essa é uma das principais características da religião. A explicação para

⁶² Entrevista concedida por Almir Jodat Nahas, integrante do Conselho de Administração Geral (Conage) e Mestre Responsável pela Orientação Espiritual com crianças e jovens em toda a UDV, realizada no NCSG em 14/11/2021.

esta particularidade pode ser encontrada na trajetória da União do Vegetal no processo de institucionalização depois do “desencarne” – termo êmico que significa falecimento – do Mestre Gabriel. Ainda que haja um forte fator hierárquico presente na UDV, sua gestão é considerada como participativa, já que todos são responsáveis pela obra. O trabalho, tanto administrativo quanto espiritual, tem como base o voluntariado.

A característica burocrática e organizada da União do Vegetal é consequência direta do processo de institucionalização, como dito no parágrafo anterior. Esse processo se iniciou em 1980 em função de uma tentativa de proibição da Hoasca/Ayahuasca por conta da publicação de uma portaria da Divisão de Medicamentos (DIMED), que colocava o Mariri como substância proscrita. Antunes (2019, p 16) diz que a substância ficou “proibida por um período de seis meses, tornando-se foco de políticas públicas do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN)”. A partir daí são muitos anos de organização e diálogo com o governo e as sociedades ayahuasqueiras empenhando-se na tentativa de encontrar soluções para os desafios que se apresentavam, colocando em risco o direito de “comungar” – termo êmico – a Hoasca/Ayahuasca (Walsh Netto, 2017)⁶³.

Como consequência de toda essa trajetória, o CEBUDV necessitou organizar-se institucionalmente criando departamentos⁶⁴ para atender demandas, e assim, garantir o direito de continuar comungando o chá ritualisticamente.

2.3 Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel

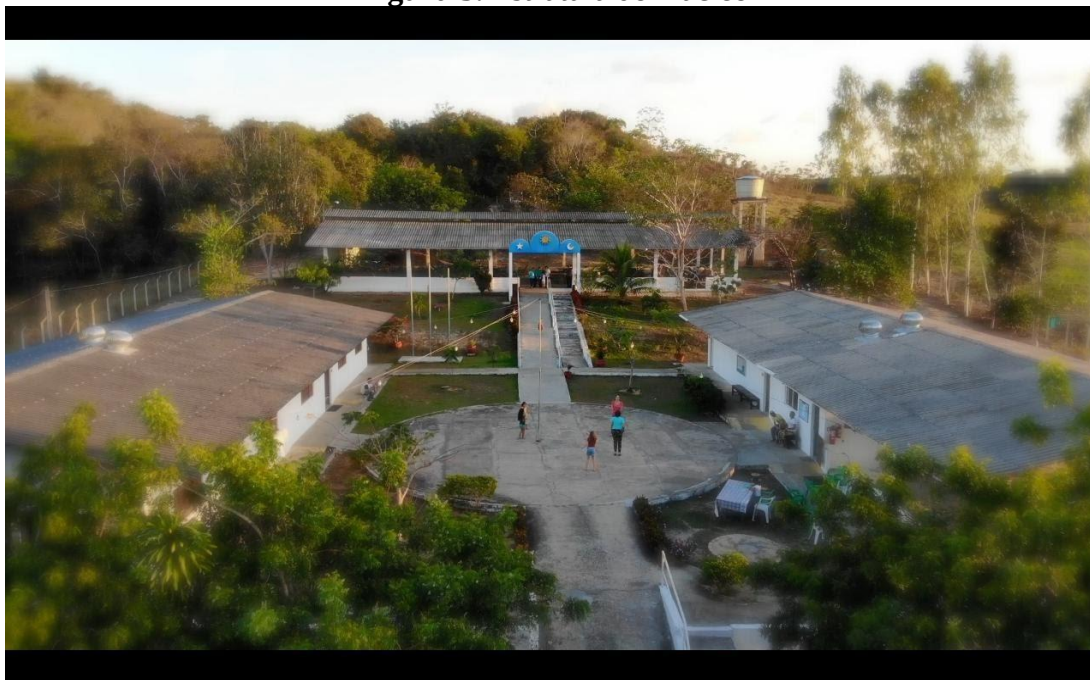
A história do NCSG começa bem antes da inauguração da Distribuição Autorizada de Vegetal – DAV –, em 28 de janeiro de 2006. Principia quando algumas pessoas que moravam na capital paraibana começaram a frequentar o Pré-Núcleo Campina Grande⁶⁵.

⁶³ Para informações detalhadas do processo, ver a tese de Patrick Walsh Netto “O exemplo na vida de quem prega: uma análise do CEBUDV a partir dos seus sócios”.

⁶⁴ Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual, Departamento de Limpeza Geral, Departamento de Cerimonial Religioso, Departamento de Beneficência, Departamento de Patrimônio, Departamento de Memória e Comunicação, Departamento Médico-Científico, Departamento de Plantio e Meio Ambiente, Departamento Jurídico.

⁶⁵ As informações contidas nesta seção foram retiradas de um informativo publicado em formato de edição especial comemorativa do aniversário de 10 anos do NCSG. A referência consta na bibliografia, ao final do trabalho.

Figura 3. Estrutura do Núcleo



Fonte⁶⁶: Registro fornecido por Augusto Pessoa (49), 2019.

Um breve e significativo parêntese para chamar a atenção mais uma vez para o aspecto organizacional da instituição. Anteriormente, como etapa prévia da inauguração de um núcleo, o espaço era nomeado como Distribuição Autorizada de Vegetal, depois de atender a algumas exigências administrativas e obter a documentação necessária – como o terreno no nome da UDV –, era registrado como pré-núcleo. Só posteriormente, com todas as questões documentais e burocráticas resolvidas, passava a ser chamado de núcleo.

Atualmente foi suprimida a etapa do pré-núcleo, passando assim de DAV para núcleo. Entretanto, o trabalho não se restringe ao sentido material, há também a necessidade de realizar um trabalho espiritual de formação de lideranças. A direção do CEBUDV tem normas definidas para a formação de um novo núcleo, há a necessidade de no mínimo três mestres, um deles já tendo ocupado o cargo de Mestre Representante, uma direção com ao menos cinco conselheiros/as, um grupo que some no mínimo 50 sócios e instalações adequadas para a irmandade com templo, banheiros, cozinha e berçário para as crianças.

Retomando a narrativa da história do NCSG, em 2002 o grupo de seis pessoas fez a primeira reunião para conversar a respeito da compra de um terreno em João Pessoa, com o propósito de implantar um núcleo na capital. No ano de 2003 acontece a compra do terreno na localidade de Engenho Velho (zona rural), essa compra é feita de forma coletiva pelos sócios (prática comum para a construção de núcleos e onde, em alguns casos, os/as adeptos/as

⁶⁶ Fotografia aérea de parte da estrutura física do NCSG.

constroem casas nas proximidades), formando condomínios – e uma parte do terreno é doada para construir as instalações. Atualmente o NCSG está localizado em Santa Rita, como já informado na introdução. A mudança aconteceu em 2011, quando aconteceu a elevação para núcleo. O terreno do Engenho Velho continua funcionando como parte importante do NCSG, pois é onde fica o plantio do núcleo e onde acontecem algumas sessões extras – inclusive em dias da semana –, por estar mais próximo da cidade.

Como citado na Introdução, os núcleos da União do Vegetal costumam localizar-se em áreas rurais, onde há mata preservada. O que não quer dizer que não existam núcleos em áreas urbanizadas, mas normalmente procura-se por lugares mais distantes e com contato com a natureza. Maas (2018), em seu estudo a respeito das igrejas daimistas afirma que a religião também busca por espaços afastados, espaços mais propícios à manifestação do sagrado, “a mata é considerada sagrada, habitat dos seres sagrados e de poderes divinos” (p. 70). Por esse motivo alguns teóricos, a exemplo de Maas (2018) e Feijão (2015), consideram as religiões ayahuaqueiras como religiões ecológicas, que assumem um compromisso com essa questão e buscam uma harmonia e equilíbrio com a natureza.

Ponderando sobre o Santo Daime, seu campo de estudo, Feijão (2015) analisa a indissociável relação corpo-mente-espírito e a inseparável relação com a natureza, já que os conceitos que lhes são caros estão ligados com a ingestão da bebida sagrada – e, principalmente por isso, a parceria com a natureza –, o autoconhecimento e as experiências místicas. Encontro em meu campo dados que convergem com essa percepção – de ligação com natureza – já que a religião tem o chá como central para sua existência – considerado igualmente sagrado. Este é feito pela decocção de duas plantas – também sagradas –, existindo, portanto, uma forma de enxergar o divino nas matas e florestas.

Assim, é notável que o motivo que leva os sócios e sócias da UDV a construírem núcleos em lugares mais afastados dos centros urbanos não se restringe a busca do silêncio para facilitar a concentração, mas a procura por esse contato mais próximo com a natureza divina, manifestada através das plantas cultivadas e da mata, sempre presente nos arredores da maioria dos núcleos da União. Como será possível averiguar no decorrer da leitura, as crianças, através de suas singulares e diferentes leituras, percebem e compartilham da dimensão valorativa e da conexão existente entre a religião – incluindo seu espaço físico – e o meio ambiente.

Além da área verde, o NCSG conta com uma estrutura física contendo quarto do vegetal (local onde o chá fica armazenado, assim como os utensílios específicos para manuseio e necessidades inerentes ao seu consumo), refeitório, cozinha, dois banheiros (um feminino e

um masculino), salão onde acontecem as sessões e onde está localizada – em espaço contínuo – a casa de preparo onde ficam as placas em que é feito o vegetal, a caldeira (espaço anexo ao salão/templo), berçário, dois banheiros infantis (um masculino e um feminino), dois dormitórios (com camas e colchões), meninário, sala do Departamento de Memória e Comunicação (DMC – onde estão os arquivos a respeito da história do núcleo e da irmandade), sala do brechó, almoxarifado, parquinho e estacionamento.

Figura 4. Foto de satélite do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel



Fonte⁶⁷: Google Earth, 2023.

A presença das caldeiras não é algo habitual nos núcleos, ainda são poucos que possuem essa tecnologia. Trata-se de um investimento da irmandade para produzir o chá de maneira mais prática, segura e com maior controle de qualidade. Vale ressaltar que todos os parâmetros legais de segurança devem ser respeitados para o manuseio dessa tecnologia.

Os núcleos da UDV, em relação à arquitetura, não possuem uma estética uniforme ou padronizada. As portas do templo geralmente são amplas, o salão costuma ser ornamentado com bandeirolas ou fitas coloridas, além de ter uma grande fotografia do Mestre Gabriel em lugar de destaque. Somando-se à foto, usualmente encontra-se na parede fotografias dos mestres ligados à história do núcleo e os dizeres “Luz, Paz e Amor”, símbolo da União do Vegetal. O salão do NCSG é aberto, limitado por paredes baixas e rodeado com área verde e mata. Na parede, próximo à imagem do Mestre, estão as fotografias do Mestre Representante que estava responsável quando o núcleo foi inaugurado – mestre João Carlos Pestana –, do Conselheiro

⁶⁷ Acesso em: 6 jul. 2023.

Salomão Gabriel, filho do Mestre Gabriel e da Mestre Pequenina, esposa do Mestre Gabriel. Essas fotos são de pessoas que possuem valor simbólico com a criação do Núcleo.

Figura 5. Mestre Gabriel



Fonte⁶⁸: Carvalho (2016).

O NCSG conta atualmente com um número de 102 sócios⁶⁹ e recebeu esse nome para homenagear um dos filhos do Mestre Gabriel e de Mestre Pequenina, o Conselheiro Salomão Gabriel. Foi a própria Mestre Pequenina, que tinha uma ligação especial com os/as sócios fundadores (como são chamados os/as primeiros sócios/as, aqueles/as que participaram da fundação) deste núcleo, e que visitava João Pessoa com frequência, que fez o pedido e foi prontamente atendida, considerando-se o respeito e estima que as pessoas sempre tiveram com ela.

No NCSG existe, assim como nos demais núcleos da UDV, uma regularidade nas sessões. Em todos os núcleos do Centro acontecem sessões aos primeiros e terceiros sábados de cada mês e, além dessas, há o que podemos chamar de um calendário religioso, onde também acontecem sessões em datas específicas. A seguir, um quadro contendo essas datas.

⁶⁸ Foto que está exibida em todos os Núcleos da UDV.

⁶⁹ Dados de junho de 2023.

Quadro 3. Calendário religioso

Sessões	Datas festivas
Dia de Reis	06 de janeiro
Aniversário do Mestre Gabriel	10 de fevereiro
Ressurreição do Mestre	27 de março
São João	23 de junho (são duas sessões, uma para adultos, nessa data, e outra para as crianças, em outra data próxima)
Recriação da UDV	22 de julho
Dia das Mães	Sábado ou domingo do final de semana do Dia das Mães (crianças participam)
São Cosmo e São Damião	27 de setembro (crianças participam)
Confirmação da UDV no Astral Superior	1º de novembro
Natal	24 de dezembro (crianças participam)

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Maas (2018), em seu trabalho, menciona que o calendário daimista segue, de maneira geral, o calendário brasileiro e este tem uma configuração católica cristã. Acontece de forma semelhante na União do Vegetal. Mestre Gabriel nasceu em 1922, em uma cidade do interior da Bahia, chamada Coração de Maria⁷⁰ e, assim como outras cidades do interior do Nordeste, essa é fortemente marcada pelo catolicismo popular, que caracteriza a população rural e que chegou até a UDV. Um exemplo que ilustra bem é o dia de Reis, 06 de janeiro, data importante nas duas religiões, quando se comemora a visita dos três reis magos à Jesus, logo após seu

⁷⁰ Coração de Maria está localizado no Território Portal do Sertão e insere-se no Bioma Caatinga. Essa informação auxilia a compreender os motivos da presença da cultura sertaneja dentro da cultura caianinha (simplicidade, músicas, valorização das festas juninas, entre outros).

nascimento. “O dia de Reis é uma comemoração amplamente difundida no meio rural brasileiro na forma do ‘Reizado’, festa típica de origem lusitana onde um conjunto de cantores e violeiros, os ‘reizeiros’, visitam as casas dos fiéis no dia de Reis” (Maas, 2018, p. 73).

2.4 A sessão

Para que a sessão aconteça – seja ela extra, de escala, de escala anual ou outra –, é preciso que antes seja feita uma preparação do ambiente. No Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel a irmandade é organizada em dois grandes grupos de escalas de trabalho, ficando cada um responsável pelas atividades durante um mês. No mês seguinte assume a outra escala e assim os dois grupos seguem intercalando.

Sendo assim, a cada sessão o grupo que pertence a escala do mês geralmente chega mais cedo, ainda durante a tarde – caso não haja mutirão – para dar início a organização do ambiente. Geralmente os/as sócios/as trazem a família inteira, os/as adultos/as vão cumprir as escalas de trabalho enquanto as crianças vão encontrar os/as amigos/as para brincar.

Os grupos são divididos por ambiente. Algumas pessoas ficam responsáveis pela limpeza do refeitório, outras para preparar o jantar, outras para organizar os dormitórios, outras para limpeza e arrumação do salão e assim por diante. Desta maneira, o ambiente vai ficando limpo e organizado para a sessão que vai acontecer a noite.

Quando finda a tarde os/as adeptos/as vão auxiliar as crianças no banho – geralmente as mães⁷¹ –, assim como cuidar do próprio asseio e se preparar para o jantar. Maas (2018) fala que o cuidado geral e com a aparência, o banho e o zelo para com a farda (no caso da UDV a roupa usada nos rituais é chamada de uniforme, usado apenas pelos sócios/as), para que esteja limpa e não amassada, podem ser incluídos nos pequenos ritos como um preparo material e espiritual. “Pode-se dizer que as fardas contribuem para a composição do arranjo simbólico ritual e sua diferenciação do cotidiano” (Maas, 2018, p. 66). Outra percepção do autor é que há uma distinção entre uniformes femininos e masculinos, imprimindo movimento e inserindo contrapontos perceptivos. Em relação às vestimentas, de uma forma geral, nota-se uma formalidade, mesmo com os/as visitantes, já que se recomenda aos homens que ainda não são sócios o uso de calças e, às mulheres, o uso de saias longas ou calças e evitar roupas decotadas ou curtas para frequentar o espaço. O mesmo vale para ocasiões não expressamente rituais,

⁷¹ É pertinente ressaltar que os pais também vão sozinhos com seus/suas filhos/as, assumindo todas as demandas de cuidados. Há inclusive mães que não frequentam e seus maridos, que são sócios, vão para o núcleo e levam o/s filho/s.

como nos trabalhos realizados ao longo do dia, é recomendado evitar, no caso dos homens, ficar sem camisa e, no caso das mulheres, roupas muito justas, curtas ou decotadas⁷².

As crianças não usam uniforme já que não são sócias, elas aparentam fazer uso de suas roupas habituais, mas a noite geralmente estão bem agasalhadas. Entretanto, uma menina de 9 anos, visitante que foi assistir sessão algumas vezes no núcleo junto com a sua mãe – que é sócia em outro núcleo –, assistiu a sessão de calça amarela e sapato branco – o uniforme das mulheres é blusa verde, calça ou saia amarela e sapato branco. A camisa verde só pode ser usada por sócios/as, esta é uma norma da União, por isso ela não pode usar. Ainda assim, ela pediu que sua mãe comprasse uma blusa verde em um tom parecido com a camisa do uniforme e assim ela se veste para assistir às sessões.

Em uma conversa com o mestre Ricardo, Responsável Regional pelo trabalho da Orientação Espiritual, ele revelou alguns acontecimentos nesse assunto.

[...] antigamente as crianças usavam assim, meninas calça ou saia amarela e meninos calça ou bermuda branca, com uma camisa verde do modelo do uniforme, mas sem o bolso com as letras UDV. As crianças iam pra Sessão em que podiam beber o vegetal, iam pra cantar o hino nas festividades, porque o que caracteriza uniforme do sócio é o bolso, com as letras, é o que distingue o uniforme, o bolso na camisa com as letras é que identifica ser o uniforme da UDV. As crianças e jovens vestiam assim, a minha filha e quase todas as crianças iam dessa maneira “uniformizadas”. Elas pediam para terem essa roupa, uma forma de pertencimento, de identidade com a religião de seus pais. E por volta de 2005 houve um questionamento das autoridades do uso do Vegetal pelas crianças, foi feito uma recomendação pela Direção da UDV para que as crianças não usassem mais a roupa com as cores do uniforme em festividades e em outros momentos, no sentido de estarmos atendendo a compreensão dos órgãos fiscalizadores. Além do uso do uniforme, foi restringido o uso do Vegetal por crianças (Mestre Ricardo, 2023)⁷³.

O mestre revela que antes as crianças podiam usar os “uniformes” e conta os motivos que as impossibilitaram de usar. Houve um questionamento das autoridades – que será discutido na seção 2.7 – e uma recomendação da própria União para que os meninos e meninas não usassem mais. Mestre Ricardo entrou em contato posteriormente alertando que o questionamento das autoridades possivelmente aconteceu entre 2008 e 2009.

Retomando os momentos que antecedem ao ritual – em uma sessão de escala –, ao passo que as pessoas vão se organizando outras, que não estavam na escala do mês, vão chegando e se somando às conversas e atividades. Normalmente, às 18h30, é servido o jantar – em geral preparado por mulheres –, todos/as se alimentam, seguem conversando e arrumando louça, cozinha, banheiros até as 19h50, quando toca um sino e todos se dirigem para o salão,

⁷² O que não é exclusivo da União do Vegetal.

⁷³ Conversa com mestre Ricardo Elias Ieker Canella, na residência dele em julho de 2023 (João Pessoa, PB).

para se sentarem e silenciarem por alguns minutos antes da distribuição do vegetal. Ainda antes das 20h, os/as visitantes são anunciados e são dadas as boas-vindas, em seguida o vegetal começa a ser distribuído pelo mestre dirigente. Forma-se uma fila, primeiro o chá vai sendo distribuído ao Quadro de Mestre (QM), depois ao Corpo do Conselho (CDC), em seguida ao Corpo Instrutivo (CI), ao Quadro de sócios e, por fim, aos que não são sócios/as (este é o momento em que as crianças entram na fila⁷⁴, apenas as pequenas acompanhadas do pai ou mãe, junto às outras pessoas que não são sócias – adultos e adolescentes), para receber o vegetal. Quando o chá é distribuído para todas as pessoas presentes – que devem recebê-lo com a mão direita –, sendo uma sessão de escala, o mestre dirigente avisa que primeiro vão beber as pessoas do Corpo Instrutivo (mestres, conselheiros/as e discípulos do CI), faz-se uma rápida oração em voz alta por todos/as e o vegetal é ingerido. O mestre dirigente fala algo semelhante a “segue o pedido⁷⁵”, e repete-se a mesma breve oração – uma prece pedindo que a sessão seja guiada por Deus – seguida pelas demais pessoas que bebem o vegetal. Quando as sessões são extras ou festivas o vegetal é bebido por todos juntos.

Algumas pessoas ficam responsáveis por recolher os copos⁷⁶, estes o fazem e os levam para o “quarto do vegetal” para serem higienizados no intervalo do ritual. Seguem alguns minutos de silêncio, um/a dos/as sócios/as começa a leitura dos documentos⁷⁷ e o mestre dirigente faz as chamadas de abertura, são cinco no total. No entanto, é comum que o mestre faça mais uma chamada, além dessas cinco que são as habituais e que estão dentro do repertório ritual, mas isso não é uma regra.

Antes de dar continuidade à descrição do ritual, abro um parêntese para falar da relevância da música nos rituais da UDV. As chamadas são consideradas a própria doutrina da religião, já que nelas estão contidas os ensinamentos do Mestre Gabriel. Esses cânticos que abrem e fecham as sessões são entoados também ao longo do ritual dentro da “força” – termo êmico que significa a energia que circula dentro do salão – e da necessidade ou para atender a algum assunto trazido pelos discípulos. Um exemplo, se um/a discípulo/a faz uma pergunta a respeito de Maria Santíssima, o mestre que está dirigindo a sessão pode sentir a força de alguma chamada que fale de Maria Santíssima, então ele – ou outra pessoa que esteja sentindo a força – começa a entoar a chamada. Além das chamadas, também são ouvidas músicas⁷⁸ durante as

⁷⁴ Em sessões em que estão autorizadas a participar.

⁷⁵ Segue o pedido porque a oração é um pedido a Deus. Pedese que Deus guie o caminho espiritual que será trilhado na burracheira.

⁷⁶ Essa é uma das escalas de trabalho.

⁷⁷ Conjunto de documentos que regem o funcionamento do Centro.

⁷⁸ Não músicas religiosas, necessariamente, mas da Música Popular Brasileira (instrumentais e vocais), em variados ritmos.

sessões e, posso afirmar que elas estão presentes em todos os rituais e são um elemento importante, trazendo ensinamentos, doutrina e expansão da consciência.

Dito isso, continuo a explicação. Depois das chamadas de abertura, segue o ritual com as palavras do mestre dirigente, que abre a sessão para que os discípulos possam perguntar. Caso a chamada – que não faz parte das chamadas de abertura – tenha sido feita, as primeiras perguntas usualmente são sobre assuntos que estejam dentro do que foi falado na mesma. E assim, nesse movimento de perguntas e respostas, segue o ritual. Como já ficou evidente por características outras expostas a respeito da instituição religiosa, existe uma ordem que precisa ser seguida e dessa maneira é também no momento de fazer as perguntas. Primeiro o/a discípulo/a chama pelo mestre, o mestre responde, em seguida o/a adepto/a pede licença para fazer uma pergunta, o mestre responde que sim e só depois a pergunta é feita. Conforme as observações e diálogos no campo, essa ordem é necessária porque as pessoas estão em um estado ampliado de consciência, então o silêncio e a organização têm um papel significativo.

Durante o processo ritual outras chamadas podem ser feitas, músicas são ouvidas, até as 23h30 quando é feito um intervalo de 25 minutos, em que as pessoas podem se levantar e conversar. Às 23h55 o sino bate novamente e todos retornam para o salão. Nesse momento de fechamento, algumas chamadas são feitas e são dados alguns avisos a respeito da rotina do núcleo. A sessão fecha às 00h15, pontualmente. As sessões têm quatro horas e quinze minutos de duração – acrescentados os 25 minutos de intervalo – e seguem ritualística específica de acordo com o tipo e o grau da sessão.

O chá é o elemento principal do ritual e é usado para efeito de concentração mental, na busca do autoconhecimento e da evolução espiritual. Durante o ritual as chamadas são entoadas para trazer burracheira, força e luz, que também “chegam” pela oratória do mestre dirigente da sessão. Nas chamadas estão contidos os ensinamentos e a doutrina da UDV, trazidos pelo Mestre Gabriel (Walsh Netto, 2017).

Como já exposto em capítulo anterior, existem na União três tipos de sessão: extras, de escala e instrutiva. Há alguma flexibilidade ritual se a sessão for extra ou instrutiva, nesses casos alguns aspectos do ritual e o tempo de duração podem ser diferentes. Nas sessões de escala não existem tais variações, as cinco chamadas de abertura e as de fechamento precisam ser feitas, respeitando sequências e horários. Nessas sessões há uma rigidez maior em relação ao cumprimento dos horários, como mencionado, diferenciando das sessões extras e de grau instrutivo que podem, dependendo da necessidade, durar mais tempo. Isso acontece porque nas sessões de escala habitualmente está presente um número maior de pessoas e,

consequentemente, uma “circulação de energia” – termo êmico – mais intensa. Há também uma “graduação” dos participantes – em relação ao tempo de participação e à experiência com a espiritualidade –, que exige um cuidado ou, para usar um termo êmico, uma “guarnição” maior em relação a energias sutis – pertencentes ao mundo espiritual –, já que durante uma sessão espírita a fronteira entre os dois mundos, material e espiritual, é mais tênue, existindo a possibilidade de manifestação de energias que não são bem-vindas. Um ritual executado com mais cautela e precisão reduz esses riscos.

Entrando em mais detalhes em relação aos efeitos do vegetal, a “burracheira” inicia-se aproximadamente trinta minutos após a ingestão – variando de indivíduo para indivíduo. Seus efeitos duram entre duas horas e meia e quatro horas – o ápice acontece entre a primeira e a segunda hora –, mas geralmente depois de três horas e meia os efeitos já estão mais brandos⁷⁹. Durante todo o ritual, as pessoas ficam sentadas em cadeiras confortáveis, ficando de pé apenas na hora de fazer perguntas, para facilitar que as outras pessoas presentes ouçam o que está sendo dito. Essas cadeiras ficam posicionadas nas laterais direita e esquerda, assim como em frente à mesa que fica em lugar central do salão, onde está o arco e onde fica o mestre dirigente. Ao redor da mesa ficam mais quatro pessoas, o mestre assistente e mais três escolhidas a cada sessão e pertencentes a diferentes graus. Mas nas cadeiras dispostas ao redor da mesa, normalmente ficam as pessoas da direção, mais antigas e experientes.

Figura 6. Foto de uma sessão do vegetal



Fonte⁸⁰: Registro fornecido pelo Departamento de Memória e Comunicação (DMC) do NCSG, 2023.

⁷⁹ A duração do efeito varia de indivíduo para indivíduo.

⁸⁰ Organização da sessão. Ao Centro a mesa com o arco e na parede de trás as imagens e fotografias presentes dentro do templo.

Quando fecha a sessão, um ar de contentamento toma conta do lugar, as pessoas conversam, sorriem, se cumprimentam, se abraçam e a descontração invade o ambiente⁸¹. Algumas pessoas que ainda estão em escala de trabalho seguem para cumprir com suas funções, como organizar o quarto do vegetal ou preparar o lanche que é servido depois. É comum ter bolo para celebrar o aniversário de alguém.

2.5 A doutrina

O termo doutrina é usado entre os/as adeptos/as e, como já dito antes, ainda que muito rapidamente, diz respeito aos ensinamentos deixados pelo Mestre Gabriel e que norteiam os rituais e a trajetória espiritual dos caianinhos.

Como disse Maas (2018) em sua pesquisa, para abarcar compreensões ayahuasqueiras é preciso romper com uma atitude racionalista, ante a espiritualidade. Embora esteja aqui em pleno exercício acadêmico, levo em conta o que diz esse autor porque para entender o ponto de vista de pessoas de fé, necessário se faz compreender o campo, buscar vê-lo do ângulo mais próximo possível do/a colaborador/a. Para uma nativa, como é o meu caso, fica mais fácil colocar em prática essa proposta, já que a visão da espiritualidade vivenciada já é compartilhada, ainda que, junto a essa vantagem metodológica, haja o processo de estranhamento e reconhecimento pelo qual uma socióloga hoasqueira carece passar (ver Feijão, 2015).

Para quem começa a frequentar uma religião, um dos elementos principais é compartilhar a crença do grupo religioso, ter fé no invisível e através de um exame minucioso verificar a realidade. Esse invisível na União do Vegetal é apreendido através de diferenciações como Superior/Inferior e Espírito/Matéria, contudo essas polaridades não são totalmente apartadas, existe uma conexão que acontece principalmente através da ingestão do chá e que as aproxima, um exemplo é a forma como as chamadas são “recebidas”, através de inspiração Superior. A chamada não é uma letra, um poema, são ensinamentos que vêm “do alto” de forma poética, prontos e que chegam até este plano através de algumas pessoas – semelhante ao que os espíritas kardecistas chamam de mediunidade.

Outro ponto central da doutrina caianinha está contido no próprio nome da religião: “União”. É uma religião espírita que defende a ideia da reencarnação e da evolução espiritual,

⁸¹ Mas algumas pessoas sentem necessidade de silêncio e introspecção, optando em ficar quietas, examinando a experiência vivenciada.

mas essa evolução, ainda que seja o caminho de cada um, só será plena quando todos evoluírem. Cada pessoa, dentro da doutrina caianinha, está disposta a adquirir aprendizados, dentro de uma “lei cósmica de ação e reação” (Maas, 2018, p. 85) ou como é ensinado na União, de plantio e colheita, buscando realizar atitudes boas – no sentido da moral – para que possa receber coisas boas na vida, colher bons frutos. Mas a melhor forma de fazer isso é coletivamente, esse é o cerne religioso da UDV, por esse motivo que é valorizada a vida familiar, a experiência comunitária, a beneficência, os mutirões e os trabalhos em conjunto, a convivência e as relações sociais em sentido mais amplo, ou seja, de unir as pessoas através do vegetal.

2.6 O chá

O vegetal, Hoasca, é visto pelos/as frequentadores/as da UDV como um veículo que possibilita atravessar uma ponte do “mundo material” para o “mundo espiritual”.

Conforme o Parágrafo Único do Artigo Primeiro do Regimento Interno do Centro: “Para efeito de concentração mental, os associados, de sua livre e espontânea vontade bebem um chá, Hoasca, que é a União de dois vegetais, o MARIRI e a CHACRONA, comprovadamente inofensivos à saúde” (CEBUDV, 2020b). Como citado, o chá é feito a partir de duas plantas, um cipó Mariri – *Banisteriopsis caapi* – e um arbusto Chacrona – *Psychotria viridis*.

Esses dois vegetais com os quais o chá é preparado são sinérgicos e têm um efeito cooperativo dos seus agentes no organismo. O Mariri tem substâncias químicas denominadas betacarbolinas (harmina, harmalina e tetrahydroarmina), inibidoras da monoaminoxidase (MAO). Na folha da Chacrona encontram-se as moléculas de Dimetiltriptamina (DMT), a principal substância responsável pelos efeitos psicoativos do chá (Walsh Netto, 2017, p. 23). A ação combinada de uma planta com a outra proporciona a entrada em Estado Ampliado de Consciência (EAC). Este termo era utilizado por Robert Gordon Wasson (2013) em alternativa a Estados Alterados de Consciência. O autor acreditava que o termo “alterados” era preconceituoso e levava a uma compreensão patológica. Este efeito – EAC – só é possível com a sinergia das duas plantas juntas.

Tal sinergia acontece quando, no fígado e no intestino humano, onde já existem as monoaminoxidases (MAOs), tais substâncias desgastam a DMT que é ingerida por via oral. As betacarbolinas contidas no Mariri inibem as MAOs presentes no fígado e intestino, o que ocasiona a entrada da DMT (Dimetiltriptamina) contida na Chacrona na corrente sanguínea,

chegando até à barreira sanguínea do cérebro. A glândula pineal é assim ativada, proporcionando à pessoa entrar em EAC (Walsh Netto, 2017).

Utilizado ritualmente, o vegetal é percebido como um meio de conexão com o divino, é compreendido pelos caianinhos como uma espécie de comunicação entre o mundo material e o mundo imaterial, no sentido de acessar o Superior através de conhecimentos que guiem na conduta da vida e que possibilitem um aperfeiçoamento para que o indivíduo possa se tornar uma pessoa cada vez melhor.

2.6.1 O preparo

O que para os/as adeptos/as da União é chamado de preparo Maas (2018) explica como uma forma coletiva e ritualística de fazer o chá. Ainda que o autor esteja dialogando sobre o Daime, o campo hoasqueiro apresenta visão próxima e, sendo o preparo também ritualístico, tudo o que envolve esse momento está cercado de arranjos rituais, como a percepção de que o trabalho exterior reflete também em um trabalho interior.

Existe toda uma organização ritual, que se abre quando a data é marcada. Uma equipe de pessoas é montada para direcionar o trabalho e tudo começa a ser encaminhado e providenciado, desde a lenha para alimentar a caldeira até a compra de algum material que, porventura, precise ser adquirido.

Normalmente o preparo começa em uma sexta-feira, quando é feita a colheita do mariri e da chacrona, colheita essa que segue uma partilha das atividades por gênero onde os homens colhem, lavam, batem o cipó (mariri) e ficam responsáveis pelas panelas enquanto as mulheres colhem e lavam as folhas (chacrona), além de ficarem responsáveis pela alimentação e manutenção dos espaços (refeitório, cozinha, banheiros entre outros).

Para ilustrar como acontece a colheita, descrevo uma de chacrona, em que estive presente. Na data previamente agendada foi combinado horário – ainda escuro, antes do raiar do dia –, caronas e, na data marcada chegamos, junto à aurora, ao Engenho Velho – citado na seção 2.3 –, local do plantio. Ao chegarmos, havia sido preparado um café da manhã – algumas de nós levou doação, a maioria era de mulheres – e fomos nos alimentar antes de começar a colheita. Após o café, tomado em pé mesmo, na varanda da casa de apoio do antigo núcleo, em meio a conversas descontraídas, fomos nos encaminhando para a área de plantio que fica próxima, bem ao lado da casa e, depois de pegarmos cada uma a sacola para juntar as folhas, começamos a coletá-las, ainda úmidas pelo orvalho, nos primeiros raios de sol.

As pessoas vão agasalhadas em função do frio – do horário e da mata – e por questões de segurança para evitar insetos. O uso de tênis ou sapato também é recomendado para evitar animais peçonhentos. O trabalho é cansativo, mas o clima é amigável, agradável e estar no meio da floresta nesse horário em contato com uma planta considerada sagrada é uma experiência valiosa para os/as adeptos/as.

Em relação às normas de gênero, elas não são rígidas. Já presenciei, por exemplo, mulheres batendo mariri e homens colhendo chacrona, quando há necessidade existe essa abertura que não altera a qualidade do chá. Mas é sempre uma mulher que fica, por exemplo, na coordenação das atividades de organização, de alimentação e limpeza – o cargo de Organ – , que monta as escalas de trabalho, mas os serviços são executados por homens e mulheres.

A chacrona é considerada uma planta de princípio feminino, responsável pelo efeito de trazer “luz” na burracheira. Já o mariri, cipó considerado de princípio masculino, traz a “força” como efeito do vegetal. A união dos dois é considerada harmônica porque a chacrona é considerada um princípio feminino e o mariri, masculino. As duas plantas têm um status sagrado e o trato com elas requer uma postura de cuidado e respeito.

A lavagem da chacrona acontece na casa de preparo, que fica em espaço contínuo, ao salão. As folhas colhidas são lavadas dentro de uma bacia com água e ao redor dessa bacia mulheres e, em alguns momentos, crianças, sentam-se em círculo para fazer a limpeza das folhas. O mariri é batido – macerado – ali perto, também na casa de preparo e meninos e meninas participam – com equipamentos de segurança como óculos de proteção e sempre acompanhadas de adultos por questões de segurança. Mas antes disso há todo um processo: depois de colhido, o cipó é cortado, lavado e colocado em cima de uma lona no chão, margeada de cadeiras e uma base de madeira para apoiar o mariri. O cipó é macerado com batedores⁸² e colocado em um lugar separado da lona, onde ficará até ir para a montagem das painéis.

⁸² De madeira ou ferro.

Figura 7. Crianças trabalham no preparo



Fonte⁸³: Autora, 2023.

No Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, a casa de preparo fica na extremidade da construção, onde ficam as panelas conectadas à caldeira, em um local fora do templo. Nesse espaço, mais dois grupos de homens dão conta do trabalho, um junto às panelas, montando-as com mariri e chacrona e controlando a temperatura e outro grupo fica alimentando a caldeira.

A caldeira é uma tecnologia utilizada para transformar água em vapor acelerando o processo de fervura para o preparo do chá e economizando em lenha – fonte principal de alimentação do calor. É utilizado em poucos núcleos pois requer um maior investimento em infraestrutura. O mais comum é que o chá seja preparado em caldeiras movidas a lenha, onde a panela fica em contato direto com o fogo.

⁸³ Duas crianças batendo (macerando) o mariri que será colocado em uma panela para decocção.

Figura 8. Casa da Caldeira



Fonte⁸⁴: Autora, 2023.

O período de preparo exige um esforço da irmandade, são jornadas exaustivas, a maioria dos adultos dorme pouco durante os três ou quatro dias porque a todo o momento tem trabalho a ser feito, de dia ou de noite. Com os caldeiristas – aqueles que trabalham diretamente na caldeira – há uma escala de trabalho para que possam estar descansados por questões de segurança.

Mesmo os que não estão executando alguma atividade ficam por ali, junto às painéis conversando, pois, é um momento de muito aprendizado (histórias e causos são partilhados, é possível acompanhar de perto como o chá é feito), facilitando a socialização e uma convivência considerada importante.

⁸⁴ Caldeira (azul e preta), localizada na parte de fora do templo. As tubulações são responsáveis por movimentar o calor para dentro da panela e aquecê-las para decoção (cozimento) do vegetal. As pessoas conversam e interagem ao longo do preparo.

Figura 9. Bateção de mariri durante o preparo



Fonte⁸⁵: Autora, 2023.

Quando cessa o trabalho nas panelas, ainda há uma equipe para o envase do vegetal, que exige todo um cuidado de higiene e atenção para não contaminar o líquido sagrado com fungos ou bactérias. O chá é acondicionado em potes de vidro, devidamente esterilizados, são colocadas etiquetas com informações como data e mestre do preparo, aquele que acompanha todo o processo. Só depois que essa etapa é finalizada, que o material é lavado e organizado, pode-se dizer que o preparo está concluído e um clima de satisfação e alegria se espraia. Missão cumprida e cumprida.

2.6.2 A burracheira

É como é chamado o efeito do chá. É considerado um momento de íntima ligação consigo mesmo – que pode ser lido como “Eu interior” – e com a espiritualidade – plano Superior, onde estão os seres divinos. Lira e Ferreira (2018) retratam a burracheira como visões da vida cotidiana, mas que podem envolver existências passadas e futuras. Os autores a caracterizam também como imagens suaves e que convidam à contemplação expressas em florestas, seres celestiais, antepassados, animais, mandalas, entre outras coisas.

⁸⁵ O ritual de bater o mariri é chamado de bateção de mariri. Pode acontecer antes das panelas irem ao fogo ou durante o preparo. Tudo depende da organização do Mestre de Preparo, na foto o relógio está marcando 00h10. Ao fundo está a panela e a casa da caldeira.

O chá tem um efeito tão central na prática religiosa que quando um/a “adventício/a” (termo êmico para referenciar alguém que esteja bebendo o chá pela primeira vez na União) vai para sua primeira sessão, o assunto dominante entre quem já frequenta é querer saber como foram as impressões e experiências vivenciadas, se foram boas e como se sentiu.

É válido, aliás, lembrar que a pessoa que “entra” na União, seja ela adulta ou criança, terá que, como disse Carneiro (2018) passar por um processo de ressocialização em que aprenderá a lidar com situações que, em um momento inicial, podem ser inusitadas e até pouco confortáveis como beber um chá, com sabor forte e amargo, durante uma sessão ritualística e sentir burracheira, tão misteriosa e diferente para cada pessoa. Maas (2018) afirma que a tentativa de descrição é tão indecifrável quanto explicar as sensações provocadas ao ouvirmos uma música bela.

Algo que os/as frequentadores/as afirmam é que quanto mais se bebe, é possível pela experiência aprender a lidar com seus efeitos físicos e ter o vegetal como um guia, que auxilia em todos os aspectos da vida. Os valores compartilhados nessa comunidade a respeito da ingestão ritual do chá estão vinculados à ideia de ordem e seu efeito está ligado primeiro a conhecer o lado sombrio de cada um, os prejuízos de alimentar essa sombra e a forma como é possível se livrar de maus hábitos e vícios para viver melhor, mais leve e com mais alegria. Assim, como diz Maas (2018), a atitude principal daquele/a que ingere esse líquido sagrado é “ver seus defeitos” e “se corrigir”, reduzindo a individualidade/egoísmo e expandindo o altruísmo/senso de coletividade, a União. Isso tudo é facilitado pela condição sinestésica da bebida. “O mundo espiritual é visto como a fonte do poder e do saber” (Maas, 2018, p. 81).

2.7 Substância psicoativa é droga?

Esta seção tem como objetivo aprofundar o debate sobre o que se convencionou chamar de “drogas”, investigar mais a fundo os contextos envolvidos no debate que vão muito além da saúde, tratando-se de um problema público. Para falar do termo “droga” é significativo relembrar que estas são consideradas todas as substâncias, naturais ou não, que modificam as funções normais do corpo. Contudo, sabemos que o uso do termo carrega consigo uma bagagem estigmatizante, associada a termos como narcóticos ou entorpecentes, vistos como substâncias usadas recreativamente e que são danosas à saúde. No entanto, algumas pesquisas (Labigalini Jr, 1998; Escobar, 2012; Meneguetti; Meneguetti, 2014) vêm sendo realizadas – cito pesquisas relacionadas ao vegetal, principalmente – com o intuito de trazer informações que ultrapassem os julgamentos e que possam mostrar os potenciais benefícios de alguns psicoativos.

O CEBUDV é, como já citado, uma instituição religiosa que ingere ritualisticamente essa bebida psicoativa e permite que crianças e jovens participem dos rituais religiosos partilhando da comunhão do chá Hoasca. O vegetal é ingerido como sacramento, contudo seu uso tem sido visto de maneira problemática, acarretando uma série de julgamentos e mal-entendidos, ocasionando preconceitos. A União do Vegetal, campo desta investigação, defende que o consumo responsável e controlado da substância em contexto religioso é transformador. Alinhado a tal pensamento Walsh Netto (2017) propõe o que chama de “epistemologia da desconfiança”, um questionamento dos pressupostos ocidentais relacionado a construção de um discurso científico sobre os psicoativos.

A utilização ritualística de um psicoativo na religião estudada obriga-me a falar sobre o “proibicionismo”, conceito usado por acadêmicos para fazer referência a leis globais e locais de regulamentação em relação a produção, circulação e venda do que se convencionou nomear de “drogas” (Walsh Netto, 2017; Silva Júnior, 2018; Antunes, 2019). A política proibicionista foi conduzida, desde seu início, pelos Estados Unidos, que serviu como uma espécie de exemplo para o mundo na implementação de leis que precederam a construção de uma lei internacional. No Brasil, a legislação existente sobre “drogas” tem ligação direta com este paradigma proibicionista. A regulamentação do uso religioso da Hoasca/Ayahuasca representou um rompimento com esse paradigma, já que é um precedente único nesse contexto, por ser o primeiro psicoativo usado em ambiente urbano a ter utilização regulamentada e legalizada para fins religiosos-ritualísticos (Walsh Netto, 2017).

É comprovado que plantas psicoativas têm sido parte da experiência humana por milênios: “a ayahuasca é uma bebida milenar utilizada ritualisticamente por grupos indígenas da Amazônia” (Silva Júnior, 2018, p. 11). No Brasil, Silva Junior (2018) afirma, portanto, que o uso de substâncias psicoativas é anterior à chegada dos europeus. Na verdade, trata-se, de acordo com o autor, de um costume muito antigo praticado em diferentes locais do globo, com intenções e modos diversos. Feijão (2015) salienta, a respeito da ayahuasca, que há milhares de anos é usada por povos tradicionais ameríndios como veículo de condução ao divino. Já Walsh Netto (2017) destaca a existência de artefatos arqueológicos africanos, como pinturas em cavernas e objetos de cerâmica, que também evidenciam um uso de ao menos 300 mil anos de plantas com efeito psicoativo.

Até o final do século XIX, o interesse europeu por substâncias psicoativas foi mínimo. Silva Júnior (2018) discute que esse cenário atual em que o mundo busca controlar o uso das drogas é algo realmente muito novo na história da humanidade. Só durante o período do Brasil

colônia é que começaram a ser criminalizados o porte e comércio de “drogas”. Portanto, é um tempo extenso de experiência humana com algumas dessas substâncias.

Em um contexto mais amplo e anterior ao cenário brasileiro, o termo droga era usado para designar algo bem diferente. Durante os séculos XVI ao XVIII a palavra servia para descrever um conjunto de substâncias naturais, utilizadas na medicina (ópio por exemplo), alimentação (café, açúcar etc.) e tinturaria. As drogas da época eram as especiarias que impulsionaram o início da circunavegação no mundo. Nesse caso, as “drogas orientais” que depois de “moverem o planeta”, passadas décadas e décadas, só no século XX passam à proibição (Silva Júnior, 2018).

Anos se sucedem no tempo sem que o assunto seja visto como um problema, chamando pouca atenção, até que a mescalina é descoberta (princípio ativo do peiote, cacto que cresce no sudoeste dos EUA e é usado como sacramento pela Igreja Nativa Americana), na década de 1890. A partir daí, o conhecimento e o interesse começam a se expandir, o ímpeto de etnobotânicos e químicos em catalogar plantas e isolar propriedades químicas aumenta, como aconteceu com químicos alemães ao isolarem a mescalina (Strassman, 2019). Nessa onda de crescente interesse, o químico suíço Albert Hoffman descobriu, em 1938, o LSD que junto à toracina provocou uma revolução na psiquiatria. Os estudos com essas duas substâncias foram responsáveis pelo conhecimento adquirido posteriormente acerca da serotonina – neurotransmissor conhecido como “hormônio da felicidade”.

O LSD se tornou, na época, uma ferramenta poderosa no aprendizado do funcionamento e relações entre cérebro e mente, pesquisas apontavam para o desenvolvimento no campo da psicoterapia relacionado ao uso de psicoativos. No entanto, o uso se propagou e nos anos 60 do século passado a mídia começou a publicar, com recorrência, casos de pessoas que haviam surtado ou cometido assassinato, causados por estados provocados pelo uso dos psicoativos. Governo e meios de comunicação acusavam cientistas de perder o controle do uso das substâncias. O Dr. Leary, por exemplo, foi acusado porque conduzia uma pesquisa em Harvard, usando LSD e Psilocibina com o objetivo de ressocializar detentos (ver Hoffman, 1979; Leary, 1999; Strassmann, 2019).

Mas nos derradeiros anos tem-se notado um crescimento do interesse pelo uso de psicoativos por parte da ciência. Masters (2000 *apud* Walsh Netto, 2017) afirma que nas duas derradeiras décadas foram feitos avanços com diversificados tipos de psicoativos, comprovando, inclusive, a eficácia no tratamento de males, assim como a reestruturação psicossocial de pessoas que melhoraram sua qualidade de vida ao ingerir, em contexto religioso

ou terapêutico, substância psicoativa.

Em resumo, pode-se inferir com base no que foi dito até agora, que o uso de psicoativos era recorrente em sociedades tradicionais – como os “nativos” das américas, a exemplo dos Incas (Barreto, 2013) –, mas esse uso foi sendo reduzido pela perseguição ideológica e estigmatizante imposta, principalmente, pelos colonizadores e que se perpetuou culturalmente, ocasionando o uso em segredo ao longo dos anos e uma redescoberta já no século XX. A perseguição aconteceu também porque, em muitos casos, os psicoativos eram usados com fins religiosos, mas o cristianismo impôs conversões, recriminando o uso. A utilização das “plantas mágicas” dificultava, inclusive, a conversão dos “nativos” e por isso foi coibida a utilização das mesmas (Barreto, 2013). Nesse momento as práticas passam à clandestinidade.

Só mais recentemente, como já dito, foi retomado o interesse pelas substâncias psicoativas. Nomes como o do antropólogo Carlos Castaneda⁸⁶ (cuja produção foi totalmente desacreditada pelas ciências humanas, especialmente pela Antropologia) e Aldoux Huxley com a obra “As portas da percepção”, de 1954, ficaram conhecidos por trazer à tona experiências com o uso dessas substâncias. Castaneda (1968; 1971) conta suas experiências com peiote, datura e cogumelos enquanto Huxley relata vivências com a mescalina. Este último afirma que a substância o fez compreender o processo de alargamento da consciência, também compartilhado por Castaneda em suas obras.

Esses estudos não têm boa receptividade no meio científico, mas outros trabalhos foram feitos, como a vasta pesquisa de Rick Strassman (2019), resultado da primeira investigação científica feita nos EUA em mais de 20 anos sobre substâncias psicoativas. Foi o primeiro estudo feito depois da lei de substâncias controladas de 1970, promulgada para proteger a população das drogas consideradas nocivas. As chamadas “drogas psicoativas” – como LSD e DMT sintético – foram incluídas na categoria mais restritiva, mesmo sob a objeção de investigadores e sob fundamentação científica que afirmava que as substâncias não causavam dependência e nem crise de abstinência. Walsh Netto (2017) diz que a decisão foi baseada em critérios políticos e não em critérios científicos. Isso porque o contexto político da promulgação da lei era o do Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon que, em 1971, declarou guerra às drogas em função do uso descontrolado dessas substâncias pelos jovens nos anos 60. Timothy Leary, mencionado antes, foi considerado inimigo público do governo americano neste período porque ele e sua equipe de Harvard abandonaram os meios acadêmicos e os princípios que regem a pesquisa, para fazerem distribuição de LSD em comunidades

⁸⁶ Sua obra mais conhecida é “A erva do diabo”, publicada em 1968.

alternativas nos Estados Unidos (Walsh Netto, 2017; Strassman, 2019). Leary conduzia, antes disso, uma pesquisa usando LSD e Psilocibina com o objetivo de ressocializar detentos, naquela universidade.

O que aconteceu a partir disso foi a desconsideração de aspectos positivos ou neutros das substâncias, acentuando o lado negativo, somado com a exploração dos fatos pela mídia, construindo um estereótipo para as substâncias e seus usuários que permanece até a atualidade. O conhecimento a respeito das substâncias que possibilitam um estado ampliado de consciência ainda não abarca e valoriza seus benefícios (Hoffman, 1979).

Outro ponto que merece a reflexão é a falta de termos mais apropriados e a generalização no sentido de chamar todas as substâncias de “drogas” apontando apenas seus efeitos negativos, fazendo associações com o abuso de substâncias realmente nocivas. As pesquisas a respeito de tais substâncias têm um papel relevante na distinção entre os efeitos, auxiliando na identificação de quais são nocivas e quais não são. O estudo de Strassman (2019) a respeito da DMT, substância presente no chá Hoasca, contribui bastante nesse sentido. A DMT é uma substância que está naturalmente nos seres humanos, cuja fonte de produção é possivelmente a glândula pineal – informação ainda não efetivamente comprovada –, órgão situado na parte central do cérebro.

Já que o próprio organismo produz DMT, por que não sentimos naturalmente os seus efeitos? Porque o organismo também produz enzimas chamadas MAO, responsáveis pela degradação – ou controle – da DMT no organismo. Além de explicar pontos como este, Strassman (2019) investiga os benefícios dos psicoativos e examina três fatores que, para ele, estão diretamente ligados aos seus efeitos: a moldura, o meio ambiente e a substância. A moldura é a pessoa, seus hábitos, sentimentos e história. O meio ambiente é o lugar, tanto o entorno quanto as pessoas com as quais o indivíduo compartilha a experiência. A substância é o psicoativo em si, mas também a finalidade do uso, seja recreativo, terapêutico ou religioso. O autor ressalva, portanto, que as substâncias precisam ser usadas em ambiente adequado e conduzido por pessoas mais experientes para que tenham um efeito positivo. Autores como Hoffman (1979) e Harner (1995) usam argumentos semelhantes.

Strassman (2019) afirma ainda que a DMT é similar a outras substâncias psicoativas – como LSD, psilocibina e mescalina –, no sentido de afetar os receptores de serotonina. No entanto, ao falar da DMT, o autor a nomeia como a molécula do espírito – expressão presente no título do livro “DMT: a molécula do espírito” – porque, segundo ele, a substância em particular induz a produção de estados psicológicos denominados “espirituais”. Esses estados

são descritos como sentimentos de “júbilo e intemporalidade” por Walsh Netto (2017), que analisando a obra de Strassman (2019), diz que existem outras formas de liberar DMT endógeno – presente em nosso organismo – como a meditação, técnicas de respiração, orações, cânticos ou em processos como o nascimento ou a morte, em que uma grande quantidade de adrenalina é liberada.

Em relação à hoasca/ayahuasca debatendo acerca da visão pública de que se trata de uma “droga”, há uma sequência de fatos que podem auxiliar a entender o papel que o uso desse termo teve desde o surgimento das entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras até o momento presente, principalmente no que diz respeito ao debate público em torno do uso do chá no Brasil. Antunes (2019) desenvolve, em sua tese de doutorado intitulada “O uso da ayahuaska como problema público: um contraponto entre os casos do Brasil e dos Estados Unidos”, um estudo sobre as fases que atravessaram o entendimento em relação à hoasca/ayahuasca, dentro do parâmetro do debate público.

Antunes argumenta que o vegetal já foi considerado “feitiçaria”, passando por contestações em torno das noções de “droga/alucinógeno” e, posteriormente, a substância vem sendo associada às categorias de religião e patrimônio cultural. O autor diz que estes deslocamentos (que a meu ver não estão em ordem cronológica, mas vez ou outra oscilam, retomando posicionamentos tidos como anteriores) se devem, principalmente, à inserção de novos atores que introduziram novos argumentos e categorias, buscando pautar a percepção pública do uso religioso da hoasca/ayahuasca em contexto brasileiro.

Mas vamos devagar, porque o tema merece atenção. No terceiro capítulo de sua tese, Antunes (2019) faz uma análise do processo de regulamentação da hoasca/ayahuasca para uso religioso e o reconhecimento das instituições hoasqueiras/ayahuasqueiras enquanto religiões no Brasil. Estes processos foram complexos e extensos e tiveram início há mais de três décadas. O autor toma como base em seus estudos uma série de documentos publicados entre as décadas de 1980 e 2010, entre eles, documentos institucionais das religiões hoasqueiras/ayahuasqueiras e relatórios e pareceres de órgãos governamentais – a exemplo do extinto CONFEN, do CONAD e do IPHAN – para analisar o surgimento/crescimento do uso religioso do vegetal enquanto um problema público.

Em março de 1985, a DIMED, do Ministério da Saúde, emite a Portaria nº 2 instruindo acerca da proibição, fiscalização e controle de substâncias e medicamentos que causem dependência física ou psíquica (Brasil, 1985). Antunes (2019) aponta a proibição como fator determinante para associar a bebida sacramental ao consumo de drogas. Arrazoa ainda que, na

literatura acadêmica, são recorrentes os argumentos que defendem a crescente visibilidade do uso da hoasca/ayahuasca a partir da década de 1980 no Brasil, quando ela passa a ser classificada como “droga alucinógena”, despertando na população o interesse e, ao mesmo tempo, estigmas. Enquanto isso acontecia, também se expandia o uso da hoasca/ayahuasca para algumas das metrópoles do país, chamando a atenção de pesquisadores e se tornando, pela primeira vez, objeto de estudos acadêmicos, foco de políticas públicas e tema de reportagens na mídia. Os incipientes estudos do assunto destacavam a crescente visibilidade, nos anos 80, já associando o estigma de “droga” a particularidades de conjuntura e trajetória das entidades religiosas.

Os processos de regulamentação da hoasca/ayahuasca remetem a esta mesma década, quando se torna foco de políticas públicas do CONFEN e é proibida por seis meses (Antunes, 2019). Goulart sugere, em artigo publicado em 2008, que as religiões hoasqueiras/ayahuasqueiras brasileiras, em um primeiro momento – embora essa percepção ainda não tenha se dissipado completamente –, foram associadas a noções de “curandeirismo” e “charlatanismo”. A antropóloga observa que as acusações começam a declinar a partir da década de 1970, quando novos estigmas se fortalecem e o uso do chá gradativamente passa a ser vinculado à “droga”, “alucinógeno”, entorpecente e outras coisas do tipo (Goulart, 2008).

A autora contextualiza a realidade brasileira do período que marca o final da década de 1960 e o começo dos anos 1970, quando acontecem reestruturações na política de drogas, o que, segundo Goulart, é um dos fatores que causam a associação do uso da hoasca/ayahuasca com os termos mencionados ao final do parágrafo anterior. Ela lembra ainda que foi na década de 70 que as primeiras iniciativas de combate ao narcotráfico começaram com a instalação da Polícia Federal em Rio Branco, capital do Acre, o que inaugura as relações entre órgãos governamentais e entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras.

Goulart (2008) cita ainda outro motivador para a vinculação hoasca/ayahuasca e droga, a inserção de *cannabis* nos rituais do ICEFLU – Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal. A antropóloga argumenta que este fato foi problemático para a instituição, que foi gradualmente marginalizada pelas outras comunidades religiosas que sofreram, todas elas, com a associação entre sua imagem e uma substância ilegal. Além de Goulart (2004, 2008), outros autores (Labate, 2005; Macrae, 2005) destacam a associação entre o uso da *cannabis* pelo ICEFLU – Santo Daime – e o estigma e vínculo da ideia de droga ao uso da hoasca/ayahuasca.

MacRae (2005) também debate o assunto, considerando que o uso da *cannabis* pelo ICEFLU deu visibilidade às práticas hoasqueiras/ayahuasqueiras, inclusive nos meios de

comunicação, já que a primeira notícia midiática em âmbito nacional expando o tema foi relatando a ida da polícia até a Colônia Cinco Mil, centro daimista criado por Sebastião Mota de Melo. O antropólogo afirma ainda que os eventos mencionados foram gatilhos para o início das investigações dos usos da hoasca/ayahuasca por parte do governo. De acordo com MacRae (2005) e Labate (2005), uma comissão composta por um psicólogo, um antropólogo, um sociólogo e uma historiadora foi formada pelo Ministério da Justiça em 1982, com o objetivo de investigar as práticas da citada comunidade religiosa.

Com base nessas informações, podemos concluir que a literatura acadêmica aponta o significativo papel da mídia, principalmente na década de 1980, para a categorização da hoasca/ayahuasca como droga. Ainda na década de 1980 e, como resultado de todos esses acontecimentos, a *B. caapi* – nome científico do mariri – é proibida. Antunes (2019) aponta como fatores determinantes para a associação hoasca/ayahuasca e droga, assim como a proibição da *B. caapi*, as ações do governo brasileiro relacionadas à repressão e controle do tráfico/uso de substâncias psicoativas, a inserção da *cannabis* por parte de uma das instituições ayahuasqueiras mais conhecidas no país, as notícias veiculadas pelos meios de comunicação e a expansão do uso do chá nas grandes cidades do Brasil.

Após a proibição da *B. caapi*, a UDV enviou uma petição ao CONFEN, requerendo a anulação da medida (Labate, 2005, p. 409). O CONFEN, emite então a Resolução nº 04 de 1985, indicando um grupo de trabalho para averiguar a produção e consumo da substância derivada da planta. De acordo com a tese de Antunes (2019), a ação primeira do grupo de trabalho foi uma viagem feita por dois integrantes (Isac Germano Karniol⁸⁷ e Sérgio Dario Seibel⁸⁸) até Rio Branco para coletar informações. O motivo de ir até a capital acreana é que a cidade sediava comunidades diversas que utilizavam – e continuam utilizando – a bebida, religiosamente.

A conclusão a que chegaram Karniol e Seibel é que os grupos que usavam religiosamente a hoasca/ayahuasca dotavam-se de “padrões morais e éticos de comportamento” similares aos da sociedade brasileira de maneira geral e, por vezes, até mais rigorosos. O

⁸⁷ Livre docente em Psiquiatria Clínica e professor titular do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

⁸⁸ Médico pesquisador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Integrante do Comitê Assessor do Ministério da Saúde para Política Nacional de Atenção a Dependentes de Álcool e Drogas. Integrou o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) entre 1985 e 1987, e o Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo-CONEN/SP entre 1995 e 2003.

relatório⁸⁹ apresentado depois da viagem afirma ainda que muitos dos adeptos conferiam à ingestão do chá a mudanças positivas em suas vidas, como a reestruturação familiar, o impulso para retomar o trabalho e o “encontro consigo próprio e com Deus, etc., através da religião e do chá” (Brasil, 1987, p. 7). Ademais, o texto assinala a difícil e demorada preparação do chá, realizada ritualisticamente, o que demonstra a reduzida probabilidade de aumento na produção capaz de ofertar uma quantidade sujeita a utilização não ritual na sociedade.

Assim, em janeiro de 1986, o grupo de trabalho se reúne e decide a favor da suspensão temporária da *B. caapi* da lista da DIMED, até a conclusão dos trabalhos (Brasil, 1986). O foco das investigações no/do Santo Daime, Barquinha e UDV, ou seja, das “religiões ayahuasqueiras brasileiras” era o uso religioso/ritual/cultural. Chama a atenção a forma selecionada para realizar e averiguar a questão, constituindo um grupo de trabalho composto por especialistas de diversas áreas, a fim de produzir conhecimentos a respeito do tema e orientar a decisão do órgão federal. O grupo concluiu que o uso religioso da hoasca/ayahuasca não acarreta prejuízos sociais, pelo contrário, é visto como um meio de promover a integração social, fomentar padrões éticos e morais e contribuir para a vida comunitária daqueles que consomem o chá.

O relatório final do Grupo de Trabalho instituído pelo CONFEN foi realizado em 1985 e editado em 1987. O documento tem como objetivo principal investigar a produção e consumo da bebida nas comunidades que faziam uso do “vegetal” ou “daime” (Brasil, 1987, p. 5-6). Parte das conclusões do relatório teve como base pressupostos e informações presentes na literatura incipiente sobre o uso da hoasca/ayahuasca no Brasil, englobando dados, análises e argumentos resultantes da academia. A conclusão enfatizou dois pontos: de um lado o discurso biomédico, evidenciado pela atenção dada ao consumo de substâncias psicoativas e suas atuações no organismo e, por outro lado, o discurso antropológico, ressaltado pelo destaque dado ao conceito de cultura.

Em relação à atuação da hoasca/ayahuasca no organismo, o psiquiatra Karniol, membro do grupo de trabalho, fez a opção de classificar a substância como “alucinógeno”, priorizando a atuação farmacológica como marcador. No entanto, o grupo de trabalho alegou que a categoria estaria inadequada e que era preciso fazer uma crítica e uma desconstrução do conceito pois a expressão estaria carregada de um determinismo farmacológico e biomédico (Antunes, 2019). O relatório buscou a percepção dos usuários da hoasca/ayahuasca que discordavam de ideias associadas a “alucinação” ou “insanidade”. O sentido era contrário,

⁸⁹ O Relatório do CONFEN (Brasil, 1987) cita o trabalho de campo de Karniol e Seibel realizado em 1985, contudo, não consegui ter acesso ao documento referido (o relatório apresentado depois da viagem). Por isso, cito apenas o Relatório de 1987 que traz partes desse trabalho.

conforme os religiosos e assim afirmou o texto do documento: é “um projeto, rigorosamente comum, a todos eles: a busca do sagrado e do autoconhecimento” (Brasil, 1987, p. 29). Há uma preocupação pelo zelo à obediência das leis: “O uso do chá parece não atrapalhar e não ter consequências adversas na vida social dos seguidores das diversas seitas. Pelo contrário, parece orientá-los no sentido da procura da felicidade social, dentro de um contexto ordeiro e trabalhador” (Brasil, 1987, p. 29).

Em relação ao temor da expansão desenfreada das doutrinas nos grandes centros urbanos, o relatório traz a análise da antropóloga Regina Abreu, que interpreta a incorporação das instituições hoasqueiras/ayahuasqueiras na sociedade urbano-industrial como um fenômeno histórico legítimo entre culturas diversas. Trata-se de um processo social de expansão, trocas e difusão de manifestações religiosas. Assim, o grupo de trabalho apresenta seu relatório defendendo o uso religioso legítimo da hoasca/ayahuasca e mantém a decisão de cortar a *B. caapi* da lista de substâncias proscritas.

Como foi possível averiguar, o uso religioso da hoasca/ayahuasca emerge no Brasil enquanto problema público na década de 1980 (Antunes, 2019). A partir desta década, crescem a visibilidade e as controvérsias, o que tem como consequência outras dinâmicas, articulando adeptos de entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras, pesquisadores, mídia, agências governamentais e especialistas para dialogar sobre o controle do uso religioso do chá. Esta articulação instigou acadêmicos a publicarem os primeiros trabalhos a respeito do tema, meios de comunicação veicularam reportagens, entrevistas foram realizadas, grupos de trabalho formados, relatórios e pareceres produzidos, tudo isso com a finalidade de averiguar riscos, efeitos e decorrências sociais, físicas e psicológicas da ingestão do chá, na iminência de proibir ou regulamentar a bebida.

As controvérsias e opiniões divididas em relação ao uso religioso da hoasca/ayahuasca continuaram na década seguinte. A antropóloga Beatriz Labate, uma das maiores pesquisadoras do tema no país, buscou mostrar que parte significativa dos estigmas sobre o tema foi nutrido pelos meios de comunicação. Labate (2005) apresenta argumentos problematizando publicações com nuances de excentricidade e títulos questionáveis, o que, de acordo com a autora, contribuiu negativamente na imagem pública especialmente do ICEFLU. Labate debate ainda que, apesar da associação hoasca/ayahuasca e droga ter sido desconstruída pela literatura acadêmica, a grande mídia foi responsável por tensionar as relações entre os grupos hoasqueiros/ayahuasqueiros e os órgãos governamentais. Os próprios integrantes das religiões

hoasqueiras/ayahuasqueiras também viram o papel dos meios de comunicação como problemático.

Ainda na década de 1990, tentando normatizar e autorregular o uso religioso do chá, as entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras, com iniciativa da UDV, elabora em novembro de 1991 a “Carta de Princípios das entidades religiosas usuárias do chá Hoasca”. O intento foi instituir procedimentos coletivos e princípios éticos para o consumo da bebida. A Carta estipula uma série de recomendações relacionadas a condutas rituais, consumo e preparo para os grupos hoasqueiros/ayahuasqueiros. O documento recomendava que os participantes permanecessem até o fechamento da cerimônia religiosa, havendo um cuidado por parte das entidades nesse sentido. Estabeleceu-se em relação ao consumo, que o uso do chá deveria ser restrito aos rituais, em locais autorizados. E a observação alusiva ao preparo foi a de que não deveria ser adicionada qualquer outra substância além do Mariri (*B. caapi*), Chacrona (*P. viridis*) e água. Além disso, a Carta chamou a atenção para a prudência no sentido que pessoas sob o efeito de drogas não deveriam ter acesso aos rituais. Chama ainda ao comprometimento em relação a não comercializar o chá e a contenção de atos ligados ao curandeirismo, evitando qualquer tipo de interpretações errôneas (Acre, 1991, p. 1).

Mas o principal objetivo do documento – ou um dos principais – é a união entre as instituições hoasqueiras/ayahuasqueiras com o propósito de regulamentar o uso da bebida. A Carta é um documento importante porque trata-se da primeira iniciativa para indicar princípios e normas comuns para regulamentar o uso religioso da hoasca/ayahuasca no Brasil. A compreensão é de que a carta é uma iniciativa pioneira das próprias entidades religiosas para demarcar e uniformizar práticas, com a finalidade de supervisão e apoio mútuo.

O Projeto Hoasca também merece destaque. O projeto foi o primeiro estudo biomédico sobre a substância no país e acontece quando um grupo de biomédicos brasileiros, finlandeses e norte-americanos são convidados pela UDV, em 1993, para realizar exames psicológicos e bioquímicos da hoasca. O estudo foi realizado com 30 pessoas, 15 que ainda não haviam consumido a substância e 15 membros da União do Vegetal que bebiam o chá há mais de dez anos. O propósito foi comparar os dois grupos, analisando condições psicológicas e físicas (Antunes, 2019). Os resultados apuraram, principalmente, que a ingestão cerimonial por longo intervalo de tempo não indicou nenhum dano psicológico ou vestígio de toxicidade, pelo contrário, os membros da UDV alcançaram respostas na média ou ligeiramente melhores.

Mesmo com os avanços nos estudos e iniciativas das instituições religiosas, o CONFEN emite um novo parecer, em 1992, para revisar a questão do uso religioso da

hoasca/ayahuasca, em função de uma denúncia anônima de 1988. Como consequência da denúncia, a presidente do CONFEN, Ester Kosovski, requisitou a Domingos Bernardo Sá, conselheiro do órgão, que verificasse a situação e atualizasse os dados dos relatórios já feitos.

Sá liderou o GT que emitiu o relatório de 1987 sobre a hoasca/ayahuasca e, para atender à solicitação recebida, realizou oito visitas a instituições religiosas no Amazonas, Rio Branco e Rio de Janeiro. O jurista, para redigir o novo parecer, encontra-se com representantes das entidades religiosas em Rio Branco, reunindo documentos, estatutos sobre práticas e depoimentos. Sá também foi assessorado por professores e especialistas de áreas como a psiquiatria, psicofarmacologia e antropologia que já haviam estudado questões ligadas à ingestão de hoasca/ayahuasca.

A conclusão do parecer de 1992 apresentou inconsistência entre as denúncias e os dados coletados. Ainda assim, como medidas de prevenção a novos ataques e para investir na regulamentação do uso, as religiões hoasqueiras/ayahuasqueiras apresentaram medidas de auto-organização, regulação e progressos institucionais como no caso da UDV que criou o Centro de Memória e Documentação, o Centro de Estudos Médicos (que promoveu o I Congresso em Saúde em São Paulo e que contou com nomes como o do professor e pesquisador Dennis McKenna, dos antropólogos Eduardo Luna e Clodomir Monteiro e do psiquiatra Isac Karniol) e realizou publicações como a “Consolidação das Leis da UDV” e “União do Vegetal – HOASCA: fundamentos e objetivos” (Antunes, 2019).

Em sua análise sobre o parecer de 1992 do CONFEN – em resposta à denúncia anônima de 1988 – Antunes (2019) destaca o uso legítimo da hoasca/ayahuasca enquanto fenômeno religioso e cultural originado na Amazônia. O autor argumenta, sobre a afirmação do documento de que as religiões têm alicerces sociais, culturais e éticos, dizendo que elas têm comportamento plácido e conciliador, valores familiares e comunitários e um modo de viver decoroso e rígido. São comunidades religiosas sociointegradoras, agregando valores, tradições, famílias e pessoas.

Como já previsto pela sequência de acontecimentos descritos, as reações ocorreram. A mídia questionou a decisão do governo de permitir a ingestão ritual da bebida afirmando o perigo da “droga”, debate constante e que, de alguma maneira, permanece até os dias de hoje. Contudo, as políticas públicas prevaleceram, inclusive, com relevante contribuição das Ciências Sociais que consolidaram argumentos no sentido de afirmarem as instituições hoasqueiras/ayahuasqueiras como religiões ligadas às expressões culturais originadas na

Amazônia. Esse fato, contribui também na decisão favorável do governo na regulamentação da ingestão ritual da hoasca/ayahuasca no Brasil (Antunes, 2019).

Apesar dos avanços nos debates, a questão do uso religioso da hoasca/ayahuasca persiste na década de 2000. A insistência na investigação do uso ritual do chá acontece, segundo MacRae (2008), em função da internacionalização e crescimento de alguns dos principais grupos hoasqueiros/ayahuasqueiros, o que teria suscitado outras denúncias. Para o antropólogo, as novas acusações levaram o CONAD a elaborar a Resolução nº 26, de 31 de dezembro de 2002. A resolução afirma que o uso ritual do chá hoasca/ayahuasca é uma manifestação cultural e religiosa regional reconhecida pela sociedade brasileira (Brasil, 2002) e que os responsáveis pelas religiões são conhecedores de que sua comercialização é proibida, já que o uso é rigorosamente religioso.

MacRae (2008) menciona que em março de 2004 o CONAD solicita à Câmara de Assessoramento Técnico Científico (CATC) da instituição que execute um novo estudo, assim como novo parecer técnico-científico, que abarque aspectos diversificados do uso do chá. Entre outros motivos que possam ter instigado esse novo estudo está o questionamento, por parte de algumas autoridades brasileiras, em relação ao uso do chá por crianças. Talvez essa participação de crianças em ritos onde há o consumo de psicoativos seja um dos assuntos mais polêmicos. Como afirmam, Lira e Ferreira (2018, p. 14), “O adultocentrismo pode julgar ‘absurda’ tal participação, classificando como [...] ‘irresponsável’ o adulto, que ‘submeta menores’ às experiências com psicoativos”.

Walsh Netto (2017) relata em seu estudo a proibição do uso, em agosto de 2005, do chá Hoasca/Ayahuasca por menores, sem nenhuma evidência que apontasse para qualquer prejuízo no desenvolvimento de crianças e jovens, conforme o autor. A interdição foi consequência da denúncia feita ao CONFEN pela mãe de uma criança que frequentava outra religião ayahuasqueira. Um dos pareceristas do Conselho Federal de Entorpecentes – José Costa Sobrinho – acatou a denúncia e recomendou a proibição do uso por menores. Além das autoridades brasileiras que alimentavam desconfianças a respeito do uso do chá, havia ainda a imprensa levantando questões sobre as consequências da ingestão do chá por crianças.

Alguns estudos já haviam sido feitos em relação à ingestão do chá, sendo a maior referência o Projeto Hoasca, mas nenhuma pesquisa tinha sido feita até então envolvendo crianças e adolescentes. Sobre isso, um dos entrevistados comenta uma situação que presenciou em Roraima.

Uma vez eu fui pra Boa Vista, as crianças tavam sem beber vegetal há 18 anos, porque um juiz local, um promotor lá foi num batizado e viu dar vegetal para um bebê, ele evangélico, ele entrou com uma ação lá e o juiz deu [...] um negócio sumário lá, uma decisão e proibiu (Almir Nahas, 2021).

Aproveito a menção para explicar que o batismo na União do Vegetal é um ritual semelhante ao de outras religiões. No entanto a água, elemento que predomina no batismo no catolicismo e protestantismo por exemplo, está presente, mas através do próprio vegetal. No momento em que a criança – geralmente ainda bebê – é batizada, é dada para ela uma colherzinha – correspondente a uma colher de chá – de vegetal. O batismo vale como uma sessão de adventícios para as crianças que, depois disso, podem beber o vegetal quando “quiserem” – na verdade, quando tiverem autonomia⁹⁰ para expressar o seu desejo, o que acontece em média a partir dos 3 ou 4 anos⁹¹, de acordo com o entendimento dos/as colaboradores/as. Lembrando que a criança precisa de autorização dos pais e do Mestre Representante para beber vegetal – pelos motivos antes citados –, mas o pedido geralmente é atendido.

Retomando o debate, acontecimentos como o narrado por mestre Almir mostraram a necessidade de se investigar esse tópico. Surge então a ideia de desenvolver o Projeto Hoasca com adolescentes⁹², que envolveu pesquisadores do Brasil e EUA, formando uma equipe multidisciplinar. Foi colocado maior enfoque nos vieses psiquiátrico e neuropsicológico para verificar se havia riscos de danos cerebrais com o uso, mas também com a intenção de levantar um perfil biopsicossocial. Os resultados da pesquisa foram divulgados amplamente em revistas científicas e vêm sendo utilizados em processos de regulamentação e legislação pelo mundo. A investigação concluiu que o chá não trouxe nenhum dano cognitivo e nem fez mal ao grupo analisado em nenhum dos aspectos pesquisados (Labate; Rose; Santos, 2008; Walsh Netto, 2017).

Como mencionado alguns parágrafos atrás, o CONAD havia solicitado – 2004 – à Câmara de Assessoramento Técnico Científico, um novo parecer, principalmente em função de desconfianças relacionadas à ingestão do chá por crianças. Atendendo ao pedido, a CATC abordou, entre outros fatores já analisados, o uso da bebida por mulheres grávidas e crianças.

⁹⁰ Sobre bebês e autonomia há autores que defendem a expressão dos desejos e decisões por parte deles ainda na barriga da mãe, ou seja, antes da fala. Para mais informações a respeito ver Cavalcante (2018).

⁹¹ Bebês também pedem para beber o chá, contudo, normalmente os pedidos deles não são atendidos. Mães de crianças pequenas geralmente vão com elas no colo para o ritual e, depois de distribuído o vegetal, vão para o berçário colocá-las para dormir. As lactantes bebem o chá em quantidade reduzida por esse motivo e penso ser também essa a razão de não atender aos pedidos dos bebês já que a ingestão do chá pelas mães passa para eles através da amamentação.

⁹² Os resultados do estudo foram divulgados em 2005.

O documento cita o artigo 1.634 do Código Civil concernente à amplitude do exercício do poder familiar, “comprometendo os pais na adequada criação e educação dos filhos, sujeitando-os à perda desse poder em caso de abuso de autoridade ou falta aos deveres que a lei lhes comete” (Brasil, 2004, p. 2-3). Dessa forma, a CATC lida com a questão ressaltando o direito à decisão individual e valorizando os saberes acumulados pelos grupos religiosos ao longo do tempo – certamente os estudos científicos realizados mais uma vez tiveram papel importante.

O parecer destaca ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069, de 13/7/1990 – que presume a garantia do direito à liberdade da criança e do adolescente, incluídos o culto religioso e a liberdade de crença (art. 16, III). O documento determina, portanto, que a participação de crianças e adolescentes na religião dos pais leva em conta os valores culturais relacionados à conjuntura social da criança e do/a adolescente. A decisão sobre as práticas religiosas deve ter, de acordo com o documento, como princípio a família, considerando a autonomia individual e o aspecto social (Antunes, 2019).

O documento remonta às decisões anteriores do CONAD e CONFEN, levando em conta o direito inviolável de crença e “a garantia de proteção do Estado às manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, com base nos arts. 5º, VI e 215, § 1º da Constituição do Brasil, evitada, assim, qualquer forma de manifestação de preconceito” (Brasil, 2004, p. 6). A liberdade do uso religioso e das práticas das comunidades hoasqueiras/ayahuasqueiras é, pelo parecer, garantida sem restrições. Depois disso, o CONAD emite a Resolução nº 5, que afirma que o processo de legitimação acontece há mais de 18 anos, quando da proibição provisória, destaca o direito constitucional ao exercício do culto e dá a legitimidade jurídica do uso religioso do chá. Entretanto, o CONAD institui novamente um Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT) para realizar um levantamento/acompanhamento do uso ritual da hoasca/ayahuasca.

Em 2006 o GMT é formado, mais uma vez, por especialistas de diversas áreas: antropologia, farmacologia/bioquímica, serviço social, psiquiatria e direito. Somam-se a estes, seis representantes de entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras, a Diretora de Políticas de Prevenção e Tratamento da Secretaria Nacional Antidrogas e da Assessoria Executiva do próprio CONAD. O grupo se reuniu sete vezes entre agosto e novembro de 2006 e discutiu assuntos como os aspectos necessários – legais e jurídicos – para a regulamentação do uso religioso do chá, a defesa do direito à liberdade de culto, normatização das condições de produção e consumo da bebida, proibição de comércio da hoasca/ayahuasca, como proceder ao receber novos membros, sustentabilidade na produção das espécies, cultivando as plantas e

produzindo para o próprio consumo, entre outras temáticas relevantes. Ao final foi gerado um relatório final com todas as informações sistematizadas e ressaltou-se a importância de garantir a liberdade religiosa como direito constitucional e o poder familiar, dando ênfase à autonomia individual e destacando o uso religioso como uma tradição nacional legítima (Brasil, 2006).

No debate acerca do peso dos termos na trajetória em busca da normalização, Goulart (2008) argumenta como as ideias de “tráfico” e “comércio” eram problemáticas, de acordo com os adeptos dos cultos hoasqueiros/ayahuasqueiros, para a noção de uso responsável, por se vincularem ao contexto de drogas ilícitas. A autora menciona que, em oposição a eles, o que se defende é a “tradição”, o “uso religioso” e sacramental no lugar de “droga”. Essa perspectiva é notada e acatada pelo GMT que elabora o relatório se posicionando de forma favorável a tais argumentos.

O GMT recomendou uma organização formal das instituições, incentivando a personalidade jurídica, firmando a identidade e responsabilidade, possibilitando aos/as frequentadores/as um ambiente confiável (Brasil, 2006). Outra indicação é que fosse feita uma entrevista com os interessados em beber o vegetal, para averiguar o estado médico/psicológico, explicando os processos rituais e os efeitos (Brasil, 2006). A respeito do uso por gestantes e menores de idade, mantiveram-se os termos da Resolução nº 05/04 do CONAD, já mencionada, onde recomenda-se que o uso por menores de 18 anos fique a critério dos pais. Mas o argumento central desse relatório é que a legitimação do uso está fundamentada na categorização de manifestação religiosa e cultural de caráter popular.

Em 2010, quatro anos após a publicação do Relatório Final do GMT, o CONAD emitiu a Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010, para propagar e dar visibilidade aos resultados deliberados, publicando integralmente o Relatório Final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (Brasil, 2010). Antunes (2019) ressalta que a partir dos anos 2000, as problematizações em torno da hoasca/ayahuasca e os supostos riscos que envolviam a ingestão da bebida vão se reduzindo e, de alguma forma, se transformando. Passa-se a predominar o conteúdo acerca da manifestação cultural e religiosa popular merecedora de proteção do Estado. Assim, no que diz respeito às políticas públicas, a associação entre hoasca/ayahuasca e droga desaparece totalmente do Relatório Final do GMT.

A respeito desse longo processo, MacRae (2008) fala da importante participação de cientistas de diferentes áreas na mediação entre os órgãos governamentais e os adeptos das religiões, embora alerte para o risco de uma espécie de substituição de um controle governamental – através do CONFEN/CONAD – para um controle médico-científico. Antunes

(2019) também remonta a essa normatização ou tipificação do que se entende como uso responsável do chá, tratando das recomendações e parâmetros para as práticas dos grupos religiosos. Ressalto a adequada crítica, contudo, é fato que os antropólogos assinalam a contribuição dos especialistas de diversas áreas para reconhecer a legitimidade do uso religioso da hoasca/ayahuasca, fator de crucial importância para a comunidade religiosa que faz seu sagrado uso.

Com base no que vem sendo apresentado, é possível concluir que os primeiros embates giraram em torno da proibição e regulação do uso, posteriormente ficando polarizado entre droga e cultura – aspectos antropológicos e biomédicos privilegiados, estando o primeiro em lugar de destaque em relação às decisões dos órgãos do governo. Antunes (2019) afirma que a década de 2000 marcou o período em que as políticas públicas abandonaram a associação entre hoasca/ayahuasca e drogas e passou a legitimar o uso religioso, tornando consistente a ideia e “consolidando-se a concepção de que as entidades ayahuasqueiras deveriam ser respeitadas como religiões herdeiras de uma tradição cultural amazônica ancestral” (2019, p. 136).

A partir dos anos 2000, a produção acadêmica, já adotando a categorização de manifestações religiosas e culturais detentoras de proteção do estado, fortaleceram e consolidaram a literatura brasileira sobre o tema. Assim, os passos seguintes estariam voltados para estabelecer os mecanismos necessários para garantir o uso responsável. Enfraquecidas as noções de “droga”, “dependência”, “entorpecente” e “alucinógeno” e fortalecida a ideia de “patrimônio”, de “tradição religiosa e cultural”, consolida-se que a hoasca/ayahuasca possui valor cultural e histórico. Entretanto, isso não significou, necessariamente, que o fenômeno deixou de ser alvo de refutações por alguns segmentos da sociedade. As religiões continuaram sendo alvo de controvérsias.

Antunes (2019) defende, em seu estudo, que a associação ayahuasca/religião/cultura consolida-se tanto na academia quanto nas políticas públicas do Brasil e usa, para exemplificar, o tombamento das instalações do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Alto Santo – como patrimônio histórico e cultural do Acre, em 2006, este que foi o centro originário do Santo Daime fundado por Mestre Irineu. Cerca de dois anos depois UDV, Santo Daime e Barquinha entraram com pedido de reconhecimento da hoasca/ayahuasca como patrimônio imaterial da cultura brasileira junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Tais acontecimentos corroboram a legitimidade do uso da hoasca/ayahuasca enquanto tradição e manifestação cultural.

Ainda que sejam notavelmente admitidas tantas conquistas nesse campo, que o estado tenha reconhecido e publicado no Diário Oficial o Relatório do GMT, os desafios enfrentados pelas religiões hoasqueiras/ayahuasqueiras brasileiras não cessam aí. Os diálogos e pesquisas no sentido de compreender com mais profundidade essas substâncias continuam a ter um papel relevante. Mesmo que os efeitos farmacológicos de boa parte delas sejam já bem conhecidos, ainda há muito o que investigar sobre as trocas químicas no cérebro e o que acontece, por exemplo, no sentido das experiências subjetivas.

Por mais que existam pesquisas comprovando os benefícios físicos e mentais da ingestão da bebida, assim como a transformação moral, social e espiritual de seus adeptos, há ainda uma forte resistência ao seu uso, causada na maior parte das vezes por desconhecimento das propriedades bioquímicas do chá, pelo não reconhecimento do uso ritualístico religioso deste chá ou pelo sensacionalismo da mídia [...] (Walsh Netto, 2017, p. 57).

O autor chama a atenção para as numerosas investigações científicas que apontam as possíveis origens do preconceito e/ou estranhamento – como as citadas ao longo desta seção –, destacando o problema sociológico/antropológico que se apresenta diante da discriminação a que as religiões hoasqueiras/ayahuasqueiras estão sujeitas. Apesar de tais problemas parecerem mais amenos, eles ainda estão presentes, se revestem com novas roupagens e se atualizam demonstrando intolerâncias aos adeptos de tais religiões. Pesquisas como esta mostram, de perto, como se dá essa experiência através de observação/escuta de hoasqueiros/as, revelando que esse “outro/a” hoasqueiro/a tem seu lugar no convívio social e é um cidadão com direitos – de praticar sua religiosidade, de ter respeitada a sua crença.

Sintetizando o que foi apresentado até aqui nessa seção, a partir da década de 1980 o fenômeno da ingestão ritual da hoasca/ayahuasca ganha visibilidade e aparece nos meios de comunicação, na produção acadêmica e passa a ser objeto de políticas públicas. O cenário aproximou entidades hoasqueiras/ayahuasqueiras das autoridades governamentais, fazendo acontecer reuniões e grupos de trabalho para analisar, entrevistar, avaliar possíveis riscos para a saúde e segurança pública. Os encontros envolveram profissionais de áreas diversas e representantes das instituições religiosas. Publicaram-se pareceres, relatórios, artigos e reportagens e, em paralelo, organizaram-se eventos científicos e congressos. Avaliações médicas, psicológicas e psiquiátricas são feitas e livros, teses (Goulart, 2004; Rose, 2010) e dissertações (Silva, 1983; Goulart, 1996; Labate, 2000; Antunes, 2012) publicados. Toda essa articulação tem a finalidade de delimitar parâmetros para o uso da substância e elaborar saberes, enquadrando o uso religioso do chá enquanto manifestação cultural “sociointegradora” e religiosa, originada na região amazônica e fortemente ligada às tradições afro-brasileiras e

indígenas. Através do percurso transcorrido desde curandeirismo, droga, passando por religião e chegando na categoria de cultura, diz Antunes (2019), o consumo da ayahuasca passa de prática despercebida a um reconhecimento público dos grupos como legítimos e credores de proteção estatal.

Esse capítulo apresentou a instituição religiosa, o CEBUDV, assim como o NCSG, onde a investigação foi feita. Pormenorizou elementos centrais para a prática religiosa como a sessão, a doutrina, o chá, o preparo, a burracheira e as controvérsias públicas devido à associação do uso da Hoasca com a noção de “droga”. No próximo capítulo chamarei as crianças para mais perto, tratando da concepção da/s infância/s e de como a instituição concebe o ser criança, ponto crucial para a análise sugerida. Além disso, apresentarei a Orientação Espiritual, equipe formada exclusivamente para dedicar atenção especial a crianças e jovens, descrevendo atividades realizadas com o público infantojuvenil e trazendo as palavras dos meninos e meninas sobre ela.

CAPÍTULO III

AS CRIANÇAS NO MUNDO DE HOASCA

Como o Mestre Gabriel criou a União?
(Davi, aqui com 9 anos)

Para discorrer a respeito das crianças, seu lugar na União do Vegetal e a sua visão da espiritualidade, é imprescindível preparar o terreno contextualizando teoricamente o debate e buscando qual/quais a/s concepção/ções de infância/s prevalece/m nessa comunidade religiosa.

O olhar científico sobre a criança vem atravessando consideráveis mudanças epistemológicas a partir da década de 1980, quando elas passam a ser vistas como sujeitos. É significativo o lembrete de Sarmiento e Pinto (1997) de que o mundo parece ter acordado para a existência das crianças no momento em que elas passaram a existir em menor número relativo.

Ainda que o universo acadêmico pareça ter finalmente acordado, boa parte dos pesquisadores da área afirmam que ainda existe alguma resistência em relação à interlocução infantil como fonte de pesquisa séria e autêntica (Campos, 2009). Entretanto, autoras como Cohn (2014) afirmam que este é um campo já consolidado e reconhecido no Brasil, havendo, entretanto, a necessidade de alcançar maior abrangência tanto no debate quanto na intervenção pública, através de um movimento que envolva interlocução e entrecruzamentos.

A respeito da concepção de infância, ela cumpre, conforme Cohn (2014), um papel tanto no fenômeno observado quanto na análise destes mesmos fenômenos, “[...] são cruciais para entender o que as crianças fazem, dizem e pensam, e o que se faz com elas, se pensa delas, se diz sobre elas” (p. 224). Cruciais são, segundo a autora, perguntas como: o que é ser criança no lugar onde a pesquisa acontece? Ou como as infâncias são definidas neste lugar? Este capítulo compromete-se a dar atenção a essas questões.

Tais indagações são feitas negando a ideia de infância universal e a base dessa noção vem da arguição clássica de Áries (1981), historiador francês e um dos pioneiros a ver a infância através de um panorama histórico e que a coloca como uma invenção ocidental da modernidade. A concepção de um indivíduo historicamente construído nos leva a pensar que a criança tem papéis diferentes de acordo com a sociedade e o momento histórico (Campos, 2009). Não há uma infância única, mas múltiplas infâncias.

Além dessa mudança na forma de perceber a criança, outro ponto sobre o qual a literatura das ciências sociais – e das ciências humanas, de forma mais ampla – sobre criança e/ou infâncias vem se dedicando, é averiguar o grau de autonomia da agência infantil. Alguns se perguntam, por exemplo, se existem culturas infantis ou se as crianças apenas reproduzem o

universo cultural dos adultos. Essas perguntas refletem o debate entre os modelos deterministas e os modelos construtivistas em torno da criança. Campos (2009) explica que o primeiro modelo percebe a criança como objeto da cultura e da sociedade dando foco no processo de endoculturação e socialização. O segundo modelo percebe a criança como sujeito ativo do processo de reprodução e mudança tanto social quanto cultural. É com esse segundo modelo que a perspectiva dessa pesquisa se identifica.

3.1 Concepções de infância: reflexos de algumas teorias

Carneiro (2018) diz que para entender a criança no interior de sua comunidade religiosa, é significativo compreender qual é o espaço destinado para ela e seu papel. Isso requer que o grupo infantil seja contextualizado no sistema religioso, para que assim seja possível perceber como ele transita, como se socializa dentro da comunidade. Para isso, de forma similar ao que faz a autora, opto por um olhar mais geral, atentando para a forma como as crianças criam e recriam – direta ou indiretamente – a liturgia religiosa da UDV, constituindo vínculos entre elas e entre elas e os/as adultos/as, além de contar com as contribuições teóricas e empíricas da socialização infantil em contexto religioso.

Voltar o olhar para a criança na UDV auxilia a compreender o universo infantil, pela necessidade de englobar os diversos locais pelos quais ela circula, buscando assim assimilar melhor sua corporalidade, sua visão de família e seu modo de vida. Os espaços sociais onde a criança transita ajudam a entender as complexas realidades e as configurações sociais infantis. Os vários ambientes de socialização e deslocamento precisam estar em relevo para que novas leituras sejam efetivadas. Agindo assim, quebra-se com o paradigma de infância que o ocidente produziu, já que nesse mesmo ocidente existem infâncias variadas a partir de perspectivas de religião, etnia, raça, classe, gênero, enfim, dessa diversidade que desfaz “a ideia de bloco monolítico” do que é a criança ocidental (Carneiro, 2018).

Mas antes de adentrar no campo em si, é prudente apresentar, ainda que sucintamente, alguns assuntos relevantes sobre infância/s para compreender a/s concepção/ções de infância/s predominante no campo e em seu entorno.

Um dos pontos que vem sendo debatido a respeito dessa parte da população é a associação que geralmente é feita entre criança e faixa etária, demonstrando que por muito tempo esse foi o modelo usado, refletindo a ideia de etapas de desenvolvimento e de delimitação com o mundo adulto, usado como referência (Carneiro, 2018).

Antes ainda de analisar aspectos atuais das infâncias, é válido olhar, ainda que rapidamente, para o passado e para o surgimento da categoria. Estudos apontam – a principal referência é Ariès (1981) – que o conceito de infância foi uma produção da modernidade, consolidada no século XVIII. Em livro publicado em 1960, o autor se consagrou como marco nos estudos da infância, indicando que na Idade Média, crianças e adultos eram tratados da mesma maneira, só a partir do século XVI que a infância ganha esse ar de fragilidade e inocência.

O trabalho de Ariès é reconhecido e usado como referencial ainda hoje, contudo, sofre críticas duras. Carneiro (2018) menciona as de Heywood (2004), para quem o historiador foi ingênuo e simplista ao tratar das fontes. Este autor diz que no século XVIII, já havia uma preocupação com as crianças e cita os iluministas Locke e Rousseau para ilustrar essa atenção⁹³. A existência de uma preocupação com a criança era, portanto, anterior ao século XIX. A própria Carneiro (2018) aponta que Ariès tem uma visão universalizadora, eurocêntrica e não pontua as diversas infâncias.

Durkheim (1978) é um dos principais teóricos a debater infância e educação e entendia a educação como uma forma de transformar o ser individual em um ser social. Para o sociólogo francês, a criança era um ser irracional, não controlado e selvagem (Carneiro, 2018), denotando um olhar para a infância desprovido de relevância e sentido. E esse tipo de pensamento perdura na literatura inglesa e francesa durante um longo período, atrelando no imaginário social a ideia de ingenuidade e impertinência, percepção que foi sendo construída e alimentada ao longo do tempo na sociedade ocidental.

Mauss, sobrinho de Durkheim, abre uma distância dessa visão funcionalista e linear que predominava até então. No campo sociológico, o autor talvez tenha sido um dos primeiros a perceber que há outras infâncias, fugindo da visão eurocentrada e criticando a falta de visibilidade dada às crianças e suas diferenciações culturais (Carneiro, 2018).

No Brasil, ideia semelhante é encontrada em 1940, quando Florestan Fernandes (2016) elucida as bases sociais para a construção do que ele vem a chamar posteriormente de cultura infantil, ao pesquisar os processos de socialização das crianças do Bom Retiro, que confluem com as noções de Mauss no texto “Três observações sobre a sociologia da infância”, de 1937, apresentado no Congresso de Sociologia da Infância.

⁹³ Locke defendia a ideia de tábula rasa e achava que as crianças, para se formarem, deveriam estar em contato com o conhecimento. Já Rousseau achava que a criança tinha natureza ingênua e pura e, seu processo de conhecimento e potencialidades se desenvolveriam se elas fossem colocadas na natureza e, assim, o desenvolvimento se daria naturalmente.

Da década de 1970 em diante começam a surgir trabalhos com um olhar mais voltado em ampliar desigualdades e diferenças entre as crianças. As críticas pós-modernas e pós-coloniais escancararam as desigualdades e os essencialismos foram contestados.

Atualmente o universo infantil ainda é pouco explorado, se comparado a outros temas igualmente relevantes. Esse dado chega a ser curioso se pensarmos que as crianças aparecem em alguns relatos etnográficos clássicos como em Margaret Mead (1979), Ruth Benedict (1953, 1972, 2013), Malinowski (1983), entre outros. Ainda assim a temática parece estar, como denuncia Carneiro (2018), um passo atrás quando comparada a estudos sociológicos outros, isso porque nasceu, enquanto campo, de forma periférica e tardia. Quando se fala academicamente em criança hoasqueira então, creio poder afirmar que bem pouco se sabe a respeito de quem são essas crianças, como “socializam-se a si mesmas” (Pires, 2015, p. 219) e são socializadas, como vivem, o que fazem, como agem nos núcleos.

Esse “atraso” faz com que algumas noções, ainda que já bastante refutadas teoricamente, ainda “precisem” ser interrogadas, tendo em vista que a infância consiste em um fenômeno que foi processualmente naturalizado, compreendida como fase biológica ou de desenvolvimento, igualmente sobreposta a todas as crianças. Abramowicz e Rodrigues (2014) fazem esse trabalho, lembrando que a infância é uma construção social, delineada por uma série de regras, leis e pressupostos filosóficos, teológicos, jurídicos, pedagógicos e psicológicos.

O trabalho das autoras se soma ao de Ariès (1981), Fernandes (2016), Mauss (2010), entre tantos/as outros/as ao longo do tempo, ao se dedicar a problematizar a maneira de enxergar as crianças, a forma como são vistas e tratadas socialmente, as restrições/privações aos espaços, as diversificadas maneiras como elas têm sido silenciadas, a ignorância em relação ao papel social, político e econômico delas e, o quanto perdemos em não ouvi-las, inclusive em relação ao que pensam do mundo e delas mesmas. Estes estudiosos fazem parte do que passamos a chamar de Estudos da Infância e se posicionam na contracorrente de tais pensamentos. A perspectiva é estudar com e sobre as crianças, pensar a forma que elas interrogam suas infâncias, a maneira que elas podem modificar e até mesmo resistir à ideia de infância, quando esta se apresenta como algo fabricado e, de certa forma, se resumindo a garantir o funcionamento da sociedade (Abramowicz; Rodrigues, 2014).

Nesse sentido, Abramowicz e Rodrigues (2014) apontam como uma de suas expressivas contribuições a percepção de que o que está em jogo é a gerência da população. Crianças consistem na representação do corpo fraco e débil, fase inferior do desenvolvimento humano e, por isso, representam possibilidade maior de intervenção, regência e de educação.

Aqui percebemos o quão significativo é o papel político das infâncias, evidenciando os direitos e interesses desses atores sociais.

Refletindo a respeito da ideia de manutenção do funcionamento social somado à ideia de controle da infância, é possível concluir que “[...] se a infância é uma construção social, uma invenção, produzida de muitas maneiras, especialmente pelas normatizações jurídicas, torna-se um poderoso dispositivo do poder” (Abramowicz; Rodrigues, 2014, p. 465). É esse dispositivo de poder que por meio de vertentes diversas restringe a população infantil e possibilita a naturalização da forma como ela é vista socialmente. Isso proporciona o entendimento das particularidades que envolvem esse grupo aludido.

Campos (2009) salienta que as crianças estão longe de possuírem liberdade, que lhe seja permitida plena autonomia que lhe configurem como sujeitos de uma cultura própria. Ao mesmo tempo elas também não são apenas um grupo de baixa faixa etária que se resume a reproduzir o mundo adulto.

Outro ponto relevante a trazer ao debate é o processo de globalização que constitui um fenômeno social significativo. Ao olhar um pouco mais de perto, podemos ver como esta compreensão impacta a agenda de pesquisa dos Estudos das Infâncias. Lucia Rabello de Castro (2021) considera que os interesses científicos das pesquisas realizadas para os Estudos da/s Infância/s, a partir do final dos anos 90 em diante, “[...] começaram a se focar em questões associadas com o processo de ‘tornar-se uma criança global’ e/ou ‘o surgimento da criança global’” (p. 61).

A supracitada autora alerta para a necessidade de uma crítica à globalização, principalmente originária do Sul, já que este termo, tão corriqueiro e aceito facilmente por nós, está fundado numa lógica que implica ideias de desenvolvimento, capitalismo, economia, política e homogeneização, em resumo, modernização. Assim, entendemos a globalização como uma espécie de evento inevitável, um ideal de modernidade avassalador, positivo e contagiante que vem se espalhando pelo mundo afora. Contudo, esse ideal vem separando o mundo entre Norte e Sul. O Norte, como referência de modernidade, economia próspera, participação política exemplar e modelo para o Sul, que é visto como atrasado, tradicional, onde os países ainda se encontram em desenvolvimento, ou até “subdesenvolvimento”, com economia política dependente das grandes potências nortistas. Castro põe em xeque a ideia de modernidade ao dizer: “A própria noção de modernidade como um fenômeno universal único cujo centro é a Europa em oposição ao mundo dominado por tradições nas outras partes do mundo deveria ser questionada (Castro, 2021, p. 66)”.

Interessante notar que falamos em Norte/Sul de forma corriqueira, como mencionei no parágrafo anterior, porque estas são perspectivas comumente vistas como geográficas, não com suas complexidades geopolíticas. É pertinente não negligenciar o aspecto epistêmico e político dessa divisão que segue sendo insuficientemente abordada e discutida.

Há quem enxergue nessa lógica colonial um processo que intensifica a marginalidade – em diversos sentidos – dos países do Sul na economia e cultura globais.

[...] as diferentes maneiras pelas quais os processos de globalização são tematizados, seja nos países do Norte ou do Sul, têm impacto sobre quais questões se tornam relevantes e necessárias na investigação e na produção de conhecimento sobre a infância (Castro, 2021, p. 62).

Castro (2021) afirma, então, que a divisão Norte/Sul impacta a produção de conhecimento nos estudos da infância, mostrando o desequilíbrio epistêmico entre as duas referências geopolíticas e o lugar de subalternidade em que o Sul se localiza. A autora menciona duas facetas desse desequilíbrio estrutural: “uma relativa à escolha de determinados tópicos de investigação alinhados aos interesses dos países hegemônicos; outra, relativa a como determinados circuitos para a circulação de resultados de pesquisas são privilegiados em detrimento de outros” (Castro, 2021, p. 63).

Em relação a este aspecto da circulação, a língua inglesa constitui um entrave. Entre outros aspectos, este da língua é um que diz muito deste limite de circulação de produções acadêmicas porque, por exemplo, a maior parte do conhecimento científico do Sul não tem suas produções publicadas em inglês e, por isso – não só por isso, na verdade – não é lido pelos pesquisadores do Norte que, em alguns casos, estão estudando crianças do Sul, mas não leem os escritos locais produzidos pelos acadêmicos “nativos”. O contrário também acontece:

Os pesquisadores do Sul que desejam ser incluídos nos círculos europeus e americanos do debate acadêmico devem ser fluentes em inglês e, acima de tudo, devem ser capazes de assimilar e de se identificar com as concepções e teorias de ampla circulação em revistas internacionais produzidas no Norte para participar do diálogo (Castro, 2021, p. 70).

Alguns/as acadêmicos/as de meu convívio partilham críticas à hegemonia eurocêntrica. É comum que haja até alguma resistência em aprender inglês, mas, sentindo na pele a pressão para compreender o idioma, alguns/algumas cientistas se veem forçados a começar a estudar para ter alguma chance de publicar em periódicos internacionais e mostrar, como outros/as pesquisadores/as, a percepção latino-americana, além de poder ter acesso aos estudos mais recentes produzidos nos Childhood studies.

Walsh Netto (2017), que trabalha com a metodologia decolonial, diz que:

[...] a metodologia decolonial se faz fundamental, posto que reconhece a significância da perspectiva nativa para a pesquisa e os esforços de como e por que tais perspectivas devem ser desenvolvidas. É importante deixar claro que esta metodologia faz algo mais do que uma desconstrução do discurso acadêmico ocidental, faz também uma releitura de seus paradigmas, reinterpretando e dando voz àqueles que, na maior parte das vezes, eram representados e silenciados por meio de imagens consolidadas pelo discurso hegemônico (2017, p. 73).

Metodologias como a decolonial e reflexões outras acerca de paradigmas hegemônicos refletem proficuamente nos Estudos da/s Infância/s para enxergar criticamente essa demanda atual imposta pelo processo de globalização por “uma criança global em um mundo global”, como diz Castro (2021). Uma rota homogênea é traçada tanto para as nações – no sentido de alcançarem o modelo americano ou europeu – quanto para as crianças, quando é apresentada uma ordem “universalizadora da experiência humana”. Citando Boyden (1990), Castro (2021) fala da consolidação dos direitos das crianças nas legislações nacionais e internacionais e como isso colaborou com essa visão de um padrão global de infância, embasada em ideais histórico/culturais europeus e norte-americanos, aos quais é necessário contestar.

Esse padrão global de infância – nortista – têm despertado hábitos e valores nas crianças associado ao uso de telas, tempo diante da televisão e consumo. Teóricos da infância vêm se questionando em relação aos tipos de danos que esses novos hábitos podem causar. Além disso pergunto, como ficam as crianças que não se conformam com essa representação de criança global?

Essa representação diz respeito à maneira como as crianças têm sido vistas e tratadas, de forma – enformadas, de fato – unívoca, como se todas as crianças de todas as nações fossem iguais (não são, embora sejam diversamente atingidas pelos ideais de consumo dos países do “Norte Global”). Como isso é ilusório, as crianças do “Sul Global” mostram-se diversas dessa visão universalizada, escancarando uma pluralidade, uma diversidade, mostrando que as infâncias são verdadeiramente múltiplas.

A globalização consiste em um processo histórico e geográfico que se reflete em diversos contextos e consubstancia uma colonização de vidas em amplos aspectos, não apenas econômicos, mas também na subjetivação e nos modelos impostos à vida. O que destaco, como Castro (2021), é que ela produz impactos diferentes em diferentes partes do globo. As pesquisas e experiências com/das crianças devem ser contextualizadas nestas relações estruturais de poder.

Aproveitando a deixa da linguagem, Abramowicz e Rodrigues (2014), ao tratarem de um texto em que debatem pesquisas descolonizadas com crianças, detectam os principais

obstáculos que se apresentam para aquela ou aquele que se propõe a realizar um estudo com este viés. São três obstáculos apresentados, entretanto, vou buscar resumir apenas dois, por serem mais relevantes no contexto aqui discutido. O primeiro obstáculo está na própria universidade brasileira, que funciona dentro da lógica neoliberal e nos induz a uma perspectiva produtivista – competição e ranqueamento –, com pouca – ou quase nenhuma – possibilidade de resistir: “Concorremos entre nós, para assegurar os poucos recursos financeiros destinados pelas agências de fomento de pesquisa para a educação e para as ciências humanas, seja em bolsas ou em financiamento de pesquisa” (Abramowicz; Rodrigues, 2014, p. 468).

O segundo obstáculo – e aqui sim, falo da linguagem – diz respeito ao “entrave epistemológico” que constitui a própria linguagem e a gramática: “Somos totalmente prisioneiros de uma linguagem que se constitui como hegemônica e de sua gramaticalidade” (Abramowicz; Rodrigues, 2014, p. 470). A prisão consiste no fato de que é na escrita que está a centralidade da linguagem, assim sendo, a oralidade é subalterna.

Neste jeito hegemônico de falar e de constituir o real, já que na verdade a linguagem cria o real e as verdades, estão excluídos aqueles que não se expressam deste modo como as crianças, por exemplo. As crianças não escrevem. E há sociedades com uma forte ênfase oral. A história oral é um instrumento que preserva o entrelaçamento entre história e subjetividade. Para isso, é preciso levar-se em conta os gestos, o timbre e o tom da voz, a política do rosto, a expressividade do olhar etc., e pouco entendemos sobre isso (Abramowicz; Rodrigues, 2014, p. 470).

É interessante observar como o campo desta pesquisa torna-se fértil para este estudo, já que a União do Vegetal é um espaço onde a oralidade é aspecto chave da prática doutrinária. Então a fertilidade de trabalhar com a ideia de oralidade com as crianças na UDV é, digamos, duplicada. Atentar para estas questões parece riquíssimo porque tanto a religião quanto as crianças que dela participam tem a oralidade como vertente central, a religião na dimensão histórica e prática e as crianças em sua expressão e subjetividade.

Debatendo essas e outras questões, a perspectiva epistemológica dos chamados estudos da infância (Carvalho; Nunes, 2007; Castro, 2008; Ferreira; Nunes, 2014; Hirschfeld, 2016; Qvortrup, 2011; Sarmento; Pinto, 1997) é fundamental para perceber as inúmeras relações de poder e mecanismos de controle que se manifestam de tão diversas maneiras.

A infância se vive de modos múltiplos, diversos (Mauss, 2010; Cohn, 2014) e a Sociologia da infância, os estudos da infância e da criança de modo mais amplo assumem esse compromisso de, com este campo de estudo já consolidado, debater, dialogar e intervir na atuação do mundo (Cohn, 2014), escancarando os sentidos políticos e desiguais, tão fundamentais a este tipo de análise.

Neste aspecto – e atualizando o debate –, é válido chamar atenção para as críticas que vêm sendo tecidas sobre algumas das teorias centrais que embasam os estudos das infâncias. Trarei as argumentações de James (2019), que contesta pontos relevantes como o “contraste entre a imagem ‘da criança’ como a voz simbólica da autenticidade e inocência e as experiências cotidianas das crianças como espectadoras silenciadas [...]” (2019, p. 221). A antropóloga faz críticas tanto aos pesquisadores da/s infância/s quanto a própria antropologia, ao destacar o que ela chama de uma “nova ortodoxia da pesquisa” que corresponde à concepção defendida pela maioria dos autores e autoras aqui citados, de que as crianças são atores sociais que tem muito a contribuir na compreensão do mundo e que devem ser encorajadas a falar. A crítica da antropóloga diz respeito ao fato de que essa área do conhecimento – a antropologia – já tem vasta experiência em “pesquisar, teorizar e escrever sobre ‘o outro’” e que, exatamente por essa razão, oferece “lições inestimáveis para o estudo das crianças” (2019, p. 222), já que a alteridade delas em relação aos adultos as torna estranhas⁹⁴.

As argumentações de James (2019) apontam a criança como um “outro” e, nesse sentido, tão caro à Antropologia, vem faltando colocar em prática uma das lições mais básicas que é analisar criticamente o lugar em que o grupo infantil ainda está sendo colocado textualmente, necessitando que alguém lhe dê voz e mantendo assim, a criança como dependente e sem autonomia. James (2019) aponta mais algumas armadilhas teóricas e conceituais e é válido apresentá-las para nos alertar ao desafio de driblar tais ciladas.

Um dos primeiros alertas está relacionado ao ouvir “as vozes das crianças”, em um sentido teórico e conceitual, através de métodos em que elas sejam “observadoras-participantes”, pois pouco do que elas dizem é ouvido fora – e mesmo dentro – da academia⁹⁵. Outro problema, ainda dentro do que foi dito a pouco em relação à voz infantil, diz respeito à autenticidade. Se as crianças necessitam de que lhes deem voz, isso significa que as crianças são consideradas ainda “incapazes ou impedidas de se pronunciarem” o que leva a um problema epistemológico de “tradução, interpretação e mediação”. E, ainda que se consiga colocar em prática o fazer pesquisa com crianças e não sobre crianças, com a participação no processo sendo reconhecida e com uma colaboração ativa, ainda há que se estar atenta porque “para os pesquisadores adultos há uma linha tênue entre apresentar os relatos das crianças sobre o mundo e assumirem-se como capazes de ver o mundo a partir da perspectiva da criança como um novo tipo de ‘verdade’” (James, 2019, p. 224) ou realmente considerar válida – e autêntica – essa

⁹⁴ Ver Jenks, 1982.

⁹⁵ Ver Roberts, 2000.

perspectiva infantil. É preciso estar vigilante também para o contrário dessa postura, de não tornar as vozes infantis como algo incontestável, como o que James chama de “perspectiva mitológica e Ocidental da ‘criança’” (2019, p. 231).

Ainda em relação à autenticidade faz-se necessário chamar a atenção ao fato de que mesmo quando as palavras das crianças são citadas em pesquisas, podendo ser “autênticas” – por serem um registro fiel do que elas disseram –, essas frases continuam sendo selecionadas pelo/a pesquisador/a (James, 2019). Dessa maneira, é pertinente reconhecer as relações de poder existentes e assumir as limitações ainda não superadas, embora seja também oportuno evidenciar que é parte do trabalho a busca constante em avançar, no sentido de superar tais desafios.

Ainda que sejam bastante plausíveis as críticas de James (2019), ela reconhece a necessidade do processo metodológico adotado pelos estudos das infâncias, em relação a citar as palavras e pontos de vista das crianças, pois possibilitou uma elevação do perfil das investigações e a obtenção e inclusão de diferentes preocupações sobre crianças e infâncias na agenda de pesquisas. Esta inclusão de vozes representou uma “ruptura epistemológica” bastante significativa. No entanto, urge a necessidade de avançar e encarar os fatos apontados.

Faz parte do processo investigativo reconhecer os problemas e limitações, principalmente quando ainda não encontramos o caminho seguro para superá-los. Sabemos que a ciência é construída coletivamente, o reconhecimento e discussão dos desafios que não se pôde, ainda, transpor fazem parte do processo dessa edificação conjunta pois cada dissertação/tese se propõe a avançar mais na busca pelo conhecimento, fazendo parte desse processo, inclusive, deixar espaço para que o/a próximo/a pesquisador/a do tema possa “pegar o bastão” e, posteriormente, dar continuidade às análises. A meta consiste em avançar no estudo, mas tendo ciência de que não será possível alcançar todas as expectativas desejadas, principalmente no sentido de ter uma real autenticidade das falas das crianças, pois constitui um problema ainda não superado. Infelizmente, a pandemia dificultou bastante uma tentativa para, com mais afinco, chegar mais próximo de materializar esse plano porque não foi fácil estar e conviver com os/as colaboradores/as no período que seria dedicado exclusivamente para a pesquisa de campo.

Depois dessa rápida apresentação de apenas alguns pontos do que vem sendo discutido a respeito das concepções de infâncias e da criança em linhas gerais, vamos afunilando para as temáticas das infâncias na UDV. A pesquisadora em estudos das infâncias Flávia Pires (2010) diz que há, no Brasil, pesquisas em andamento que têm a intenção de compreender como se dá

a inserção das crianças na vida religiosa. Ela lembra que o campo de estudos é recente, porém promissor (Falcão; Campos, 2009; Bergo; Gomes, 2009; Campos *et al.*, 2010). Como o intuito nesta pesquisa é colaborar com o progresso desse campo, é fundamental começar contextualizando a relação do público infantil com o âmbito da UDV. “Um estudo verdadeiramente antropológico [Não posso dizer que este estudo seja ‘verdadeiramente antropológico’, mas a sentença cabe bem aqui] deve incluir as crianças como sujeitos sociais e agentes históricos, mas relacionando-as aos outros grupos sociais (Toren, 1999; Pires, 2007b; Campos *et al.*, 2010)” (Pires, 2010, p. 145 – acréscimo meu). Assim sendo, faço uma apresentação das crianças na UDV, sua vivência no cenário religioso e como as mesmas se relacionam com os adultos, com o objetivo de contextualizar e facilitar a compreensão das próximas linhas, já que este aspecto central só será abordado no capítulo seguinte.

3.1.1 Entre infâncias possíveis: ser pequeno/a hoasqueiro/a

“Mestre Gabriel já trouxe os filhos desde o começo, já criou a União com os filhos”, me disse mestre Almir Nahas, responsável pela Orientação Espiritual com crianças e jovens na UDV, em entrevista concedida em novembro de 2021.

Mestre Gabriel preparou o chá pela primeira vez em sua casa. Colheu mariri e chacrona na floresta e voltou para casa com as folhas e o cipó em mãos, avisando a esposa que ia preparar o vegetal. Com o auxílio dela e de um dos filhos – Jair – preparou o chá e beberam ele, Pequenina – sua esposa – e os dois filhos mais velhos, Getúlio (com 11 anos) e Jair (com 9 anos). Nota-se, então, a presença das crianças preparando e comungando o vegetal desde o princípio e a importância histórica e participativa desse momento. Chamo atenção para o fato de que a União do Vegetal, enquanto instituição religiosa, busca sempre seguir os exemplos e ensinamentos do Mestre que lhe deu origem e que disse: “Tudo que eu falo; tudo que eu faço; tudo que eu chamo é ensinando” (Mestre [...], 2016).

Ainda em relação a maneira como Mestre Gabriel se relacionava com as crianças, Walsh Netto diz o seguinte:

Em relação ao tratamento dado às crianças, quando Mestre Gabriel fechava a sessão, pedia a Mestre Pequenina um pano para estender no chão. Daí chamava todas aquelas crianças, filhos das pessoas que tinham ido à sessão, perguntava o nome delas e passava a conversar a respeito do que elas faziam no cotidiano. Aproveitava o momento para trazer orientações e conselhos. E tudo isso com contação de histórias, pequenos truques de mágica e brincadeiras para cativar as crianças (2022, p. 99-100).

O exemplo que o Mestre Gabriel deixa a ser espelhado⁹⁶ é, portanto, de uma pessoa que se interessava e valorizava o que as crianças tinham a dizer a respeito de suas vidas, sua rotina, seu dia a dia. Assim como fazia com seus discípulos, Mestre Gabriel conversava, aconselhava e orientava as crianças, respeitando sua forma de se comunicar e usando maneiras lúdicas para isso. Como a União do Vegetal é uma religião espírita, a criança, como qualquer outro indivíduo, é um espírito em evolução e tem um trabalho espiritual a ser desenvolvido enquanto “encarnado” – termo êmico –, independentemente da idade. Por esse mesmo motivo é defendido o direito de a criança beber o vegetal, já que a União “tem como objetivo trabalhar pela evolução do ser humano”.

Com o crescimento da UDV e, conseqüentemente, com o fortalecimento de uma percepção mais institucionalizada – em função do processo de regulamentação, como apontado no capítulo anterior –, parece ter havido a necessidade de algumas mudanças e uma maior restrição na participação infantil, afinal “uma criança não é um adulto pequenininho, uma criança é uma criança” (Almir Nahas, 2021). Então, foram colocados alguns limites como a quantidade de sessões que a criança pode participar, entre outras coisas.

Após essa institucionalização e as mudanças que com ela vieram, vigora atualmente na União uma concepção de criança que parece estar em sintonia com a concepção predominante na sociedade, a da infância ocidental moderna. Tal condição coloca a criança como dependente e incapaz de tomar decisões ou ter uma participação mais ativa nas decisões. O debate não deixa de considerar e problematizar o fato de que vivemos em uma sociedade adultocêntrica e que nessa perspectiva de mundo predomina a lógica de que o grupo ao qual nós pertencemos – das pessoas que provavelmente estão lendo esse texto – é visto como centro de tudo, dessa forma, a percepção adulta é a predominante.

Pelas observações no campo a criança é vista na condição de aprendiz, de quem tem necessidade de orientação, auxílio, para um desenvolvimento salutar e para conhecer e apreender o mundo. As crianças são consideradas importantes em sua condição atual neste espaço religioso, ainda que persista, para alguns, a ideia do “vir a ser”, pois também ouvi *in loco* dizeres ressaltando que as crianças são aquelas pessoas que darão seguimento à religião.

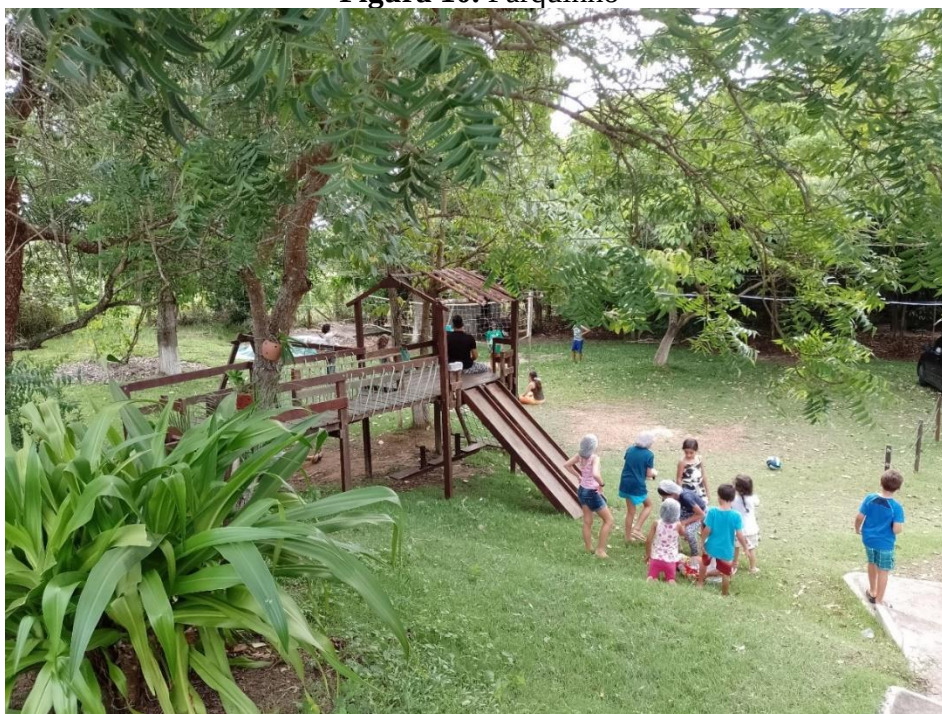
Empiricamente, foram vistas crianças frequentando a União do Vegetal, ocupando o espaço religioso de forma marcante e sempre presentes na rotina do núcleo. Todas as vezes que estive no espaço – com exceção do período da pandemia em que elas não podiam ir –, havia crianças. Por ser um ambiente que atrai muito as famílias – a família é a base da União –, posso

⁹⁶ Diz-se na UDV que o Mestre é o espelho dos discípulos, por isso uso a expressão espelhado.

afirmar que sempre que há alguma atividade na UDV em que um grupo de adultos esteja por lá, certamente haverá alguma criança – e não apenas uma.

Quando estão no núcleo, as crianças costumam ficar mais com seus pares. Geralmente estão com adultos em circunstâncias pontuais: na hora das refeições – ou quando sentem fome –, quando vão tomar banho, quando alguém se desentende ou se machuca, quando a OE organiza alguma atividade e quando estão assistindo sessão. Nos outros momentos eles/as estão brincando – no parquinho ou em outros espaços –, correndo entre os diversos lugares, pulando, inventando brincadeiras diferentes, tomando banho de mangueira, entre outras coisas.

Figura 10. Parquinho



Fonte⁹⁷: Autora, 2023.

Pela intensidade e frequência da convivência, é comum que se constituam vínculos de amizades entre eles e estes vínculos se expandem para contatos fora do ambiente religioso, havendo encontros em aniversários, visitas mútuas, o que conseqüentemente provoca também uma aproximação maior e um contato mais frequente entre os pais, principalmente as mães já que essa função do cuidado ainda é bastante atrelada socialmente à maternidade.

O atrativo maior para as crianças no núcleo não é, ao que parece, a religiosidade em si. Surge então a pergunta: se as crianças não fazem parte, de fato, da religião, qual a necessidade de estudá-las nesse contexto? Pires (2010) sugere que a participação delas em

⁹⁷ Crianças, jovens – jogando vôlei ao fundo – e um adulto no parquinho.

ambientes religiosos é inquestionável, mas que o mais importante para as crianças é a atividade em si, no caso do estudo em questão, aproveitar o ambiente com área verde e vasta para correr, brincar, participar da sessão e beber o chá. A autora lembra que isso não quer dizer que a prática religiosa não tenha consequências para essas crianças.

Uma vez que as crianças participam ativamente da vida religiosa da cidade, estando sempre presentes nos diversos eventos promovidos, elas certamente são parte importante das religiões, como mostram também Falcão & Campos (2009) e Bergo & Gomes (2009) no caso das religiões afro-brasileiras. Por isso, vale a pena observar como elas se inserem nesse universo (Pires, 2010, p. 149).

A autora fala ainda que crianças que frequentam uma religião, participam em função das redes sociais nas quais estão inseridas. As crianças aprendem sobre religião através das redes sociais – não as mídias, mas as redes de sociabilidade –, nas quais a família e as pessoas mais próximas têm papel primordial (2010). Exatamente por esse motivo é tão relevante perceber que o estudo das crianças não deve se limitar às mesmas.

É fundamental pesquisar as redes de sociabilidade nas quais elas estão inseridas e através das quais aprendem a agir de acordo com os padrões da sua comunidade. Pesquisar as crianças sem excluir os adultos é o projeto compartilhado por Christina Toren (1999), Morton (1996), Mayall (1995): “Eu compartilho a visão de Toren de que estudar crianças como se seu mundo social fosse, de alguma maneira, separado dos adultos, é fornecer uma análise inadequada” (Morton 1996:05, tradução livre). Quando criança, as redes de sociabilidade parecem se restringir à família, aos vizinhos e aos amigos. Por isso, é importante observar, como fizemos nesse artigo, como se dá a inserção das crianças no mundo religioso, isso é, que preparativos envolve o frequentar a igreja, com quem e como elas vão à igreja etc (Pires, 2010, p. 156).

Em concordância com os argumentos acima apresentados, estou atenta às redes de sociabilidade mencionadas e às maneiras como os/as colaboradores/as interagem, principalmente entre si, o que aprendem uns com os outros e com os adultos, como se sentem neste lugar e suas percepções a respeito do local.

Os momentos mais propícios para observar a sociabilidade infantil – entre pares – no núcleo, acontecem durante os mutirões, principalmente em dias festivos quando as pessoas costumam ir cedo para passar o dia nos preparos porque quando acontecem, normalmente se prolongam por todo o final de semana, iniciando na quinta ou sexta-feira e finalizando no domingo – a duração varia entre 3 e 4 dias. Nesse tempo de preparação é produzida uma quantidade de vegetal para abastecer a irmandade por um determinado período. É um momento em que toda a comunidade religiosa de um núcleo trabalha e convive, trazendo um clima festivo e de renovação – como já citado no item 2.6.1.

Pela extensão maior do tempo de convivência, estes são os períodos de melhor aproveitamento para a observação. Geralmente as crianças estão presentes, colaboram no

processo podendo participar em dados momentos, lavando a chacrona e/ou batendo o mariri, ocasiões de grande importância na rotina caianinha pois consiste no momento em que o chá é produzido pelas mãos daqueles/as que vão ingeri-lo ritualmente nas sessões, incluindo as crianças.

O aprendizado religioso acontece assim, tocando nas plantas, ouvindo as pessoas mais velhas, observando. Se aprende na rotina das atividades, nas situações experienciadas, se aprende fazendo. Para as crianças esse momento do preparo é especial por ser um tempo privilegiado de acontecimentos diversos. O aprender fazendo acontece nesses instantes, ainda que a atenção não esteja voltada para elas, o espaço é aberto para que elas possam participar e experimentar como é visto e feito o chá enquanto sacramento.

Figura 11. Criança lavando chacrona



Fonte⁹⁸: Registro de Kilma Farias, 2023.

O tempo do preparo também é ritualístico – como já declarado –, circunstância em que circula uma intensa energia espiritual, segundo os/as frequentadores/as. Cuida-se das palavras que são ditas, busca-se uma harmonia, alto astral e alegria pelo registro dessa boa vibração que fica “gravada” – termo êmico – no vegetal.

⁹⁸ Criança lavando chacrona em preparo que aconteceu entre os dias 31/3 e 2/4/2023.

Nessas circunstâncias de preparo, as famílias passam todo o final de semana no núcleo, lá dormindo. Os/as filhos/as dos/as sócios/as normalmente acompanham os pais por todo esse período, pois o núcleo possui todas as instalações necessárias para a permanência das famílias durante ocasiões de estadia mais longa, como nos preparos.

Algumas sinalizações já foram dadas ao longo do texto de que a família também tem uma centralidade na religião. O próprio nome da instituição, União do Vegetal, traz consigo a alusão tanto da junção das plantas para a preparação do chá quanto o caráter agregador da comunidade religiosa, sendo a família o maior símbolo dessa irmandade. E, no sentido da formação da família, observei em campo uma diferença entre casais com e sem filhos.

Os casais sem filhos são considerados a base familiar, mas quando uma mulher engravida, há uma mudança no tratamento dado ao casal, como se ele ganhasse algum tipo de status, como se a família, de fato, se consolidasse. A gravidez e a chegada do bebê (a adoção também pode ser incluída aí, mas no campo não aconteceu nenhum caso que eu pudesse acompanhar, embora saiba de casais que adotaram em outros núcleos) são, portanto, elementos fundamentais para a formação da família, tendo a criança papel central nessa existência familiar tão valiosa para a religião.

Enquanto bebês, as crianças não costumam ingerir o chá diretamente, apenas através do leite materno, já que as mães participam do ritual e bebem vegetal (participam na medida do possível pois, na maioria das vezes, as mães de crianças pequenas precisam passar mais tempo com elas e pouco ficam no salão durante o ritual). Vê-se que as crianças não estão em atividades ritualísticas centrais, mas tampouco estão ali apenas por serem filhos/as dos/as sócios/as. É através da chegada da criança que a família se consolida. Carneiro (2018), ao estudar as crianças de Candomblé, pergunta-se até que ponto a inserção delas diz algo a respeito da própria questão identitária do terreiro. Assim é interessante questionar em que medida a presença das crianças na UDV diz algo sobre a própria identidade da UDV.

Já mais crescidas – geralmente a partir dos 3 ou 4 anos –, a participação das crianças especificamente nos rituais dá-se nas sessões em que alguma/s dela/s pede/m para beber o vegetal, nas sessões específicas para crianças – São João das crianças – e/ou nas três já mencionadas, nas quais elas podem estar presentes. Meninas e meninos comungam o chá e portam-se de forma semelhante aos adultos, no sentido de seguir a mesma ritualística das sessões, mas tendo prioridade na participação do ritual ao fazerem perguntas. A ritualística gira em torno de uma retroalimentação de perguntas feitas pelos/as participantes ao mestre dirigente da sessão, como já explicado no segundo capítulo. Um fator que se destaca é que, quando há

crianças participando das sessões, os assuntos podem ser tratados de forma diferente em virtude da presença delas. Dessa forma, a presença das crianças impõe limitações ao desejo dos adultos, que são maioria, se sobrepondo a eles, que precisam aguardar outro momento para perguntar sobre alguns temas.

Os/as jovens de 12 a 14 anos têm mais oportunidades de participar dos trabalhos e de beber o chá. De acordo com as normas da União, eles/elas podem participar de uma Sessão de Escala ao mês, bebendo uma quantidade menor de Vegetal. Os de 15 a 17 anos podem participar das duas Sessões de Escala mensais, também observando a quantidade de Vegetal. Quando fazem 18 anos de idade, querendo, já podem se associar. Além dessas participações mensais, são programadas ainda sessões de jovens, quando, além dos assuntos espirituais ligados aos ensinamentos, também circulam orientações e conselhos a respeito da faixa etária, através das chamadas ou de temas trazidos pelo mestre dirigente.

Imprescindível destacar que, quando falamos em participar dos trabalhos ritualísticos, isso implica diretamente no consumo do chá e na permanência durante o ritual, que possui quatro horas de duração. Comumente ficam no Salão do Vegetal os/as jovens e as crianças com mais idade, as de menor idade vão dormir ou brincar, ou seja, “não se exige das crianças que elas concluam a sessão iniciada, elas podem se retirar logo que sintam vontade, suas especificidades são respeitadas” (Feijão, 2015, p. 31).

Durante uma conversa, Princesa (8 anos) diz: “[...] É, mas eu gosto porque a gente brinca com os amigos, a gente fica brincando a noite inteira e depois que a gente dorme, já acaba a sessão que as crianças podem acordar, que aí brinca um pouco mais, lancha, que eu gosto da parte de comer também”⁹⁹. Em relação à flexibilidade de horário, Lira e Ferreira (2018) também apontam este dado, afirmando que o Centro Ayahuasqueiro Flor de Jasmim é “um lugar ‘onde se pode ficar acordado até tarde’”. A cultura hoasqueira/ayahuasqueira é reconfigurada pelo grupo infantil e contribui para atender o interesse de brincar – inclusive em horários não convencionais –, alimentando o gosto pela aventura das crianças. Vale lembrar que elas pedem para ser acordadas para lanchar com todo mundo quando a sessão termina. Pais me contaram que quando não conseguem acordá-las, elas ficam muito chateadas.

Sendo assim, qual seria então o lugar da criança no campo religioso hoasqueira? Até aqui é possível afirmar que a presença das crianças é estimulada e elas participam ativamente da vida religiosa e social. Todavia, é crucial destacar o que já está constatado no contexto social mais amplo: apesar da persistência de investigadores e teóricos das infâncias na denúncia ao

⁹⁹ Entrevista concedida por Princesa, em 13/4/2021.

que podemos chamar de discurso tradicional e desenvolvimentista da incompetência das crianças e/ou da invisibilidade infantil – infelizmente não no sentido de um superpoder –, as crianças continuam “a ter as suas vozes silenciadas, suprimidas ou ignoradas nas suas vidas cotidianas. As crianças podem não ser ouvidas acerca dos seus pontos de vista e opiniões, e mesmo que sejam consultadas, as suas ideias podem ser descartadas” (James, 2019).

Não se pode ignorar esse fato presente tanto no campo, quanto nesse texto. Parece um pedido de desculpas antecipado – e talvez seja – por perceber que o objetivo de uma efetiva participação, sem interpretações ou mediações minhas, como adulta, não foi alcançado. Apesar dessa frustração, a proposta nesta pesquisa é dedicar toda a energia possível para que as crianças falem por si, estando ciente que também preciso me ressocializar, educar minhas atitudes, postura e olhar para o mundo infantil.

Explorar as perspectivas sociais das próprias crianças tem sido extremamente informativo acerca da vida cotidiana das crianças em diferentes contextos culturais, muitas vezes apresentando os adultos com relatos provocativos que desafiam muitas dos pressupostos tomados como certos sobre o que as crianças fazem ou pensam (James, 2019, p. 226).

A ideia é conhecer o contexto cultural religioso pelo olhar infantil (não que haja um único contexto cultural na UDV, podem haver diferentes concepções de infância, já que a União está presente em diferentes regiões e países) provocando maneiras desafiadoras de, quem sabe, contribuir/possibilitar que a religião volte-se também para si, revendo e ampliando pressupostos no que diz respeito à forma de perceber as crianças hoasqueiras, assim como trazer reflexões que auxiliem na ampliação de percepções da sociedade no jeito que esta encara o consumo do chá pelas crianças: “Ouvir o que as crianças dizem sobre suas vidas e experiências cotidianas pode permitir-nos teorizar e atuar nos seus entendimentos em relação a questões mais amplas de mudança social e política” (James, 2019, p. 236). Com isso em mente e dando seguimento ao propósito do trabalho, agora é necessário conhecer, no presente, esse lugar que as crianças ocupam dentro da União do Vegetal.

3.2 Orientação Espiritual – OE

A Orientação Espiritual – OE – de Crianças e Jovens, de acordo com a própria instituição, é uma iniciativa de proporcionar educação religiosa aos filhos e filhas de sócios da UDV.

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal dedica atenção especial à educação religiosa de crianças e jovens. Mantém uma iniciativa denominada Orientação

Espiritual com Crianças e Jovens ([acesse o site](https://oe.udv.org.br/))¹⁰⁰, destinado aos filhos dos sócios do Centro, que tem como objetivo transmitir a essência da doutrina da União do Vegetal. Dessa maneira, esses jovens chegam aos 18 anos, idade mínima para associação, mais preparados para seguirem seus caminhos como associados – se assim o quiserem. É necessário ter no mínimo 18 anos para se associar a UDV (Quem [...], 2019, p. 1).

A OE integra o Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual. De acordo com os documentos institucionais, “O Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual tem por objetivo dar ao sócio o Conhecimento Universal, bem como trabalhar pela evolução do ser humano no sentido de desenvolver as virtudes morais, intelectuais e espirituais” (CEBUDV, 2020a). E o que quer dizer “dar ao sócio o Conhecimento Universal”? Como já citado, os dois elementos ritualísticos principais são a ingestão do chá Hoasca e o diálogo que acontece em uma interação de perguntas e respostas. Para exemplificar, cito algumas perguntas das crianças¹⁰¹: Qual o sentido da vida?¹⁰² Como Adão e Eva se curavam se não existia farmacêuticos naquela época?¹⁰³ Em detalhes o que é a fé?¹⁰⁴ Qual a importância da família?¹⁰⁵ Ainda que não sejam sócias, elas têm abertura para chegar a esse conhecimento.

O acesso ao conhecimento universal vem do próprio chá que possibilita o contato com este conhecimento, mas também dos assuntos que, como os/as “nativos/as” costumam falar, “circulam” – termo êmico – dentro de uma sessão, assuntos esses que em um movimento misterioso¹⁰⁶ ampliam a percepção em relação a temas que envolvem a vida, as relações e o universo da pessoa ali presente.

A Orientação Espiritual estaria, portanto, dentro desse propósito de instrução e doutrinação, tendo como objetivo maior o acesso ao conhecimento universal, mas em um momento de introdução nesse trajeto, adaptado ao processo cognitivo das crianças e jovens. Ponto que se mostra valioso para a OE é proporcionar, também, uma facilitação na comunicação entre pais e filhos, no que diz respeito à religiosidade.

As atividades com as crianças e jovens desenvolvidas pela iniciativa não tem o propósito de seguir um modelo escolar, no qual ficam com educadores, mas sim criar oportunidades para que os próprios pais possam desenvolver os conteúdos religiosos com seus filhos, estendendo-os até suas casas (Quem [...], 2019, p. 1).

A OE, assim como a maioria dos departamentos da UDV, tem uma pessoa responsável no âmbito de todo o CEBUDV, ao nível nacional – e internacional já que existem núcleos em

¹⁰⁰ <https://oe.udv.org.br/>

¹⁰¹ Mais perguntas de crianças feitas durante as sessões podem ser encontradas no anexo, ao final do texto.

¹⁰² Pergunta de Princesa.

¹⁰³ Indagação de Eric.

¹⁰⁴ Questionamento de Mike.

¹⁰⁵ Interrogação de Maria.

¹⁰⁶ Que não se enquadra em explicações racionais.

outros países –, regional e nuclear, distribuindo as responsabilidades pela condução em cada escala. Quem está ocupando o cargo de responsável ao nível nacional/internacional neste momento é o Mestre Almir Jodat Nahas que, quando perguntado em entrevista, qual a principal função no cargo que exerce, diz o seguinte

É um trabalho que tem como tarefa principalmente permitir que as crianças e os jovens percebam que a União do Vegetal é pra eles também. Porque como sociedade, a pessoa só se torna sócio a partir dos 18, então durante algum tempo tinha esse, assim uma sensação de que só a partir dos 18 que a União do Vegetal era pra ser frequentada e depois começou-se a ver que as crianças, os filhos dos sócios precisavam de um ambiente que desse a elas a oportunidade de conhecer a realidade de um caminho religioso. Então aí é que começou um trabalho mais estruturado do que hoje a gente chama de Orientação Espiritual ¹⁰⁷.

A Conselheira Ivone Menão foi a responsável por chamar a atenção para a necessidade de um trabalho direcionado às crianças e jovens, no início da década de 90. Em novembro de 2007 foi criado o Grupo de Trabalho de Ensino Religioso – GTER – que ficou sob a coordenação do Mestre Edison Saraiva. Em 2013 o GTER passa a ser nomeado como Orientação Espiritual com Crianças e Jovens na União do Vegetal – OEUDV, ou OE, como é mais conhecido. Em 2018 Mestre Almir assume o posto, sendo o atual responsável. Trata-se de uma iniciativa relativamente nova, com aproximadamente 15 anos de existência.

A trajetória da OE no NCSG inicia-se com a Conselheira Suely Forte (2006-2009 – nesse período ainda existia o GTER), depois é seguida por Conselheira Elisabeth Almeida (2009-2012 – nessa época já passou a ser Orientação Espiritual), posteriormente sequenciada por Rachel Domingues (2015-2018 – período em que iniciou o Encontro das Famílias Caianinhas¹⁰⁸, o tema do encontro foi “Confraternização das famílias”) e, por fim, a coordenação da Conselheira Juliana Pannain (2018-2021 – Encontro das Famílias Caianinhas 2018: “A União do Vegetal é uma família só” e 2019: “Construindo Pontes para Alegria o Coração”). Atualmente a responsável nuclear é a Conselheira Sandra Diniz, que direciona as atividades descritas neste trabalho.

A respeito da necessidade de abrir a UDV para crianças e jovens, o coordenador da OE lembra da relevância da família, da inclusão e do exemplo do próprio Mestre Gabriel quando criou a sociedade religiosa.

A necessidade, ela começou a ficar mais evidente com o crescimento da União e começou-se a perceber que uma quantidade importante de filhos de pessoas da União não tinha assim... não viam a União como um ambiente pra elas, era um lugar onde o pai e a mãe iam e ao ir pra lá ficavam distantes das crianças ou as crianças iam pra lá

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Almir Jodat Nahas, em 14/11/2021.

¹⁰⁸ O encontro será explicado ainda nesta seção.

e não tinha nada pra elas. E aí começou-se assim intuitivamente a promover algum tipo de atividade direcionada pra elas, pra elas começarem a perceber né que existe Deus, que como é que Deus está presente na vida e que isso aqui é um caminho religioso, é uma religião, portanto a gente vem aqui pra nossa prática religiosa, apresentar a União do Vegetal pros filhos no sentido de manter os princípios né, porque União do Vegetal foi criada pelo Mestre Gabriel com a família dele e tem alguns indícios assim de que o ritmo daquele início da União teve a ver com o ritmo da própria família, de assimilação da missão da União do Vegetal na terra, da importância da família tá junto com ele ¹⁰⁹.

Interessante notar que a União do Vegetal se originou no seio da família do Mestre Gabriel. O primeiro preparo foi realizado em sua casa, em fevereiro de 1960, junto a sua companheira e aos filhos, preparando e bebendo o vegetal junto a sua família, incluindo-se crianças. Contudo, quando a instituição começa a crescer, depois do desencarne do Mestre, segue um modelo adultocentrado, só posteriormente inserindo – reinserindo, na verdade – as crianças na história da UDV, abrindo espaço físico, social e religioso para elas.

A atuação da Orientação Espiritual não possui um formato exclusivo – as ações são bem diversificadas –, contudo será mostrado a seguir um exemplo para ilustrar a inserção e a forma como a OE atua com as crianças. A atividade aconteceu no núcleo, no dia 1º de novembro de 2021, data festiva do CEBUDV quando se comemora a Confirmação da União no Astral Superior¹¹⁰. A data rememora uma sessão do vegetal – como também é nomeada a sessão pelos/as frequentadores/as – em 1º de novembro de 1964, na qual o Mestre Gabriel afirmou que a União do Vegetal estava confirmada em caráter definitivo. A partir de então, a data é comemorada anualmente pela irmandade, festejando a existência da UDV.

Seguindo o calendário de celebrações anuais, a data foi comemorada em 2021 e, nesse dia, a OE preparou uma atividade usando tinta, massa de modelar e papel. A proposta foi que as crianças fizessem pinturas/artes com massinha, mostrando o que é a religião para elas através de sua experiência visual, o que foi muito interessante. Como será possível averiguar a seguir, elas deram significado ao que lhes foi proposto através daquilo que elas literalmente visualizaram e visualizam, imprimindo nas ilustrações o que, para elas, carrega um elemento de religiosidade.

Será possível averiguar – peço ao leitor que se atente a isso – como a OE se utiliza, em muitos momentos, de desenhos e pinturas em suas atividades com as crianças – embora essa não seja um tipo exclusivo de ação sugerida. Isso me remeteu a Sousa e Pires (2021) que dizem

¹⁰⁹ Entrevista concedida por Almir Jodat Nahas, em 14/11/2021.

¹¹⁰ Significativo ressaltar que a Confirmação não significa que a UDV defenda a ideia de que é o único caminho para o desenvolvimento espiritual. Pelo contrário, a religião reconhece o valor de todas as religiões e a necessidade da existência de todas elas – desde que considerem que há um poder Superior, Deus –, com o intuito de atender às diferentes e múltiplas compreensões e culturas.

que as crianças constroem sentidos à medida que desenham. Será que a OE busca, através dessa ludicidade, construir sentidos religiosos nas crianças? Levando em conta o que disse Mestre Almir a respeito, a resposta é positiva. Outro lembrete que vale a menção é o de Gonçalves (2021) que, apesar de estudar crianças em contexto urbano, faz um válido alerta que serve aqui: olhar para as ilustrações tendo em mente que a forma como as crianças interpretam a religião – para Gonçalves (2021) é a cidade – está ligada às suas práticas cotidianas naquele espaço.

Faz parte do cotidiano hoasqueiro, como pode-se averiguar no calendário religioso no item 2.3, a celebração de algumas datas e entre elas está o dia 1º de novembro, quando acontece o hasteamento das bandeiras ao meio-dia – bandeiras da Paraíba, do Brasil e da UDV. Este é um rito que se repete em algumas datas festivas e importantes para a religião.

Pode-se interrogar o motivo da existência dessa bandeira, que está presente desde o tempo do Mestre Gabriel. A bandeira servia para comunicar quando tinha sessão, quando a bandeira estava hasteada era sinal de que haveria sessão naquele dia. Na época, foi feita uma bandeira mais simples e, posteriormente, foi feita a bandeira como é conhecida hoje – nesse momento também foi feito o hino à bandeira (mestre Ricardo, 2023). Para não hastear apenas a bandeira da UDV, são hasteadas – como convencionalmente acontece em repartições públicas, quartéis e escolas – as bandeiras do Brasil e do estado, assim como na pintura registrada por uma das crianças.

Após o hasteamento das bandeiras no dia 1º de novembro de 2021, foi servido o almoço e, em seguida, os/as colaboradores/as principais saíram imediatamente para dar continuidade à sua costumeira diversão junto a seus pares. Assim permaneceram até chegar o meio da tarde, quando começaram a ser chamados pela equipe da OE para participar de uma atividade. Ao tempo em que as mulheres – a equipe é majoritariamente composta por elas – convidavam as crianças a participar, algumas delas traziam para uma área gramada, próxima ao pátio central, uma mesa de madeira azul baixa – que geralmente fica no refeitório pois é onde as crianças se alimentam – e dois bancos compridos que a acompanham, também pintados no mesmo tom, um azul celeste, colocados nas laterais da mesa.

Figura 12. Mesa azul das crianças



Fonte: Autora, 2021.

As crianças foram se sentando e, enquanto a equipe sugeria o que havia pensado em fazer, iam sendo distribuídas ao longo da mesa folhas de papel brancas, potinhos coloridos de tinta, pincéis e massa de modelar e as meninas e meninos presentes começaram a escolher o que iam usar, animados/as com a ideia proposta.

Pode ser que em função do hasteamento, algumas crianças tenham desenhado as bandeiras, como fez Ana Clara, aludindo a este momento.

Figura 13. Pintura de Ana Clara



Fonte¹¹¹: Autora, 2021.

Segue o que me disse Ana Clara (aqui com 6 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”) a respeito da figura 13:

[...] eu fiz o desenho de lá, onde a gente canta aquela coisinha, o hino e o que... aí o porquê disso? É a oportunidade de Jesus, porque ele sempre tá lá nos cuidando, Ivana. Aí eu quis desenhar, eu fiz a bandeira da União bem pequenininha que eu sei que não coube, então é isso (Ana Clara, 6 anos, conversa através do aplicativo *WhatsApp*)¹¹².

Antes de buscar uma análise com base nas palavras de Ana Clara, destaco no tocante a isso que, ao longo da pesquisa fui percebendo quanto assertiva era a decisão de adotar o desenho – pintura, arte com massinha – enquanto ferramenta de coleta de dados e como o recurso foi tomando um lugar de destaque ao longo do percurso. No trajeto me sobrevém a ideia de que não se trata apenas do desenho, mas, como sublinham Sousa e Pires (2021), o processo de produção do mesmo deve vir acompanhado por diálogos, sendo feita a análise a partir dos dizeres das crianças e dos significados por elas manifestos.

Seguindo este preceito, na fala de Ana Clara (aqui com 6 anos) vê-se o oposto daquilo que Pires observa em seu campo: “[...] o simbólico, enquanto realidade que ultrapassa o que é

¹¹¹ Pintura de Ana Clara feita em atividade da OE dia 1/11/2021.

¹¹² Mensagem de áudio enviada pela mãe da menina via rede social em 4/11/2021.

representado, se constrói como uma forma de classificação do mundo bastante corrente entre os adultos, mas inexistente entre as crianças” (2010, p. 146). Percebo que a menina desenha elementos bastante simbólicos – o arco da União com o símbolo: Sol, Lua e Estrela –, além daquilo que observou acontecer em seu entorno ao longo do dia – o hastear das bandeiras. Ela desenha o que para ela representa a religião.

Ana Clara fala ainda de Jesus, que Ele está nos cuidando. Este é um aprendizado que ela parece ter adquirido com os adultos, com sua mãe que é sócia, mas também na convivência no núcleo não apenas com adultos, mas com outras crianças, em atividades da OE e nas sessões que participou e participa, já que a União fala em Jesus, é uma religião cristã reencarnacionista e uma das orientações deixadas por Mestre Gabriel é que os ensinamentos da União do Vegetal são os mesmos de Jesus.

Figura 14. Pintura de Gabriel



Fonte¹¹³: Autora, 2021.

A pintura acima é de Gabriel (8 anos). Ele também fez o arco que fica na entrada do templo e explica a razão pela qual escolheu fazer esse desenho.

[...] eu fiz esse desenho e isso daqui é aquele arco que fica em cima do salão, eu desenhei ele porque ele chama muita atenção pra mim e também é o que mais me chama a atenção na União, sabe? Então, e também pra mim é a principal característica da União, o sol, a lua e a estrela, que pra mim representa tanto que tem até no hino da União. E também eu desenhei isso porque se eu desenhasse o parquinho podia ser qualquer parquinho, se eu desenhasse a cozinha podia ser qualquer cozinha, se eu desenhasse a mata podia ser qualquer mata, então eu desenhei essa o sol, a lua e a estrela que representa muito mais a União (Gabriel, 8 anos, conversa através do aplicativo *WhatsApp*)¹¹⁴.

¹¹³ Pintura de Gabriel feita em atividade da OE dia 1/11/2021.

¹¹⁴ Mensagem de áudio enviada pela mãe do menino via rede social em 4/11/2021.

Este arco é encontrado na entrada dos templos e contém os símbolos da União: o Sol, a Lua em quarto crescente e a Estrela de cinco pontas. Gabriel (8 anos, bebe vegetal desde os 10 meses de idade) descreve que, para ele, estes símbolos são o que mais representam a União, tanto que estão presentes no hino – existe, na instituição, um hino à bandeira da União do Vegetal. A seguir a letra do hino:

Seguindo firme nessa nossa caminhada. Cantando o hino com a palavra de amor.
Sinto no peito o amor dessa bandeira, que é a Luz a Paz e o Amor. Sinto no peito o
amor dessa bandeira, que é a Luz a Paz e o Amor.

São cores firmes representando a nobreza. Dessa grandeza que é União do Vegetal.
O amarelo, o azul e o branco as cores firmes da bandeira Universal. O amarelo, o
azul e o branco representando a União do Vegetal. Essa estrela representa a pureza,
a luz da lua o astral resplandescente. A luz do Sol o astral superior, que é a Luz, a
Paz e Amor. A luz do Sol o astral superior, que é a Luz, a Paz e Amor.

Gabriel faz conexões, há muita simbologia nas palavras dele ao ligar os elementos presentes no arco aos presentes no hino. Aos 8 anos, é recorrente que as crianças comecem a apontar elementos simbólicos, como o arco que tem essa representatividade¹¹⁵, formado pelo sol, a lua e a estrela, mas não apenas o sol – com o conhecimento genérico que se tem dele –, mas o sol do arco do salão. Nesse contexto, percebe-se uma identificação com esse universo religioso.

Gabriel explica seu desenho falando do seu desejo de ilustrar algo que fosse singular e que não pudesse ser confundido com qualquer outra coisa, tendo a certeza de que sua mensagem, qual seja, de que ele estava se expressando em relação à religião, fosse transmitida corretamente. Ele conhecia as expectativas criadas em torno da atividade solicitada – de que retratassem a União – e buscou atender ao que foi pedido a ele, respondendo de acordo com as expectativas, por ele conhecidas.

A atitude de Gabriel remeteu ao que disse Cohn (2014)

[...] as ações voltadas às crianças e o lugar que lhes é destinado são definidos por concepções de infância na mesma medida em que o modo como as crianças atuam e o que elas pensam do mundo acontece a partir (mesmo que contra) desta posição que lhes é oferecida e que elas conhecem e reconhecem (2014, p. 241).

Assim, tanto a programação organizada pela OE para os meninos e meninas quanto a forma como eles/elas realizam essa atividade, acontecem a partir da concepção de infância predominante no contexto social, que é conhecida e reconhecida pelas crianças. Logo, o planejamento da atividade é pensado de acordo com a ideia que se tem de criança no meio

¹¹⁵ O arco está ilustrado em fotografia nas próximas páginas desta seção (3.2), seu símbolo é formado pelo Sol, a Lua e a estrela, cada um deles envolto em um arco, formando três arcos unidos que simbolizam a força Superior.

religioso – o que se acha que é adequado e que também irá agradar – e as crianças a executam reconhecendo o que se espera delas, por isso Gabriel escolhe o arco – não o parquinho, a cozinha ou a mata –, para atender ao que foi pedido e que represente a União.

Figura 15. Arte de massinha de Princesa



Fonte¹¹⁶: Autora, 2021.

Princesa (aqui com 9 anos) fez um mestre de uniforme debaixo do arco, onde está escrito UDV. Interessante observar que ela faz o arco de massinha na cor verde, cor do arco real que fica no templo e a camisa do mestre também é verde, cor do uniforme. Na camisa tem uma estrela amarela, também como ela vê no uniforme usado pelos mestres.

Tia Ivana, eu fiz o Mestre Gabriel segurando o vegetal, no arco escrito UDV tá com duas estrelas e tem o desenho dele [...] o desenho não, a foto atrás e um coração. Isso significa pra mim a União, só de ver o arco já penso na União (Princesa, 9 anos, conversa através do aplicativo *WhatsApp*)¹¹⁷.

Princesa faz um pouco diferente, ela descreve o salão do vegetal durante o ritual. Em todos os templos da UDV há uma fotografia do Mestre Gabriel, esta imagem geralmente é

¹¹⁶ Arte de massinha de Princesa feita em atividade da OE dia 1/11/2021.

¹¹⁷ Mensagem de áudio enviada pela mãe da menina via rede social em 3/11/2021.

colocada de forma que todos que estejam presentes possam visualizá-la – como já descrito no segundo capítulo. Nesta fotografia, o mestre está embaixo do arco com um copo de vegetal na mão. Assim como em todos os templos, há a fotografia do Mestre Gabriel, há também o arco, de onde o mestre dirige a sessão. É um arco de madeira, pintado de verde, onde está escrito ao centro UDV, com os dizeres “Estrela Divina Universal”, rodeado de estrelas douradas, conforme é possível ver nas imagens 5 e 6.

Sendo assim, o que Princesa desenha é o cenário que ela vê quando participa de uma sessão, o mestre embaixo do arco, de uniforme, dirigindo a sessão e, atrás dele, na parede, a fotografia do Mestre Gabriel.

Davi fez dois desenhos diferentes, o primeiro é a bandeira da UDV.

Figura 16. Arte de massinha de Davi



Fonte¹¹⁸: Autora, 2021.

Segue o segundo:

¹¹⁸ Arte de massinha de Davi feita em atividade da OE dia 1/11/2021.

Figura 17. Outra arte de massinha de Davi



Fonte¹¹⁹: Autora, 2021.

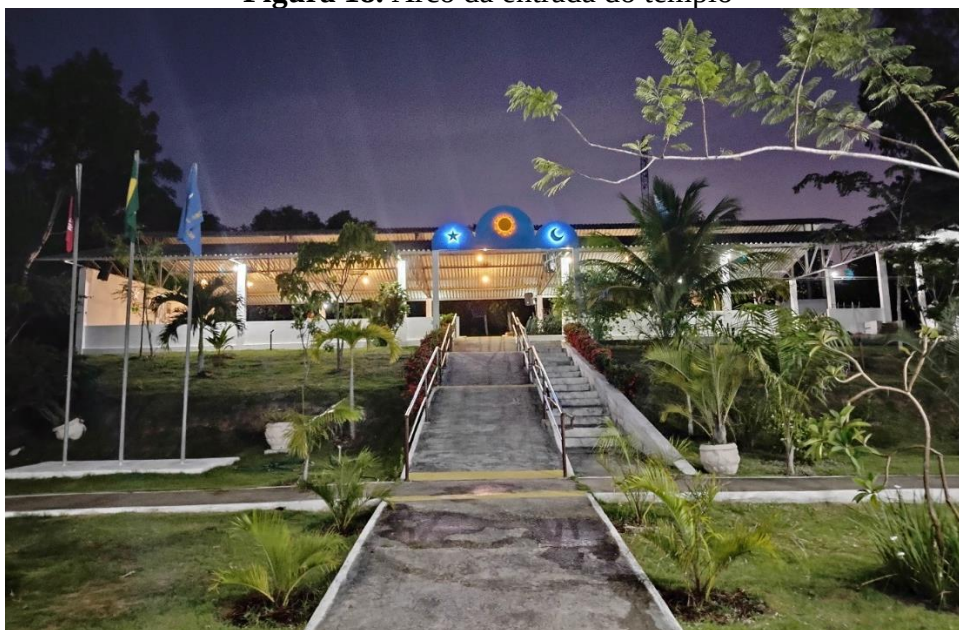
Na segunda modelagem, Davi fez um arco com a massa de modelar. Mas este arco é diferente daquele feito por Princesa. O arco acima assemelha-se mais ao arco desenhado por Gabriel. Explicando o que quis representar, Davi diz o seguinte:

É porque eu gosto da União, daí o tema era de fazer uma coisa que você gosta da União, uma coisa que você lembra. Aí a primeira coisa que passou na minha cabeça foi a bandeira da União do Vegetal, aí eu fiz. É porque se eu não tivesse feito o arco da União, não teria representado a União porque a União representa o vegetal, foi feita pro vegetal, o vegetal foi feito pra, como que eu posso explicar? Hum, deixa eu pensar. Pra se conectar a Jesus, daí Jesus se conecta da União, aí a União conecta da bandeira, aí a bandeira conecta no arco (Davi, 8 anos, conversa através do aplicativo WhatsApp)¹²⁰.

Davi, como Ana Clara, decidiu fazer a bandeira da União, possivelmente inspirado pelos acontecimentos do dia. Mas como ele mesmo diz acima, a bandeira não foi suficiente para transmitir a representatividade que ele buscava, por isso decidiu fazer também o arco, não o arco do salão, mas o arco que geralmente está localizado na frente dos templos dos núcleos do CEBUDV, na fachada principal – são três arcos, sendo o central maior e os dois laterais menores e de idêntico tamanho. A seguir imagem dos arcos do NCSG, na entrada do templo.

¹¹⁹ Segunda arte com massinha de Davi feita em atividade da OE dia 1/11/2021.

¹²⁰ Mensagem de áudio enviada pela mãe do menino via rede social em 3/11/2021.

Figura 18. Arco da entrada do templo

Fonte¹²¹: Autora, 2022.

Isso nos leva a examinar que Davi pretende simbolizar a União em sentido mais amplo, através do seu brincar com a massinha de modelar. Vê-se que ele busca conexões outras, mais amplas, da União com o Vegetal, do Vegetal com Jesus, Jesus se conectando com a União, a bandeira e o arco, fechando o ciclo e mostrando todas as ligações que ele percebe entre tudo o que descreve. Ele não está se remetendo ao Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, mas a União do Vegetal como um todo.

A explicação de Davi revela um pensamento complexo, expressa os fios que tecem a rede simbólica e representativa do tecido que forma a religião. Aqui no exemplo de Davi vemos que há sim um entendimento do que aquele espaço representa para o mesmo e não constitui um entendimento simples, pois se manifesta através dos símbolos que usa em seu brincar a sua percepção daquele universo do qual faz parte; afinal, ele fala que a “União representa o vegetal, foi feita pro vegetal”, este é um ensinamento do Mestre Gabriel, a União do Vegetal é um espaço para se comungar o vegetal, principalmente. Diz ainda que “o vegetal foi feito pra [...] pra se conectar a Jesus”, então ele bebe o vegetal para se conectar com o divino. Diante do exposto podemos nos perguntar: será que Davi percebe este local apenas como um lugar legal para brincar e encontrar os amigos? Diante dos dados e observações tendo a pensar que a resposta a esta pergunta é negativa.

Uma observação metodológica dessa atividade é que, diante da quantidade de crianças, da euforia na execução e da entrega desapegada do resultado de suas produções para retomar

¹²¹ Rampa de entrada do templo do NCSG.

as brincadeiras com seus pares, não consegui conversar com elas naquele momento sobre suas pinturas. A solução encontrada foi, contando com a colaboração dos pais, pedir que as crianças me explicassem por áudio o que haviam pintado e feito. Para auxiliar, sempre enviava junto ao pedido a fotografia do que a criança havia pintado/modelado, para ajudá-la a recordar, comentando mais detalhadamente, e também para mostrar a elas que suas pinturas eram importantes para o trabalho.

Atentando para as imagens elaboradas pelas crianças com base no que elas pintaram ou montaram com a massa de modelar, ao serem provocadas em relação ao que é a religião para elas – ou o que é representativo da religião –, tem-se as bandeiras hasteadas, o arco da entrada do templo, a ilustração do interior do salão e a bandeira da União. Quando as crianças explicam as imagens criadas, uma das crianças (Ana Clara, aqui com 6 anos) registra símbolos, outra (Gabriel, 8 anos) faz conexões entre símbolos que conversam entre si – o arco e o hino –, identificando-os fortemente ao campo religioso que frequenta, outra criança (Princesa, aqui com 9 anos) já demonstra uma ligação mais estreita com o ritual e o uso religioso do chá, evocando a compreensão pelo registro detalhado do interior do salão e a derradeira criança (Davi, 8 anos) faz complexas e amplas conexões, explicando com nitidez sua percepção dos motivos pelos quais ele está ali: além de brincar e encontrar amigos/as, ele busca, através do vegetal, se conectar com Jesus, com o divino.

As idades foram colocadas não para aprisionar o que se espera de cada criança em determinada faixa etária, mas para haver uma referência. As crianças buscaram símbolos e espaços, por elas vistos e ocupados, para mostrar o que é, para elas, a religião. Os símbolos apontados são as bandeiras – sendo a da UDV representante desta religião –, o símbolo da União localizado no arco de entrada e o salão, lugar onde vivenciam o rito religioso e bebem o chá. Portanto, os desenhos/pinturas/artes com massinha permitem uma aproximação da percepção dessa parte da sociedade religiosa com os demais participantes. Sua leitura e entendimento da cultura da UDV, aqui transmitidos através dessas imagens e de suas narrativas sobre elas por seus/suas autores/as, demonstra que cada visão atravessa uma lente subjetiva, mas que transmite uma representatividade religiosa que é compreendida e compartilhada pelos demais membros da irmandade.

Destaco que todos os desenhos apresentados – com exceção apenas das imagens 2 e 43 – foram feitos no espaço religioso. Isso não foi planejado, foi consequência das intercorrências do campo, principalmente o contexto sindêmico, pois houve um desinteresse das crianças de desenharem durante a entrevista, quando as visitei em suas casas, não havendo

nenhum tipo de insistência nesse sentido, apenas a sugestão de que elas fizessem o desenho e me entregassem depois e, ainda assim, a maioria não se animou.

As programações planejadas pela Orientação Espiritual não se resumem às apresentadas aqui, elas são diversificadas. Existem outros momentos pertinentes como o São João das Crianças, que não entrou nas atividades descritas porque não pude comparecer – estava com Covid – em 2022, neste que foi o primeiro São João das crianças depois da pandemia. Outra ação é a Bandeira do Divino, que são visitas que se alternam nas casas de algumas famílias levando a bandeira. A casa que recebe a “Bandeira do Divino”, um estandarte simbolizando a Sagrada Família, é visitada por um grupo de pessoas que tem a oportunidade de conhecer a residência e a história da família anfitriã. No período da pesquisa essa ação foi suspensa temporariamente.

Uma terceira ação de iniciativa da OE é o encontro das famílias caianinhas, que acontece – exceto no período pandêmico – ao menos uma vez por ano, onde uma casa, geralmente com piscina e quintal grande, é alugada para que as famílias possam ir passar o final de semana. Normalmente são feitas programações para crianças e jovens nessas ocasiões. Uma quarta e derradeira ação é a sessão de pais. Outras iniciativas certamente são realizadas, mas acredito que estas sejam as principais.

No NCSG existem muitos artistas e professores/as da área de teatro, música, cinema, circo, artesãos, figurinista etc. E em várias oportunidades há apresentações do coral, peças de teatro, show de talentos etc. Nos últimos anos, vê-se que há um interesse maior para que as crianças, adolescentes e jovens participem das apresentações. Nesses anos de pesquisa foram encenados musicais com presença marcante das crianças no coral e no elenco realizando os papéis principais nos espetáculos: “Jesus Sertanejo”, “O Auto do Menino José”, “O Baile do Menino Deus”, “O Boi e o Burro no caminho de Belém”, entre outros.

Essa forma de integração entre adultos e crianças em um processo estético é de grande relevância e incentivado pela instituição religiosa. O próprio Mestre Gabriel em sua infância, juventude e já no seu trabalho de desenvolvimento da UDV mostrou seu talento, sua arte ligada às raízes sertanejas em cantorias e repentes. Portanto a arte em suas várias facetas é incentivada dentro dos núcleos da União, motivada pelo trabalho da OE e pela direção.

Com a pandemia ocorreu a suspensão de algumas dessas ações – São João das crianças, Bandeira do Divino, Encontro das Famílias Caianinhas – e, nos anos de campo, foram realizadas com mais frequência ações que envolviam desenhos/pinturas propostas para marcar datas festivas e desenvolver temas religiosos, uma oportunidade fecunda para alcançar minha

temática de estudo e aproveitei essa ocasião. Como asseguram Sousa e Pires (2021) as condições, circunstâncias e lugares onde os desenhos são feitos podem ser, em geral, determinantes dos mesmos e, por isso, devem ser considerados. Acompanhar a realização de programações da OE com as crianças dentro do núcleo foi conveniente. Poder contar com atividades executadas pela própria instituição trabalhando questões religiosas e que utilizavam/utilizam muito os recursos visuais representando/simbolizando o que era/é a religião para elas, forneceu dados muito relevantes. Poder registrar e observar tudo de perto foi de grande significância.

Foram feitas, neste capítulo, reflexões teóricas acerca da concepção de infâncias, auxiliando na busca pelo modo como se define o que é ser criança na União do Vegetal. Só assim foi possível entender o modo como agem, já que, como disse Cohn (2014, p. 230) “as crianças atuam em resposta, e cientes, ao modo como se pensa sua infância”. Para isso apresentamos a Orientação Espiritual e como ela, representando a instituição religiosa, interage com os meninos e meninas. Desta feita, já sabendo como a UDV as percebe e o que almeja para as crianças, no próximo capítulo apresento as ações, palavras e percepções infantis, suas vivências dentro e fora dos rituais e como se relacionam com o ambiente e com as pessoas.

CAPÍTULO IV

TORNANDO-SE CRIANÇA HOASQUEIRA

Quem criou Deus se não tinha ninguém pra criar ele?
(Gabriel, 8 anos)

Com a inspiração do trabalho de Carneiro (2018), busca-se aqui a compreensão de como as crianças hoasqueiras – enquanto atores ativos – inventam, representam e experienciam vivências individuais e coletivas dentro desse cenário, observando suas escolhas, seja na companhia para as brincadeiras, seja para sentar lado a lado durante as sessões. Escolhas que provocam divisões por questão de afinidade, feitas por elas mesmas.

As crianças são extrovertidas, saudáveis, falam e gritam muito. Em geral, elas foram bem abertas à minha aproximação. O fato de já me conhecerem – ou ao menos já terem me visto por ali – facilitou esse processo, mas soma-se a isso o gosto que elas têm em partilhar suas vivências, ideias e pontos de vista. Eu não tinha o hábito de interagir com todas as crianças, apenas com umas três meninas por ter uma amizade mais estreita com as famílias. No entanto, já sabia quem eram as crianças, conhecia os pais de todas elas, com alguns a relação era mais próxima, com outros menos.

Era impossível não as perceber. Os gritos, os risos contagiantes e a correria de um lado para outro do núcleo durante as brincadeiras não passavam despercebidos. Se não havia muita interação, era mais por falta de interesse delas, que aproveitavam cada segundo o espaço e a companhia de seus pares.

Minha estratégia inicial, no núcleo, foi ir para o parquinho. Sempre tinha criança lá ou na região gramada, ali nas redondezas. Comecei a me aproximar um tanto quanto constrangida, sem saber muito o que dizer ou o que fazer, mas esse constrangimento não se demorava (embora algumas vezes tenha acontecido de elas me deixarem falando sozinha, por exemplo), bastava “puxar assunto” perguntando das brincadeiras e demonstrando querer saber o que faziam que elas começavam a conversar, tanto que não era fácil inserir algum tema da investigação ou mesmo pronunciar qualquer palavra – o que soou como resistência, no sentido de que querem ser mais escutadas pelos adultos e, quando surge a oportunidade, monopolizam a palavra como um sinal dessa resistência.

Já nas entrevistas, que aconteceram em visitas agendadas previamente com os pais e crianças em suas casas, foi um pouco diferente em relação ao constrangimento. Fiquei um tanto mais intimidada ao conversar com os meninos, pois não tinha, até então, tido muita experiência em diálogos com eles. Entretanto, a intimidação logo passou e a conversa seguiu com fluidez –

nem sempre dentro dos temas que eu desejava – dando prioridade ao que eles queriam comunicar e tentando inserir as perguntas durante a interlocução. Algumas meninas – principalmente as que eu tinha menos proximidade – ficaram tímidas no início, mas depois foram ficando mais à vontade.

Se meu contato pareceu não impactar tanto a vida dos meninos e meninas da UDV, a proximidade com elas mudou drasticamente a minha forma de ver e ler o mundo. Quando comecei a pesquisar crianças, passei a prestar atenção nelas, em todos os lugares aonde ia. Fiquei em choque com a antiga neutralidade do meu olhar em relação a elas porque, assim de repente, o mundo estava povoado de crianças e elas, onde quer que estivessem/estejam, passaram/passam a atrair meu olhar e atenção.

Entre si, elas são bastante entrosadas (há uma separação das brincadeiras por gênero mas, em muitos momentos, é possível vê-las brincando todas juntas), até porque já convivem há um bom tempo, o que forma um forte vínculo. Boa parte delas se conhece desde muito novas, desde bebês. Esta afinidade se estreita e intensifica pela convivência entre elas e entre elas e a comunidade religiosa, não só pelo tempo passado juntas no núcleo, como também porque se relacionam em outros ambientes e frequentam a casa umas das outras. É comum marcarem encontros nos fins de semana que não tem sessão em praças e na praia. “Como os adultos estruturam o mundo em que vivem (Toren, 2011), a possibilidade de a criança até a adolescência ser inserida por vontade dos pais, da família ou até mesmo da escola em um contexto religioso é muito grande” (Falcão, 2014, P. 17).

As crianças são incentivadas pelos pais e pela direção do núcleo a estarem presentes. Há espaço para elas, espaços – físicos e não físicos – para atender a suas necessidades e isso é convidativo. São comuns, por exemplo, os aniversários serem celebrados lá junto aos amigos com bolo, doces e decoração caprichada. Mesmo que seja feita uma festa de aniversário mais convencional, fora do núcleo – para atender a amigos e familiares que não frequentam a UDV – não é incomum que seja feita também uma comemoração no núcleo, com os “amigos da União”. Entre os sócios da irmandade há alguns artistas, entre eles palhaços, que são convidados em algumas datas para divertir as crianças e elas aproveitam muito.

Dando início à análise dos dados, as entrevistas possibilitaram o acesso a informações interessantes. Foi possível entrevistar 13 crianças entre quatro e 11 anos, sete meninas e seis meninos. Apenas as duas primeiras entrevistas – duas meninas – foram realizadas remotamente. Os nomes utilizados no texto não são os nomes reais das crianças, mas foram por elas escolhidos. Durante a entrevista eu perguntei aos/as colaboradores/as: “se você pudesse

inventar outro nome para você, que nome seria?” e, com base nas respostas, fui substituindo os nomes ao longo do trabalho.

Na entrevista, fiz algumas perguntas para captar dados socioeconômicos como bairro onde moram e se tinham ou não celular e computador. Todas moram em bairros considerados de classe média e média/alta, seis delas são as únicas crianças da casa (Akira, Davi, Flantechai, Júlia, Rafael e Renato), todas têm celular ou tablet, exceto dois irmãos (Princesa, 8 anos e Kauê, 4 anos) que não têm celular por opção dos pais, mas compartilham um tablet. Entre os/as colaboradores/as têm mais irmãos: Eric e Mike, Ana Clara e Gabriel, Maria e Sofia.

Em relação às perguntas a respeito da UDV, pergunto para eles o que acham que é a União e as respostas variam, vão de simples e direto “Não sei” ou “um lugar na floresta” a uma resposta de maior complexidade, como a resposta de Rafael que diz

A União é um lugar onde a gente pode aprender bastante sobre a espiritualidade, na minha opinião é como se fosse uma escola, só que em relação a espiritualidade. Também na natureza assim, é bem legal que a gente pode brincar ao ar livre, também eu tenho meus amigos lá também, que a gente faz brincadeiras na natureza, por exemplo, subir em árvore, aí... é, é isso pra mim (Rafael, 10 anos)¹²².

Dois pontos chamam a atenção na fala de Rafael, o primeiro é a ênfase que ele dá a visão da religião como uma “escola da espiritualidade”. Só depois ele descreve a respeito do contato com a natureza e das possibilidades de brincadeiras com os amigos ao ar livre, aspectos que geralmente são mais enfatizados pelos outros entrevistados.

Outra criança que também explica como percebe a União de uma forma diferente das outras crianças é Princesa, que lembra da ingestão do chá.

Pra mim a União é diversão porque eu fico brincando com meus amigos, às vezes a gente toma vegetal, as crianças, a gente brinca muito, Maik, Eric, Akira, é muito legal [o irmãozinho fica falando “e eu Princesa”]. É, você também. (Princesa, 8 anos)¹²³.

Quando pergunto se as crianças gostam de ir para a União, todas respondem que sim. Mas para as crianças o contato com os amigos, com a natureza, a possibilidade de correr e brincar sem tanta preocupação dos pais e, inclusive o aspecto religioso, segundo as palavras das crianças citadas a pouco, são causas que explicam o gosto por este lugar.

Todas os/as colaboradores/as entrevistados/as estão em processo de aprendizado em contexto escolar, apenas duas crianças estavam assistindo aula *online* quando as conversas aconteceram. As demais já estavam frequentando a escola de forma presencial. Todas/os elas/es estudam em escolas particulares. Este elemento por si só não nos dá um panorama/perfil

¹²² Entrevista presencial concedida por Rafael, em 1/9/2021.

¹²³ Entrevista presencial concedida por Princesa, em 13/4/2021.

socioeconômico, mas fornece um componente que, somado com outros observados em campo (como a questão racial, se a família possui automóvel – principal forma de deslocamento até o núcleo –, bairro onde moram, vestimentas e brinquedos, nível de escolaridade dos pais, entre outras coisas) apontam que trata-se de uma comunidade de classe média, média alta – outros estudos da religião afirmam que a UDV é uma religião predominantemente de classe média/média alta (Melo, 2011). Isso não quer dizer que não haja frequentadores/as de baixo poder aquisitivo, mas eles/elas são a minoria no campo, este dado se faz importante ao observar o comportamento das crianças em grupo¹²⁴.

É pertinente destacar que essa é uma observação do NCSG em particular, que não permite afirmar que o CEBUDV é uma religião de classe média e média alta. Para isso, seria necessário estudar um universo mais amplo dos núcleos, incluindo diferentes regiões brasileiras (analisando amostras de diferentes estados, abrangendo os de maior renda mensal como Brasília, onde fica a Sede Geral, e os com menor renda média, como o Maranhão) e levando em consideração renda, regionalização, composição familiar, escolarização, entre outros fatores.

Em relação aos dados do campo que nos auxiliam a ter um parâmetro socioeconômico, foi possível obter informações correspondentes aos bairros onde os/as colaboradores/as moram, o que pode ser averiguado no quadro subsequente.

Quadro 4. Bairro de residência das crianças

Nome (idade no período da entrevista)	Bairro
Akira (10)	Intermares
Ana Clara (7)	Cuiá
Davi (8)	José Américo
Eric (6)	Manaíra
Flantechai (8)	Bairro Novo/Guarabira
Gabriel (8)	Cuiá
Júlia (7)	Aeroclube
Maria (4)	Intermares
Mike (9)	Manaíra
Princesa (8)	Cidade dos Colibris
Rafael (10)	Aeroclube
Renato (9)	Miramar
Sofia (6)	Intermares

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Entre os 13 colaboradores, apenas três deles são moradores de bairros considerados

¹²⁴ A relação/interação dos meninos e meninas com a/na natureza, por exemplo, é diferente dependendo da classe social da criança.

mais populares – Cuiá¹²⁵ e José Américo. O Cuiá consta, no site da Prefeitura de João Pessoa, no mapa das regiões de participação popular da cidade (Mapa [...], 2023). O José Américo é um bairro que nasceu com a construção de conjuntos residenciais, entre as décadas de 1970 e 1980. A criação de conjuntos habitacionais localizados em regiões periféricas cresceu nesse período porque o núcleo urbano já estava em avançado processo de ocupação territorial, o que provocava inchaço populacional e especulação imobiliária. Isso forçou a população a buscar alternativas que ficavam mais distantes das áreas de maior fluxo econômico, ocasionando o crescimento da zona sul da cidade, pouco explorada na época, para construção de moradias populares (Lemos, 2022).

O bairro Cidade dos Colibris também está localizado na zona sul e possui baixa densidade demográfica, recebe pouco investimento do Estado em infraestrutura (como pavimentação, por exemplo) e saneamento básico. Estes motivos levam o bairro a ter certa desvalorização imobiliária.

Embora os outros bairros também constem nesse mapa da prefeitura¹²⁶ – com exceção de Intermares e Bairro Novo que ficam, respectivamente, em Cabedelo e Guarabira –, alguns pontos devem ser levados em conta. Miramar é um bairro “cortado” por uma das principais avenidas de João Pessoa, a Eptácio Pessoa, que entre as décadas de 1970 e 1980 passou por um intenso processo de transformação, tornando-se uma área de comércio e prestação de serviços e, portanto, de marcante atividade econômica voltada, principalmente, para atender a demanda de uma porção da população de elevada renda. Tais mudanças contribuíram, conseqüentemente, para uma valorização das áreas próximas à Eptácio, o que nos leva a concluir que este é um bairro com moradores de considerável poder aquisitivo – classe média/média alta.

O bairro do Aeroclube surge em função da construção do Aeroclube da Paraíba, um aeródromo construído após a 2ª Guerra quando a Paraíba, assim como outros estados, fundou aeroclubes com o objetivo de contribuir com a Força Aérea Brasileira, aumentando o número de aviadores. Neste bairro estão atualmente localizados os dois principais hipermercados da cidade e na parte litorânea há alguns restaurantes e bares (Sarmiento, 2012). Por ser um bairro próximo da praia é bastante valorizado e considerado um bairro nobre da cidade.

Manaíra consiste em um dos bairros mais valorizados de João Pessoa. Também localizado em área de praia, é um bairro onde reside uma população de alta e média renda,

¹²⁵ Estive algumas vezes no bairro, mas encontrei poucas informações teóricas a respeito dele.

¹²⁶ Mapa das regiões de participação popular da cidade.

bastante verticalizado e onde está situado um dos principais shoppings da cidade.

Intermares constitui um bairro do município de Cabedelo, cidade ao norte de João Pessoa e que integra a Região Metropolitana. Reduto de classe média alta, é destino bastante procurado por turistas e onde fica a Praia Fluvial do Jacaré, onde as pessoas se reúnem para contemplar o pôr do sol enquanto escutam o Bolero de Ravel tocado por um músico que navega em um pequeno barco no Rio Paraíba, enquanto o espetáculo natural acontece.

Santa Rita é outra cidade paraibana que é vizinha da capital e que faz parte da Região Metropolitana de João Pessoa. Feitos os breves comentários a respeito do local de moradia dos/as colaboradores/as, chegamos a oito bairros: Aeroclube, Bairro Novo (Guarabira), Cidade dos Colibris, Cuiá, Intermares (Cabedelo), José Américo, Manaíra e Miramar. Destes, três são considerados de classe média/média baixa e cinco de classe média/média alta.

Juntando a este dado o fato de todas as crianças estudarem em escola particular, de que seis – na verdade pode-se contabilizar sete já que uma delas possui tablet – das 13 crianças possuem celular próprio e que nas casas de dez crianças há dois adultos trabalhando – na casa de uma há três porque a irmã também trabalha –, podemos deduzir¹²⁷ que as famílias são de classe média.

Quadro 5. Dados socioeconômicos

Nome	Possui celular e/ou computador	Adultos que trabalham na casa
Ana Clara	Celular	Mãe e pai
Maria	Nenhum dos dois	Pai
Sofia	Nenhum dos dois	Pai
Renato	Nenhum dos dois	Mãe e pai
Júlia	Nenhum dos dois	Pai, mãe e irmã
Davi	Celular	Mãe e pai
Princesa	“Não, mas eu tenho um tablet”	Mãe e pai
Flantechai	Celular	Pai
Akira	Celular	Pai e padrinho
Rafael	Celular	Mãe e pai
Eric	Nenhum dos dois	Mãe e pai
Gabriel	Celular	Mãe e pai
Mike	Nenhum dos dois	Mãe e pai

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Ainda há uma informação a acrescentar em conformidade às observações e escutas no campo. Há espaço para acreditar que as razões pelas quais algumas crianças não dispõem de celular, passa por escolha dos pais que optam por manter os/as filhos/as longe das telas, por

¹²⁷ Com base ainda nos demais elementos observados no campo: se os pais têm automóvel, vestimentas, brinquedos, nível de escolaridade dos pais, configuração familiar, entre outras coisas.

acreditarem que há riscos envolvidos no fato de uma criança ter um celular e, ainda, por ser uma escolha mais saudável. O fato não se dá, todavia, por carência financeira. Lira e Ferreira (2018) apontam que em seu campo o pensamento é semelhante. Há uma tendência por parte dos pais para controlar o uso de vídeo games e telefones celulares, especialmente, por crianças e jovens.

Este foi, inclusive, um dos temas discutidos no Encontro de Pais organizado pela Orientação Espiritual em novembro de 2021 e que contou com a presença do mestre responsável no âmbito nacional/internacional pela OE, mestre Almir Nahas – ocasião em que ele me concedeu a entrevista. No encontro, que aconteceu nos dois turnos – manhã e tarde – do dia 14 de novembro de 2021 e que contou com a participação de membros da equipe da OE de núcleos da Região, foi falado, no primeiro momento, a respeito do início e da importância da Orientação Espiritual. Mestre Almir, como responsável da OE, compartilhou algumas percepções que, de acordo com ele, ainda estão sendo aprendidas já que a Orientação Espiritual, assim como a própria UDV, ainda são muito recentes e que a OE ainda está em formatação, devendo ser aprimorada e organizada.

M. Almir disse na ocasião que os temas trabalhados pela OE não deveriam vir de cima para baixo, ou seja, não deveriam necessariamente partir da Coordenação da Orientação Espiritual e serem apenas repassadas para os núcleos. Algo importante neste aspecto é ouvir os representantes nucleares, atendendo para as especificidades e subjetividades de cada núcleo.

No encontro, ele disse que a responsabilidade pela educação dos/as filhos/as é dos pais, mas a União pode auxiliar. Outro elemento relevante foi sua narrativa em relação a um dos objetivos da Orientação Espiritual, que é fazer com que as crianças e jovens gostem da UDV. A concepção de infância predominante na instituição religiosa envolve a ideia de que a criança deve aproveitar sua infância, que seja permitido às crianças sonharem, para isso os contos de fadas cumprem um papel expressivo¹²⁸.

Na oportunidade também foram rememorados alguns acontecimentos relacionados ao tratamento das crianças na origem da União. Pelo menos em um domingo por mês, o mestre Pernambuco – um dos Mestres da Origem – dirigia uma sessão para crianças. No entanto, questões jurídicas impuseram limites ao longo do tempo e o número de sessões para crianças teve de ser reduzida, assim como foi necessário limitar a quantidade de vegetal. Atualmente,

¹²⁸ Com a finalidade de auxiliar no entretenimento dentro desse entendimento de infância atrelada a sonho/fabulação/imaginação, foi feita uma curadoria selecionando livros, filmes e séries que são recomendados para as famílias e que estão disponíveis no site da Orientação Espiritual (<https://oe.udv.org/oe-indica/>). A seleção é encontrada no site da seguinte forma: “OE Indica: Livros e filmes para jovens e adultos”, “OE Indica: Livros infantis”, “OE Indica: Livros para pais” e “OE Indica: English version”.

em alguns núcleos é feita apenas uma sessão para crianças por ano e mestre Almir lembra que podem ser feitas duas sessões a mais por ano para atender ao público infantil¹²⁹.

Ainda a respeito da participação infantil, mestre Almir disse que mesmo em sessão, a criança pode correr no salão e se comportar como criança, ele não recrimina. Complementa dizendo que recebeu a orientação que, quando a criança pede, é para dar o vegetal para ela beber, mesmo que não seja uma sessão para atender crianças e é isso que vi acontecer no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel. Quando a criança quer beber vegetal e avisa aos pais, ela é orientada a falar com o Mestre Representante (situação que presenciei em alguns momentos porque aconteceram pouco antes da sessão iniciar), que dá a autorização para que a criança apenas beba o chá¹³⁰ ou que beba o chá e participe da sessão.

Um relato de um dos mestres do núcleo nesse encontro chamou atenção em relação à autonomia infantil no contexto hoasqueiro. Foi relatada uma situação que aconteceu quando Jaci – pedi que a criança escolhesse um nome, assim como as demais –, de 8 anos, estava tendo pesadelos recorrentes e o procurou pedindo para beber vegetal como um meio de dar fim aos sonhos ruins e resolver o problema. O mestre disse que ela fez o pedido diretamente a ele e que ele atendeu. Como o caso era interessante para a pesquisa, fui conversar via rede social com a mãe da menina (a família não está mais morando em João Pessoa, por isso não conversei diretamente com a criança) e ela me relatou que foi um momento realmente difícil, a menina estava tendo pesadelos frequentes e, mesmo de dia, tinha “sentimentos e sensações complicadas pra ela lidar”. A mãe de Jaci narra

[...] e aí ela pensou nisso de beber o vegetal né e resolver, poder resolver. E aí ela falou com o mestre [...] era um preparo, foi num domingo, eu acho que ela tinha entre 7 e 8 anos porque foi logo quando ele pegou a representação, então acho que oito e aí ela bebeu o vegetal (mãe de Jaci¹³¹).

Conforme o relato da mãe, antes de dar o vegetal à menina, o mestre conversou um pouco com ela e deu uma orientação, falou que antes que ela fosse encontrar as outras crianças, se concentrasse um pouco, pedisse o que ela estava querendo e que só depois fosse brincar – as crianças, assim como os adultos, ao beberem vegetal durante um preparo, continuam realizando suas atividades/brincadeiras – normalmente. Conversando depois com o mestre, ele disse que a orientação que deu a menina foi para que olhasse para o quadro do Mestre Gabriel e pedisse a

¹²⁹ Contabilizando até cinco sessões por ano (somadas as outras três: Dia das Mães, São Cosmo e Damião e Natal) em que as crianças podem participar.

¹³⁰ Acontece de a criança beber o chá e não ficar para a sessão. A criança bebe o chá e vai com a mãe ou o pai para o dormitório.

¹³¹ Mensagem de áudio enviada via rede social em 8/3/2023.

ele para não ter mais pesadelos. O mestre acrescenta que depois perguntou o que a menina tinha pedido, ao passo em que ela respondeu que pediu para o Mestre Gabriel para transformar os pesadelos em sonhos bons.

Querendo saber como tinha acontecido, a mãe questionou e Jaci relatou que ficou um tempo concentrada, depois saiu do salão – era final de tarde –, foi para o pátio de onde ela conseguia ver o sol, olhou para o sol e pediu para que o sol tirasse o pesadelo dela – lembrando que a natureza é considerada sagrada. A mãe conta que depois disso ela não teve mais aqueles pesadelos e que o que Jaci fez foi do pensamento dela mesma, que ela que resolveu se dirigir ao sol e fazer esse pedido, diz ainda que achou uma coisa muito bonita, dela ter essa confiança no vegetal, no Mestre Gabriel e que viu o que ela fez como uma intuição, uma inspiração. Conclui sua narrativa comentando que as crianças são bem sensíveis à espiritualidade. A mãe me enviou depois outro áudio, acrescentando algo que havia lembrado. A filha, ao pensar em ir fazer a oração diante do sol sentiu que ia dar certo e depois disso ela ficou mais confiante em beber o chá e ficou querendo beber mais vezes, porque ela disse que sabe que o chá, o vegetal, faz bem para a saúde, que ele traz curas.

Jaci, com apenas 8 anos, estava com um problema e foi conversar diretamente com uma autoridade religiosa com uma sugestão para solucionar uma dificuldade que estava atravessando, foi ouvida, atendida e orientada a ponto de chegar a uma resolução positiva. A situação demonstra um grau de autonomia e participação ativa infantil, ao reconhecer as “ações, relações e capacidades” das crianças (Cohn, 2014), levando em conta suas experiências e oportunidades de participar do mundo social (Pires, 2013). Remete ainda a um momento da fala de mestre Almir nesse encontro, em que ele lembra que o pastor tem que acompanhar o rebanho e as crianças fazem parte desse rebanho.

Dando continuidade ao Encontro de Pais, os eventos relatados até aqui aconteceram na parte da manhã, em que mestre Almir falou, conforme em uma palestra (mas com intervenção, participação e perguntas das pessoas presentes, que estavam sentadas em círculo) a respeito dos pontos elencados. Na parte da tarde, as pessoas presentes – principalmente pais – foram divididas em três grupos para desenvolverem uma atividade e conversarem sobre três temas diferentes, de acordo com a necessidade de cada um. Houve casos em que o casal se dividiu indo para dois grupos diferentes em busca de um melhor aproveitamento da atividade.

Os temas debatidos foram *sexualidade* (desafios), *mídias digitais* e *limites*. Para ter acesso aos assuntos apresentados, circulei entre os grupos e o primeiro foi o da *sexualidade*. Algo já havia sido dito dentro deste assunto pela manhã, que o que pode auxiliar os pais a

lidarem com esse aspecto significativo – e sagrado – da vida, é a OE conversar abertamente sobre o assunto e esta foi uma tarefa que o grupo buscou colocar em prática. Dois voluntários – entre homens e mulheres – se dispuseram a ficar responsáveis pela organização e direcionamento de cada grupo e uma das primeiras coisas ditas, neste grupo em específico, foi que a sexualidade é algo normal, a questão é como dizer isso as crianças pois é responsabilidade dos pais tratar desse assunto.

Em seguida fui ao grupo que debatia acerca do tema *limites* e os pais estavam compartilhando exemplos de sua rotina e de como buscavam maneiras de impor limites aos/as filhos/as. Neste sentido, para impor limites faz-se mister conhecer os próprios limites, assim como os limites dos/as filhos/as. O amor tem duas faces, amar e orientar com firmeza – o que também é visto como amor.

O terceiro grupo era o das *mídias digitais* e uma das pautas centrais foi a temática do monitoramento como um desafio. Este tema também havia sido abordado pela manhã, quando foram mencionadas as formas positivas de se utilizar as mídias. A própria OE lançou, em maio de 2020, o site da Orientação Espiritual¹³² e tem outros ambientes na internet: a Rádio Sabiá – presente em duas plataformas de áudio –, o canal da OE no YouTube¹³³, perfil no Facebook¹³⁴ e Instagram¹³⁵.

Ao final, pessoas foram escolhidas por grupo para apresentarem resumidamente a todos o que foi debatido. Sobre *sexualidade*, alguns pontos foram destacados, como a observação dos pais em relação ao comportamento dos/as filhos/as, as informações que eles/elas têm acesso, o cuidado com as palavras, o quanto é importante que os pais conheçam as etapas de desenvolvimento da criança e conversem de acordo com cada etapa, o zelo com os corpos e a abertura para o diálogo tomando cuidado para que a temática não se torne um tabu.

Sobre *limites*, o que ganhou mais destaque é que limite é amor, mas é significativo que haja uma comunicação cuidadosa para não criar distanciamentos. O alinhamento dos pais – mãe e pai – na orientação dos/as filhos/as foram tópicos que também ganharam relevo. Por fim, sobre eletrônicos e *mídias digitais* os conteúdos mais enfatizados foram o tempo de qualidade com os/as filhos/as, o quanto é saudável que as crianças tenham tempo ocioso, sintam tédio, frustrações – indo contra a onda moderna de ocupar a agenda do/a filho/a com inúmeras tarefas – e tempo para que possam exercitar sua imaginação. Uma questão que foi salientada foi a

¹³² <https://oe.udv.org/oe-indica/>

¹³³ <https://www.youtube.com/channel/UCINbFRpP0WPeNhBgCTXhsdw>.

¹³⁴ <https://www.facebook.com/oeuniaodovegetal/>.

¹³⁵ <https://www.instagram.com/oeudv/>.

necessidade de conversar explicando que essa atitude é um zelo, um cuidado, porque é um comportamento diferente do que é praticado pela maioria. O exemplo dado pelos pais nessa direção também foi colocado como essencial para que as famílias consigam colocar em prática as sugestões, melhorando a convivência.

Na sequência das apresentações dos grupos, mestre Almir voltou a se pronunciar, lembrando que as amizades – entre os pais – exercem um bom papel no compartilhamento de conselhos que auxiliam na educação dos/as filhos/as e que é preciso buscar ajuda quando não se sabe como agir. A vitória no propósito – de educar bem – é enfraquecer as fraquezas e fortalecer as forças, disse ele, acrescentando que muitas das coisas que são vistas nas atitudes dos/as filhos/as não são deles/as e sim dos pais – nesse momento ele parece retirar a autonomia das crianças. Além disso, a escuta em relação aos sentimentos negativos dos/as filhos/as, tem uma atuação considerável.

Algo que é válido citar e que foi dito no encontro, foi a respeito do desejo da União de criar uma escola caianinha, onde as crianças e jovens possam receber uma educação afinada com as orientações espirituais da religião. Foi rememorado que o próprio Mestre Gabriel criou uma escola, a Escola 22 de julho, para alfabetizar os/as filhos/as dele. Alguns passos já foram dados na criação da escola, reuniões foram feitas e alguns documentos já foram elaborados. No momento, estão sendo estudados os fundamentos pedagógicos da União e o projeto vem avançando devagarinho.

4.1 A criança dentro do salão

A estrutura do núcleo pode ser dividida em duas partes principais, o salão e as demais dependências para atender as pessoas. Pode-se, dessa maneira, compreender o lugar como dividido entre um espaço ritual e um espaço – ou espaços, já que são todos os demais – não ritual, destacando que o espaço ritual exige normas e regras enquanto a sessão acontece. Percebendo dessa maneira, coloca-se aqui a observação da criança dentro e fora do salão, começando a olhar para a criança dentro, já que o propósito central aqui é refletir a respeito da expressão de sua religiosidade.

Para falar da participação infantil nos rituais, é considerável relembrar das sessões que as crianças podem participar. Além das sessões de escala também existem as escalas anuais¹³⁶

¹³⁶ 06 de janeiro (Dia de Reis); 10 de fevereiro (Aniversário do Mestre Gabriel, criador da União); 27 de março (Ressurreição do Mestre); 23 de junho (São João); 22 de julho (Dia da Recriação da União); 1º de novembro (Confirmação da União); 24 de dezembro (Natal).

e em uma delas as crianças podem estar presentes e beber o vegetal: a sessão de Natal. Há também a sessão de São João – para elas –, a do Dia das Mães e a de São Cosmo e Damião. Presenciei algumas vezes situações no espaço religioso que demonstram como costuma acontecer essa participação. De um jeito bem corriqueiro, o pai ou a mãe avisam para a criança que naquela noite ela pode participar da sessão se ela quiser e, na sequência, perguntam se ela quer beber vegetal. Já testemunhei circunstâncias em que a própria criança pergunta para os pais se ela poderá participar. De acordo com a resposta, a pequena ou pequeno se organiza para o ritual, nada muito fora da rotina deles/as no núcleo porque continuam brincando e só ao findar da tarde é que vão se organizar para jantar. A diferença é que ao invés de continuarem brincando ou irem para o dormitório depois de jantar, elas se juntam aos adultos no salão para participarem da sessão. Casos de desistência – mais atípicos – ou decisão em participar no momento inicial do ritual ou em horário bem próximo não são raros de acontecer.

Especificamente nas sessões de escala, apesar de elas acontecerem normalmente à noite, geralmente os discípulos – alguns pelo menos – chegam ao núcleo um pouco mais cedo para organizar as dependências. Jovens e crianças também participam desses momentos de trabalho e convivência – mais os/as jovens do que as crianças –, algumas vezes fazendo parte das atividades cotidianas, por exemplo, auxiliando na decoração do núcleo para alguma festa, como já observei. Em uma ocasião, estive com jovens que confeccionavam objetos de decoração – como as bandeiras usadas nas festividades de São João – e os colocavam nos devidos lugares. Enquanto isso meninas e meninos faziam desenhos com o tema da festa que também foram usados na ornamentação dos espaços¹³⁷.

À noite acontecem as sessões, como já expliquei. Crianças e jovens não participam com a mesma frequência que os adultos. A presença de crianças e jovens em sessões religiosas obedece a regras próprias, de acordo com as leis vigentes. A principal regra em relação ao uso do chá para os menores de 12 anos é a restrição ao seu consumo, os/as pequenos/as só participam de quatro sessões ao longo do ano, se assim elas quiserem, forem autorizadas pelos pais e pelo Mestre Representante. Importante observar o querer¹³⁸ ou não querer das crianças de participar das sessões, de beber o vegetal. Mesmo com autorização, nota-se que no momento a decisão de não beber ou beber é das crianças.

¹³⁷ A atividade descrita foi presenciada no Núcleo Campina Grande, local que frequentava antes da transferência para o núcleo de João Pessoa – Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel. A proposta inicial era realizar o estudo no Núcleo Campina Grande, local onde estive por seis anos, porém, dificuldades em relação a custos e distância fizeram com que o estudo fosse transferido para João Pessoa.

¹³⁸ Querer é um termo êmico que corresponde ao que se deseja verdadeiramente e não enquanto uma vontade passageira.

Participando da sessão, a criança é tratada como senhora/senhor e irmã/irmão assim como qualquer discípulo que esteja presente. É cobrado de todos/as a obediência às regras, com algumas adaptações, claro, como a exigência do silêncio, por exemplo. Em sua pesquisa, Carneiro (2018) escreveu que durante os rituais em seu campo “[...] não há distinção entre as pessoas de faixas etárias diferenciadas, todas realmente são tratadas igualmente, cumprem as mesmas regras. No entanto, considero que houve tratamento diferenciado [...]” (2018, p. 144). A distinção no tratamento é explicada pela autora algumas páginas depois, ela afirma que é “[...] percebido um cuidado diferenciado com a criança [...] o pai de santo procurou adaptar os rituais à criança, estabelecendo outras formas de ação [...]” (2018, p. 148). De modo semelhante acontece na União do Vegetal, crianças, jovens e adultos seguem as mesmas regras rituais, mas há uma rigidez menor em relação às posturas infantis, em função da visão já associada ao estado de aprendizagem.

Carneiro (2018) acrescenta que no universo infantil há um vínculo afetivo entre prazer e o despertar da responsabilidade religiosa, isso justificaria as observações na diferença de trato entre crianças e adultos. As crianças conhecem as responsabilidades, sabem como devem agir e agem de acordo, mas esse rigor ritualístico é adaptado. Um exemplo de maleabilidade é a mudança que acontece no horário de algumas sessões que vão atender crianças, colocando-as em horários vespertinos (vi acontecer em sessões de São João para as crianças e em sessões de Dia das Mães), para que elas possam aproveitar melhor.

Em relação à quantidade de vegetal que elas bebem, a quantidade é proporcional ao seu tamanho, ou seja, uma quantidade menor que a que os adultos bebem, dosada, digamos, moderadamente. A intenção maior é que meninas e meninos tenham a oportunidade de vivenciar a ritualística, sintam-se pertencentes à religião de seus pais, por isso em alguns casos é dada uma quantidade mínima de Vegetal.

O vegetal é um ente superior. Tudo bem, os farmacólogos chamam de psicoativo, coisa e tal, mas eu acho que é muito mais do que um psicoativo, o vegetal é Deus, o vegetal é luz, é paz, é amor, vegetal é vida, vegetal é um Ser consciente, tanto é que tem critério do vegetal, decisão do vegetal, tá tudo no documento, nos nossos documentos e isso pode ser visto como uma mistificação mas quem acompanha a União sabe, então assim como qualquer novato a gente tem que ter cuidado com a quantidade de vegetal pra que faça bem pra pessoa com os nossos meninos, as nossas meninas, que nós estamos cativando pra União mais ainda, porque eles precisam ter condições de ter as suas primeiras burracheiras na vida e se sentirem bem. Agora se sentir bem não é necessariamente ficar sem vomitar, ficar tudo bem, é sentir que aqui é um lugar seguro, que a pessoa pode ter uma experiência transcendente sem perder a segurança e isso é de um grande valor espiritual pra qualquer um que descobre que é possível viver isso na terra, uma experiência transcendente, segura. Então eu penso que a gente, que é mais responsável pela União né, os representantes e tal conhecerem cada discípulo, pra saber daquele vegetal que nós estamos usando hoje, qual é a quantidade praquela pessoa pra ela ter uma vivência que faça diferença na sua vida,

mas que não machuque a memória, que não maltrate a criança, é muito importante isso. É uma forma de ver que a vida não é só isso que tá aqui na horizontal, que tem uma vida vertical, uma vida pro alto, mas de uma forma que a criança consiga assimilar, então a quantidade de vegetal é uma responsabilidade, uma sabedoria, um critério que o Mestre Gabriel sempre teve e que a gente que é dirigente procura espelhar a atitude dele e ser adequado com a quantidade, adequado pra cada um, pessoas muito idosas, pessoas em uma condição física mais debilitada, a gente tem que saber, como a gente fala “administrar o vegetal” de acordo com a condição de cada um (Almir Nahas, 2021).

As palavras de mestre Almir explicam o motivo pelo qual é dada uma quantidade menor de chá para as crianças. Essa atitude é justificada não por achar que a criança não tenha condição de sentir burracheira, mas como um cuidado que é preciso ter com todo e qualquer indivíduo que beba o vegetal, inclusive com adultos. Isso demonstra que a criança é percebida como uma pessoa, com direito a ter uma experiência transcendente, mas segura e que se sinta bem.

Na sessão, meninos e meninas têm a oportunidade de perguntar e tirar dúvidas a respeito dos ensinamentos religiosos ou de assuntos que envolvem qualquer área da vida. Pode-se perguntar: se a criança tem autonomia para beber o vegetal e participar da sessão, por que é necessário pedir autorização? Ao entrevistar o responsável pela Orientação Espiritual de Jovens e Crianças no âmbito da União do Vegetal, fiz esse questionamento.

[...] a constituição brasileira dá aos pais direito de iniciar seus filhos na sua religião, então a pessoa já, eu disse aqui, foi criado por uma família, por um mestre com a sua família, então já dá uma ideia pra nós, bem clara, de que a porta de entrada de uma criança aqui é o consentimento dos pais e uma decisão dos pais, porque tem pais que vêm e não trazem os filhos, é uma decisão deles. [...] eu vejo que o direito de oferecer uma iniciação religiosa pra os seus filhos, é um direito institucional, é um direito constitucional e é o exercício disso somente [...] é um direito dos pais e um direito dos filhos, simples (Almir Nahas, 2021).

Como ponderado no capítulo 2, a Constituição Brasileira dá a criança e ao adolescente o direito à liberdade, inclusos a liberdade de crença e de culto religioso. Isto posto, leva-se, portanto, em conta os valores culturais ligados à conjuntura social destas pessoas na religião dos pais e é isso que é registrado por mestre Almir. No capítulo 3, aponta-se como a UDV foi criada por Mestre Gabriel junto a sua família, deixando um exemplo a ser seguido pelos/as adeptos/as, junto a inúmeros outros como Walsh Netto (2017) salienta em sua tese. O entrevistado complementa que nem todas as famílias fazem essa escolha, pois se é um direito, cabe aos pais e aos/as filhos/as decidirem partilhar – ou não – a sua religião, alguns pais optam por não levar e alguns/algumas filhos/as optam por não ir. No campo não soube de nenhum caso em que um pai ou mãe não quisesse levar seus filhos, mas observei uma situação em que um jovem de 17 anos (é apenas uma menção porque não acompanhei de perto esse grupo por

não estar dentro do universo da pesquisa) perdeu um pouco de interesse pela União, o que entristeceu seus pais, mas sua decisão foi respeitada.

Aproveitando a menção à Constituição e às leis, os/as adeptos/as, por questões relacionadas ao processo de regulamentação do uso ritualístico do chá – discutido na seção 2.7 –, só podem se associar a partir dos 18 anos. Por isso as crianças não são consideradas sócias ainda. O que já ouvi de alguns pais e adultos sócios é que eles incentivam a ida das crianças para a União em busca de cativá-las, despertando neles o desejo de continuarem frequentando o lugar e um dia, quem sabe, se associarem, tornando-se também adeptos/as. Todavia, não se trata objetivamente de um trabalho de conversão religiosa.

Eu mesmo não tenho a pretensão assim de que o nosso trabalho na OE seja pra recrutar futuros sócios, não é um serviço de recrutamento, é um serviço de sensibilização, pra que a pessoa entenda que ela é filha de Deus e que ela queira seguir a Deus. Então, que ela conheça quais são os valores de um verdadeiro filho de Deus nessa terra e viva segundo esses valores, se for como sócio da União do Vegetal quando tiver 18 anos, beleza. Se for como um kardecista, um católico, um evangélico, por mim tá tudo bem. O importante é ter Deus na vida e entender que Deus é o centro do universo, não sou eu. Isso dá uma perspectiva muito mais rica, muito mais profunda e um sentido da vida que não carece de muita elaboração, entende? Na essência, isso dá um sentido pra vida da pessoa (Almir Nahas, 2021).

Mestre Almir informa, de seu lugar de pessoa responsável pela OE, que o trabalho que realiza é religioso porque orienta no sentido da existência de Deus, não apenas pela crença, mas para auxiliar no desenvolvimento de uma visão menos egóica e mais simples da vida, independente da religião que a pessoa queira seguir. O coordenador da Orientação Espiritual desvincula a mesma da ideia de recrutamento, embora esteja vigente o desejo de que essas crianças e jovens continuem a trilhar seus caminhos de vida dentro da União do Vegetal.

A respeito da escolha religiosa, Carneiro (2018) argumenta que a escolha está ligada intimamente à forma ocidental contemporânea de pensar religião, não como algo que perpassa com “naturalidade” a vida social e cultural, mas como algo que depende da autonomia individual para ser aceita. Essa autonomia, acrescenta, carece de uma relativização, pois os vínculos religiosos se ligam a questões relacionadas a redes de confiança, sociabilidade, amizade e afeto. Por esses motivos, Mestre Almir e a OE, de forma geral, dão ênfase que a escolha pela religião é algo muito particular de cada indivíduo.

Ainda assim, sabe-se que existe a probabilidade de que as crianças deem continuidade ao percurso religioso de seus familiares, como expressa também a Responsável Nuclear, ao me explicar a respeito do objetivo do trabalho da OE.

[...] o objetivo é que eles sejam pessoas boas, honestas, verdadeiras e que elas possam seguir, essas crianças quando tiverem com 18 anos ou mais, elas possam seguir numa

religião, se puder ser na União do Vegetal, a família já seguindo na União do Vegetal, os pais tem esse desejo que os filhos possam seguir na mesma religião, mas se não seguirem, elas estão encaminhadas dentro desse conhecimento da espiritualidade, estão orientadas, pra que elas possam ser boas pessoas, dentro da sociedade (Sandra Diniz, 2022)¹³⁹.

Fica explícito que existe também um objetivo moral envolvido no trabalho, o que caberia uma discussão sobre cidadania e moralidade. Entretanto, a pretensão deste capítulo é analisar os dados coletados e, em função disso, a oportunidade de alongar o debate – rico e interessante – sobre aspectos morais terá que ser adiada para se realizar em outra ocasião.

Por hora, lembro do que escreve Pires: “Quando criança, apenas frequenta-se a igreja, depois é que surgem as questões teológicas, morais e propriamente religiosas que permeiam a atitude, além das ‘consequências’ do ato (ir à Igreja Católica como parte do processo de tornar-me um católico, por exemplo)” (2010, p. 153). Apesar da presença de uma orientação religiosa e moral nas atividades com as crianças da UDV, o que observei no campo é, em parte, semelhante ao que é colocado pela autora, as crianças frequentemente vão para o núcleo para brincar, encontrar com outras crianças e aproveitar o espaço enquanto os pais estão envolvidos nas atividades cotidianas e espirituais do núcleo.

Todavia, percebe-se nas conversas com as crianças que elas – ou algumas delas – já expressam conhecimentos religiosos e morais compartilhados pela família e pela irmandade. Carneiro (2018), pondera nesse sentido que “as crianças assumem e incorporam aquilo que é próprio do seu universo religioso [...]” (p. 125) e, alguns parágrafos depois, afirma que “as crianças recebem e constroem suas representações sociais com base nas informações culturais existentes” (2018, p. 128). Dessa maneira, não parece haver uma percepção convencionalmente religiosa por parte de todo o grupo infantil, mas o ambiente que frequenta certamente acrescenta algo às pessoas que nele convivem.

As instituições de uma forma geral – incluindo as religiosas – não moldam comportamentos infantis e nem definem quem são as crianças, mas dão um contexto no qual elas aprendem e fazem escolhas, o que é parte significativa do processo de socialização infantil (Pires, 2013).

Citando culturas infantis, já que plurais, Feijão (2015) destaca as diferentes infâncias a depender dos significados, valores e contextos. Inspirada também nas colaborações de Carneiro (2018), complemento que as meninas e meninos que frequentam a União do Vegetal estão se desenvolvendo afetiva, psíquica e biologicamente e o processo de convivência e

¹³⁹ Entrevista concedida por Sandra Gabriela Rieiro Diniz, Responsável Nuclear da Orientação Espiritual com crianças e jovens do NCSG, realizada em sua residência em 26/8/2022.

aprendizagem social da religião impacta o comportamento que é diverso e subjetivo. Lembrando que essa aprendizagem é interativa, é via de mão dupla. Elas/eles possuem papel ativo nesse aprendizado, e, ainda que não evidentemente, acontece um processo de tornar-se/ser religioso enquanto participam dos rituais, bebem o chá e vão ao centro, como será possível ver nas páginas a seguir.

4.2 A criança fora do salão: brincando ao ar livre

Brincar, como salientam Lira e Ferreira (2018), é uma maneira lúdica de viver a realidade e, através da brincadeira, a criança experiencia e cria situações imaginárias e criativas. Ainda de acordo com os autores, a brincadeira evidencia a lógica das culturas infantis, que criam saberes e que geralmente são despercebidas pelos adultos.

As crianças passam a maior parte do tempo brincando por conta própria e livres de quaisquer direcionamento ou interferência no núcleo. Raras vezes, a não ser nas atividades da OE, presenciei intervenções adultas nas brincadeiras. O que acontece, não com muita frequência, é de alguns se colocarem à disposição para participarem. Também os pais – geralmente as mães – são chamados/as em casos de machucados ou pequenas confusões. O mais comum é a brincadeira entre pares.

Figura 19. Crianças brincando no pátio central



Fonte¹⁴⁰: Registro de Diana Lima (24), 2021.

Como afirma Carneiro (2018), a criança costuma se identificar com outra por assumir experiências e linguagens comuns, assim, o que acontece é que elas passam a maior parte do tempo entre elas, usufruindo da companhia umas das outras. Como uma das principais características das crianças é o brincar que, como afirma Carneiro, é interação, movimento e ação por excelência, entre as crianças da UDV a vivência não é diferente e a brincadeira está marcadamente presente.

Posso afirmar que é isso que elas fazem a maior parte do tempo enquanto estão no núcleo. Ainda usando referências de Carneiro (2018), a brincadeira e seu universo “invadem” a vida religiosa, entendida usualmente como espaço de silêncio e seriedade. Tais características de fato existem, mas não de maneira generalizada, ainda que existam protocolos a serem seguidos.

A rotina dos trabalhos na União do Vegetal é puxada e demanda tempo, horas até. Em dias de sessão de escala em que há mutirão, por exemplo, os/as adeptos/as vão pela manhã, passam o dia e só vão embora de madrugada, depois do lanche após a sessão. Quando as famílias chegam os adultos já se encaminham para o cumprimento de suas funções e as crianças correm para encontrar os amigos, assim todos passam muito tempo juntos. Mas as funções são para os adultos, não para as crianças. Elas não estão envolvidas nas tarefas dos adultos, até porque tais

¹⁴⁰ Crianças tomando banho de mangueira no pátio central em outubro de 2021.

funções envolvem cozinhar e outros trabalhos desse ambiente como lavar louça, realizar limpeza pesada, entre outras coisas. Os pais sequer conseguem estar o tempo todo atentos aos filhos – apenas no caso das crianças menores, que exigem mais atenção –, tamanha a intensidade dos afazeres.

Até mesmo nos momentos de descanso, quando os adultos se sentam e normalmente se juntam para conversar, as crianças ficam livres no espaço. A supervisão é de qualquer adulto que passe onde elas estejam e verifique se está tudo bem. Caso alguma coisa chame a atenção – crianças brigando, por exemplo – os pais são acionados. As crianças também se monitoram, se cobram e se corrigem, pude observar isso principalmente em momentos mais solenes, como durante o ritual, mas também em outros momentos, como em algumas ocasiões durante as programações da Orientação Espiritual. As crianças se viram por conta própria na maior parte das ocasiões, contam umas com as outras, brigam também, claro, mas comem, riem e ficam juntas praticamente todo o tempo.

O dado que fica marcado é que não há uma cobrança para que os pais fiquem “de olho” nos filhos – apenas durante a sessão, por uma questão de segurança, quando as crianças não estão participando do ritual e os adultos não estão por perto, as crianças estão dormindo e estariam assim mais vulneráveis. Durante o dia, o cuidado solicitado é que se evite que as crianças fiquem brincando nos dormitórios – o que nem sempre é possível porque elas adoram brincar lá –, para evitar a desorganização destes ambientes. Além disso, pela diferença nas idades e por ser um ambiente menos controlado – pela ausência de vigilância adulta –, há um cuidado para evitar brincadeiras “inapropriadas”, envolvendo questões como sexualidade ou violência. Nestes casos mais específicos, a comunidade religiosa se coloca nesse lugar de atenção com as crianças, evidente que com um olhar mais atento dos pais, mas sem um patrulhamento. As crianças têm liberdade para brincarem sozinhas – inclusive nos quartos, até que um adulto chegue para adverti-las.

Nas entrevistas a palavra brincar apareceu em todos os diálogos, com exceção da conversa com Renato (9 anos). Akira (10 anos) mencionou que as brincadeiras na União são diferentes das que ela está acostumada na escola; Ana Clara (7 anos) coloca o parque de madeira e o pátio central como as coisas preferidas dela na UDV; também apresentando suas preferências naquele espaço, Davi (8 anos) aponta brincar e beber o vegetal como suas coisas favoritas; ao me responder o que é a União, Eric (6 anos) lembra do espaço para as crianças brincarem e do parquinho; Flantechai (8 anos) cita a brincadeira como ausência, evocando ao fato de que não podia brincar fora de casa durante a pandemia; Gabriel (8 anos) remete às

brincadeiras como inspiração caso fosse fazer um desenho; Júlia (7 anos) explica que quando vai para a UDV se prepara para brincar, mas também comenta o período da pandemia que não tinha ninguém para lhe fazer companhia nas brincadeiras.

Maria (4 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”), ao me responder o que era a União, recorda das coisas que gosta de fazer lá, incluindo as brincadeiras; Mike (9 anos) narra um momento em que estava brincando de pônita¹⁴¹ no núcleo; Princesa (8 anos) também compartilha momentos de brincadeira no balanço e conta “[...] não vejo a hora de ir pra lá de novo, brincar disso. Ah, é muito legal!”, “[...] Pra mim a União é diversão [...] a gente brinca muito”; Rafael (10 anos) é mais uma criança que menciona a brincadeira em dois momentos, quando cita brincar no parquinho como uma das coisas que mais gosta no núcleo e quando dialogamos sobre a pandemia e ele conta que não podia sair para brincar; finalmente Sofia (6 anos) – assim como Júlia e Rafael – remete ao brincar em duas circunstâncias distintas, durante a pandemia mas por um viés positivo, contando do monte de brincadeiras no corredor do prédio onde mora e também mencionando sua coisa favorita na UDV, que é brincar com as outras crianças.

¹⁴¹ Explicação de Mike: “É uma mistura de pega-pega com esconde-esconde. Todas as pessoas contam mas uma vai se esconder. Quando terminarem de contar vão procurar a pessoa, quando encontrarem a pessoa, vão ter que gritar pônita. Depois todo mundo, todo mundo vai fugir do pônita que é a pessoa que foi encontrada. Aí então quando, aí então quando, aí então quando a pônita pegar alguém vai gritar ‘outra pônita’, aí então (mas a gente não grita muito “outra pônita”, aí quando eu brinco, quando eu brinco não grita muito ‘outra pônita’), aí então, aí então depois que, aí então depois que todo mundo foi pego, o último a ser pego vai escolher quem vai ser o próximo pônita”.

Figura 20. Brincadeira com as crianças



Fonte¹⁴²: Autora.

As crianças brincam muito no núcleo, as falas delas e as imagens comprovam isso – a experiência religiosa das crianças passa pelas brincadeiras. Akira (10 anos), por exemplo, ao conversar comigo sobre o que mais gosta na União, conta que acha as programações legais e divertidas, gostando “Principalmente quando é pular corda”. Outras brincadeiras foram mencionadas pelas crianças durante nossas conversas: “tacar a chinela”¹⁴³, relóginho¹⁴⁴ e pônita. Além disso elas conversam bastante entre si, como qualquer criança.

Estarem juntas parece ser o fator mais significativo. Outro elemento relevante apontado por elas além de brincar é encontrar os amigos – na introdução, boa parte das crianças disseram que o que mais sentiram falta na pandemia foi dos amigos. É significativo acrescentar que, também para os adultos, a União é uma “fábrica de fazer amigos”. Essa é uma expressão corrente não só no NCSG, mas em toda a UDV – através da presença da frase nos meios digitais institucionais é possível confirmar a informação. Mestre Almir partilhou noção semelhante em relação a amizade: “[...] eu mesmo não sei o que é mais importante pra mim, se são os ensinamentos

¹⁴² Crianças pulando corda no pátio central.

¹⁴³ Princesa explica: “[...] teve uma brincadeira lá na União do balanço né? Que aí a gente tem que tacar a chinela, que aí quem tacar mais distante ganha” (8 anos).

¹⁴⁴ Akira explica: “É assim, fica uma pessoa no meio aí ele pega a corda e fica girando. E aí quando bate numa pessoa, a pessoa sai, aí você tem que ficar pulando pra não encostar em você”.

da União do Vegetal ou os amigos que eu tenho aqui, eu não sei, acho que é igual”. Assim, é possível afirmar que a valorização da amizade entre os frequentadores da religião não é algo exclusivo das crianças, faz parte da cultura caianinha.

Brincar livremente com os amigos é, portanto, valorado pelos meninos e meninas. Essa liberdade está associada ao espaço que, como afirmou Sofia (6 anos) é “solto” e “grande” e, como será possível averiguar, tem significância nessa conjuntura. Colocar o pé no chão, correr e ter contato com o mundo natural é algo valorizado pelo grupo infantil, que reside, como vimos, em áreas urbanas e com algumas restrições tanto na liberdade de brincar – de correr, de jogar bola – quanto no encontro com os pares.

Já estive falando, no capítulo 3, da OE e das atividades promovidas pela União do Vegetal voltadas para o público infantil. Algumas dessas programações tem como pano de fundo uma temática religiosa indireta – nunca é uma atividade totalmente voltada para essa finalidade, darei exemplo – e acontecem de forma não ritualística, portanto, ocorrem “fora do salão”¹⁴⁵, tendo caráter lúdico.

4.2.1 O espaço de brincar coordenado pela OE

A equipe de Orientação Espiritual é bem ativa e sempre está organizando programações com as crianças. Foram muitas atividades e descrever todas elas não me pareceu plausível, então selecionei as que mais se destacaram¹⁴⁶ para discorrer aqui. Como as crianças pronunciaram bastante o nome de Jesus em nossas conversas e a proposta do trabalho é tê-las enquanto guias que apontam por onde seguir, começo descrevendo o Advento que, como será possível averiguar nas próximas linhas, é um tempo de preparação para o Natal.

I. Advento

Início explanando a respeito do Advento. Acompanhei este momento nos meses de novembro/dezembro dos anos de 2021 e 2022, quando aconteceu um tipo de preparação nas semanas que antecederam o Natal. Para entender melhor, o termo Advento vem da palavra latina *adventus* e significa “chegada” (Blakemore, 2022), é um período de preparação que considera as quatro semanas que antecedem a data do nascimento de Cristo.

¹⁴⁵ As sessões geralmente acontecem no salão, que é um espaço feito para que o ritual aconteça, por isso o entendimento de que o salão é um espaço ritualístico (embora já tenha presenciado sessões extras que aconteceram fora do salão, ao ar livre). Mas o espaço não é exclusivamente ritualístico, porque é usado também para outras finalidades como, por exemplo, palestras, cursos, entre outras coisas.

¹⁴⁶ O critério para esse destaque foi o envolvimento e participação das crianças e a mobilização da irmandade.

Em 2021, a OE do NCSG – orientada pela coordenação geral da Orientação Espiritual – organizou uma programação de quatro encontros de preparação e montagem dos presépios natalinos e contou com a participação de crianças e pais. A ideia era que cada família montasse em casa seu próprio presépio, com os elementos coletados em cada encontro – somados quatro, no total – onde seriam trabalhados temas de quatro reinos: mineral, vegetal, animal e humano. Além de coletar o material, a ideia consistia na partilha de fábulas com as crianças e que, ao mesmo tempo, falassem do aspecto do reino correspondente àquele encontro e contasse parte da história do trajeto percorrido até o momento do nascimento de Jesus. No primeiro encontro foram coletados materiais do reino mineral, no segundo materiais do reino vegetal, no terceiro elementos do reino animal e no quarto elementos do reino humano.

O primeiro encontro aconteceu na praia. Em um primeiro momento todas as pessoas presentes se sentaram em círculo para conversar sobre a proposta, começando a falar do Advento, do que aconteceria naquele e nos próximos encontros e explicando o que fariam naquele dia. Foi explanado que ali começaria o trajeto para contar a história do nascimento de Jesus e, ao mesmo tempo, a construção de um presépio em cada casa, preparando o lar e o coração para o dia de Natal. As crianças foram então recolhendo areia, pedras – algumas crianças pegaram conchas também –, entre outros, para montar o “chão” do presépio, representando o caminho de Nazaré para Belém por onde andaram Maria e José até o local onde Jesus ia nascer. As crianças brincaram e se divertiram muito.

Figura 21. Atividade do Advento de 2021



Fonte¹⁴⁷: Registro fornecido por Sandra Diniz (42), 2021.

O segundo encontro foi no Parque Sólon de Lucena, no centro da cidade de João Pessoa, onde aconteceu um piquenique e a equipe da OE promoveu a segunda conversa com as crianças, falando a respeito desse momento do Advento e do reino vegetal, ressaltando a sua relevância no planeta. Mais uma vez aconteceu uma conversa, dando espaço para que as crianças discorressem a respeito da temática do dia e interagissem com a fábula que foi contada falando do alecrim, de uma maneira divertida e imaginativa, associando contos infantis à história da natividade de Jesus.

O conto narrava que Maria e José precisavam parar, em determinados momentos da viagem, para descansar e se alimentar e, em uma dessas paradas, perto de um rio, Maria aproveitou para lavar roupas e os paninhos da criança que estava prestes a nascer. Quando foi estender as roupas, Maria parou um pouco para ver onde estenderia as roupas, pensou em colocar os paninhos nas flores, mas elas eram tão delicadas e Maria preferiu não fazer isso para não as danificar. Ali também havia algumas pedras, mas Maria pensou que as pedras poderiam rasgar o tecido, então ela viu alguns pés de alecrim próximos dali e pensou que seria o melhor lugar para estender as roupas para que pudessem secar e ainda ficariam perfumadas com o aroma da planta. O alecrim ficou feliz por ter sido escolhido e, por esse motivo, recebeu de presente da natureza o direito de gerar flores azuis, da mesma cor do manto de Maria Santíssima. A Conselheira Yara Galdino¹⁴⁸, que estava coordenando a atividade nesse dia,

¹⁴⁷ Atividade da primeira semana do Advento de 2021.

¹⁴⁸ Conselheira da Equipe de Coordenação da Orientação Espiritual no âmbito de todo o CEBUDV, que estava sócia no NCSG neste período.

levou alguns raminhos de alecrim para que as crianças pudessem sentir o cheiro, tocar e se encantar mais com a fábula contada.

Figura 22. Atividade do reino vegetal no Advento



Fonte¹⁴⁹: Registro fornecido pela Conselheira Yara Galdino, 2021.

Depois desse primeiro momento, foi sugerido que eles/elas buscassem por flores, plantas e galhos, abundantes no parque, para incrementarem os seus presépios.

¹⁴⁹ Atividade do Advento com fábula do alecrim, em 28/11/2021.

Figura 23. Criança colhendo flores em atividade do Advento



Fonte¹⁵⁰: Autora, 2021.

O terceiro encontro aconteceu no núcleo e mais uma vez as crianças se reuniram na mesa delas – uma mesa baixa, pintada de azul, com dois bancos longos postos em suas laterais, igualmente pintados –, onde normalmente se juntam para as refeições e para realizar as atividades programadas. A equipe chamava todos/as, anunciando o início da programação. Como de costume, com a chegada de todos os meninos e meninas, a Responsável Nuclear – ou outra pessoa da equipe incumbida da tarefa – começa a conversa. Nesse caso, foi a Conselheira Yara que conduziu porque ela estava direcionando a programação do Advento. O diálogo principia de maneira mais informal, lembrando do encontro anterior, para retomar o trajeto de Maria e José, sempre incentivando e fazendo perguntas para as crianças para que elas pudessem participar o que sabiam.

O tema desse encontro era o reino animal e, por isso, foi contada a fábula do burrinho, o animal escolhido para acompanhar Maria e José na viagem até Belém. O conto narra que ao tentar atravessar um riacho, o burrinho empaca e não quer prosseguir, então vem um anjo do céu e convence o burrinho a andar e ele anda, auxiliando o casal a chegar a seu destino e

¹⁵⁰ Colhendo flores para seu presépio.

participando do momento tão especial que foi aquele primeiro Natal. As crianças interagem e ficam muito animadas durante a contação da fábula.

Na sequência, foram levados para a mesa azul água e argila, para que as crianças fizessem os animais para compor seus presépios. Mas algumas crianças quiseram fazer os reis magos, então foram feitos os elementos humanos também, os três reis, Jesus, Maria e José. As crianças gostaram bastante desse movimento.

Figura 24. Uma brincadeira/atividade coordenada pela OE



Fonte¹⁵¹: Autora, 2021.

A fotografia mostra crianças na execução da atividade. Durante as ações propostas, fossem elas trabalhos com argila como esse ou pinturas e desenhos, as crianças não se mantinham, necessariamente, concentradas todo o tempo. Conversas entre elas, dispersão e até alguns pequenos embates – a exemplo de disputa por materiais – também ocorriam.

Retomando, o momento final de montagem dos presépios aconteceu nas casas. Cada

¹⁵¹ Fazendo os animais de argila para compor os presépios.

criança foi sendo orientada a construir seu presépio, junto com sua família, com os elementos trabalhados em cada encontro. Posteriormente algumas fotos dos presépios foram partilhadas no grupo de rede social da irmandade e deixo aqui o registro de uma das crianças.

Figura 25. Criança com o seu presépio



Fonte¹⁵²: Colaboradora, integrante da família, 2021.

Em 2022, em função de alguns eventos que ocorrem bem próximos a dezembro, o Advento aconteceu em apenas dois encontros. A programação seguiu a mesma linha do Advento de 2021, mas com alguns ajustes. O principal deles, além da redução nos encontros, foi que, diferente do ano anterior, as crianças se uniram para fazer um único presépio que ficou no núcleo – no ano anterior cada criança havia montado seu próprio presépio em casa.

O primeiro encontro ocorreu no dia 03 de dezembro de 2022 e, como habitualmente acontece, as crianças foram convidadas para se juntarem ao redor da mesa azul e iniciou-se uma conversa mais informal. A Responsável Nuclear, a Conselheira Sandra, vai fazendo perguntas para as crianças, atraindo sua atenção para o diálogo e dando espaço para que elas possam também falar. Nesse dia, foi contada, com algumas adaptações, a fábula “O caminho de pedras para Belém”, que narra a viagem de Maria, José e o burrinho que os acompanhava. No conto, uma lágrima cai dos olhos de Maria pela dor causada por pedras escuras e pontudas que estão na estrada e que machucam seus pés. Um anjo, que também os acompanhava, ao perceber o que acontecia, pousou seu olhar celestial nas pedras e elas se transformaram, arredondando suas

¹⁵² Em casa, construindo seu presépio.

pontas e adquirindo cores, algumas ficando até transparentes. Dessa maneira, eles puderam caminhar com segurança naquela estrada agora tão bonita, podendo chegar com tranquilidade até Belém.

Outra diferença do Advento de 2021 foi que, em 2022, os reinos não foram trabalhados separadamente com um encontro para cada um. Na verdade, os reinos mineral, vegetal, animal e humano foram todos inseridos na contação da história do caminho de pedras.

Depois da história, todos começaram a coletar materiais – areia, pedrinhas, galhos, folhas e flores – no terreno do núcleo, para começar a construir o presépio, que foi montado coletivamente, cada um colocando algum material.

Figura 26. Construção coletiva do presépio



Fonte: Registro fornecido pelo Conselheiro Diego Dantas (DMC), 2022.

No dia 17 de dezembro de 2022 aconteceu o segundo encontro. Mais uma vez as crianças foram convidadas a se juntar e foram chegando aos poucos. A Conselheira Sandra começou a repassar a atividade anterior, lembrando de quando começaram a montar o presépio e dizendo que dariam continuidade à atividade. Mas antes, contaria mais uma história

para eles/as.

A fábula dessa vez foi a adaptação da “Lenda do pinheirinho de Natal”, que conta a história, já depois do nascimento de Jesus, de três árvores, uma oliveira, uma tamareira e um pinheiro, que viviam ali junto ao presépio onde o menino se encontrava. A oliveira foi a primeira a ver Jesus e quis presenteá-lo com as suas azeitonas, representando a pureza. A tamareira, símbolo da fertilidade e da vitória também quis dar presentes ao menino, dando-lhe suas doces tâmaras. Então chega a vez do pinheiro, que estava um pouco desanimado porque mesmo sendo símbolo da força e da longevidade, não sabia bem o que dar de presente àquela criança especial, parecia não ter o que oferecer. As estrelas que acompanhavam o que acontecia e perceberam o desânimo do pinheiro, decidiram descer do céu e pousar nos galhos dele iluminando-o e enchendo-o de boas vibrações. Então o pinheiro se doa inteiro a Jesus para que a cada ano ele possa ser símbolo do seu aniversário e de seu amor pela humanidade. Assim, o pinheiro se tornou a árvore mais importante do Natal.

Depois da história, chega o segundo momento da atividade. A equipe leva para a mesa azul, como no ano anterior, argila e água para que as crianças possam fazer os animais e “humanos” – as crianças também moldam anjos de argila – que compõe o presépio de Natal. As crianças fazem então os animais, anjos, manjedoura e outros elementos que compõe o presépio. Ao final, para completar, são acrescentadas as imagens de Jesus, Maria e José – como é possível ver na fotografia anterior – complementando a montagem do presépio, feito coletivamente.

[...] no lugar de cada família fazer o seu presépio, a gente trabalhou um presépio só, grande lá pro núcleo, em conjunto. Então foi legal porque no primeiro ano a gente trabalhou cada família né e uniu essas famílias e no segundo encontro né que foi o ano passado, esse Advento a gente já fez esse trabalho da força da União, todos trabalhando em conjunto pra uma família só que é a família da União do Vegetal. Então é algo que você pode trazer também no seu trabalho, é, essa observação né, que primeiro a gente trabalhou a individualidade das famílias e depois a força da União no ano passado né, primeiro ano do Advento as famílias individualizadas e no segundo ano uma família só que é a família da União (Sandra Diniz, 2023)¹⁵³.

Nas palavras da Conselheira Sandra podemos identificar elementos de grande relevância para a instituição religiosa: família, trabalho, força e União. Estes e outros elementos fazem parte do legado deixado por Mestre Gabriel e que são repassados – de maneira lúdica e distanciada da didática convencional¹⁵⁴ – para as crianças, em atividades que acontecem sempre ao ar livre, dando autonomia no sentido de deixar a cargo da criança a decisão por sua

¹⁵³ Mensagem de áudio enviada via rede social em 30/3/2023.

¹⁵⁴ Entendo a didática convencional como aquela que usa livros, cadernos, anotações (a escrita de uma forma geral), sala de aula com “professor/a”, entre outras coisas.

participação e que, normalmente, envolve alguma brincadeira. Estes fatores, associados ao incentivo dos pais, podem explicar o forte envolvimento das crianças nestas programações.

II. 10 de fevereiro

Seguindo nos exemplos de como acontecem estas ações, cito a que aconteceu no dia 10 de fevereiro de 2022 – e de 2023 –, dia que, como vimos algumas páginas atrás, faz parte do calendário religioso e que celebra a data do aniversário do Mestre Gabriel. Ao longo deste ano (2022), em comemoração ao Centenário do Mestre¹⁵⁵, a OE fez – também instruída pela coordenação geral da Orientação Espiritual –, algumas atividades apresentando para os meninos e meninas que frequentam a instituição, as características e virtudes do Mestre, uma maneira encontrada para que crianças – e adultos – possam conhecer mais a respeito de quem é este guia espiritual.

O dia 10 inaugurou essa sequência de programações e a equipe da OE planejou estas ações como uma linha do tempo, falando das profissões que José Gabriel teve ao longo da vida e, nesta em particular, a ideia era destacar a profissão de oleiro, construindo, junto às crianças, pequenos tijolos de argila para edificar uma casinha que representa a própria União do Vegetal.

As crianças gostaram mais – algo já percebido em ações semelhantes anteriores – de mexer com argila e moldar os tijolos, tanto que a finalização do telhado – feito com palitos de picolé e cola quente – ficou praticamente a cargo da equipe. A preferência delas estava direcionada a manipular o barro.

¹⁵⁵ Que nasceu em 1922.

Figura 27. Crianças e a equipe da OE



Fonte¹⁵⁶: Registro fornecido por Janaína Gomes, 2022.

Elas fizeram o símbolo da União e um boneco que ficou na frente da casa, de acordo com elas aquele era o Mestre Gabriel. O resultado final da casinha foi esse:

¹⁵⁶ Crianças e equipe da Orientação Espiritual montando casa com tijolos de argila. Foto compartilhada em grupo de rede social da equipe da OE.

Figura 28. Casa de argila



Fonte¹⁵⁷: Registro fornecido por Janaína Gomes, 2022.

Agora vou expor as observações da programação do dia 10 de fevereiro do ano de 2023, que na realidade aconteceu no dia 18, mas em alusão ao dia 10. Como dia 10 foi uma sexta-feira, não foi possível realizar a atividade na data, por ser um dia de semana e as pessoas, em função de trabalho e outras atividades, só chegaram no núcleo à noite, bem próximo do horário da sessão. Então a equipe da OE organizou a programação para a sessão de escala mais próxima, dia 18 de fevereiro.

Depois da chegada das crianças, na tarde do sábado, inicia-se a conversa contando uma história da infância do Mestre, que tinha o costume de frequentar a missa e de juntar as pessoas às escondidas, unindo suas roupas com alfinetes. Ao se levantarem, as pessoas percebiam que estavam ligadas umas às outras por alfinetes, o que era motivo de muito riso e diversão para o menino e para quem assistia à cena. A brincadeira então seria unir as crianças – e os adultos que quisessem brincar – amarrando a perna de uma junto a perna de outro/a coleguinha, para

¹⁵⁷ Resultado da casa de argila exposta para a comunidade religiosa. Fotografia compartilhada em grupo de rede social da irmandade.

que eles combinassem uma forma de andarem juntos sem cair. Alguns adultos, principalmente pais, decidiram se juntar e, ao final, estavam todos brincando de pega-pega, em duplas amarradas pelo calcanhar. Uma cena realmente engraçada de se ver.

Figura 29. Brincadeira no Núcleo

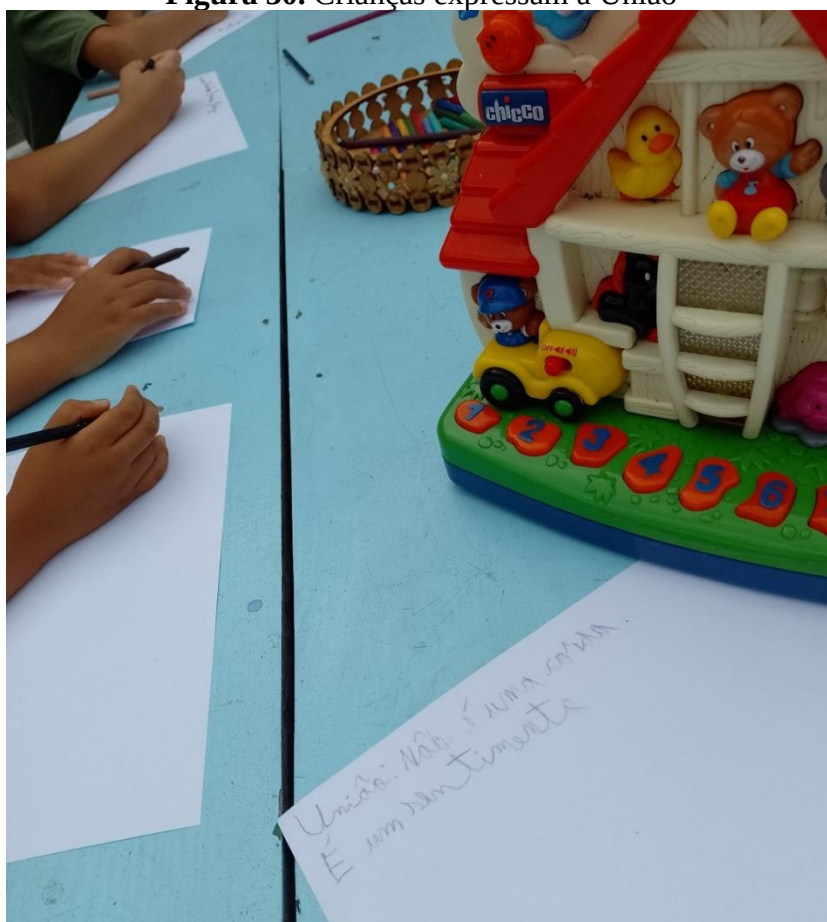


Fonte¹⁵⁸: Autora, 2023.

Depois da brincadeira ainda houve um segundo momento. De volta à mesa azul as crianças se reuniram com a equipe para uma roda de conversa, em que foi perguntado para eles/elas: o que é isso que a gente fez na brincadeira? Ao passo em que Eric (aqui com 7 anos) prontamente responde “união!”. A seguir, a Conselheira Juliana pergunta: o que é que vocês acham de fazer um desenho falando da palavra União? As crianças se animam com a ideia e começam a receber o material (papel e lápis de cor) da equipe para pintar. Na sequência, apresento alguns dos desenhos.

¹⁵⁸ Crianças brincando com as pernas atadas.

Figura 30. Crianças expressam a União



Fonte¹⁵⁹: Autora, 2023.

Começo com o “desenho” de Mike (agora com 11 anos) que optou por escrever uma frase direta e objetiva para transmitir a sua compreensão da mensagem que a história e as brincadeiras quiseram passar. Ele escreve que a “União não é uma corda. É um sentimento”. A escolha do menino me chama a atenção porque em nenhum momento foi sugerido que as crianças escrevessem caso não quisessem desenhar – a opção não foi colocada apenas pelo fato de nós, adultos, acharmos que as crianças não iam considerar essa opção por falta de interesse, grande engano! Lembro que durante a entrevista perguntei a ele se ele gostava de desenhar e ele me respondeu “Sim! Eu desenho muito bem”. Contudo, ao questionar o que ele mais desenhava, ele respondeu “Personagens [...] de jogos, de séries, de filmes também” e fiquei me indagando se esse teria sido o motivo de ele não se interessar em fazer o desenho e achar mais interessante escrever objetivamente o seu entendimento da atividade.

O desenho enquanto ferramenta de coleta de dados facilitou, de forma não intencional, o uso desse recurso como porta para a escrita que, erroneamente, não havia sido considerada.

¹⁵⁹ Frase de Mike que optou pela linguagem escrita: “União não é uma corda. É um sentimento”.

No caso de Mike, ele usa a escrita como recurso único transmitindo sua visão sobre o assunto que foi trabalhado no dia. Outras crianças escreveram espontaneamente em seus desenhos – será possível verificar adiante –, auxiliando a revelar o que haviam impresso na imagem (Gonçalves, 2021), enriquecendo sobremaneira os dados coletados.

O próximo desenho é de Princesa e o conteúdo do desenho difere da opção da linguagem escrita escolhida por Mike.

Figura 31. A União para Princesa



Fonte¹⁶⁰: Autora, 2023.

Perguntei a Princesa o que ela tinha desenhado e ela mesma me explica: “[...] o meu desenho representa a União, a união de pessoas juntas, unidas, amigas, mesmo pela diferença, elas são amigas, são unidas, não tem preconceito e é isso”¹⁶¹. Depois de ouvir observei mais uma vez o desenho, entendendo melhor a ideia que Princesa quis transmitir porque ela desenhou crianças juntas, de mãos dadas, apesar das diferenças, então fui ver quais seriam essas diferenças. Primeiro, apesar de haver mais meninas que meninos – talvez representando de alguma forma o círculo de amizades dela – há a presença dos dois gêneros, outra coisa que vi foram diferentes tipos de cabelo, lisos e cacheados – podendo remeter a diferenças raciais – e, ainda, a diferença nas roupas. São representações diferentes de crianças, mas que estão “juntas,

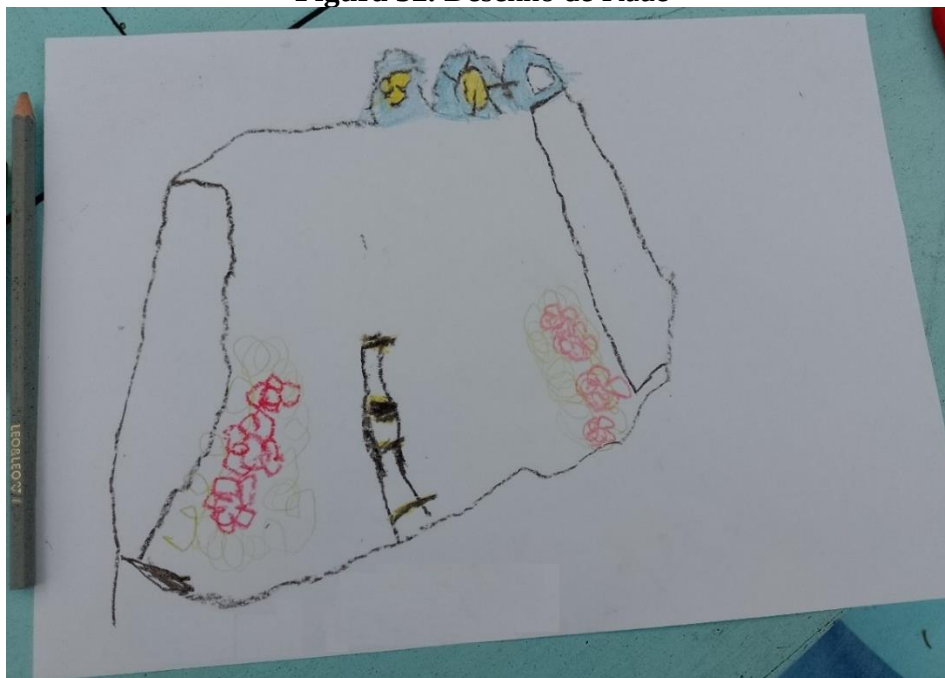
¹⁶⁰ Desenho de Princesa.

¹⁶¹ Mensagem de áudio enviada pela mãe da menina via rede social em 10/4/2023.

unidas, amigas”, sem preconceitos.

O próximo desenho é de Kauê¹⁶² (aqui com 6 anos, “bebe vegetal desde a barriga da mãe”), que foi mais literal em relação a ilustrar sobre a palavra União.

Figura 32. Desenho de Kauê



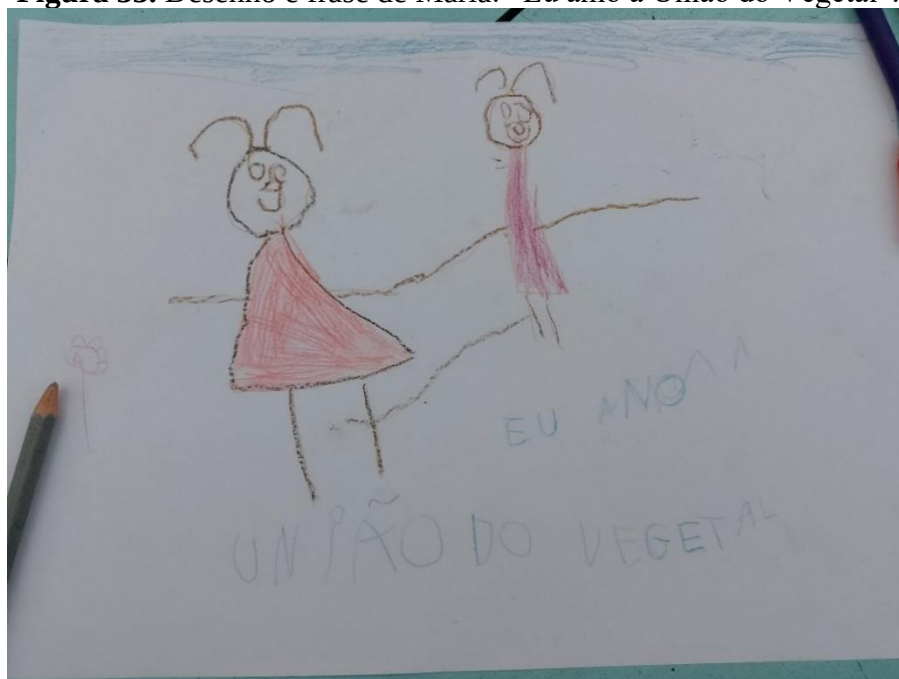
Fonte: Autora, 2023.

Pedi, quando ele concluiu seu desenho, para me explicar o que havia feito e ele me conta: “Eu fiz a União, de cima, eu fiz a parte de cima. Ali olha (e aponta para a rampa que leva até o salão)”. O templo onde acontecem os rituais fica em uma parte mais alta do terreno e há uma rampa que dá acesso ao local, por isso ele diz que fez a parte de cima. Acima da entrada do templo ficam os arcos azuis já ilustrados por outras crianças em outros desenhos aqui. O menino fez uma pessoa, subindo em direção ao templo e fez também as flores, que ornamentam as laterais da rampa.

A ilustração seguinte é de Maria (aqui com 5 anos) que, ao descrever a dinâmica, aponta questões bastante simbólicas: “[...] eu gostei muito da brincadeira e que a gente tem que ser unidos e se a gente for prum lado e o outro pro outro, a gente vai cair e a gente tem que ter muita unidade e tem que ter muito, muito, muita amizade para nós”.

¹⁶² Kauê não foi entrevistado. Marquei entrevista com ele, fui até sua casa, entretanto não foi possível realizar a entrevista porque quando cheguei ele estava dormindo (ele estava passando por uma fase de muita mudança em sua rotina, de acordo com sua mãe, e dormiu em um horário incomum). Não foi possível remarcar a entrevista e, por ser uma criança de presença constante no núcleo, busquei inseri-lo de outras formas.

Figura 33. Desenho e frase de Maria: “Eu amo a União do Vegetal”.



Fonte: Autora, 2023.

Em relação ao desenho, a escolha de Maria foi dupla, fazer um desenho, como Kauê e Princesa, mas também usar da linguagem escrita, como Mike, acrescentando a frase “Eu amo a União do Vegetal”. Por outro lado, a ilustração de Maria se aproxima tanto da ideia de experiência no espaço físico – como fez Kauê –, quando desenha o que vivenciou na brincadeira – sua perna atada a da amiga –, quanto mostra a sua percepção da União enquanto instituição religiosa, já que acrescenta a frase, interpretando a União enquanto União do Vegetal, um lugar que ela ama.

Sofia (6 anos), autora do desenho seguinte, também foi por um caminho semelhante, ilustrando sua experiência durante a brincadeira com a perna amarrada a da sua amiga. A respeito do que pode ser chamado de dinâmica recreativa, a menina informa o seguinte: “Eu gostei dessa brincadeira que a gente fez naquele dia, sobre a gente ficar junto, tinha que correr pro mesmo lado senão caísse e brincar daquela brincadeira de pega-pega amarrado, eu gostei muito. Sobre união, amizade e tudo mais”¹⁶³.

¹⁶³ Mensagem de áudio enviada pela mãe da menina via rede social em 13/4/2023.

Figura 34. Desenho de Sofia

Fonte: Autora, 2023.

Ainda que tenha descrito a dinâmica de forma mais literal em seu desenho, Sofia (6 anos) – assim como Maria – demonstra uma compreensão mais simbólica que vai além da brincadeira, ao explicar a intenção de “correr pro mesmo lado senão caísse” e associar ao fato de ser tudo “Sobre união, amizade e tudo mais”, no sentido de caminhar lado a lado, obtendo um apoio mútuo e, caso dispensem esse apoio indo cada um/a para um lado, é arriscado cair.

Os desenhos e pinturas apresentados, resultado da programação proposta pela equipe da OE, remeteu às palavras de Carneiro (2018) que argumenta que os conteúdos das brincadeiras são definidos pela percepção de mundo e do contexto das crianças. É o que é possível notar com as ilustrações, já que parte das crianças associa a palavra União diretamente ao lugar que frequentam, que tem esse nome. A ideia de união enquanto aspecto fraterno e agregador também está presente nos desenhos, o que nos leva à compreensão de que as crianças apreendem a linguagem e seus significados (inclusas aí as apreensões desses significados transmitidos pela instituição religiosa), cada uma com sua singularidade.

III. 27 de março

Descrevo agora a programação do dia 27 de março de 2022, quando foi realizada uma atividade semelhante à do dia 10 de fevereiro – no sentido de ter como tema as características e virtudes de Mestre Gabriel. A temática trabalhada nesse 27 de março foi a amizade, tanto como característica do Mestre como a amizade entre as crianças. A brincadeira foi formar pares de pessoas – adultos também participaram –, um dos pares era vendado enquanto o outro o conduzia pelo terreno do núcleo. A dinâmica tinha como pano de fundo a confiança e após a brincadeira, abriu-se uma roda de conversa para ouvir como todos/as se sentiram conduzindo e sendo conduzidos por seus/suas amigos/as. A dinâmica teve ainda um terceiro momento, a equipe sugeriu que as crianças escolhessem na natureza um presente para seu/sua amigo/a e dissesse uma virtude dele/a.

Figura 35. Crianças na área de lazer



Fonte¹⁶⁴: Autora, 2022.

IV. Dia do pão

Ainda nesse movimento de desenvolver programações apresentando características e

¹⁶⁴ Crianças e adultos em atividade sobre amizade e confiança.

virtudes de Mestre Gabriel, foi pensado pela equipe de fazer uma parceria (essas colaborações ou cooperações conjuntas vêm sendo estimuladas pela coordenação geral da OE) com o Departamento de Beneficência – mais um dos departamentos da instituição –, que vem desenvolvendo uma ação com certa regularidade, ação esta que recebeu o nome de “Dia do pão”¹⁶⁵. O “Dia do pão” consiste na distribuição de pães doados e distribuídos pela irmandade, preferencialmente feitos em casa, pelas famílias. É passada a receita e o modo de preparo em vídeo para que as pessoas também possam, além de fazer o bem a quem precisa, aprender a fazer pão para consumo próprio.

Assim, em abril de 2022 aconteceu essa programação conjunta da OE com a Beneficência, buscando incentivar a solidariedade, a partilha e a União nas crianças. A equipe da OE avisou, com antecedência, da atividade e levou para o núcleo os ingredientes para que as crianças pudessem fazer os pães. Além disso, incentivou as famílias das crianças e dos jovens a participarem fazendo os pães em suas casas.

Na tarde do dia 15 de abril de 2022, no núcleo, a equipe começa a chamar as crianças e reuni-las na mesa azul, que já estava higienizada. As pessoas foram orientando as crianças a se sentarem e a Conselheira Yara, como de costume, dá início a atividade do dia conversando com as crianças de maneira mais informal. Assim, nesse diálogo, ela questiona quem sabe fazer a Oração do Pai Nosso e começa citando frase por frase, perguntando o significado para as crianças – Mike (aqui com 10 anos), Ana Clara (7 anos) e Renato (9 anos) interagem. Trabalha-se a oração, dando destaque ao trecho “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”, lembrando que nem todas as pessoas conseguem ter esse alimento considerado tão básico e que é possível auxiliar aquelas que não tem, através de doações. Explicam então que eles fariam pães que seriam distribuídos para pessoas necessitadas e que também seriam degustados por eles. Nesse contexto, foi conversado também a respeito da virtude da bondade, da partilha e da generosidade.

Recordo-me de Tiriba (2010) ao falar da felicidade. A autora afirma que a felicidade “pode estar nas rodas de conversa, na contação de histórias”, mas também “em práticas que afirmam a criatividade e o fazer junto, em atividades que estão voltadas para o cuidado das pessoas, das sociedades e da natureza. Por isso, alegram os corações, alimentam sonhos, desencadeiam utopias” (Tiriba, 2010, p. 14-15).

Em um segundo momento, são colocadas toucas no cabelo das crianças, suas mãos são

¹⁶⁵ A beneficência é uma prática comum e bem ligada a centros espíritas em geral, associadas a ideias de fraternidade e altruísmo.

higienizadas e os ingredientes levados para a mesa azul. É interessante refletir sobre as relações intergeracionais que se estabelecem durante essas programações. Adultos e crianças de diferentes idades juntam-se para executar as brincadeiras/atividades propostas e raras são as vezes em que alguma criança decide não participar. Na fotografia a seguir é possível ver adultos e crianças se preparando para começar a manusear a massa de pão, incluindo a presença de crianças menores.

Figura 36. Crianças fazendo pão com a OE



Fonte¹⁶⁶: Registro fornecido por Janaína Gomes, 2022.

Com a orientação da equipe, as crianças literalmente colocaram as mãozinhas na massa, os pães foram preparados, levados para a cozinha para serem assados e, parte deles foram usados no lanche, então as crianças puderam comer os pães que elas mesmas prepararam. Elas gostaram muito da experiência. No dia seguinte, Domingo de Páscoa, um grupo de voluntários da irmandade foi fazer a distribuição dos pães.

V. Dia das Mães

Fechando esse ciclo de acompanhamento das atividades da OE passo a atividade ocorrida em maio, o mês das mães (todo ano é feita uma Sessão do Vegetal dedicada a elas, dirigida por uma mulher). A equipe da Orientação Espiritual organizou uma programação para as crianças no dia 07 de maio de 2022 e que, continuando com a proposta de trabalhar as

¹⁶⁶ Equipe e crianças se preparam para fazer pão. Fotografia compartilhada em grupo de rede social da equipe da OE.

características e virtudes do Mestre Gabriel, foi associada à virtude do amor. Neste dia, como de costume, a atividade aconteceu à tarde com a equipe chamando as crianças, convidando-as a se sentarem em torno da mesa azul e elas aos poucos foram chegando e se acomodando.

A atividade anterior tinha trabalhado a virtude da bondade e, ao dar início à programação, a Responsável Nuclear, Conselheira Sandra, iniciou fazendo uma ligação com o que havia sido trabalhado anteriormente, mencionando a bondade como um ato de amor e perguntando as crianças o que era o amor, ao tempo em que elas iam respondendo: “Jesus”, “Deus”, “família”, “mãe”. Depois disso, a Responsável Nuclear disse que naquele momento elas iriam “reconhecer o amor” e a equipe, ao explicar o que aconteceria, começou vendando os olhos da primeira criança que se voluntariou. Cadeiras foram colocadas umas ao lado das outras, onde as mães se sentaram e cada criança, de olhos vendados, foi passando por cada mulher, tocando nas mãos, braços e cabelos para tentar reconhecer sua mãe.

Figura 37. Brincadeira de vender os olhos



Fonte¹⁶⁷: Registro fornecido por Jéssica H. Rique, 2022.

Todas as crianças identificaram suas mães, com exceção de um menino de 5 anos, que na segunda oportunidade identificou. Quando concluiu e todas as crianças já haviam participado, elas explicaram – a pedido da equipe – as características que as levaram a

¹⁶⁷ Criança tentando identificar sua mãe através do toque.

reconhecer sua mãe.

A seguir teve um segundo momento, quando foram retiradas as mesas e cadeiras do refeitório e distribuídas no chão do espaço pequenas flâmulas de tecido em algodão cru – entregues uma a cada criança –, pincéis e tintas coloridas, para que elas pintassem livremente algo para homenagear suas mães – a equipe não estipulou nenhum limite de tempo para a atividade. Os meninos e meninas se entusiasmaram, começando imediatamente a pegar seu pincel e a pensar/planejar no/o que fariam. Normalmente, em programações semelhantes a essa, se a criança não se interessa pelo convite, a vontade dela é respeitada, não antes de uma tentativa de atrain-la a se juntar as demais, mas sem muita insistência. Nesse caso, todas as crianças escolheram pintar.

Descrevendo o processo de criação, penso no que expressaram Sousa e Pires (2021) sobre este assunto, articulando os ganhos metodológicos de apresentar e refletir sobre as circunstâncias, o material, o nível de interesse das crianças, se o desenho foi individual ou não, se as crianças puderam escolher se queriam participar ou não, se havia tempo determinado, se o material era limitado, se escolheram as próprias cores, entre outras coisas.

Figura 38. Homenagem às mães



Fonte: Autora, 2022.

A finalidade da equipe da OE era que as crianças expressassem seu sentimento através da arte – uma das pessoas da equipe verbalizou isso no dia. Depois de concluída a pintura, elas foram organizadas e expostas no mural para que a irmandade pudesse ver e depois foram entregues para que as crianças pudessem presentear suas mães.

Figura 39. Mural com as pinturas



Fonte¹⁶⁸: Autora, 2022.

Na sessão do Dia das Mães dez crianças estiveram presentes, dentre elas oito colaboradores desta pesquisa: Rafael, Davi, Ana Clara, Gabriel, Sofia, Mike, Júlia e Eric. Neste dia, Rafael fez uma pergunta na sessão: “Por que entre todas as mulheres, Maria foi a escolhida pra ser a mãe de Jesus?”

Os exemplos de programações promovidas pela equipe da OE apresentados nesta subseção ilustram a variedade e frequência dessas atividades, além da receptividade das crianças quanto a elas. Para ponderar essa informação, apresento os dados coletados nas entrevistas, em que questiono se a criança gosta deste tipo de programação. Todas as crianças dão respostas afirmativas, com exceção de Mike (9 anos) que declara que gosta apenas “Quando tem a ver com desenhar”. A tabela a seguir apresenta um resumo das respostas das crianças a essa pergunta.

¹⁶⁸ Pinturas das crianças em homenagem às mães expostas no mural.

Quadro 6. Crianças e a OE

Nome	Gosta das atividades que a OE faz?
Akira	“Sim, sim, sim, sim [...] Principalmente quando é pular corda”
Ana Clara	Sinaliza que sim com a cabeça
Davi	“Sim”
Eric	“Eu gosto”
Flantechai	“Sim, gosto muito”
Gabriel	“Humrum”
Júlia	“Sim”
Maria	“Sim”
Mike	“Quando tem a ver com desenhar”
Princesa	“Sim, adoro!”
Rafael	“Eu gosto [...] mas [...] prefiro brincar livre com meus amigos”
Renato	“Se for uma atividade mais como perguntas ou como fazer alguma coisa de massinha aí eu gosto mais”
Sofia	Sinaliza que sim com a cabeça

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

As respostas das crianças à pergunta mostram a aprovação das atividades, e algumas condições e preferências são expostas.

4.3 Criança e natureza

Na contemporaneidade, 80% dos brasileiros moram em áreas urbanas (IBGE, 2010) e pode-se afirmar que a natureza está a cada dia mais distante dessas pessoas, já que vem perdendo espaço para a urbanização, o que evoca a uma vigilância acerca dos potenciais prejuízos de tais tendências. As crianças passam parte relevante do seu dia interagindo com tablets, celulares, redes sociais, fotos e jogos, emparedados, até mesmo aquelas que não moram em centros urbanos. Ainda não se tem condições precisas de avaliar os danos desse denso entretenimento com telas no desenvolvimento humano, mas sabe-se que o desenvolvimento infantil é afetado pelos sistemas socioecológicos nos quais se desenrola (Tiriba; Profice, 2019).

Não podemos generalizar, nem todas as pessoas dos contextos urbanos estão totalmente isoladas da natureza, mas é fato que este fenômeno é crescente e merece atenção. Fatores como a ausência de adultos disponíveis para o cuidado com as crianças e a violência, estimulam o uso de dispositivos eletrônicos e restringem o movimento ao ar livre (Tiriba; Profice, 2019).

Louv (2016) é o jornalista e escritor americano que cunhou o termo “transtorno de déficit de natureza”, que corresponde ao distanciamento atual entre o ser humano e a natureza

e os problemas físicos e mentais que podem se acarretar como consequência. O autor expõe estudos e argumentos médicos que evidenciam a necessidade humana de contato com o mundo natural, dando foco às crianças, mas demonstrando que atinge toda a sociedade.

O transtorno do déficit de natureza descreve os custos da alienação em relação à natureza incluindo a diminuição no uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais. O transtorno pode ser detectado individualmente, em famílias e em comunidades – pode até alterar o comportamento humano nas cidades, o que acaba afetando sua estrutura, uma vez que estudos consagrados relacionam a ausência de parques e espaços abertos (ou a inacessibilidade a eles) a altos índices de criminalidade, depressão e outras mazelas urbanas (Louv, 2016, p. 58).

A forma como as crianças vivenciam e entendem o mundo natural mudou drasticamente e há uma “[...] quantidade cada vez maior de pesquisas que revelam a necessidade de contato com a natureza para o desenvolvimento saudável da criança – e do adulto” (Louv, 2016, p. 24). Estar no mundo natural inspira a criatividade, demandando a percepção e a ampliação no uso dos sentidos, auxiliando numa vida mais saudável. Há estudos sugerindo que a exposição dos mais jovens ao meio ambiente pode ser uma poderosa terapia, reduzindo os sintomas do TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) e outras doenças, melhorando habilidades cognitivas e a resistência à depressão e ao estresse (Louv, 2016).

A sociedade – famílias, escolas, mídia – tem ensinado meninos/as e jovens a evitar experiências na natureza, amedrontando-os. Na atualidade é bem comum só sair de casa o necessário e não conhecer os vizinhos – especialmente se a residência for um edifício – ou ainda, que as crianças não tenham consciência em relação à origem dos alimentos – já que nos habituamos a alimentos embalados em plástico. A nossa cultura transmite uma noção a respeito das dádivas da natureza, mas na prática, as ações e crenças passam outra mensagem e os/as meninos/as entendem muito bem (Louv, 2016).

É uma prática comum, por exemplo, que a regulamentação privada em conjuntos residenciais – mesmo em edifícios – desencorajem ou mesmo proíbam brincadeiras ao ar livre. Louv (2016) descreve uma criminalização do brincar na natureza, além de uma restrição desses espaços com a predominância de um paisagismo artificial, jardins minúsculos e pouca área natural para brincar – ele descreve a realidade americana, mas que também corresponde a uma realidade vivida pelos brasileiros. Principalmente em áreas urbanas brincar livremente não é algo bem-vindo.

Estudos têm apontado a redução no tempo de lazer familiares e aumento do tempo na televisão e computador. Acompanham esse crescimento o aumento da obesidade. Um

[...] estudo britânico descobriu que crianças de oito anos eram capazes de identificar mais personagens da animação japonesa *Pokémon* do que espécies nativas da comunidade em que viviam: Pikachu, Metapod e Wigglytuff eram nomes mais familiares para elas do que lontra, besouro e carvalho (2006, p. 55).

O que alguns/algumas autores/as defendem (Tiriba, 2010; Tiriba, Profice 2019) é a proximidade do mundo natural como um direito humano, a Política Nacional de Educação Ambiental, as Diretrizes Nacionais da Educação em Direitos Humanos, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental e a própria Constituição Brasileira comprovam que a criança é um sujeito de direitos, incluindo o acesso à natureza. Defendem ainda o debate acerca de ampliar as interfaces entre aspectos sociais e biológicos, vistos de forma tão isolada.

Este conteúdo – relevância da natureza na perspectiva religiosa infantil – chega de forma inesperada no campo e vai ganhando destaque ao longo do tempo de pesquisa. A natureza e a questão ambiental já apareciam de inúmeras maneiras, na área física, no trabalho da instituição com a Novo Encanto que está presente na rotina religiosa nas campanhas de separação e destinação do lixo e uso de resíduos gerados pela própria irmandade para compostagem – usada para adubo de mariri e chacrona –, estímulo para produção de alimentos orgânicos pelos caseiros do sítio onde o núcleo está localizado e venda dos produtos para a irmandade – auxiliando tanto o caseiro e sua família quanto levantando recursos para o núcleo –, incentivo para a redução de materiais descartáveis, entre outras coisas.

O plantio (como já dito anteriormente, o núcleo planta mariri e chacrona para produção do chá, sendo autossuficiente nessa produção) tem lugar singular nessa temática, junto ao preparo do chá, que é feito de duas plantas que são cultivadas, cuidadas e colhidas e com as quais o vegetal é preparado. É da natureza que vem o sagrado e é a própria natureza, divina.

Rafael, um dos colaboradores da pesquisa, dá sua compreensão a respeito dizendo

Ah, o chá, o chá é assim eu não sei muito bem a sequência do preparo e tal, mas é tipo assim, é um chá retirado da planta chacrona né? E mariri também, que assim, eu não sei muito bem como é que faz essa ligação com Deus, sei que tem a história da Hoasca e tal que ela tá, tipo assim, o espírito dela tá como se fosse interligado as plantas e só (Rafael, 10 anos).

Como Rafael explica, o chá que é ingerido nos rituais é feito a partir da decocção do cipó e das folhas, sendo adicionada apenas água. A História da Hoasca¹⁶⁹, ligada ao princípio da UDV e que é contada algumas vezes ao ano durante as sessões e mencionada pelo menino, narra que “o espírito dela”, de uma mulher chamada Hoasca, está materializado na planta

¹⁶⁹ História contada durante as sessões e que não pode ser contada em contexto que não seja ritual, conforme discutido no capítulo 1 onde foram apontados os caminhos éticos e metodológicos deste estudo.

chacrona que, assim como a própria Hoasca, é considerada divina, por isso ela é misteriosa.

Como fica perceptível nas palavras de Rafael, todo esse universo natural é vivenciado pelas crianças – o contato com o chá, o conhecimento a respeito de como ele é feito –, entretanto, para elas, essa experiência com a natureza tem lugar especial e vai além. Para me debruçar sobre o tema, trago as análises das autoras já mencionadas Tiriba e Profice, em artigos publicados em 2010 e 2019 – o primeiro de Tiriba e o segundo uma parceria das duas – para auxiliar nas reflexões acerca da relevância da natureza na representação religiosa infantil, ou seja, até que ponto o vínculo religião e natureza é feito pelas crianças em sua forma de representar e perceber a religião/ambiente religioso.

As autoras defendem que é visível a atração que as crianças em geral têm pelo mundo natural em ambientes rurais a que possam ter acesso, em praias, praças, onde buscam as árvores, areia, água e terra, isso porque as crianças – todos os seres humanos, na verdade – são a própria natureza. Ao percebermos a natureza, não é possível descrevê-la nos desvinculando porque somos parte, estamos imersos nela, nos desenvolvemos em simbiose com ela, somos interdependentes, não havendo, assim, separação entre cultura e natureza, esta é fundamento da cultura (Tiriba, Profice, 2019).

A religião é parte importante do sistema cultural e a cultura, como defendem as autoras, integra a natureza como um todo. Ao longo de todo o texto – especialmente deste capítulo – é possível acompanhar que parte considerável do tempo das crianças que frequentam o CEBUDV é passado ao ar livre, sejam em atividades direcionadas pela OE ou não, por isso a relação religião e natureza foi ganhando significância. Para além da relação com a religiosidade, em termos mais amplos Tiriba e Profice (2019) defendem que “as vivências das crianças na natureza fortalecem seu vínculo com o mundo natural” (2019, p. 9), auxiliando no desenvolvimento biopsicossocial e ainda “aumenta a potência de afeição e de ação das crianças” (2019, p. 10), despertando a necessidade de proteção do sistema ambiental que integram e aumentando a capacidade de agir em defesa dele.

Como sabemos, as problematizações sobre as questões ambientais vêm ganhando relevância na política mundial – o Brasil vem sendo prova disso, pelo destaque que o tema tem ganhado nos debates públicos e internacionais. A cada dia a sociedade se dá conta que o modo de vida que nós, humanos, experienciamos, faz com que percebamos-nos como seres apartados da natureza. Esta vivência está alinhada com a lógica capitalista, urbana e industrial, que percebe o meio ambiente como matéria-prima para a produção, no intuito de alimentar o faminto e insaciável mercado, incessantemente em expansão. Deixar de perceber a natureza

como mero insumo não é uma maneira de salvaguardar o meio, mas a saúde do planeta e da própria humanidade, dele totalmente dependente, como ensinam as sociedades indígenas e vem sendo dito por seus representantes.

Tiriba e Profice (2019) alegam que as crianças que vivem nesse contexto – percebendo-se como separadas da natureza – produzem “subjetividades que não se identificam como parte do universo natural e que, portanto, tendem a não se interessar por sua proteção” (2019, p. 18). Assim, defender o direito do livre acesso ao mundo natural para as crianças, além de ser pertinente em função de seu pleno desenvolvimento biopsicossocial, vai além “porque a saúde do planeta depende da manutenção dessa conexão” (2019, p. 11).

Ainda que este amplo debate esteja ausente do campo – ele existe, mas não com tantas reentrâncias teóricas –, as ações e crenças observadas estão em alinhamento com essa visão. A natureza é valorizada – como disse anteriormente é considerada divina – e o contato com ela proporciona saúde, bem-estar e conexão com o sagrado, isso é observado nas práticas cotidianas, nos rituais e nas ideias propagadas pela instituição religiosa, como a existência da Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico – mencionada no Capítulo 1 –, pode demonstrar. A Novo Encanto, como é conhecida, trabalha com temas socioambientais e tem compromisso com a conservação da natureza no Brasil, busca realizar suas ações em parceria com outros “departamentos” da União – as parcerias são estimuladas, valoriza-se o trabalho coletivo – e vem executando algumas programações junto a OE, a exemplo da atividade que aconteceu no dia 22 de julho de 2021.

Na verdade, a parceria desta atividade foi tripla: OE, DMC e Novo Encanto. Adultos que fazem parte dos três departamentos convidaram as crianças presentes na data para irem até a área de floresta, conversar a respeito das plantas sagradas, da Natureza, e foi contada a “História do Arco na UDV”, aquele arco representado na arte com massinha por Princesa na seção 3.2. O motivo da programação foi a comemoração dos 60 anos da UDV.

De início, as crianças foram convidadas a conhecer mais as plantas sagradas com as quais o vegetal é preparado, todos se dirigiram para a área do plantio (que fica na descida da rampa do pátio central, depois do parquinho e passando do estacionamento, mas não muito distante dali), para que as crianças pudessem ver as plantas e tocar nelas. Chegando lá, foram primeiro ver o cipó e o Conselheiro Diego – DMC – mostrou o mariri e, logo ali ao lado, havia algumas mudas de chacrona e foi para lá que se dirigiram em seguida, com o Conselheiro Diego explicando que aquelas eram as duas plantas com as quais o vegetal era preparado. Mike (9 anos) menciona nesse momento “já ouvi essa chamada” pois lembrou que é feita uma chamada

na sessão com as palavras mariri e chacrona. Posteriormente foram até um pé de chacrona maior onde eles mais uma vez tocaram as folhas e onde lhes foram dados mais detalhes do processo, com a Conselheira Juliana – da equipe da OE – descrevendo como o chá é feito: o mariri é batido, a chacrona é lavada e os dois são colocados na água para ferver, cozinhar.

Figura 40. Crianças na área de plantio



Fonte¹⁷⁰: Autora, 2021.

A partir de então, os adultos chamaram as crianças para conversarem mais um pouco. Eles todos se direcionaram até uma área gramada próxima ao parquinho e se sentaram em círculo.

Dando continuidade à programação, logo na sequência foi feita uma outra atividade. Conselheiro Diego contou a História do Arco, as crianças se interessaram, fizeram perguntas e, logo após, elas foram convidadas a construir um arco feito com elementos encontrados ali nos arredores – galhos, folhas, flores e qualquer outra coisa que estivesse ali e pudesse ser usada – e elas se animaram com a proposta, começando imediatamente a coletar o que achavam que poderia ser usado. Sem demora, com o auxílio de Lucas Peregrino, da equipe da Novo Encanto, começaram a fazer o arco, mas decidiram subir para o pátio central, levando os materiais

¹⁷⁰ Crianças vendo e tocando na chacrona.

coletados para finalizar o arco lá.

Figura 41. Crianças fazem o arco



Fonte¹⁷¹: Registro fornecido por Sandra Diniz (42), 2021.

Quando finalizado, as crianças fizeram muitas fotos junto ao arco, que ficou exposto no núcleo; logo após foi servido um lanche festivo para as crianças com bolo e parabéns. A mãe de Sofia (aqui com 5 anos), que faz parte da equipe da OE, relatou no grupo de rede social da irmandade que neste mesmo dia, pela primeira vez, a menina pediu para beber o vegetal – Sofia também é uma criança que “bebe vegetal desde a barriga” e já havia bebido vegetal antes, mas sempre a convite dos pais. A mãe dela expôs no grupo que percebeu que a atividade tocou as crianças. A responsável nuclear – Conselheira Sandra – acrescenta, também por mensagem, que quase todas as crianças que estavam presentes na atividade pediram para beber o vegetal nessa sessão do dia 22 de julho, dia em que se celebra o aniversário da União do Vegetal.

Como a situação ilustra, a instituição religiosa estimula, através de diferentes vertentes, a conexão com a natureza por esta ser sagrada, o que se reflete nas práticas com as crianças. É

¹⁷¹ Crianças e adultos montando a réplica do arco do salão. Fotografia compartilhada na rede social da OE.

possível notar também o vínculo entre natureza e cultura, a natureza como parte da cultura – aqui destacado pelo viés religioso –, o que cria um elo não apenas pelo que Tiriba e Profice (2019) e Louv (2016) defendem (de que a saúde das crianças, seu desenvolvimento pleno depende dessa conexão com o universo natural) mas pela própria relevância que a natureza tem para a UDV. Posso até dizer dependência, já que o ponto central é o vegetal – sobre o qual se constrói a comunidade religiosa – que necessita de plantas sagradas para ser feito. A União do Vegetal depende da natureza, assim como a própria humanidade, isso porque não se trata de partes separadas, trata-se de uma unidade, como também argumentam Tiriba e Profice (2019) ao declararem o quão expressiva é a necessidade de ligação com o meio ambiente em função dessa unidade existente.

Ganha destaque a observação de Louv (2016) nesse contexto ao citar as “[...] maneiras como organizações religiosas podem ajudar a recuperar a natureza como parte do desenvolvimento espiritual das crianças” (p. 25). O que foi possível verificar através dos dados coletados é que a União do Vegetal tem como princípio o cuidado e o zelo pelo meio ambiente justamente como parte do desenvolvimento espiritual, já que são as plantas que proporcionam, através da burracheira, o desenvolvimento da espiritualidade de crianças e adultos. Essa religião foi criada na Amazônia e percebe a natureza como algo superior e do qual é física e espiritualmente dependente. A preservação é do meio natural e do próprio ser humano que dele é dependente.

Este entendimento do CEBUDV é compartilhado por todos os membros da comunidade religiosa, posso dizer que é um princípio religioso. É inequívoco que existem problemas e nem tudo acontece de forma tão harmoniosa nesses cuidados de preservação. Um exemplo é a dificuldade enfrentada pelos adeptos, no início de 2023, de replantar a prática de copos reutilizáveis no núcleo, para reduzir o uso de descartáveis, muito utilizados durante a pandemia. A irmandade do núcleo conta, no momento, com aproximadamente 102 sócios e, com essa quantidade, o consumo de descartáveis é considerável. É um trabalho feito aos poucos e com paciência, mas existe um olhar atento e preocupado da comunidade religiosa para isso – principalmente da direção e da Novo Encanto –, que persiste nessa busca de preservar o meio ambiente e incentivar as crianças a fazer o mesmo.

Pelas observações do campo, é perceptível a alegria demonstrada pelos meninos e meninas quando estão ao ar livre. Isso foi, inclusive, uma das principais dificuldades no campo porque as crianças não paravam de brincar e correr e não foi fácil acompanhá-las. O lugar, é favorável aos encontros, ao contato, às possibilidades de brincar e sair do isolamento de suas

casas. Estar no núcleo, para elas, é uma oportunidade de diversão, trocas, encontros e socialização.

Figura 42. Plantando



Fonte¹⁷²: Registro fornecido por Diana Lima (24), 2021.

Trago algumas palavras das crianças para ilustrar o que vem sendo apresentado. Pergunto a Akira (10 anos) por que ela disse que *gosta de ir para a União*, ela responde “[...] o tanto de espaço que tem pra correr [...] as crianças”. Flantechai (8 anos), ao dissertar sobre a mesma temática explana “[...] acho que alguma vez a gente já fez piquenique [...] foi muito legal. Ah e acampamento, que a gente faz, é muito, muito, muito legal”.

Maria (4 anos) também vinculou a União à natureza quando conversamos. Estávamos dialogando e ela articulava sobre se *a UDV era um lugar que ela achava diferente*, mas antes disso, a menina me contava onde gostava de ir e citava a sorveteria, então, ao argumentar sobre minha indagação – se a União era diferente –, ela responde comparando com a sorveteria: “É diferente porque não tem o salão [...] não tem muita flor”. Ao que parece, Maria acha a sorveteria diferente, não a UDV.

Ao fazer a mesma indagação a Mike (9 anos), ele foi minucioso na explicação.

¹⁷² Mexendo na terra, auxiliando a plantar.

Primeiro por... primeiro: porque, porque nos lugares, porque nos lugares que eu vou não tem, não tem toda aquela floresta. Nos lugares que eu vou não tem uma casa na floresta, que é aquela ali, nos lugares que eu vou não tem, em cima, mais ou menos em cima da floresta não tem uma estrutura de pedra, uma coisa, não tem um montanha com uma estrutura com um pedaço de chão de pedra e também é diferente porque normalmente nos lugares que eu vou eu não durmo lá e também, nos lugares que eu vou, nos lugares que eu vou é uma coisa única da União, não tem sessão, é uma coisa única (Mike, 9 anos).

Ainda em resposta a esta mesma indagação, Sofia (6 anos) revela “Porque lá é um lugar muito solto e tem, é grande” e Eric (6 anos) replica “Sim, porque é na floresta”, entretanto, Eric também cita termos que lhe desagradam neste sentido. Quando questiono se *há algo no núcleo que ele não goste*, ele declara “Da grama” e eu pergunto o porquê, ele alega que é “Porque pode ter espinhos, já pisei num galho, aí então furou meu pé. Teve uma espinha, é verdade, e quando minha mãe passou água doeu muito”.

Mais duas crianças partilham aspectos negativos e positivos deste cenário. Começo com Júlia (7 anos) que ao me dizer se *há algo no núcleo de que ela não goste*, ela confessa “Só besouro” e ao me falar de porque acha que a União é diferente, anuncia “Porque não tem muita planta, tem muito parquinho, isso é uma diferença, não tem bicho, não tem meus pintinhos, que coisa fofinha”. Assim como aconteceu com Maria (4 anos), conversávamos sobre outra coisa antes desse questionamento, então para me falar das diferenças, Júlia descreve os outros lugares que ela frequenta, são esses locais que não tem muita planta, que tem muito parquinho – no núcleo só há um parquinho – não tem bicho e ela lembra dos pintinhos que ganhou e que levou para o núcleo para que os caseiros pudessem cuidar deles, já que ela mora em apartamento e não tinha condições de mantê-los em sua casa.

Gabriel (8 anos) é outra criança que mostra, digamos, os dois lados da moeda. Ao interpelá-lo sobre *algo de que não gostasse na UDV*, ele fala “Não gosto de mosquito” e ao indagar sobre *o que ele gostava*, ele cita que o local tem “Bastante árvores” e que “Tem uma paisagem bem bonita, da natureza. Tem muita natureza” complementa dizendo “[...] eu gosto de subir nas árvores”. Ao interrogar a respeito do que é a União, Rafael (10 anos) relata que “[...] Também na natureza assim, é bem legal que a gente pode brincar ao ar livre, também eu tenho meus amigos lá também, que a gente faz brincadeiras na natureza, por exemplo, subir em árvore”.

As crianças que frequentam a União do Vegetal são meninos e meninas de áreas urbanas. Meninos e meninas de classe média que vivem em cidades normalmente têm espaços restritos para socialização – geralmente limitado à casa, escola e convívio familiar – e reduzido contato com ar livre, estão acostumadas a ambientes fechados e controlados. As observações

apontam que as crianças desta pesquisa se enquadram neste perfil, tanto é assim que algumas delas sentem o incômodo com os besouros, mosquitos e “espinhos na grama” que furam o pé. Este não parece ser o tipo de local predominante em suas rotinas diárias.

Todavia elas têm a oportunidade de, ao menos em dois finais de semana por mês, estarem em um sítio onde, apesar dessas “pequenas agruras”, podem ir a uma área muito “solta” – usando a expressão de Sofia –, grande, onde tem espaço para correr, brincar ao ar livre, fazer piqueniques, acampamentos, onde podem ver muitas flores, plantas, bastante árvores, paisagem bonita, bichos, casa na floresta e “montanha”. Como os pontos positivos superaram os negativos, parece-me que elas acham que vale a pena continuar indo a este lugar, vendo os pontos desagradáveis serem superados pelas amizades e a diversão ao ar livre que usufruem por lá.

Como a natureza foi ganhando significância na pesquisa – na União a ligação sempre existiu, desde o princípio – achei importante saber a compreensão que os pequenos hoasqueiros têm da natureza. No dia 1º de julho de 2023, durante um preparo, perguntei aos meninos e meninas que estavam lá – e que quiseram me responder porque uma das crianças não quis – o que era a natureza para eles/elas. Chamei Princesa (aqui com 10 anos) e perguntei se ela gostaria de me responder duas perguntas, ela concordou na hora e nos sentamos em um banco de madeira no pátio central. Quando nos sentamos, ela questionou se eu já tinha conversado com as outras crianças e eu respondi que ela era a primeira. Perguntei então *o que você acha que é a natureza?* Ao passo em que ela me explica: “A natureza é a floresta, as árvores, as plantas, é isso, pra mim é isso”.

Depois que me respondeu (o segundo questionamento foi em relação à espiritualidade e apresentarei os resultados na próxima seção), Princesa já foi em direção às outras crianças, avisando que eu estava querendo conversar com elas e indagando quem queria colaborar. Ela me avisou que todas as crianças queriam e fui, toda animada, pegar cadeiras para colocar na sombra para que pudesse ouvi-las em um ambiente tranquilo e mais confortável. A colaboradora que agora considero como principal, Princesa, facilitou muito esse momento. Ela foi organizando uma fila – não literal – na ordem das crianças que tinha contactado e chamava, de uma a uma, para que se sentasse na cadeira ao lado da minha, onde apenas ia conversando com cada criança que se sentava. Ela foi muito competente no compromisso que assumiu por conta própria e fiquei muito grata por esse grande auxílio. Assim, depois de ter conversado comigo, ela chamou Sofia (aqui com 7 anos), que me expressou que para ela “É uma natureza que a gente respira e é bonita. E é verde e florida”.

A próxima a ter solicitada a sua presença por Princesa foi Maria (aqui com 5 anos) que estava mais tímida no dia e não pronunciou muitas palavras. A seguir veio Ana Clara (aqui com 8 anos) que anunciou “Natureza pra mim é vida” e, na sequência, chegou Gabriel (aqui com 9 anos), mas não consegui registrar suas palavras por problemas técnicos na gravação. Então veio Eric (aqui com 8 anos) e expressou que a natureza para ele é “Vida”, seguindo a mesma linha de pensamento de Ana Clara. Princesa chama Mike (aqui com 11 anos) que expõe que a natureza é “[...] uma perfeição que Deus criou” e, logo após, encerrado a “brincadeira”, Davi (aqui com 9 anos) é chamado e me diz que natureza é “Amor, alegria, felicidade”.

Na busca de uma organização no entendimento do que os meninos e meninas entendem por natureza, percebe-se que entre as oito crianças que participaram, não foi possível obter a resposta de duas – por diferentes razões. Entre as outras seis, duas citaram aspectos mais diretamente associados à natureza como florestas, árvores, plantas, verde e flores. Duas associaram a natureza à vida, trazendo uma reflexão um pouco mais complexa e que pode se ampliar muito, mas que em um primeiro momento pode levar ao entendimento de que, pensando na vida humana, sobrevivemos graças à água, ao alimento e ao ar puro por ela proporcionados. Assim, é a natureza que nos mantém vivos, a vida vem dela. Uma criança ligou a natureza à espiritualidade, dizendo que é uma perfeição criada por Deus e uma criança apontou para o bem-estar já citado ao longo dos parágrafos anteriores, do contato com a natureza proporcionando saúde, felicidade e alegria.

Nossas famílias e instituições precisam ouvir com cuidado o anseio dos jovens pelo que só pode ser encontrado na natureza. O psicólogo Eduard Hoffman acreditava que as crianças com menos de catorze anos não têm capacidade nem habilidades linguísticas para descrever suas experiências espirituais precoces na natureza. Mas minha experiência me ensinou que as crianças e os jovens têm muito a dizer sobre natureza e espírito, se nos dermos ao trabalho de ouvir (Louv, 2016, p. 314).

Em sintonia com as reflexões de Louv (2016), através da escuta e observação dos/as pequenos/as hoasqueiros/as, fecho esse tópico comentando que ao longo de todo o trabalho há 12 desenhos¹⁷³/pinturas/artes com massinha de modelar. Entre eles, nove, contém elementos da natureza, dando ênfase aos que estão presentes no símbolo da União, como o sol e a estrela. O símbolo da União está em sete dos nove desenhos/modelagens. Pode-se assim apreender que a natureza aparece enquanto representação dos símbolos ligados à religiosidade.

¹⁷³ Desenhos com lápis de cor em papel e no chão com giz.

4.4 Hoasqueiros/as aprendizes?

As crianças se consideram hoasqueiras? A esta altura, já posso afirmar que elas podem nem saber o que a palavra hoasqueiro significa, mas a ligação com o chá, com o lugar e com a natureza existem, elas participam plenamente da União do Vegetal.

Essa resposta vem através da leitura dos desenhos, das conversas e observação de suas ações. O ponto mais forte, mais marcante até aqui é a brincadeira, o contato com a natureza, a liberdade – de usufruir desse espaço e de tomar decisões – e a participação, incluindo o aprender fazendo e se divertindo.

Em relação ao olhar externo, dos motivos pelos quais as crianças são importantes para a comunidade religiosa, já foram deixadas algumas pistas. Na introdução foi citado pelos adultos o silêncio e a ausência da alegria que tomou conta do núcleo durante o período em que as crianças não puderam frequentar a União, em função da sindemia. Outro elemento que vale registrar, são as expectativas criadas pelos sócios e dirigentes da instituição de preparar as crianças para dar continuidade ao Centro em um momento futuro, mesmo que estes repitam que o mais significativo é auxiliar as crianças a serem boas pessoas, independente da religião que decidirem seguir – deixa-se evidente que a escolha é de cada um –, fica explícito o desejo, principalmente das famílias, que seus filhos decidam continuar fazendo parte da irmandade. Neste sentido, Carneiro problematiza essa forma de ver as crianças assumindo funções futuras. A autora afirma que nessa compreensão está embutida “uma temporalidade específica na atribuição de funções por crianças, como se elas não fossem capazes de exercer e responder, no presente, por várias atividades” (2018, p. 111).

Ainda que equívoca – pelo olhar de Carneiro, com o qual concordo – seja essa percepção de continuidade¹⁷⁴ por parte da irmandade e da família, aproveito o gancho para trazer essa peça valiosa que pode responder ao questionamento: as crianças são importantes para a comunidade religiosa? Dentro do que chamo aqui de cultura caianinha (que corresponde ao modo de vida, hábitos e costumes religiosos dos/as adeptos/as da UDV), já falei do papel central do chá e da natureza – conceitos interligados – e também da família, embora ainda não diretamente. Comentei, por exemplo, a respeito do termo União e dos significados que ele agrega: União do mariri e da chacrona para a produção do chá e União entre as pessoas, trazendo esse caráter agregador destacado, inclusive, pelas crianças. Esse elemento é central na comunidade, sendo o seu principal representante a família. E, dentro da cultura caianinha, a

¹⁷⁴ Essa percepção não é generalizada, mas aparece em alguns discursos.

família se constitui legitimamente quando uma criança nasce. Há, nesse fato, uma crença supervalorizada, tanto que percebi uma certa mudança de status, um tratamento diferenciado em relação aos casais que anunciam uma gravidez.

Outras observações reforçam esse argumento. Um homem só se torna mestre se for casado e se um homem ou mulher for casado/a e tiver filho/s, isso é ponto favorável – entre outras coisas – a ser convocado para a direção e subir na hierarquia religiosa. Sendo assim, a criança, ser indispensável para a construção do núcleo familiar, é de grande relevância para a religião e ocupa um papel primordial dentro do processo, lembrando que a UDV nasceu no seio da família do Mestre Gabriel e ele – sua vida, suas ações, seus ensinamentos –, enquanto guia espiritual, é o modelo a ser seguido. Assim sendo, se não existir criança, não existe família e sem família a União perde a sua base.

Entendendo melhor porque a criança está incorporada na religião, sigo para um dos principais objetivos desta pesquisa que é analisar a religiosidade infantil através da percepção das próprias crianças. Começo com as respostas à pergunta: *você tem religião?* Mas antes de trazer os dados, preciso informar que esta não foi uma pergunta feita a todas as crianças, foi uma indagação acrescentada tardiamente ao roteiro, depois que algumas entrevistas já haviam sido feitas. Então este será apenas considerado um dado complementar na discussão. Explicitado esse ponto, vamos aos dados fornecidos por elas: apenas duas entre as sete crianças questionadas (a pergunta começou a ser feita depois de praticamente metade da quantidade total de crianças já terem sido entrevistadas) responderam “Eu sou espírita” (Gabriel, 8 anos) e “Sim [...] A União” (Renato, 9 anos). As demais respostas variaram entre “Nem sei o que é religião” (Ana Clara, 7 anos), “Acho que sim” (Davi, 8 anos), “Não sei”/“Eu não sei” – respostas dadas por Júlia (7 anos), Maria (4 anos) e Sofia (6 anos).

Os/as colaboradores/as não pareciam se interessar pela temática religião, então pareceu um bom caminho perguntar “*O que é a União para você?*”. Início com três crianças que explicaram seus pensamentos de forma mais ligada à espiritualidade: Júlia, Rafael e Renato. Para Júlia, a União é “Uma coisa que a gente bebe o vegetal pra a gente sentir Mestre Gabriel também. Pra se conectar com ele”. Para Rafael (10 anos) é “[...] onde a gente pode aprender bastante sobre a espiritualidade [...]”. E para Renato, “É um lugar pra purificar as pessoas e se conectar com Deus”, nesse momento eu questiono “Inclusive as crianças?” ao que ele responde “É [...] E também os outros, jovens e adultos”. Nesta conversa com Renato, ele compartilha algo que é válido citar aqui. Ao me dizer o motivo pelo qual ele acredita que *a União é um lugar diferente*, ele argumenta “Por que cada lugar tem o diferente né? Você vai pra o médico

é pra cuidar da sua saúde, você vai pra União é pra purificar seu espírito e se divertir um pouco, então por isso”.

Tabela 1. O que é a União para você?

Respostas	Quantidade de crianças
Espiritualidade (MG, espiritualidade, Deus)	3
Brincar	3
Aspecto agregador	2
Aspecto agregador/brincar	1
Confraternização	1
Paz e alegria	1
União é importante	1
Não soube responder	1
Total	13

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Com a finalidade de facilitar a ilustração dos dados captados, faço uso do recurso de tabelas. Três das crianças (Júlia, Rafael e Renato) demonstraram o entendimento de que a União é um lugar onde “a gente bebe o vegetal pra a gente sentir Mestre Gabriel”, “onde a gente pode aprender bastante sobre a espiritualidade” e “um lugar pra purificar as pessoas e se conectar com Deus”, apontando elementos relacionando à religiosidade como a conexão com o guia espiritual através da ingestão do chá, o aprendizado para o desenvolvimento espiritual e a conexão com Deus – o que caracterizei na tabela como “espiritualidade”. Além disso, os/as colaboradores/as utilizam exemplos e espaços de sua rotina para se expressarem como a escola e o médico. Outro ponto que vale destacar é a agência demonstrada quando Renato se coloca, de igual para igual em relação a jovens e adultos, em relação ao objetivo em comum que todos buscam ali, de acordo com suas palavras, a purificação e a conexão com Deus. Sousa (2018, p. 181) menciona que “a experiência de crianças e adultos pode ser diferente, mas repousa em conhecimentos que parecem estar à disposição de todos para serem descobertos e experimentados”.

Renato argumenta “você vai pra União é pra purificar seu espírito e se divertir um pouco” e, como visto na seção 4.2, as crianças brincam bastante no núcleo, havendo assim uma associação direta entre UDV e diversão. Respondendo ao questionamento “*o que é a União para você?*” Princesa (8 anos) relata “Pra mim a União é diversão porque eu fico brincando com meus amigos, às vezes a gente toma vegetal, as crianças, a gente brinca muito, Mike, Eric, Akira, é muito legal”. Eric (6 anos) comunica que a União é “[...] um lugar na floresta [...] Que tem uma reunião, que também tem muito espaço pras crianças brincarem e também tem

parquinho”. Ana Clara (7 anos) informa que para ela é “Um lugar que a gente pode aprender, aprender a ser mais educado, ganhar novos amigos e se divertir”. Por fim, Maria (4 anos) expõe que “[...] A União é que, é que eu gosto de brincar, eu gosto [...] de brincar nos quartos, eu gosto de dormir e gosto de fazer brincadeira”.

Vamos aos números, cinco colaboradores/as mencionaram brincar como o que mais gostavam (apenas uma replicou “brincar” como resposta única, as demais acrescentaram mais informações). Das cinco, três apontaram os amigos ou pessoas em geral como coisa favorita – todos acrescentaram outros elementos na resposta –, e duas falaram que gostavam de beber o vegetal e brincar, sendo que uma delas mencionou beber o vegetal e assistir a sessão exclusivamente como resposta – à pergunta objetiva, mas em outros momentos do diálogo falou muito de brincadeiras. Por isso, para facilitar a categorização, atentei para os diálogos que davam maior ênfase ao brincar e, assim, três delas ficaram nesta categoria – as duas outras crianças foram colocadas em outras categorias em função da ênfase dada em suas palavras. Posso afirmar que o vínculo entre UDV e diversão/brincadeira é forte porque é perceptível a associação entre o aspecto religioso mencionado pelas crianças, como diversão/“tomar”¹⁷⁵ vegetal (Princesa), reunião/brincadeira (Eric) e aprender/divertir (Ana Clara).

Duas crianças discorreram a respeito da União destacando a característica agregadora. Flantechai (8 anos) revela que, para ela, é um local “Aonde as pessoas se reúnem” e Mike (9 anos) explana “Acho que é um lugar onde todo mundo se encontra”. Uma associou o aspecto agregador e o brincar e as demais crianças salientam sentimentos e “estados de espírito” aliados a sua compreensão do que é a União do Vegetal, como Gabriel (8 anos) que a representa como “[...] um lugar de confraternização, irmandade, carinho, amor” e Davi (8 anos) que a especifica como “[...] um lugar muito bom, de paz e que toda vez que eu vou eu fico muito alegre, quando eu vou pra lá”. Para finalizar, Sofia (6 anos) apenas diz que “A União é muito importante, que o vegetal é importante, eu acho que quase tudo, eu acho que tudo da União que é importante” e Akira (10 anos) que não responde.

Apresento o quadro a seguir com as informações apresentadas de maneira sintetizada:

Quadro 7. O que é a União para você?

Nome (idade)	O que é a União para você?
Akira (10)	Não soube responder
Ana Clara (7)	Aprender/diversão/novos amigos

¹⁷⁵ O termo êmico predominante é “beber vegetal”.

Davi (8)	Lugar bom, de paz e alegria
Eric (6)	Reunião/brincadeira
Flantechai (8)	Reunião
Gabriel (8)	Confraternização
Júlia (7)	Beber vegetal, conexão com Mestre Gabriel
Maria (4)	Brincar
Mike (9)	Reunião
Princesa (8)	amigos/brincadeira/beber vegetal
Rafael (10)	Aprender espiritualidade/brincar amigos
Renato (9)	Conexão com Deus
Sofia (6)	É importante

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Antes de dar continuidade à apresentação e exame dos dados coletados, destaco as palavras de Gabriel (8 anos), que apontam para o fato de que as crianças aprendem a valorar as virtudes – podendo ser vistas, inclusive, enquanto marcas identitárias (Feijão, 2015) –, tão caras à instituição religiosa, como foi possível constatar ao longo do texto. Ao interpelar se as crianças gostavam de ir para o núcleo, todas disseram que sim.

Seguindo a análise, a indagação que persiste é esmiuçar o nível de participação dos/as colaboradores/as e, em vista disso, saber se gostam de beber o vegetal pareceu ser uma boa opção. 12 dos/as colaboradores/as disseram gostar de beber o chá, as palavras variaram entre “gosto”, “eu gosto muito”, “sim” e “humrum”, não obstante, algumas afirmações vieram com complementos, como Sofia (6 anos) que declara que gosta “Só quando tem uma balinha”, Renato (9 anos) comunica “Depende da sessão”, Princesa diz “[...] Gosto, só não gosto do gosto” e Eric (6 anos) exprime “Só topo se tiver tira-gosto”. Um menino respondeu que não gostava de beber o chá.

Refletindo a respeito da atuação da criança no mundo, Cohn (2014) profere que são inúmeras as possibilidades de infâncias e que essa atuação condiz com o que as crianças fazem e querem fazer. O que 12 das crianças fazem, querem e gostam no mundo de Hoasca é, entre outras coisas, beber vegetal. Esse é um dado significativo que não pode ser ignorado e que remete ao questionamento muito pertinente da autora (Cohn, 2014, p. 240): “estamos realmente prontos para ouvir das crianças o que quer que seja que elas venham nos contar?”

Aludindo ao que algumas crianças acrescentaram ao dizer que gostavam de beber o chá, mas que não gostavam do gosto ou só topam beber se tiver tira-gosto, foi oportuno entender essa relação com o sabor. Ana Clara (7 anos) expressiu “[...] O gosto não é bom, eu fico com um gosto eca na boca [...] Tipo, eu acho ruim, acho enjoativo. Mas o lado bom que é sempre com um docinho depois”. Curiosamente, Flantechai (8 anos) profere “T tecnicamente pra mim o gosto é bom”. Ainda em relação ao paladar, este é o motivo pelo qual uma das crianças redarguiu negativamente ao meu questionamento se ele gostava de beber o chá: “Não [...] O gosto é o pior que eu já vi”.

Como o sabor do chá não é agradável ao paladar, é comum que se use algo para, literalmente, tirar o gosto do chá da boca, o que é chamado de tira-gosto – algumas vezes já citado aqui. É comum que se deixe tira-gosto disponível para quem quiser pegar, normalmente são usadas frutas – laranja, uva, entre outras – mas já vi serem disponibilizadas jujubas em um pote com a mesma finalidade. As pessoas também costumam levar seu próprio tira-gosto, muitas pessoas usam balas ou chicletes. As crianças, pelo visto, preferem os doces e como os pais conhecem suas predileções dão para eles algum docinho, como disse Ana Clara.

Apesar do sabor, como já dito, o vegetal tem papel central para a prática religiosa. Em vista disso, é oportuno saber dos/as colaboradores/as o que é o vegetal para eles/as, mas antes de apresentar os dados devo esclarecer que o número absoluto no universo de colaboradores/as nesse caso foi reduzido (dez) porque durante o diálogo, por distração, pulei a pergunta. Dito isso, para dois dos/as colaboradores, o vegetal é uma conexão com Deus. Renato (9 anos) exprime “É um caminho pra conectar você com Deus” e Rafael oferece uma compreensão um pouco mais minuciosa.

Porque assim, é um chá que você... eu consigo as vezes assim me conectar com Deus mesmo, pensar melhor sobre a vida, aprender mais [...] É uma forma, tipo de, através do chá, que também entra Hoasca na história também, tipo, eu não sei explicar muito bem, as vezes assim quando eu tô bebendo eu me sinto estranho, mas assim, eu sinto como se fosse Deus falando comigo, alguma coisa assim (Rafael, 10 anos).

Rafael entende que durante o efeito do chá ele se sente conectado com Deus e, nesses momentos de conexão é possível aprender, refletir sobre a vida, em um estado diferente do normal, “estranho” (Mestre Gabriel diz, em uma das histórias da Hoasca gravadas na voz dele, que a burracheira é uma “força estranha”), quando é possível ter orientação de seres divinos como Deus e Hoasca.

Duas crianças responderam fazendo alusão ao sabor desagradável do Chá. Ana Clara anuncia “[...] eu acho ruim, acho enjoativo [...]” e Princesa (8 anos) considera “[...] eu gosto de

tomar o vegetal, só que o problema é o gosto, que é azedo [...]”. Uma comentou sobre se sentir bem, Sofia (6 anos) diz “Hum, pra a gente, pra gente ficar calmo, para a gente se sentir bem, pra fazer o bem, só”. Interessante que ela destaque o efeito tranquilizador da substância que, de acordo com os/as sócios, traz uma forte sensação de bem-estar. Maria (4 anos) replicou ao questionamento citando apenas que gosta: “Eu gosto de beber vegetal”. Gabriel (8 anos) alude à conexão e detalha em nossa conversa que para ele o chá é “[...] uma fonte onde todo mundo se conecta na hora de beber, conecta todo mundo com a ligação do vegetal”. Uma criança falou apenas que o vegetal é “Um chá” (Davi, 8 anos), uma respondeu “não sei” e uma disse não saber explicar. Segue a tabela para visualização abreviada das informações.

Tabela 2. O que é o chá?

Respostas	Quantidade de crianças
Conexão com Deus	2
Sabor ruim	2
Sentir bem	1
Eu gosto de beber	1
Conexão com todos os presentes	1
Chá	1
Não sei	1
Não sei explicar	1
Total	10

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

O vegetal é fator primordial da religião não por si só, mas pela burracheira. Desse modo, é crucial captar o conhecimento dos/as colaboradores/as a esse respeito. Início com os três colaboradores que associaram o efeito do chá à miração. Davi (8 anos) comenta “Meu corpo fica mole [...] Sim. Que eu tava subindo o morro, aí eu vi uma casa, aí eu bati assim na casa, na porta da casa, aí quem abriu a porta era o Mestre Gabriel”. O que Davi descreve parece ter sido uma miração. Mike (9 anos) também compartilha o que parece ter sido uma miração – e ele chama de sonho –, dizendo como se sentiu.

Meio calmo depois de tudo [...] é, sonhei que tava voando, depois sonhei que caí. Depois sonhei que caía alguma coisa macia, depois sonhei que tava escalando as cordas da cadeira, depois sonhei, depois sonhei que me enrolei nelas, depois, depois, depois sonhei que isso tudo que isso aconteceu tudo de novo [...] Porque quando aparece uma coisa macia, eu fico calmo, quando eu escalei, eu fiquei... parecia que tinha uma coisa ruim na minha boca eu fiquei tão rápido que parecia que tinha uma coisa ruim na minha boca e depois quando eu me embarcei eu fiquei agoniado que nem, agoniado, eu fiquei, eu fiquei com o gosto ruim na boca. É como se eu ficasse com o gosto ruim na boca (Mike, 9 anos).

Para Mike, a miração relatada foi desconfortável. Quer dizer, começa com ele voando, mas depois ele conta que nos momentos em que ficou agoniado, a sensação oscilava entre a agonia e a calma. As palavras de Mike me fizeram lembrar do texto de Lira e Ferreira (2018) que também escreveram sobre a relação criança e vegetal. Os autores descrevem que, na perspectiva do grupo por eles estudado¹⁷⁶, as crianças não têm peia¹⁷⁷ e não passam por experiências ruins na burracheira, ao contrário do que constatamos na narrativa de Mike.

Os dados da dissertação de Bercê (2007) apresentam teor que harmoniza com o de Lira e Ferreira (2018), mostrando uma distinção dos efeitos da bebida sagrada em relação aos adultos. No Santo Daime, campo de Bercê (2007), as crianças têm liberdade para correr livremente e brincar durante o ritual, o que não acontece na União do Vegetal (as crianças entram e saem quando querem, mas são orientadas pelos pais a não correr e nem fazer barulho). De acordo com Bercê as crianças não sofrem, a miração representa para elas a surpresa, um mundo novo de cores e alegrias. O autor relata que para elas não parece haver espaço para sofrimento, isto é, elas não são atingidas pelas “peias”. A miração lembrada por Princesa (8 anos) – que também partilha um pouco de sua rotina ao beber o chá –, está mais afinada com essa percepção.

É, que aí eu sinto burracheira que eu gosto de sentir burracheira, que eu fico lá quietinha só de boa [...] É depois, depois que eu tomo eu fico com aquele gosto azedo, bebo água, como o doce, depois que isso passa, o gosto, que aí quando é chiclete, eu jogo fora que aí eu, é... que aí eu, que aí eu vou, fico quietinha lá na sessão deitada, que aí depois boto o casaco na minha cara vou e durmo um pouco, é isso que eu faço [...] É, que aí quando a gente toma o vegetal, a gente fica mais quietinho, bom eu fico, as vezes quando eu tomo o vegetal, tipo tô elétrica ali, que aí eu tomo o vegetal, bebo água e como doce, que eu fico ali quietinha, quando a burracheira chega, boto o casaco na minha cara e durmo um pouco. É isso que eu faço [...] Que a burracheira fica, eu as vezes eu... teve uma vez que eu fiquei sonhando, que eu tava caindo de um penhasco quando eu tomei, quando eu fiquei com a burracheira. Meu amigo eu não gostei, o avô de Akira, que é um mestre que tava lá na cadeira, eu tava vendo uma libélula azul lá dançando, ali voando na cadeira, foi muito engraçado. [...] ele virou uma libélula azul e tava voando ali, foi muito engraçado (Princesa, 8 anos).

A menina faz uma rica narrativa desde o momento em que bebe o chá e da sua ritualística particular – bebe água, come um doce – detalhando como costuma ficar e o que tem o hábito de fazer – ficar quietinha deitada, dormir um pouco – até a experiência engraçada que vivenciou em uma burracheira. Neste caso, ao contrário de Mike, a burracheira foi menos desconfortável e mais divertida. Quer dizer, ela também passa por um momento que não gosta – a sensação de cair do penhasco – mas logo depois a miração transmuta para uma situação

¹⁷⁶ Umbandaime.

¹⁷⁷ Termo êmico associado a visões (de coisas e seres estranhos) e sensações desagradáveis (náuseas, por exemplo).

divertida. Princesa também cita pontos presentes nas palavras de outras crianças, como o fato de ficar mais quietinha, remontando ao efeito tranquilizador citado algumas linhas atrás.

Dois colaboradores vincularam a burracheira a efeitos físicos negativos e miração. Rafael (10 anos), opta por explicar as sensações corporais da burracheira.

Eu sinto o meu corpo muito mole, as vezes eu não consigo andar direito, nunca cheguei a... já tive ânsia de vômito mas nunca cheguei a vomitar e também algumas vezes eu senti meu corpo meio assim, tipo assim como se meu corpo tivesse se mexendo sozinho e uma vez eu lembro de já ter visto uma cruz no meu dedo (Rafael, 10 anos).

Rafael, além de relatar o que sente no corpo, parece ter tido uma miração. Renato (9 anos) partilha experiência semelhante, discorrendo sobre a maior burracheira que já teve, as mirações, sentindo dificuldade de explicar o que viu.

Às vezes enjoo, a minha maior burracheira foi no dia de São Cosmo e São Damião, que eu fiquei bastante enjoado, vomitei [...] Eu fechava o olho e via um monte de coisa colorida, eu não entendi muito aquilo mas descrever em palavras acho que não vou conseguir não. Complicado (Renato, 9 anos).

As burracheiras de Rafael e Renato foram associadas a mirações e a sensações desagradáveis como: “ânsia de vômito” e enjoo. Já Sofia (6 anos) vinculou o efeito do chá somente a efeitos físicos negativos. Ela disse que ao beber vegetal sente “só dor de barriga”. As sensações desagradáveis muitas vezes são associadas pelos adeptos à limpeza, seja ela física, emocional ou até mesmo espiritual. Na tabela com a síntese dos dados, juntei as duas categorias: efeitos físicos negativos e miração.

Dois pequenos caianinhos articularam suas explicações a boas emoções. Flantechai (8 anos) descreve a burracheira com algumas palavras, “Amor [...] Amizade [...] Ah e sono”. Os sentimentos descritos pela menina estão relacionados, possivelmente, à sensação de bem-estar já comentada anteriormente e o sono está, provavelmente, ligado à sensação de relaxamento da qual Princesa também remonta. Gabriel (8 anos), em consonância com Flantechai, associa a burracheira a emoções, ele expõe que é “Um sentimento depois que você bebe vegetal”, mas durante a nossa conversa, ele pormenoriza mais o que pensa sobre e acrescenta “Sei lá, é tipo acorda um espírito dentro de mim da União, não sei [...] quando eu comecei a ir pra União, acordou mais em mim e despertou mais o amor, carinho dentro de mim. Teve mais coisas quando eu comecei ir pra União”. Em busca de compreender que coisas mais eram essas às quais Gabriel assinalava, fui novamente reler a transcrição de nossa entrevista e, em outro

instante, ele comunicou “Muito mais carinhoso com a família, amigos, todo mundo. Depois que eu fui pra União, comecei a ir”. Com as palavras de Gabriel fiquei refletindo se as crianças se consideram mais aptas a viver socialmente com os ensinamentos da União.

Uma das crianças relacionou os efeitos do vegetal a observar o céu. Maria (4 anos) narrou assim suas burracheiras: “[...] eu não sinto nada, eu vejo as estrelas e a lua [...] quando eu bebo eu fico vendo, quando eu sinto burracheira [...] Eu sinto saudade dos meus amigos”. A menina diz não sentir nada, apenas vontade de ver as estrelas e a lua e sente saudade dos amigos, a saudade pode ser porque no momento do ritual ela não pode brincar e interagir com os amigos, precisa ficar em silêncio.

Um menino argumentou nunca ter sentido burracheira. Eric (6 anos) revela: “Porque eu nunca senti burracheira”. Entre os dados restantes, uma menina ficou em silêncio, uma disse não saber e uma revelou que não lembrava.

Tabela 3. O que sente quando bebe o chá?

Respostas	Quantidade de crianças
Miração	3
Efeitos físicos negativos/miração	3
Boas emoções	2
Observar o céu	1
Nunca senti	1
Não respondeu	1
Não sei	1
Não lembro	1
Total	13

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Os efeitos do chá para os meninos e meninas revelaram conteúdos de visões que trouxeram conexões com o Mestre Gabriel (Davi), com a natureza (Davi: morro; Princesa: penhasco e libélula; Maria: estrelas e lua), sensações de relaxamento e bons sentimentos como serenidade, amor, amizade e carinho (Princesa, Flantechai e Gabriel). Descrever sensações e experiências tidas como transcendentais não é mesmo fácil, nem para crianças, nem para adultos.

Insistindo nessa busca, indago aos/as colaboradores/as o que é, para eles/elas, a sessão. Quatro crianças entendem a sessão como uma reunião. Começo com Flantechai (8 anos) que explica “[...] Sessão é quando a gente se reúne [...] E fecha os olhos a maior parte do tempo [...] Se reúne pra beber vegetal!”. Mike (9 anos) dá seu parecer, afirmando que é “Um lugar onde as pessoas se reúnem”.

Princesa e Rafael buscam dar mais detalhes para demonstrar sua maneira de ver. Começo por Princesa.

Uma sessão é quando as pessoas se reúnem, ficam lá em cima na União, que elas ficam lá, que aí elas vão lá pegam o vegetal, tomam, glugluglu, que aí falam umas palavras que aí tomam, que aí comem alguma coisa pra... pra tirar o gosto do vegetal né? Que é meio azedo. Algumas pessoas fazem isso, tipo eu [...] que aí as pessoas elas ficam lá, os mestres ficam lá contando histórias, ficam cantando [emite alguns sons], cantando lá da União né? Que eu não entendo direito (Princesa, 8 anos – acréscimo meu).

Princesa é mais descritiva em sua definição, ponderando o caráter agregador e ritualístico – mestres ficam contando histórias, “cantando”. Como já citado na seção 1.1, as histórias – como a de Cosmo e Damião – têm papel valioso na UDV, assim como as chamadas – Princesa relaciona a chamada a cantar. Rafael (10 anos) segue uma via semelhante, abordando sobre histórias, chamadas e desenvolvendo uma analogia para colocar o seu ponto de vista.

A sessão, é tipo assim, como eu disse que era uma escola, tem a sala de aula, onde o professor que no caso é o mestre, né? Ele fala sobre a espiritualidade, sobre as histórias, aí faz as chamadas [...] É uma reunião de pessoas, só que é uma reunião de pessoas que fala sobre a espiritualidade, a espiritualidade e... ah, é mais ou menos isso que é uma sessão (Rafael, 10 anos).

Dois colaboradores vincularam a sessão a um tempo de aprender. Rafael, ainda que tenha respondido que a sessão é uma reunião, faz menção à escola. Feijão (2015) assinala a identificação, em sua pesquisa, de significados próprios e valores ao “universo infantil daimista” e que, entre os meninos e meninas por ela observados/as existem divergentes formas de aprender como ser uma criança pertencente ao santo daime. Rafael se identifica como um aluno nessa escola da espiritualidade.

Esse modo de pensar, relacionando o núcleo enquanto um lugar de aprendizado – onde é possível perguntar e ampliar a visão de mundo – está bem alinhado com o pensamento predominante entre os/as religiosos/as. O ato de beber o vegetal tem como propósito central o autoconhecimento – a concentração tem papel importante nesse sentido – e, para que este se desenvolva e seja aprimorado, é pertinente o estudo espiritual através das histórias e chamadas como lembra Rafael.

Nessa linha de pensamento de sessão enquanto momento de aprendizado, de acordo com Gabriel (8 anos) “[...] uma sessão [é] onde a gente aprende mais sobre o Mestre Gabriel e suas virtudes” (acrécimo meu) e para Sofia (6 anos) é “Pra gente ouvir as coisas, pra gente aprender a ser mais unido”.

Duas crianças não souberam explicar o que é uma sessão, uma não soube descrever, uma respondeu simplesmente “eu não sei”, uma disse não ter assistido e uma conectou a sessão a beber o vegetal. Júlia (7 anos) descreve que é “Uma coisa que a gente vai lá pra beber o vegetal e fica lá até passar meia noite”.

Em relação à criança que afirmou não ter assistido sessão, sua explicação ao questionamento foi “Nunca subi” (Eric, 6 anos), apesar de ter dito que bebe vegetal – se tiver tira-gosto. Ao dizer “nunca subi”, Eric quer dizer que ainda não participou de sessão (o subir significa ir para a sessão, lembrando que o salão fica na parte mais alta do terreno do núcleo), o que não o contradiz no sentido de ter afirmado que bebe o vegetal. Acontece de as crianças beberem o chá e não ficarem tanto tempo no ritual, às vezes elas “descem” para brincar – parece que, para algumas, o vegetal aguça os sentimentos de alegria e euforia –, mas a maioria das vezes, elas vão dormir.

Ainda que um número significativo de crianças tenha dito não saber explicar/responder ou que tenha dito que não sabe mesmo o que é uma sessão, a maior parte dos meninos e meninas entrevistados/as conseguiu verbalizar seu conhecimento a respeito. Interessante como os/as colaboradores/as da pesquisa vão por vias diferentes de entendimento, não contraditórias, no entanto. Flantechai, Mike, Princesa e Rafael entendem a sessão como um momento para concentração, Gabriel e Sofia argumentam que é uma ocasião para aprender e Júlia está atenta ao tempo de duração.

Tabela 4. O que é uma sessão?

Respostas	Quantidade de crianças
Reunião	4
Aprender	2
Não soube explicar	2
Não soube descrever	1
Não sei	1
Não assistiu	1
Beber vegetal	1
Total	12

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

Ressalto que o universo infantil da tabela acima corresponde a um total de 12 participantes. Em uma das entrevistas a indagação não foi feita.

Apesar do autoconhecimento ser um trabalho subjetivo, a religião valoriza o agrupamento, o convívio, pois é na prática das relações sociais que está o exercício e a materialização do aprendizado, tanto do mundo material quanto do mundo espiritual e as

crianças da UDV, cada uma a sua maneira, dão significados e valores próprios ao mundo e as coisas com base nessa perspectiva caianinha, estando em sintonia com o sistema de crença da União.

Meninos e meninas vão apreendendo, portanto, a ser parte dessa cultura caianinha através da ingestão do chá, da participação dos rituais habituais e dos específicos para as crianças, nas atividades da OE, nas conversas com os pais, na interação com as crianças e com os/as outros/as frequentadores/as.

Entender esse aprendizado religioso dos meninos e meninas, a experiência da burracheira e a vivência ritual passa pela compreensão do que afinal é esse termo tantas vezes escrito e pronunciado pelas próprias crianças: espiritualidade. Já descrevi, na seção anterior, um momento em que fiz algumas perguntas, com o auxílio de Princesa, para os/as colaboradores/as no dia 1º de julho de 2023. Perguntei a eles/elas o que era a natureza e o que era espiritualidade. Já discuti os dados levantados a respeito da primeira questão, então vamos à segunda.

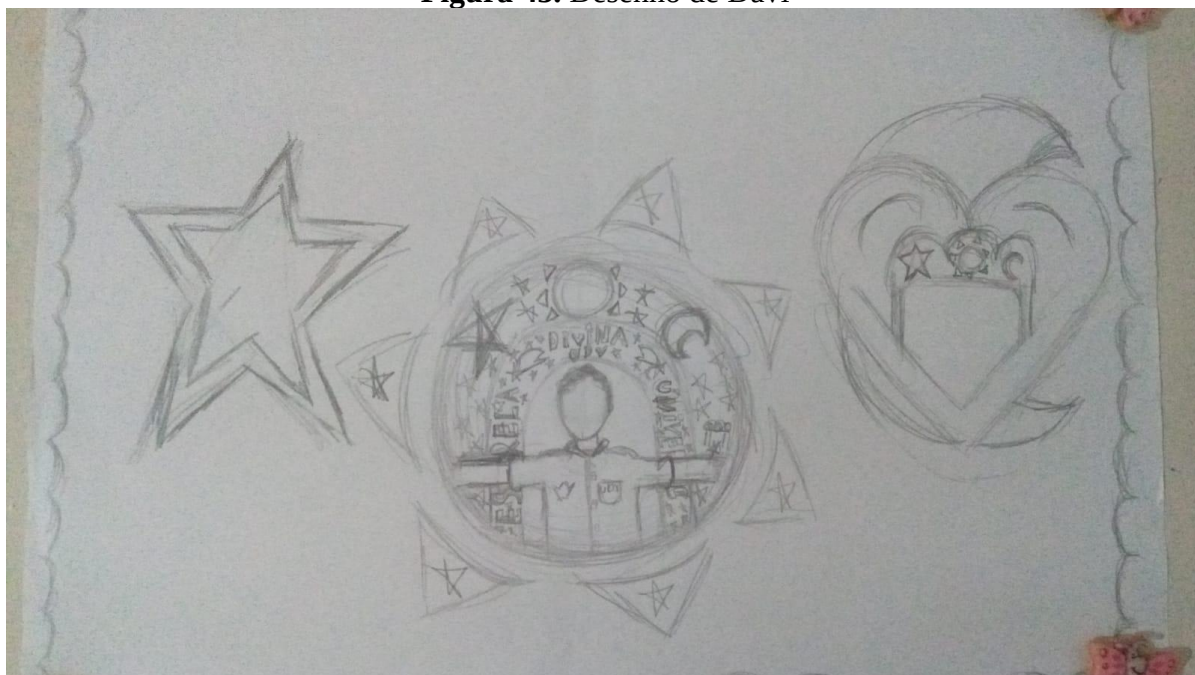
Nesse dia conversei com oito crianças. Entre eles/elas, três não souberam responder e uma respondeu, mas não foi possível registrar por problemas técnicos na gravação. A primeira “entrevistada”, minha colaboradora principal Princesa (8 anos) expressou “Eita, aí complicou. É coisa espiritual, de Deus, é isso”. Eric (6 anos) replica que espiritualidade é “Quando a pessoa se conecta com espíritos”. Indago como é essa conexão, ao passo que ele devolve “O mesmo que conseguir é, falar com espíritos, mas não falar tipo, é, olhar pra eles. De outro jeito”. Continuo questionando e pergunto se ele acha que a União trabalha com espiritualidade e ele diz “Sim. No vegetal”.

Mike (9 anos) vem em seguida e confessa: “Eu não sei o que significa, mas tem uma palavra que acho que tem alguma coisa a ver com organizar o espírito, ser cada vez mais uma pessoa melhor”. Continuo indagando, como fiz com Eric, se ele achava que a União trabalha com a espiritualidade, à medida que ele confirma e complementa “Porque cada vez que bebe vegetal, vem aqui, a gente melhora um pouco, vê o que precisa melhorar e se torna, um ser, um cara de espírito melhor”. E fechando esse curto ciclo de perguntas, Davi (8 anos) revela seu entendimento pontuando que espiritualidade é “A religião”.

Assim, as crianças ligam espiritualidade a Deus, à conexão com espíritos (mas, como explica Eric, não conversando diretamente com eles, mas de outro jeito, olhando e conhecendo o mundo espiritual, através do vegetal), a organização do espírito – tornando-se uma pessoa melhor – através da religião, como afirma Davi.

A seguir, desenho do símbolo da UDV feito por Davi. Da esquerda para a direita: a estrela, o sol com o Mestre Gabriel de braços abertos – de uniforme, em frente ao arco da sessão – e a lua, contendo nela um coração e, dentro dele, o arco de entrada do salão. Esse desenho transmite o conhecimento do menino em relação à religião – e o seu guia espiritual – e fala, ainda, do seu sentimento.

Figura 43. Desenho de Davi



Fonte¹⁷⁸: Colaboradora, integrante da família, 2023.

Ser aprendiz faz parte da cultura caianinha, o que pode ser constatado na própria forma de funcionamento da religião, na estrutura do ritual. As perguntas e respostas não servem apenas para as crianças, mas para todos. Todos estão nesse lugar de aprendizes, inclusive quem está nos cargos mais altos da hierarquia religiosa, isso é dito pelos próprios mestres enquanto dirigem as sessões. Crianças são pessoas como quaisquer outras, são seres crescentes em experiência de vida – o diferencial está em serem seres crescentes em tamanho –, mas o aprendizado é para todos. Como a gente ganha experiência, como a gente aprende? Dialogando, experimentando e vivendo. A instituição como um todo tem esse teor um tanto educacional – fortalecido para as crianças com a Orientação Espiritual.

¹⁷⁸ Desenho feito por Davi, fotografado e enviado por sua mãe via rede social, em 19/3/2023.

A oportunidade que as pequenas e pequenos caianinhos têm de beber o chá, sentir seu efeito, participar dos rituais, aprender, brincar, fazer amizades, é um direito de usufruir o espaço com o que ele tem para oferecer. É inequívoco que ainda existem enormes limitações estruturais na maneira como os adultos veem e tratam as crianças – inclusive no núcleo –, mas é notável o significado que existe na oportunidade que a criança tem de beber um chá psicoativo – direito já questionado socialmente e defendido judicialmente pela UDV –, para que possa aprender com suas próprias experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando todo o mal acabar, como é que vai ser no céu?
(Princesa, com 10 anos)

O estímulo para a realização deste trabalho veio da vontade de conhecer o universo infantil que circula em um núcleo da União do Vegetal. Como foi possível compreender ao longo da leitura, a intenção inicial não era pesquisar crianças, mas não creio que elas apareceram por acaso e digo mais, não fui ao encontro delas, elas que – indiretamente – vieram ao meu encontro. A crença caianinha acredita que nada acontece por acaso. Diante disso, tive como intuito analisar especialmente o espaço, o lugar destinado às crianças no núcleo.

Esta é uma tese repleta de interrogações, resultado e reflexo do próprio campo, tanto no sentido de ser uma investigação nova – com crianças na União do Vegetal –, quanto por esta ser uma característica predominante na ritualística da própria religião. As perguntas movem-me no sentido de aprofundar e ampliar meu conhecimento e, sendo essas também uma característica predominante do universo infantil (que tem menos experiências vividas se comparadas aos adultos e desejo de desvendar o mundo) veio, com alguma espontaneidade, colocando-se enquanto sistematização da escrita na busca por respostas, talvez, de forma menos ambiciosa que Princesa, ao querer saber como será o céu quando o mal acabar.

Os questionamentos mostraram alguns possíveis resultados. Os dados, inicialmente, apontaram para o fato de que a criança não pode ser sócia e este é um requisito essencial para ser parte da União do Vegetal e ter a possibilidade de ocupar graus na hierarquia religiosa. As crianças estão presentes na religião, mas não têm papel nos ritos, sem elas o ritual não deixa de acontecer – como foi possível ver durante a sindemia. As sessões, em sua maioria, são para os/as sócios/as, para os adultos e, por isso, há uma espécie de adaptação dos momentos rituais para receber as crianças. Para ilustrar, quando elas estão participando, alguns assuntos são evitados – que mencionem violência, por exemplo, como apontado no discorrer do texto. O ritual adapta-se às mesmas e a centralidade da religião está no chá, e não na criança.

Vale a pena acrescentar, também, que meninos e meninas podem não ter muita escolha em relação à sua presença no núcleo porque os pais – geralmente os pais, nesse sentido, podendo ser o pai, a mãe ou responsável – vão para o núcleo que é um lugar afastado, longe da cidade, para passar horas no espaço religioso. Há um cuidado por parte da instituição; há lugares para essas crianças, também uma atenção disponibilizada pela Orientação Espiritual. Através do cativar, a religião investe na infância para que ela se faça presente. Nessa interação, percebe-se uma relação de poder institucional em relação às crianças, um controle, um direcionamento. As

atividades realizadas pela OE passam uma dimensão de instrução e entretenimento, ocupando o tempo dos meninos e meninas.

Há relações intergeracionais de poder: o poder dos mestres, o poder dos adultos. A criança não tem poder de tornar-se sócia, tendo em vista que a exigência de idade mínima para tornar-se efetivamente parte da UDV dá-se aos 18 anos. Depois que já não é mais criança, então, nesse sentido, o menino/a menina passam a ser vistos, de alguma maneira, como um “vir a ser” sócio/a. A ideia da criança, enquanto investimento no futuro, é a mesma representação essencializada que a sociedade como um todo tem dos/as pequenos/as, notando-se, então, a reprodução social de um comportamento em relação às crianças. Criança enquanto vir a ser consiste em um entendimento predominante na sociedade adultocentrada em que vivemos.

Em se tratando da socialização, a UDV não parece diferenciar-se tanto em relação às outras religiões. Embora afirme não querer “recrutar” e sim “sensibilizar”, a preocupação que parece prevalecer é a de pertencimento futuro, com a continuidade e manutenção da religião. Nesse sentido, segue a mesma lógica dessa sociedade adultocêntrica da qual fazemos parte e que fundamenta a crença da maior parte das religiões.

Agora, vamos aos contrapontos – uma vez que esse lugar da criança na UDV apresenta contradições, iniciando pela ideia há pouco citada relativa à socialização em outros ambientes religiosos. No catolicismo, por exemplo, existem etapas infanto-juvenis marcadas por socialização religiosa: batismo, primeira comunhão e crisma. A UDV, assim como a Igreja Católica, é uma religião fortemente hierarquizada, mas não tem esses momentos inerentes aos ritos supracitados, esses marcos – apenas o batismo que acontece, geralmente, enquanto a criança ainda é um bebê. O único momento ritual marcante consiste no recebimento da camisa no ato de se associar à instituição religiosa. Para tal rito, necessita-se ter, no mínimo, 18 anos.

No Candomblé, as crianças podem ter espaço de poder, o que não acontece na UDV. No Catolicismo, há o reconhecimento de crianças que viram Nossa Senhora em uma aparição – e que foram canonizadas –, existindo, portanto, santos crianças pelo rito da canonização; mas também não há um lugar de poder como acontece no Candomblé, onde uma criança pode ter autoridade ritual. Na UDV, também existem santos crianças – Cosmo e Damião –, mas, assim como na Igreja Católica, não existe um lugar na hierarquia de poder ocupado por elas. Na UDV e no catolicismo, existe uma representação religiosa, mas não um lugar na hierarquia. Tal aspecto, não implica dizer que elas não estejam presentes na União; elas estão presentes o tempo todo, só que têm diferenças nesses espaços por elas ocupados.

Com relação à socialização entre pares na União, o ponto forte evidenciado consiste na necessidade de as crianças ficarem juntas e desejarem, constantemente, a companhia umas das outras, a ponto de nem se lembrarem dos pais, conforme percebido. Pude observar como as crianças se relacionavam, com a irmandade e entre elas, do que brincavam, o que faziam, a forma que conviviam e as suas corridas intensas. No núcleo, elas querem brincar. Aproveitam os rituais, mas estão também interessadas em seus movimentos lúdicos: brincam no parquinho, brincam de “tacar a chinela”, de dança das cadeiras, de pônita, de relógio, de pular corda; tomam banho de mangueira, desenham e conversam bastante umas com as outras.

A socialização das crianças na União do Vegetal é realizada por elas próprias, mas também pelos adultos, pois elas se inserem e são inseridas na religião, o que ocorre, por meio dos pais, e mais ainda pela exploração dos espaços físicos; também, pela equipe que dedica atenção a elas. Observa-se ainda a inclusão promovida por meio dos rituais específicos – a exemplo da sessão de São João das crianças –, momentos em que podem estar presentes, dentre outros realizados naquele espaço. Elas inserem-se, principalmente, quando pedem para participar das sessões – que não sejam as reguladas pelas normas – e/ou pedem para beber o vegetal; elas são detentoras da decisão e sua liberdade de escolha é, em grande parte, valorizada.

Ainda que não sejam sócias, as crianças são chamadas de senhor/senhora e irmão/irmã como todos/as os/as demais participantes do ritual e podem participar da sessão e/ou beber o chá. O vegetal, como já dito, constitui o elemento central ingerido no ritual religioso. É relevante que as crianças também ritualizem, tendo, inclusive, esse comportamento ritualístico defendido enquanto um direito, participando, fazendo perguntas e tendo direito às respostas. As crianças têm, assim, participação ativa, já que elas têm direito de fala no momento mais importante, que é o do ritual, e o mestre responde às suas perguntas, como pontuado.

Outro aspecto observado, consiste no fato de que adultos que ainda não são sócios e que estão começando a frequentar o núcleo também têm tratamento pessoal da mesma forma que os demais – senhor/senhora e irmão/irmã. Nesse sentido, não há nenhuma distinção. As adaptações – em relação ao silêncio, por exemplo – também são feitas para idosos, pessoas com algum tipo de deficiência e adventícios. É uma adaptação tendo em vista que estas pessoas têm condições físicas diferentes ou ainda não estão inteiradas e ajustadas à ritualística e, assim, algumas adaptações acontecem naquele ambiente, a exemplo da tolerância a algum barulho – importante pontuar que o ambiente da sessão é silencioso.

Esse lugar de sócio/a e não-sócio/a reflete a gradação hierárquica existente e, na hora de beber o chá, essas graduações aparecem de forma acentuada. O vegetal é distribuído dentro

dessa ordem: primeiro, os mestres; depois, os/as conselheiros/as e; após, as pessoas que ainda não são sócias, incluindo as crianças. Mas os meninos e meninas têm uma vantagem em relação aos não-sócios já que têm mais oportunidades de comungar o vegetal por ter presença constante na UDV e um acolhimento por parte da família e da religião como um todo, pois, esta favorece a vinda das crianças e adequa o ambiente para proporcionar a presença delas, na prática e ritualisticamente.

A UDV consiste em uma religião aberta às crianças, na medida em que conta com espaço e atrativos para recebê-las. Não é um lugar que não promova o acolhimento das crianças, ao contrário, busca cativá-las e atender aos interesses delas, a exemplo de poderem dormir mais tarde; acordar de madrugada para lanche e interagir com outras crianças e adultos; brincar; dormir fora de casa. Estes são fatores inerentes aos comportamentos muito valorizados pelas crianças, proporcionados pela prática religiosa.

Apesar de não haver um lugar na estrutura hierárquica, é perceptível o quanto as crianças participam, o quanto estão presentes do início ao fim dos rituais, o quanto os adultos – e a própria religião – valorizam a sua presença. Em ato, elas são consideradas relevantes, elas têm um lugar participativo tanto social quanto ritualístico. Tal aspecto, é percebido pelo fato de que há um calendário litúrgico com rituais bem-marcados, e as crianças vivem esse contexto religioso, assim, não ficam às margens na comunidade religiosa.

Em relação à família, essa também tem centralidade. O casal, em um modelo patriarcal, é visto enquanto base familiar e se amplia, se completa com a chegada de uma criança. Filhos/as são um marcador no que se refere ao elo familiar, tendo em vista, nesse grupo, que a família se efetiva com a chegada do bebê. Sobre isso, não se pode deixar de evidenciar o caráter fortemente conservador no sentido da valorização do formato de família nuclear, consoante observado. No entanto, é importante ressaltar que o modelo de família nuclear nunca foi predominante no Brasil e sim um formato de família extensa que também coincide com a forma proposta pela religião estudada – modelo também observado em religiões tradicionais a exemplo do catolicismo e das religiões protestantes.

A interação entre as famílias é povoada por relações intergeracionais dentro delas e entre elas, trazendo uma ideia de família estendida – além da unidade pais e filhos –, nesse sentido, chamada de irmandade. Nessa proposição, a relação se constitui, então, não como um vínculo familiar, mas como um vínculo de parentesco, onde se constroem laços como os de padrinhos, madrinhas, afilhados/as, comadres, compadres, construídos pela crença, pela amizade e pelo afeto.

Estudar com e sobre crianças, nesse contexto, permite, inicialmente, compreender as particularidades de um grupo específico – neste caso, as crianças na União do Vegetal – realizando análises de fenômenos sociais condizentes aos estudos clássicos da sociologia da religião, somando com as investigações de um campo mais recente, os Estudos da/s infância/s e da criança. A investigação científica amplia as percepções de outros modos de ser criança, e nesse sentido, a criança assume uma diversidade desse ator social, então, nos conduz às crianças em seu sentido plural, promovendo o conhecimento a partir dos/as meninos/as hoasqueiros/as da UDV. Dessa forma, estudos empíricos tornam-se basilares para a construção teórica a partir dos próprios colaboradores de pesquisa.

A sociologia da religião possui um abrangente espaço explorado ao longo do tempo. Sobre tal aspecto, os Estudos da/s infância/s e da criança vêm promovendo, veementemente, visibilidade e significância aos temas envoltos na sociologia da religião. Uma vez observada a importância das temáticas, realiza-se ainda alguma reparação da ausência de atenção – ou da dedicação devida – a esse grupo populacional tão vasto em quantidade e em relevância em diversas proposições e sentidos analíticos.

Este propósito movimentou a aragem das folhas em branco e do plantio de cada uma dessas letras/sementes, aguardando que elas possam gerar bons frutos, boa colheita. Assim, inspirada no “pacto etnográfico” e na sabedoria indígena/científica busquei adensar interesses distintos – acadêmicos e religiosos –, reconhecendo a voz ativa dos/as colaboradores/as e dialogando com questões éticas relacionadas à lógica do segredo prevalecente no campo. Atravessaram a investigação, a pandemia, mudanças metodológicas e dificuldades apresentadas, em virtude de minha dupla pertença enquanto pesquisadora religiosa. Tais fatores, são encarados como desafios de conquista de confiança da instituição pesquisada. Busquei apresentar parte da União do Vegetal, reconhecida enquanto religião, principalmente através do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, sua origem, estrutura – física e organizacional –, rituais, doutrina, chá, preparo e burracheira.

Nesta análise, evoquei concepções teóricas e práticas do campo de infância, destacando a relevância das crianças hoasqueiras presentes desde o começo, desde o primeiro preparo de vegetal e que, com o passar do tempo, tiveram restrições em sua participação, embora continuem frequentando e ocupando os espaços, fazendo amigos, divertindo-se e desenvolvendo sua religiosidade por meio dos ritos produzidos naquele espaço, comparecendo às sessões, bebendo vegetal e exercendo seu direito de liberdade de crença e de prática religiosa.

No que tange à diferenciação da socialização na UDV de muitas religiões, em especial, das tradicionais, consiste principalmente na ligação que os meninos e meninas fazem da religião com o mundo natural. A comunidade religiosa analisada mostrou, por meio de sua relação com o ambiente religioso, uma natureza que aparece, inicialmente, enquanto cenário – na área física, com a Novo Encanto, também no plantio – e que vai ganhando destaque naquele espaço, crescendo em significância, permitindo refletir essas e outras apreensões como a conexão direta entre religião e natureza. O mundo natural cresce no campo através do olhar das crianças que me dizem e revelam-me, principalmente através de suas ações e palavras, a conexão entre mundo natural, representação religiosa e espiritualidade.

As interações sociais experienciadas, as brincadeiras, os ritos estão imbricados ao ambiente natural. Vive-se, nesse contexto, com os pés no chão, na grama; brinca-se subindo em árvore, tomando banho de chuva; ritualiza-se bebendo um chá, feito de plantas lavadas e maceradas também por mãos infantis. As crianças passam a maior parte do tempo ao ar livre. A natureza, sagrada na UDV, cerca as crianças, uma vez que o espaço pesquisado se encontra envolto em mata. Nesse lugar, há o encantamento, as crianças são afetadas (Favret-Saada, 2005) pela paisagem natural. Na produção do afeto promovido pelo ambiente natural, a criança brinca com plantas, explora o espaço, contempla-o. Nesse cenário, crianças, homens e mulheres interagem com a natureza, pois dela fazem parte.

O lugar das crianças é em todos os lugares em que consigam e desejem estar. Na UDV, o lugar especial da criança é na natureza, essa que está fora e dentro das mesmas através do vegetal e dos encantos da burracheira, como a libélula vista pela menina Princesa, a casa no morro vista por Davi e o penhasco da miração de Mike. Assim, o vínculo religião e natureza é realizado pelas crianças em sua forma de representar e perceber a religião e o ambiente religioso.

Este trabalho constitui, também, uma forma reivindicativa na defesa dos direitos da criança quanto aos benefícios de se estar em contato com o mundo natural, esse mundo apresentado pela UDV como sagrado e que consiste na própria religião. As crianças identificam e vivenciam essa ligação, elas significam e ressignificam a cultura religiosa quando, por exemplo, o menino Eric diz que a União é uma floresta.

Ser criança hoasqueira é estar em contato com o meio natural, é vivenciar a tríade pares-brincadeira-natureza, experienciar os afetos produzidos pela diversão e encontro entre amigos, pela ingestão do chá, pelas práticas ritualísticas em um universo em que o meio ambiente consiste na própria religião.

A pesquisa colabora ainda na defesa dos direitos da criança quando reconhece que a ingestão do chá por parte delas lhes garantem participação (embora, do ponto de vista científico, sejam necessárias mais pesquisas como essa, já que as informações disponíveis em relação ao uso do chá por crianças – e gestantes – são raras). O vegetal ingerido pelos/as colaboradores/as da pesquisa tem como objetivo maior o autoconhecimento. Ao beber vegetal, meninos e meninas hoasqueiros/as estão tendo a oportunidade, assim como qualquer outro adulto, de aprenderem a respeito de si mesmos e do mundo, ingerindo uma substância que permite transcender a lógica racional e apresentar outras perspectivas, ampliando sua visão e permitindo vislumbrarem um horizonte mais amplo na percepção da realidade. Nesse contexto em que é possível indagações, obtenção de respostas respectivas; também pode-se analisar e chegar às conclusões, em consonância com as reflexões próprias e com sua capacidade de leitura de mundo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 461-474, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7yYpXMyr5jx5P3VwqcXdk4f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- ACRE. **Carta de Princípios das entidades religiosas usuárias do chá Hoasca**. Rio Branco, nov. 1991. Disponível em: <http://neip.info/texto/carta-de-principios-das-entidades-religiosas-usuarias-do-cha-hoasca/>. Acesso em: 5 out. 2022.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ALMEIDA, Náiber Pontes de; NAHAS, Almir. A UDV age em defesa da Comunhão do Vegetal por crianças e adolescentes. **BLOG da UDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, Brasília, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://udv.org.br/blog/udv-age-em-defesa-da-comunhao-do-vegetal-por-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (org.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- ANTUNES, Henrique Fernandes. **Droga, religião e cultura: um mapeamento da controvérsia pública sobre o da ayahuasca no Brasil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ANTUNES, Henrique Fernandes. **O uso da ayahuaska como problema público: um contraponto entre os casos do Brasil e dos Estados Unidos**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-16072019-183013/pt-br.php>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARMAGNAGUE, Maïtena; RIGONI, Isabelle. Saisir le point de vue de l'enfant. Enquêter sur la participation socioscolaire des élèves migrants. **Recherches Qualitatives – Hors-série** – n. 20, p. 311-329, 2016.
- BARRETO, Ivan Farias. O uso da folha de coca em comunidades tradicionais: perspectivas em saúde, sociedade e cultura. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 627-641, abr. 2013.
- BASTOS, Ivana Silva. **Mulheres Iabás: liderança, sexualidade e transgressão no candomblé**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

BECKER, Howard S. A dialogue on the ideas of “World” and “Field”. **Sociological Forum**, v. 21, n. 2, jun. 2006.

BENEDICT, Ruth. Continuities and Discontinuities in Cultural Conditioning. *In*: KLUCKHOHN, Clyde; MURRAY, Henry. **Personality: in nature, society and culture**. London: Jonathan Cape - Thirty Bedford Square, 1953. p. 522-531.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada: Padrões da Cultura Japonesa**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BERCÊ, Jair. **O canto e o bailado para a lua cheia: o Santo Daime incorporado à vida urbana de São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BERGO, Renata Silva; GOMES, Ana Maria Rabelo. “Eu sou muzenza”: a aprendizagem no terreiro de umbanda. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPOCS, 2009.

BERNADINO-COSTA, Joaze (org). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

BERNADINO-COSTA, Joaze. UDV-Ciência: a comissão científica do CEBUDV. **UDV-Ciência – Estudar, Conhecer, Compartilhar**. [s. l.], 14 jun. 2021. Disponível em: <http://ciencia.udv.org.br/udv-ciencia-a-comissao-cientifica-do-cebudv/>. Acesso em: 04 jun. 2022.

BLAKEMORE, Erin. O que é o Advento e como ele é celebrado? **National Geographic Brasil**, [s. l.], 9 dez. 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/12/o-que-e-o-advento-e-como-ele-e-celebrado>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BOYDEN, Jo. Childhood and the policy makers: A comparative perspective on the globalization of childhood. *In*: JAMES, Allisson; PROUT, Alan (org.). **Constructing and Deconstructing Childhood**. Bristol: The Falmer Press, 1990. p. 184-215.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

BRASIL. Portaria nº 02 DIMED de 08 de março de 1985. Baixar instruções sobre limitação, proibição, fiscalização e controle de obtenção, preparo [...]. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 4421-4434, 7 fev. 1985. Disponível em: <https://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2008/08/Portaria-02-de-marco-de-1985-da-DIMED.pdf>. Acesso em 17 set. 2022.

BRASIL. Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN). **Resolução nº 06/86, de 04 de fevereiro de 1986**. Brasília: CONFEN, 1986. Disponível em: https://www.bialabate.net/pdf/texts/resolucao_06.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN). **Relatório Final do Grupo de Trabalho**. Brasília: CONFEN, 1987. Disponível em: <https://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2008/08/Relatorio-Final-GT-Confen-1987.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD). **Resolução nº 26, de 31 de dezembro de 2002**. Brasília: Gabinete de Segurança Nacional, 2002. Disponível em: https://www.bialabate.net/pdf/texts/resolucao_26.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD). **Parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico**. Brasília: CONAD, 17 ago. 2004. Disponível em: https://www.bialabate.net/pdf/texts/parecer_catc.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD). **Relatório Final – Grupo Multidisciplinar de Trabalho Ayahuasca**. Brasília: CONAD, 23 nov. 2006. Disponível em: https://www.bialabate.net/pdf/texts/gmt_conad_port.pdf. Acesso em: 23 nov. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD). **Resolução nº 01, de 25 de janeiro de 2010**. Brasília: Gabinete de Segurança Institucional, 2010. Disponível em: https://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao-Conad-1_25_01_2010.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

BURITY, Joanildo. Sociologia da religião no Brasil: artesanias, fronteiras e horizontes. **BIB**, São Paulo, n. 93, p. 1-25, maio 2020. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/515/601>. Acesso em: 27 out. 2023.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa. **Teoria sociedade**, n. 17, p.148-175. E 1 – jan./jun. 2009.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; PAIVA JUNIOR, G. S.; SILVA, J. C. L. E.; MEDEIROS, S. G.; CISNEIROS, P. N. “Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa”. **Teoria & Sociedade**, 2010. No prelo.

CARNEIRO, Érica Jorge. **A Infância Afrodescendente**: iniciação e socialização religiosas em um terreiro de candomblé jeje-nagô. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ufabc.edu.br/index.php?codigo_sophia=110414. Acesso em: 28 jul. 2022.

CARVALHO, José Jorge de. A racionalidade antropológica em face do segredo. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 214–222, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6335>. Acesso em: 27 jul. 2021.

CARVALHO, Maria do Rosário; NUNES, Angela. Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Infância. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPOCS, 2007.

CARVALHO, Clovis Cavalieri Rodrigues de. 10 de fevereiro de 1922: nasce José Gabriel. **HOME UDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, Brasília, 10 fev. 2016. Disponível em: <https://udv.org.br/a-historia-do-criador/10-de-fevereiro-de-1922-nasce-jose-gabriel/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

CASTAÑEDA, Carlos. **A erva do diabo**. 13. ed. São Paulo: Editora Record, 1968. 246 p.

CASTAÑEDA, Carlos. **Uma estranha realidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.

CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de; SANTOS, Débora de Oliveira; BEAL, Luana Isabelle. A insatisfação política e a ascensão do autoritarismo-populista: uma análise da América do Sul e da Europa. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 99-125, set./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/109421>. Acesso em: 2 jul. 2023.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lúcia Rabello e BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008. p. 21-42.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Teorizar sobre a infância desde uma perspectiva descolonial. In: CASTRO, Lúcia Rabello de (org.). **Infâncias do Sul Global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: Edufba, 2021. p. 61-77.

CAVALCANTE, Mohana Ellen Brito Moraes. **Mãe – bebê – avó: Dilemas geracionais da maternidade na adolescência**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

CEBUDV. CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL (2020a). **Estatuto**. Consolidação das Leis do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Brasília: Sede Geral, Edição 2020.

CEBUDV. CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL (2020b). **Regimento Interno**. Consolidação das Leis do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Brasília: Sede Geral, Edição 2020.

CEE-FIOCRUZ. CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DA FIOCRUZ. 'Covid-19 não é pandemia, mas sindemia': o que essa perspectiva científica muda no tratamento. **Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz – Antonio Ivo de Carvalho**: Covid-19, [s. l.], 14 out. 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>. Acesso em: 22 fev. 2021.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos (org.). **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 17-62. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861905/mod_resource/content/1/A%20Experi%C3%ancia%20Etnogr%C3%A1fica_Antropologia%20e%20Leitura%20no%20S%C3%A9c.%20XX_Sobre%20a%20Autoridade%20Etnogr%C3%A1fica%20-%20James%20Clifford.pdf. Acesso em: 1 ago. 2023.

CLOUZOT, Henri. **Le Cheval des Dieux**. Paris: René Julliard, 1951.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da

criança no Brasil. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 221–244, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15478>. Acesso em: 31 ago. 2022.

COMISSÃO CIENTÍFICA. **Documento institucional**. Brasília, DF: CC/CEBUDV, 2014.

DEBERT, Guita Grin. Poder e ética na pesquisa social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 55, n. 3, p. 30-32, set. 2003. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000300019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 ago. 2023.

DELGADO, Ana Cristina Coll. Estudos socioantropológicos da infância no Brasil: caminhos, problematizações e diálogos. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias (org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 61-80.

DO SERTÃO à Amazônia. **HOME UDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, Brasília, 2015. Disponível em: <https://udv.org.br/mestre-gabriel/o-fundador/jose-gabriel-da-costa/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESCOBAR, José Arturo Costa. **Ayahuasca e saúde**: efeitos de uma bebida sacramental psicoativa na saúde mental de religiosos ayahuasqueiros. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11258>. Acesso em: 21 maio 2023.

FALCÃO, Christiane Rocha; CAMPOS, Roberta. A imagem da criança. Reflexões sobre a presença da criança nas religiões. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPOCS, 2009.

FALCÃO, Christiane Rocha. **A idade do santo**: o lugar da criança no candomblé. Recife: Editora UFPE, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, ano 14, n. 13, p. 155-161, 2005. Trad. Paula Siqueira. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FAZZI, Rita de Cássia. Estereótipos raciais e comportamento cotidiano preconceituoso. In: FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras**: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FEIJÃO, Theresa Jaynna de Sousa. “**Gira gira criancinha**”, **aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço Céu de Todos os Santos em Teresina – PI - Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2015.

FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro. **Pro-Posições**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 229–250, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643855>. Acesso em: 6 mar. 2023.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Angela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 103-123, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/12424>. Acesso em: 19 out. 2018.

GABRIEL, Eduardo. A problemática do fenômeno religioso. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n. 2, p. 209-211, 2011. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/39>. Acesso em: 5 nov. 2023.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

GIGANTE, Lucas Cid. A sociologia da religião de Max Weber: santificação da vida dentro de ordens políticas, econômicas e sociais. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 18, n. 34, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5315>. Acesso em: 23 out. 2023.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**: controvérsias acerca das “seitas” e da “liberdade religiosa” no Brasil e na França. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

GOBBI, Márcia. **Lápis vermelho é coisa de mulherzinha**: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

GONÇALVES, Beatriz Soares. A cidade e as crianças: desenhos e caminhos a partir do Morro do Estado (Niterói, RJ). **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], v. 27, n. 60, p. 285–316, maio 2021.

GOULART, Sandra Lúcia. **As Raízes Culturais do Santo Daime**. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GOULART, Sandra Lúcia. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica**: as religiões da ayahuasca. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

GOULART, Sandra Lucia. Estigmas de grupos ayahuasqueiros. In: LABATE, Beatriz Caiuby *et al.* (org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 251-287.

GOULART, Sandra Lucia. A política das religiões ayahuasqueiras brasileiras: droga, religião e direitos. **Religião & Sociedade** [online], v. 39, n. 02, p. 200-221, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n2cap08>. Acesso em: 7 ago. 2022.

HARNER, Michael. **O caminho do xamã**: um guia de poder e cura. São Paulo: Cultrix, 1995.

HARTMANN, Luciana. Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia? Perguntemos a elas. **Revista Nupeart**, [s. l.], v. 24, p. 29-52, 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/18827>. Acesso em: 19 ago. 2021.

HERDT, Gilbert. **Guardians of the Flutes**. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1981.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HIRSCHFELD, Lawrence A. Por que os antropólogos não gostam de crianças? **Latitude**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 171-216, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2846>. Acesso em: 4 set. 2018.

HOFFMAN, Albert. **LSD**: minha criança problema. Versão web com adaptações. 1979. Disponível em: https://www.academia.edu/34967978/Albert_Hofmann_LSD_Minha_Crian%C3%A7a_Probl_ema. Acesso em: 23 maio 2023.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JAMES, Allison. Dando voz às vozes das crianças: práticas e problemas, armadilhas e potenciais. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 219-248, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n40p219/41862>. Acesso em: 3 jan. 2022.

JENKS, Chris. **The Sociology of Childhood**. London: Batsford. 1982.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. 2000. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1588631>.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

LABATE, Beatriz Caiuby. Dimensões legais, éticas e políticas da expansão do consumo da ayahuasca. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (org.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 397-457.

LABATE, Beatriz Caiuby; ROSE, Isabel Santana de; SANTOS, Rafael Guimarães dos. **Religiões Ayahuasqueiras**: um balanço bibliográfico. Campinas: Mercado das Letras/Fapesp, 2008.

LABATE, Beatriz Caiuby. Consumption of ayahuasca by children and pregnant women: medical controversies and religious perspectives. **Journal of Psychoactive Drugs**, London, v. 01, n. 43, p. 27-35, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2uxucbP>. Acesso em: 30 maio 2023.

LABIGALINI JR. Eliseu. **O uso de Ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool**: um estudo qualitativo. 1998. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental) – Universidade Federal de São Paulo, Araçatiguama, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/18894>. Acesso em: 21 mai. 2023.

LEARY, Timothy. **Flashbacks “surfando no caos”**: uma autobiografia. São Paulo: Becca Produções Culturais, 1999.

LEMOS, Ewerton Muller Almeida. **Expansão urbana no Rio Cuiá em João Pessoa**: contextualização do cenário atual e propostas para intervenções no trecho limítrofe dos bairros Valentina e Mangabeira. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão Ambiental) - Instituto Federal de Educação da Paraíba / Unidade Acadêmica de Design, Infraestrutura e Ambiente, João Pessoa. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/xmlui/handle/177683/1867>. Acesso em: 2 mai. 2023.

LIRA, Wagner Lins; FERREIRA, Hugo Monteiro. “Crianças do astral”: a infância no Centro Ayahuasqueiro Flor de Jasmim. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 6, n. 2, p. 07-31, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/23662/16363>. Acesso em: 30 abr. 2023.

LODI, Edson. [e-mail]. Destinatário: Ivana Bastos. João Pessoa, 4 nov. 2013.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do deficit de natureza. 1 ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MAAS, Mateus Henrique Zotti. **Entre o Visível e o Invisível**: pessoa e obviação na religião do Santo Daime. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.xhtml?popup=true&id_trabalho=7472560. Acesso em: 28 jul. 2022.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. Santo Daime e Santa Maria: usos religiosos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (org.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. Santo Daime e Santa Maria: usos religiosos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (org.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. A elaboração das políticas públicas brasileiras em relação ao uso da ayahuasca. In: LABATE, Beatriz Caiuby *et al.* (org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A Vida Sexual dos Selvagens**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1983.

MAPA das Regiões de Participação Popular de João Pessoa. **Prefeitura de João Pessoa**, 2022. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/servico/mapa-das-regioes-de-participacao-popular/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

MASTERS, Robert; HOUSTON, Jean. **The Varieties of psychedelic experience**: the classic guide to the effects of LSD on the human psyche. Rochester, Vermont: Park Street Press, 2000.

MAUSS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 237-244, set. 2010.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. Série Debates – Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MELO, Rosa. A União do Vegetal e o transe mediúnico no Brasil. **Religião & Sociedade**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 130-153, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/Wczm4tnjLgqkR8RPJX69zWc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MELO, Rosa Virgínia. Encantamento e disciplina na União do Vegetal. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 217–237, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6882>. Acesso em: 1 ago. 2023.

MENEGUETTI, Dionatas Ulises de Oliveira; MENEGUETTI, Naila Fernanda Sbsczk Pereira. Benefícios a saúde ocasionados pela ingestão da ayahuasca: contexto social e ação neuropsicológica, fisioimunológica, microbiológica e parasitária. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 104-121, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68839>. Acesso em: 29 maio 2023.

MESTRE Gabriel: credibilidade e consciência clara para trabalhar com o Chá Hoasca. **BLOG da UDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, Brasília, 2016. Disponível em: <https://udv.org.br/blog/mestre-gabriel-credibilidade-e-consciencia-clara-para-trabalhar-com-o-cha-hoasca/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Revista Novos Estudos**, Edição 74, [s. l.], p. 47-65, mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/L5hhQqdGx7zk3GKyL5TXDVP/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2022.

NOVO ENCANTO. **Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://novoencanto.org.br/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

O CONSELHEIRO. Informativo do Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel. **DMC Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel**, João Pessoa, edição especial, p. 1-8, 2021.

O’KANE, Claire. O Desenvolvimento de Técnicas Participativas: facilitando os pontos de vista das crianças acerca de decisões que as afectam. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Alisson. **Investigação com crianças**. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005. p. 143-170.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. **Santo Daime, o professor dos professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

OLIVEIRA, Arilson Silva de. Desvendando a religião e as religiões mundiais em Max Weber - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2009v7n14p136. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [s. l.], v. 7, n. 14, p. 136-155, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2009v7n14p136>. Acesso em: 23 out. 2023.

OLIVEIRA, Daniel Martinez de. A ayahuasca e seus usos culturais. **Revista Tessituras**, [s. l.], v. I, p. 1-19, maio 2010.

OLIVEIRA, Lívea Pires Martins de. **Crianças que bailam na floresta: avaliação psicológica das crianças participantes da doutrina do Santo Daime residentes na Vila Céu do Mapiá, Amazonas**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAULA, Patricia Amorim de. A pessoa religiosa na Sociologia da Religião de Georg Simmel. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 203–208, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/TXXDpPKjVBTgy58M6dVzSqM/#>. Acesso em: 23 out. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. SIMMEL, Georg. Religião – ensaios, vol. 1. São Paulo: Olho d'Água, 2010. ISBN 978-85-7642-018-7. 148 p. **Revista de Estudos da Religião**, [s. l.], dez. 2010. Resenha da obra de: SIMMEL, Georg. Religião – ensaios, vol. 1. São Paulo: Olho d'Água, 2010. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv4_2010/r_pierucci.pdf. Acesso em: 6 nov. 2023.

PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no semi-árido nordestino**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Acesso em: 26 ago. 2015.

PIRES, Flávia Ferreira. Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 143-164, 2010.

PIRES, Flávia Ferreira. **Mana**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 219–221, abr. 2015. Resenha da obra: JAMES, Allison. *Socialising children*. Basingstoke[UK]: Palgrave Macmillan, 2013.

PRANDI, Reginaldo. Raça e Religião. **Novos Estudos CEBRAP**, [s. l.], n. 42, jul. 1995. Disponível em: http://w1346176676503d038.hospedagemdesites.ws/v1/files/uploads/contents/76/20080626_raca_e_religiao.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

QUEM Somos. **HOME UDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://udv.org.br/a-uniao-do-vegetal/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2018.

REGITANO, Aline de Paula. TOREN, Christina. Como nos tornamos quem somos. Entrevista com Christina Toren. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, [s. l.], v. 1, n. 9, p. 295-304, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/view/3593>. Acesso em: 15 maio 2023.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna. **Revista de Estudos da Religião**, [s. l.], n. 2, p. 109-126, 2006. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

ROBERTS, Helen. Listening to Children: And Hearing Them. In: CHRISTENSEN, Pia; ALLISON, James. **Research with Children**. p. 225-241. London: Falmer Press. 2000.

ROSAS, Nina. Sociologia da religião: comentário a um balanço sobre a produção do conhecimento. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 263-290, 2018. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n1p263. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/26882>. Acesso em: 27 out. 2023.

ROSE, Isabel Santana de. **Tata endy rekoe – Fogo Sagrado. Encontro entre os Guarani, a ayahuasca e o Caminho Vermelho**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas Desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>. Acesso em: 8 dez. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. (org.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 9-30.

SARMENTO, Marcela Fernandes. **O processo de ocupação urbana de um setor litorâneo de uma capital brasileira: o caso do Bessa em João Pessoa-PB**. 2012. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5459?locale=pt_BR.

SILVA, Antonio Luiz da. Para repensar o modelo adultocentrado de nossas relações junto às crianças. **Fragmentos de cultura**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 455-465, jul./set. 2016. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4755/2790>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SILVA, Clodomir Monteiro da. **O palácio de Juramidán - Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição**. 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17016?mode=full>. Acesso em: 25 jul 2023.

SILVA JÚNIOR, Jânio de Oliveira. **A regulamentação do uso religioso da ayahuasca no Brasil**: uma revisão sociológica da legislação brasileira sobre drogas pós década de 1960 à luz das diretrizes internacionais. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5426>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SOUSA, Emilene Leite de. Autonomia do universo infantil versus autonomia infantil: a agência das crianças no contexto camponês Capuxu. **Temáticas**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 179–214, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11633>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUSA, Emilene Leite de; PIRES, Flávia Ferreira. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], v. 27, n. 60, p. 61–93, maio 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/V7gGJ47rf86VqnxpH5vgvVw/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 mai. 2023.

SOUSA, Márcia Maria da Silva. **“Da poeira do chão batido do terreiro à oca sagrada dos pequenos pajés”**: o lugar das crianças e os processos educativos à luz dos rituais na doutrina do Amanhecer. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

STRASSMAN, Rick. **DMT: a molécula do espírito**: a revolucionária pesquisa de um médico na biologia de quase-morte e das experiências místicas. Brasília: Pedra Nova, 2019.

STOLLER, Paul. Eye, Mind and World in Anthropology. **L’Homme**, T. 24, n. 3/4, p. 91-114, jul./dez. 1984.

TAYLOR, Charles. “Rationality”. In: HOLLIS, Martin; LUKES, Steven (org.). **Rationality and Relativism**. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

TEIXEIRA, Mara Rosane Coelho. **Em roda dos meninos**: um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá/AM. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In: **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 254-279.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010. p. 1-20. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6679-criancasdanatureza&Itemid=30192. Acesso em: 12 abr. 2023.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 44, n. 2, p. e88370, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/cG43TCFnqws8YkRvx8gqMkD/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2023.

TOREN, Christina. **Mind, materiality and history**. Explorations in fijian ethnography. London/New York: Routledge, 1999.

TOREN, Christina. The stuff of imagination: what we can learn from Fijian children's ideas about their lives as adults. **Social Analysis**, [s. l.], v. 55, n. 1, p. 23-47, Spring 2011.

WALSH NETTO, Patrick. **O exemplo na vida de quem prega**: uma análise do CEBUDV a partir dos seus sócios. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31986>. Acesso em: 14 fev. 2023.

WALSH NETTO, Patrick. **O exemplo na vida de quem prega**. Pedra Nova, 2022.

WASSON, Robert Gordon; HOFFMAN, Albert; RUCK, Carl A. P. **El camino a Eleusis**: Una Solución al enigma de los misterios. México: FCE, 2013.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 13, n. 22, p. 95-119, jul./dez. 2012. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103432/000873819.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

APÊNDICE A – Quadro com dados sobre relações raciais

O interesse em estudar relações raciais me fez acrescentar uma pergunta ao roteiro de entrevistas. A pergunta é “Você se desenha? Quando você se desenha, se pinta de que cor? A autoidentificação das crianças apontou para uma maioria branca. Contudo, embora o dado seja relevante, a cor não apareceu na discussão com os/as colaboradores/as – a não ser quando havia um estímulo e, ainda assim, não persistia. Por esse motivo, os dados não foram tão úteis para esta investigação em particular, mas poderá ser útil. Trago-os então como apêndice para que fique o registro e, quem sabe, sirva como ponto de referência para pesquisas futuras.

Quadro 8. Autoidentificação

Nome	Idade	Você se desenha? Quando você se desenha, se pinta de que cor?
Akira	10	“[...] bege [...] Aquele rosinha claro”
Ana Clara	7	“[...] bege”
Davi	8	“Eu sou negro”
Eric	6	Não perguntei
Flantechai	8	“Cor de pele”
Gabriel	8	“[...] bege”
Júlia	7	“Cor de pele” – “aquela cor clarinha ou clara”
Maria	4	“[...] arco-íris”
Mike	9	Disse que nunca se desenhou
Princesa	8	“[...] cor de pele mesmo [...] bege, sei lá”
Rafael	10	“[...] aqueles lápis cor de pele mesmo”
Renato	9	“[...] branco meio moreno”
Sofia	6	“[...] eu pinto de laranja quando não tem e quando tem eu pinto de bege”.

Elaborado pela autora a partir dos dados produzidos na pesquisa, 2023.

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista com as crianças

Dados pessoais/escolares:

1. Qual seu nome?
2. E como gosta de ser chamado?
3. Qual nome inventaria para si?
4. Quantos anos você tem?
5. Você estuda?
6. Em qual série você está?
7. Sua escola é: pública () ou particular ()
8. Você teve aula remota durante a pandemia?
9. Onde mora (estado, cidade e bairro)?
10. Você gosta de desenhar? O que você mais desenha?
11. Você se desenha? Quando você se desenha, se pinta de que cor?

Dados familiares/econômicos/sindêmicos

12. Quem mora com você?
13. Você tem irmãos? Quantos?
14. Você tem celular ou computador?
15. Na sua casa têm adultos trabalhando?
16. O que você faz todos os dias / O que você faz durante o dia?
17. O que é o coronavírus para você?
18. Você acha que sua vida voltou ao normal como era antes da pandemia?
19. O que você acha da pandemia, desse momento que ainda estamos atravessando?
20. O que mais mudou para você desde que o coronavírus apareceu?
21. Como é para uma criança ficar em distanciamento social?
22. Antes do coronavírus, qual lugar você mais gostava de ir?
23. Do que você sente/sentiu mais saudade?

Dados UDV

24. Você tem uma religião? Qual?
25. O que é a União para você?
26. Você gosta de ir pra União?
27. O que você mais gosta na União?

28. O que você menos gosta na União?
29. Já pediu alguma vez para ir para lá?
30. Você se prepara para ir para a União? Como?
31. Você gosta das atividades com as crianças que acontecem lá?
32. A União é um lugar diferente de outros lugares onde você vai? Por quê?
33. O que você aprende na União?
34. Você gosta de beber vegetal?
35. O que é o chá?
36. O que sente quando bebe o chá?
37. Você lembra quantas vezes já bebeu o vegetal?
38. Você já pediu aos seus pais para beber o vegetal?
39. O que é uma sessão?
40. Você já fez alguma pergunta durante a sessão? Lembra qual foi?
41. Você gosta de desenhar? Quer fazer um desenho para a pesquisa? Pode ser sobre qualquer assunto relacionado à União, sobre qualquer tema ligado à União que você prefira.
42. Tem alguma pergunta que você acha que eu deveria ter feito e não fiz?

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista com mestre Almir Nahas

1. Nome e função que exerce atualmente na Orientação Espiritual
2. Quais as principais funções no cargo que exerce?
3. O que é orientação espiritual?
“Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual tem por objetivo dar ao sócio o Conhecimento Universal, bem como trabalhar pela evolução do ser humano no sentido de desenvolver as virtudes morais, intelectuais e espirituais”.
4. Qual o principal objetivo da OE?
5. Por que trabalhar espiritualidade com as crianças?
6. Como a OE trabalha a espiritualidade das crianças?
7. As ações da OE são voltadas exclusivamente para a espiritualidade? Quais seriam essas outras ações?
8. Qual a importância das crianças beberem vegetal e participarem das sessões?
9. Por que há um limite de vezes para elas beberem o chá ao ano?
10. Há um limite na quantidade de vegetal que as crianças podem beber. Qual o motivo?
11. Qual o motivo da criança não poder ser sócia?
12. Por que a criança precisa de autorização dos pais para beber vegetal?

APÊNDICE D – Roteiro da entrevista com a Conselheira Sandra Diniz

1. Nome, profissão e idade.
2. Há quanto tempo está na União?
3. Grau na hierarquia do centro.
4. Cargo que ocupa na OE.
5. Quais as principais funções do cargo?
6. O que é a Orientação Espiritual?
7. De acordo com o seu ponto de vista, qual é o principal objetivo da OE?
8. Existe uma diversidade de formas de trabalho da OE em cada núcleo?
9. Antes a OE era chamada de ensino religioso. Por que houve essa alteração no nome?
10. A mudança foi só no nome ou teve alguma mudança no sentido da organização das atividades?
11. A OE faz parte do Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual. O que é esse departamento?
12. Por que a OE faz parte dele?
13. Por que é importante que as crianças tenham o direito de beber vegetal?

APÊNDICE E – Perguntas das crianças em sessões

O que é o amor em detalhes? (Princesa)

A Bíblia é real? (Princesa)

Quando a gente tiver todo mundo puro e for para o céu, como vai ser lá? (Princesa)

Como é feito o Vegetal? (Princesa)

Os filhos de Adão e Eva se casaram, mesmo sendo irmãos? (Princesa)

Por que que João Batista tem tanta coisa ligada ao fogo? (Mike)

Como o M. Gabriel criou a União? (Davi)

Como foi criado o Dia das Mães? (Sofia)

Por que clarear a luz da virgem Maria se ela já é clara? (Mike)

Por que Hoasca é tão sabia? (Mike)

Porque justo no preparo a burracheira é mais forte? (Mike)

ANEXO A – Parecer da UDV-Ciência

PARECER

Interessada: **Ivana Silva Bastos**

Título: Crianças Hoasqueiras: a vivência da infância no Núcleo Conselheiro Salomão

Parecer:

O tema do projeto CRIANÇAS HOASQUEIRAS: a vivência da infância na UDV é de interesse do CEBUDV, visto que a família é uma instituição básica, desde a fundação da UDV.

Entretanto, em virtude da pesquisa se basear em apenas um núcleo, há um potencial risco de generalização de algo específico de um núcleo. O projeto descreve, por exemplo, particularidades das instalações físicas do N. Conselheiro Salomão, que são somente daquele núcleo. Há núcleos situados em regiões urbanas – especialmente na região norte – que as atividades durante o dia de sessão não são na mesma intensidade de núcleos situados em regiões rurais.

Portanto, sugerimos que, se possível, (1) a abrangência da pesquisa seja maior, contemplando outros núcleos; (2) que a investigação leve em consideração os perfis das famílias das crianças pesquisadas; (3) que leve em consideração o trabalho de OEUDV e suas consequências na realidade vivencial das crianças; (4) que o projeto não fique centrado na experiência de Sessão do Vegetal (4 anuais programadas para participação de crianças); (5) que as crianças que ainda não puderam conhecer o Vegetal por questões de saúde, não autorização familiar ou por estarem chegando, todas possam participar e contribuir com a pesquisa. Principalmente recomendamos fortemente que (6) seja providenciado um termo de autorização dos pais para que as crianças possam ser participantes da pesquisa.

É necessário que seja feita uma investigação prévia do que já foi pesquisado e publicado sobre a presença de crianças e jovens na UDV. Também do que já foi feito, divulgado internamente e ainda não publicado. Em outras palavras, do ponto de vista da literatura a respeito da União do Vegetal é preciso que a pesquisa se engaje efetivamente na discussão da literatura já existente. Entre as muitas publicações disponíveis, por exemplo, já foi feita uma pesquisa interna que mostrou os principais perfis das famílias com filhos entre 0-18 anos e as influências / consequências desses perfis na formação e participação

das crianças e jovens nas atividades dos Núcleos e na vida social.

Feitas essas observações, **deliberamos pela aprovação do presente projeto de pesquisa**, desejando êxito nesta empreitada.

Pedimos que os avanços decorrentes da pesquisa sejam informados à comissão científica, bem como qualquer publicação derivada deste projeto.

Atenciosamente,



Joaze Bernardino Costa

Coordenador da UDV-Ciência: comissão científica do CEBUDV

ANEXO B – TCLE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é sobre Crianças hoasqueiras: a vivência da infância no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel e está sendo desenvolvida por Ivana Silva Bastos Peregrino, aluna do Curso de Pós-Graduação Em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra. Flávia Ferreira Pires.

Este termo refere-se ao consentimento em relação a sua participação na pesquisa abaixo descrita, e além disso, compreende a participação do seu/sua filho(a) neste processo, considerando o documento também apresentado específico para o assentimento da participação das crianças (Termo De Assentimento Livre Esclarecido). Todo este procedimento está de acordo com o que determina a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos na área de ciências humanas/sociais.

A finalidade deste trabalho é contribuir para ampliar as reflexões relacionadas aos modos de se viver na infância, apresentando as compreensões das crianças em relação à religiosidade, seu entendimento a respeito do divino e como as crianças participam e vivenciam as práticas neste espaço. Os objetivos do estudo são:

Objetivo geral

- Analisar a vivência das crianças que frequentam o Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, percebendo como as dinâmicas sociais/religiosas são comunicadas e reconhecidas pelo grupo infantil em relação a aspectos lúdicos, morais e religiosos, incluindo a apreensão da experiência com o chá Hoasca.

Objetivos específicos

- Verificar as dinâmicas sociais/religiosas voltadas para as crianças na UDV que sugerem uma experiência divertida para o grupo infantil (ou não) e como as crianças apreendem o que lhes é transmitido;

- Identificar como as crianças são incluídas e se incluem nos rituais, observando a participação delas neste que é um dos elementos principais da doutrina religiosa;
- Investigar como são compreendidas as vivências das crianças com o chá, como são as relações intra e intergeracionais e com o ambiente;
- Analisar os rituais condicionados a suas representações e perceber como a instituição religiosa vê as crianças (e como as crianças veem a instituição), buscando entender qual concepção de infância emerge no contexto;

Solicitamos a sua colaboração para a realização de entrevistas semiestruturadas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área das ciências humanas e sociais, além de publicar em revista científica ou outros meios. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo, se assim preferir. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

A pesquisa será feita de modo presencial, ainda que em alguns momentos seja usado o telefone celular e a rede social *whatsApp* para colher os dados através de diálogos e transmissões de áudios e imagens. O uso deste material é considerado seguro. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones da pesquisadora Ivana Silva Bastos Peregrino, no telefone: (83) 98773-7363 ou pelo e-mail ivanabastos3@gmail.com.

Sobre os riscos da pesquisa:

- As crianças só participarão da pesquisa com o consentimento dos pais, na assinatura dos termos (TALE e TCLE);
- Não falaremos a outras pessoas, nem compartilharemos as informações que você nos der. Desse modo essa pesquisa não apresenta danos materiais ou imateriais aos participantes da pesquisa.
- Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

Sobre os benefícios da pesquisa:

- Quando terminarmos a pesquisa uma cópia desta Tese será disponibilizada à instituição para a apreciação, podendo ser de grande relevância para engrandecer o conhecimento a respeito das crianças que frequentam a comunidade religiosa.
- Com essa pesquisa pretende-se apresentar como se entende a infância em uma perspectiva de vida com qualidade e respeito às suas formas culturais, sociais, cognitivas

e políticas de existir, podendo futuramente subsidiar planos e projetos no Centro Beneficente voltados à ampliação do atendimento aos direitos da criança.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal (caso seja menor na forma da lei)

Assinatura do Pesquisador Responsável

contatos



Impressão datiloscópica

ANEXO C – TALE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 4 anos e menores de 18 anos)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa Crianças hoasqueiras: a vivência da infância no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel.

A proposta é analisar como é a vivência das crianças que frequentam o Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel, percebendo como as dinâmicas sociais/religiosas são comunicadas e reconhecidas pelo grupo infantil em relação a aspectos lúdicos, morais e religiosos, incluindo a apreensão da experiência com o chá Hoasca.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 4 a 11 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita inicialmente de modo presencial, no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal e em visitas domiciliares nas casas das crianças, para as entrevistas. As conversas também poderão acontecer de forma remota, via telefone celular e a rede social *whatsApp* para colher os dados através de diálogos e transmissões de áudios e imagens. O uso deste material é considerado seguro. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones da Dra. Flávia Ferreira Pires, orientadora desta pesquisa pelo telefone (83) 98660-1611 ou pelo e-mail ffp23279@gmail.com; ou da pesquisadora Ivana Silva Bastos Peregrino, no telefone: (83) 98773-7363 ou pelo e-mail ivanabastos3@gmail.com.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, caso assim prefira, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram, a não ser que a criança e os pais queiram que a identificação seja mantida.

Quando terminarmos a pesquisa uma cópia desta Tese estará sendo disponibilizada à instituição para a apreciação.

Se você tiver alguma dúvida, fique à vontade para perguntar. Eu escrevi os telefones no texto, algumas linhas antes.

=====

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar do estudo Crianças hoasqueiras: a vivência da infância no Núcleo Conselheiro Salomão Gabriel.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar chateado.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li com minha família e concordo em participar da pesquisa.

João Pessoa, ____ de _____ de 2022.

Assinatura da criança

Assinatura do(a) pesquisador(a)